

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BEATRIZ POLIDORI ZECHLINSKI

**TRÊS AUTORAS FRANCESAS E A CULTURA ESCRITA NO
SÉCULO XVII: GÊNERO E SOCIABILIDADES**

Curitiba, 2012

BEATRIZ POLIDORI ZEHLINSKI

**TRÊS AUTORAS FRANCESAS E A CULTURA ESCRITA NO
SÉCULO XVII: GÊNERO E SOCIABILIDADES**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Paula Vosne Martins.

Curitiba, 2012

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenáncio – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Zechlinski, Beatriz Polidori

Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII:
gênero e sociabilidades / Beatriz Polidori Zechlinski. – Curitiba,
2012.

229 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Paula Vosne Martins
Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas,
Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Escritoras francesas. 2. Relações de gênero. 3. Sociabilidade. 4. Relações homem-mulher. 5. Literatura francesa – Séc. XVII. I. Título.

CDD 840



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3350-5066.
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de Beatriz Polidori Zechlinski, intitulada: **Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII: gênero e sociabilidades**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua ~~aprovação~~ completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de Doutor em História.

Curitiba, nove de março de dois mil e doze.

Profa Dra Ana Paula Vosne Martins (Orientadora)
Presidente da Banca Examinadora

Profa Dra Leila Mezan Algranti (UNICAMP)
1º Examinador

Profa Dra Maria Teresa Santos Cunha (UDESC)
2º Examinador

Profa Dra Anna Beatriz de Paula (UFPR)
3º Examinador

Profa Dra Marcella Lopes Guimarães (UFPR)
4º Examinador

Para André, pelo tempo que passamos juntos em Paris, pelas inúmeras leituras que fez dos meus textos, pela presença imprescindível.

*Um agradecimento especial para os meus pais, Denise e Paulo,
para a minha irmã, Ana Paula, e para os meus avós, Lili e
Rubens. Obrigada pelo apoio, confiança e carinho.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que contribuíram para a escrita desta tese. Embora neste momento certamente me faltem alguns nomes, gostaria de agradecer particularmente às pessoas que seguem.

À minha orientadora Dr.^a Ana Paula Vosne Martins, por ter acreditado no projeto de pesquisa desde o início, pela orientação atenciosa, pela leitura dos meus textos e pelos valiosos conselhos e sugestões.

Aos professores Dr. Roger Chartier e Dr. Christian Jouhaud, pela gentil acolhida na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales e pela preciosa orientação recebida durante a pesquisa em Paris.

À professora Dr.^a Dinah Ribard, por ter me recebido em seu seminário na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales e pela disponibilidade em colaborar com a pesquisa.

À Cécile Soudan, do Groupe de Recherches Interdisciplinaires sur l'Histoire du Littéraire (GRIHL - EHESS), pela generosidade com que me forneceu material bibliográfico.

Às professoras Dr.^a Marcella Lopes Guimarães e Dr.^a Anna Beatriz da Silveira Paula, pelas suas contribuições no momento de qualificação da tese e pela atenção que me dedicaram.

À professora Dr.^a Andréa Doré, pela sua condução dos primeiros seminários de tese e pela colaboração com o projeto de pesquisa.

À Maria Cristina Parzowski, secretária do Programa de Pós-Graduação em História, pelos muitos serviços prestados.

Aos funcionários da Bibliothèque nationale de France e da Bibliothèque de l'Arsenal, pelas inúmeras gentilezas e auxílios.

À Capes, pela bolsa recebida.

Aos meus amigos e amigas, que pacientemente acompanharam estes quatro anos de trabalho, que frequentemente me encorajaram e me apoiaram, especialmente à Jorge Luis da Silva, Eleodalva Souto, Gabriel Souto, Helena Brey, Daniel Souto, Germaine Mandelsaft, Rogério Freitas, Felipe Martins, Andréa Montenarino, Fernando Souza, Antonia Klee, Fernando José de Castro, Irene Ehrlich, Renata Coelho, Carla Gastaud, Kalou Ribeiro, Andréa Schactae e Anadir Miranda.

Às pequenas Luiza Zechlinski e Antônia Zechlinski, por toda a alegria que transmitem.

RESUMO

Esta tese tem como tema a escrita produzida por mulheres na França, no século XVII. O estudo preocupa-se com as relações sociais e culturais entre homens e mulheres de letras, buscando problematizar as ligações entre cultura escrita, espaço e sociabilidades. Para tanto, estudamos a vida e a obra de três autoras que participaram dos espaços letrados da França nesse período: Madeleine de Scudéry (1607-1701), Madame de La Fayette (1634-1693) e Jacqueline Pascal (1625-1661). Com a análise de tratados morais e de correspondências objetivamos compreender o pensamento dessas escritoras e a inserção delas nos ambientes de pessoas letradas – os salões literários e os monastérios, em especial. Analisamos as práticas de sociabilidades das quais elas participaram e como elas reagiram aos debates intelectuais europeus desse período que tratavam das diferenças de gênero. Dessa forma, esta tese se inclui na área da História das Mulheres e dos Estudos de Gênero, a partir da perspectiva da História da Cultura Escrita e da Leitura no período moderno.

Palavras-chave: gênero, escritoras, literatura, século XVII.

ABSTRACT

This thesis focuses on the written production of women in the seventeenth century France. The study is concerned with the social and cultural relations between men and women of letters, seeking to question the links between written culture, space and sociability from the study of the life and work of three authors, who participated in the letter spacing of France in this period: Madeleine de Scudéry (1607-1701), Madame de La Fayette (1634-1693) and Jacqueline Pascal (1625-1661). From the analysis of moral treatises and letters, we aim to understand the thoughts of these writers and their insertion in the literate environment – the literary salons and the monasteries, in particular. We seek to analyze the practices of sociability which they participated and how they reacted to the European intellectual debates of that period that dealt with the gender differences. Thus, this thesis is included in the area of women's history and gender studies from the perspective of the history of written culture and reading in the modern period.

Keywords: gender, women writers, literature, seventeenth century.

RÉSUMÉ

Le sujet de cette thèse est l'écriture produite par des femmes en France, au XVII^{ème} siècle. Cette étude concerne les relations sociales et culturelles entre les hommes et les femmes de lettres, en vue de montrer les rapports entre culture écrite, espace et sociabilité, à partir de la vie et l'oeuvre de trois écrivaines françaises : Madeleine de Scudéry (1607-1701), Madame de La Fayette (1634-1693) et Jacqueline Pascal (1625-1661). Elles ont fait partie du milieu littéraire de cette période. En analysant leurs traités de morale et leurs correspondances, on comprend leurs pensées et leur insertion dans les espaces lettrés – notamment dans les salons littéraires et les monastères. Cette étude analyse les pratiques de sociabilité, auxquelles ces écrivaines étaient incluses, et comment elles ont réagi face aux débats intellectuels européens de cette période sur les différences de genre. Ainsi, cette thèse fait partie du domaine de l'Histoire des Femmes et des Etudes de Genre, à partir de la perspective de l'Histoire de la Culture Ecrite et de la Lecture à l'époque moderne.

Mots-clés: genre, écrivaines, littérature, XVII^{ème} siècle.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O GÊNERO NA CULTURA ESCRITA DO ANTIGO REGIME	28
1.1. Escrever, ler e publicar na França do Antigo Regime	29
1.2. Instituições da vida literária	41
1.3. Rupturas do século XVII: as “preciosas” e a modernização dos hábitos e da linguagem	48
1.4. Reações literárias e percepções de gênero, gosto e modernidade	62
2. O CONFLITO EM TORNO DA EDUCAÇÃO E DA MEMÓRIA	74
2.1. A atuação das religiosas e o debate sobre a educação de meninas	75
2.2. Port-Royal e Jacqueline Pascal	91
2.3. A história e a memória, olhares femininos	105
3. AS AMIZADES: AFETIVIDADE E CRIAÇÃO LITERÁRIA	114
3.1. Os significados da amizade no século XVII	116
3.2. Jacqueline, Blaise e Gilberte Pascal	128
3.3. Madame de La Fayette e Gilles Ménage	137
3.4. Madeleine de Scudéry e Jean-Baptiste Boisot	151
4. CULTURA LITERÁRIA, AUTORIDADE E INFLUÊNCIA	161
4.1. A tradição literária e a representação da nação	162
4.2. O cânone e a influência cultural das mulheres	169
4.3. O romance, a razão e a moral	183
CONSIDERAÇÕES FINAIS	198
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	203
ANEXOS	217
Anexo I - Cronologia.....	217
Anexo II - Imagens de Port-Royal.....	224

Aviso

Todas as traduções são livres, a menos que uma nota indique o contrário. Foi mantida nas traduções a grafia original da publicação indicada.

INTRODUÇÃO

O início do período moderno na Europa foi marcado pela revolução do texto impresso, cuja circulação provocou intensas transformações culturais e sociais.¹ A naturalidade com que hoje em dia os textos impressos estão presentes no cotidiano dos indivíduos parece ocultar os grandes conflitos que a “revolução da leitura”² provocou no início da modernidade. Hoje são múltiplas as formas como as mulheres podem se expressar através da escrita seja publicando romances, contos e crônicas ou escrevendo em jornais, na internet, em trabalhos acadêmicos e em tantos outros meios. No entanto, quando as publicações causaram profundas transformações na Europa moderna, a relação das mulheres com a escrita não era vista tão naturalmente, muito menos com bons olhos por uma parte da elite cultural.

Esta tese trata da relação das mulheres com a escrita na França do século XVII. Essa delimitação espaço-temporal tem em vista alguns fatores que proporcionaram o desenvolvimento de uma produção intelectual feminina que não fora vista até aquele momento na Europa. Dentre esses fatores estão o aumento do número de escolas para meninas, existentes dentro dos conventos, e o surgimento dos salões literários.

O número de escritoras e de mulheres letradas nesse momento na França foi tão grande em comparação com épocas passadas que o fenômeno chegou a receber um nome: o movimento das “preciosas”.³ Essas mulheres estavam inseridas nos espaços letrados onde o conhecimento era produzido e muitas delas utilizaram a escrita para difundir o seu pensamento sobre a sociedade em que viviam e sobre a sua própria escrita, acabando por promover uma nova imagem da intelectualidade feminina.

Estudamos três autoras francesas do século XVII, Madeleine de Scudéry (1607-1701), Madame de La Fayette (1634-1693) e Jacqueline Pascal (1625-1661), buscando compreender a inserção dessas escritoras nos espaços letrados e nos debates intelectuais europeus do século XVII que diziam respeito às diferenças de gênero.

¹ JOUHAUD, Christian e VIALA, Alain. “Introduction.” In: JOUHAUD, Christian e VIALA, Alain (dir.). *De la publication. Entre Renaissance et Lumières*. Paris: Fayard, 2002. pp. 5-21.

² CHARTIER, Roger. “As representações do escrito.” In: _____. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de letras, 2003. 167p. pp.17-48. p. 37.

³ DUFOUR-MAÎTRE, Myriam. *Les Précieuses. Naissance des femmes de lettres en France au XVIIe siècle*. 1ª reimpressão. Paris: Honoré Champion, 2008. 823p. Como veremos atentamente mais adiante, as “preciosas” eram mulheres que haviam recebido educação e participavam de debates intelectuais nos salões literários.

Examinamos idéias, valores e sentimentos que estão presentes na sua produção escrita, analisando especialmente os tratados morais e a correspondência dessas escritoras. Também analisamos textos escritos por outros autores do mesmo período e que dizem respeito a elas e aos temas abordados.

As autoras que estudamos eram de famílias nobres e atuaram como mulheres letradas em uma sociedade que restringia o acesso das mulheres ao conhecimento. Elas tiveram acesso à educação e à escrita, tendo exercido influência no pensamento filosófico e literário e nos costumes. Essas escritoras foram escolhidas com base nas diferentes trajetórias de vida e nas diferentes formas de se relacionar com a escrita – buscamos escritoras que se distinguiam entre si para assim ampliar a nossa visão sobre o objeto de análise.

Madeleine de Scudéry foi uma escritora que buscou reconhecimento na sociedade letrada, nunca se casou e persistiu em defender a autonomia e a capacidade intelectual das mulheres. Madame de La Fayette era uma condessa, casada e mãe de dois filhos, nunca assinou os livros que escreveu e contou com a ajuda dos amigos para permanecer no anonimato. Jacqueline Pascal foi religiosa do Monastério de Port-Royal, foi professora e escreveu sobre a educação feminina. Com a escolha dessas autoras, que tiveram uma produção literária significativa tanto em quantidade quanto em relevância dos temas abordados, podemos visualizar diferentes trajetórias que se relacionam com opções de escrita e com formas de agir na sociedade letrada.

Madeleine de Scudéry provocou desagradados no meio literário francês porque dois de seus romances, *Artamène ou Le Grand Cyrus*, publicado em dez volumes entre 1649 e 1653, e *Clélie, histoire romaine*, também publicado em dez volumes entre 1654 e 1660, fizeram um enorme sucesso junto ao público leitor.⁴ Destaca-se que esses romances ambientados na História Antiga⁵ eram histórias de amor que falavam sobre as possibilidades de igualdade na relação entre homens e mulheres. Madeleine de Scudéry

⁴ Os livros de ficção de Madeleine de Scudéry são: *Les femmes illustres ou les harangues heroïques* (1642, assinado por Georges de Scudéry); *Ibrahim ou L'illustre Bassa* (1644, assinado por Georges de Scudéry); *Artamène ou Le Grand Cyrus* (publicado entre 1649 e 1653, em dez volumes, assinado por Georges de Scudéry); *Chroniques du samedi* (1653-1654); *Clélie, histoire romaine* (publicado entre 1654 e 1660, em dez volumes, assinado por Georges de Scudéry); *Almahida ou l'esclave reine* (1660-1663, publicado em oito volumes); *Célinte* (1661); *Mathilde* (1667) e *La Promenade de Versailles* (1669).

⁵ A abordagem da História Antiga era recorrente na literatura do século XVII, pois a evocação dos personagens e dos valores da Antiguidade era uma das formas de legitimar o conhecimento, como veremos mais adiante. Nesse sentido, Madeleine de Scudéry seguia os parâmetros canônicos esperados na sua época.

foi uma escritora que sempre defendeu as virtudes femininas, não só em romances, mas em tratados morais que escreveu ao final de sua vida, intitulados *Conversations*.⁶

São as *Conversations* que recebem a nossa atenção no exame dos pontos de vista de Madeleine de Scudéry. Como veremos adiante, muitas das conversações eram na realidade uma retomada que a autora fez de trechos já publicados anteriormente em seus romances de maior sucesso, *Artamène* e *Clélie*. Porém, na realidade, os trechos desses livros que vieram compor as *Conversations* juntamente com textos novos já apresentavam dentro dos romances o aspecto de discursos morais.

Madame de La Fayette (ou Condessa de La Fayette) foi esposa do Conde de La Fayette, ocupando uma posição de destaque na corte francesa. Seus romances são ambientados na época da monarquia absolutista e suas tramas se concentram no tema dos sentimentos femininos em relação ao matrimônio. Ela foi uma autora que se manteve no anonimato durante todo o tempo em que escreveu, sendo suas obras publicadas sem nome de autor. Somente *Zaïde, histoire espagnole* fugiu ao habitual e apareceu assinada por um amigo da autora, Jean Regnaud de Segrais (1624-1701).⁷ Mesmo em meio à polêmica causada por *La Princesse de Clèves*, entre 1678 e 1679, que teve uma recepção turbulenta⁸, tanto entre os letrados quanto entre o grande público, a autora preferiu esconder a autoria da obra.⁹ Analisamos particularmente a extensa correspondência deixada por Madame de La Fayette, onde ela fala sobre os seus romances e sobre a arte de escrever e onde podemos investigar as suas relações pessoais.

⁶ Entre 1680 e 1692 Madeleine de Scudéry publicou os seguintes tratados morais: *Les Conversations sur divers sujets* (1680); *Conversations nouvelles sur divers sujets* (1684); *La morale du monde ou Conversations* (1686); *Nouvelles conversations morales* (1688) e *Entretiens de morale* (1692).

⁷ As obras de Madame de La Fayette são: *La Princesse de Montpensier* (1662, publicado sem nome de autor); *Zaïde, histoire espagnole* (dois tomos, 1669-1671, assinado por Segrais); *La Princesse de Clèves* (1678, publicado sem nome de autor); *La Comtesse de Tende* (1718, publicação póstuma, sem nome de autor) e *Histoire d'Henriette d'Angleterre, première femme de Philippe de France, Duc d'Orléans* (1720, publicação póstuma).

⁸ *La Princesse de Clèves* conta a história de uma princesa que após casar-se com o Príncipe de Clèves apaixonou-se por outro homem, o Duque de Nemours. Por respeito ao Príncipe, que a amava profundamente, a Princesa resolve contar a ele o sentimento que tem pelo outro e suplica-lhe que a retire da corte para que assim ela deixe de ver frequentemente o homem amado e, portanto, não corra o risco de entregar-se à tentação. O romance transformou-se em motivo de debate quando foi publicado não somente pelo inusitado dessa cena da confissão da princesa, em um período em que pouco se falava sobre a possibilidade de diálogo entre marido e mulher, como porque homens de letras questionaram a verossimilhança também em outras passagens da narrativa, como veremos mais adiante.

⁹ Esse livro é hoje considerado o primeiro romance “moderno”. Sobre essa classificação ver PIÑA, Cristina. “Una genealogía de la transgresión: la desobediencia de los cánones en *La Princesse de Clèves* de Madame de La Fayette”. In: PIÑA, Cristina (org.). *Mujeres que escriben sobre mujeres, que escriben*. Buenos Aires: Biblos, 2003. pp. 15-45.

Jacqueline Pascal foi poeta, freira e educadora no Monastério de Port-Royal¹⁰. Ela se mostrava favorável à autonomia das religiosas como educadoras e argumentava em favor de uma instrução mais esmerada para as meninas, tendo escrito um tratado sobre a educação feminina em Port-Royal, *Règlement pour les enfants*.¹¹ Verificamos a partir da sua correspondência que ela esteve envolvida nos conflitos de gênero deflagrados em Port-Royal em meados do século XVII em decorrência do qual as freiras da instituição foram perseguidas. Como veremos mais adiante, em tal conflito debatia-se a autonomia de pensamento das mulheres, o acesso das religiosas à leitura e as suas possibilidades de atuação no ensino feminino.

A escolha dessas autoras tem relação com o posicionamento crítico tomado por elas em temas que abrangiam a hierarquia social de gênero. Analisamos especialmente cinco temas que proporcionam o entendimento de pontos de tensão envolvendo a escrita produzida por mulheres na França, no século XVII: as sociabilidades nos salões literários, a educação feminina, a memória de mulheres sábias, a amizade entre pessoas letradas e a formação do cânone literário.

Esses temas são as vias de discussão que direcionam o principal objetivo deste estudo, que é investigar as formas como as mulheres se relacionaram com a escrita nessa época, verificando como elas utilizaram o texto escrito para impulsionar transformações culturais que se mostraram favoráveis ao estatuto das mulheres no período. A própria autoridade a que elas se instituíram, exercendo o papel de escritoras, subvertia a imagem do papel social tradicional de mães e de esposas – nesse sentido, realizamos uma discussão a respeito da participação das mulheres no incipiente cânone literário francês do século XVII.

Procuramos mostrar que os monastérios foram locais propícios para as mulheres dedicarem-se ao conhecimento, discutindo a forma como as irmãs de Port-Royal, especialmente Jacqueline Pascal, não só procuraram oferecer às meninas uma educação elevada, como buscaram fundamentar essa escolha através da escrita de tratados morais, uma forma de divulgar os ideais nos quais elas se pautavam. Da mesma forma, desejamos demonstrar como a constituição de uma memória das mulheres sábias

¹⁰ O Monastério de Port-Royal compreendia duas casas religiosas, uma em Paris e outra localizada no Vale de Chevreuse, a sudoeste de Paris. Esse monastério se caracterizava por abrigar freiras partidárias do Jansenismo.

¹¹ Analisamos os escritos que Jacqueline Pascal produziu em Port-Royal pela publicação de Victor Cousin: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3ª ed. Paris: Didier et Cie. Libraires Éditeurs, 1856. 466p. Os textos recolhidos por Cousin foram publicados primeiramente em 1665 com outros escritos do Monastério de Port-Royal.

aliava-se ao ideal educacional, tornando-se argumento favorável para uma educação mais elevada para as meninas.

Examinamos também os significados imputados para as sociabilidades vivenciadas nos salões literários, espaços que ampliaram a atuação das mulheres na sociedade letrada se comparada com épocas anteriores. Da mesma forma, procuramos demonstrar como as amizades entre as escritoras e os homens de letras abriram caminhos para elas, tendo sido relações fundamentais para o seu desenvolvimento intelectual. Por outro lado, observamos a importância das trocas afetivas vivenciadas nessas relações de amizade, que passaram a ser um “porto seguro” para mulheres que muitas vezes enfrentavam hostilidades de letrados pouco afeitos à participação feminina nos espaços do conhecimento.

Assim, tendo em vista que a escrita pode ser uma prática de resistência provocada por relações de poder, o estudo sobre essas autoras procura problematizar as relações entre a sua escrita, as suas experiências e os espaços de sociabilidades em que elas atuaram. Este estudo analisa as representações sociais, compreendendo o ponto de vista das autoras quanto às delimitações dos papéis sociais de homens e de mulheres, principalmente quando esses papéis estavam relacionados à intelectualidade.

Entendemos por representações sociais as imagens que os sujeitos fazem de si, da sociedade e dos outros, sendo as formas pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo e expressam as concepções que têm da realidade que os cercam.¹² A representação social, nesse sentido, diferencia-se da representação literária, isto é, da forma de representar artisticamente o real em um texto literário.¹³

Uma representação social não se expressa exatamente no desejo de representar o real. Indivíduos e grupos a formulam a partir de seus valores, modos de vida, sentimentos ou sensações e ela pode ser percebida em todo o tipo de documento histórico, seja uma ata de reunião, um processo judicial, um depoimento, um tratado ou

¹² Sobre o conceito de representação social ver LANE, Silvia Tatiana Maurer. “Usos e abusos do conceito de Representação Social.” In: SPINK, Mary Jane P. (org.). *O conhecimento no cotidiano – as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995. pp. 58-72.

¹³ A discussão teórica a respeito do conceito de mimesis (a imitação artística da natureza em um texto literário), por sua densidade e complexidade, ultrapassa as ambições deste estudo, por isso nos pautamos apenas pelo conceito de representação social, já que não analisamos os textos de caráter ficcional. Optamos por não analisar os romances escritos por Madeleine de Scudéry e Madame de La Fayette porque o exame desse tipo de documento exige uma discussão teórica diferente da que nos propomos neste trabalho, utilizando conceitos propriamente literários, como narrativa, trama, personagem, autor, narrador, focalização, entre outros. Para esta pesquisa selecionamos apenas os tratados morais e a correspondência das escritoras. Sobre o conceito de mimesis um livro clássico é o do filólogo alemão Erich Auerbach: AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971. 496p.

uma carta. Consideramos, porém, que atualmente leituras realizadas na área da teoria literária acabam por aproximar o significado desses dois tipos de representação. Conforme destacou Natália Guerellus, Luiz Costa Lima reavalia o conceito de mimesis, problematizando filosoficamente o sujeito e as suas representações de modo geral, “para além da experiência exclusivamente textual”¹⁴.

Segundo a autora o conceito de mimesis tal como desenvolvido por Costa Lima não acontece na face interior do texto, mas em uma nova dimensão, a da identificação entre o sujeito leitor e o texto. Nesse sentido, a representação literária não se reduz à apresentação, mas é também o efeito.¹⁵ Assim, ela se aproxima da representação social, pois o efeito do texto só se realiza se existir algum tipo de correspondência entre as referências do leitor e as do texto. Sendo assim, a representação literária faz sentido no momento em que ela estabelece conexões com as representações sociais – de forma que consideramos essas intersecções.

Em vista da compreensão de representações sociais, esta pesquisa se orienta pela perspectiva da História da Cultura Escrita e da Leitura, entendida como a compreensão da dinâmica de produção, circulação e apropriação de textos escritos em épocas e locais específicos. A intenção dessa área de estudos é compreender como os textos escritos e os seus agentes (além do autor, também outros sujeitos como o tipógrafo, o editor, o livreiro) permeiam e provocam processos de significação na sociedade que habitam.

Nesse sentido, o trabalho de Roger Chartier é uma importante referência teórica nesta pesquisa.¹⁶ O autor mostra a importância do estudo dos meios e dos espaços de produção dos livros, da materialidade que eles adquirem (que acaba refletindo no sentido das obras) e da história da leitura. A partir dessa perspectiva investiga-se o sentido da criação do texto, a forma material em que ele se concretiza, a maneira como passa pelas mãos de diferentes grupos sociais e as inúmeras interpretações que dele podem resultar.

A existência de um livro, um panfleto, um manuscrito ou uma carta requer um conjunto de fatores ou de acontecimentos, de forma que pesquisas nessa área podem ir

¹⁴ GUERELLUS, Natália de Santana. “Ensaio teórico.” In: _____. *Raquel de Queiroz: regra e exceção*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. 2011. pp. 171-203. p. 199.

¹⁵ Ibidem. p. 199-201.

¹⁶ CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED, 2001. 189p.

desde o surgimento das concepções que resultaram em textos escritos até a investigação sobre a existência do último exemplar de uma obra encontrado na biblioteca de um ancião, séculos depois da primeira publicação. Nesta pesquisa nos interessa especialmente o estudo dos espaços letrados da França no século XVII e dos acontecimentos a eles relacionados, que se comunicam diretamente com o modo de escrever das autoras selecionadas e o sentido das suas obras, que circularam nesses espaços.

Roger Chartier desenvolve os seus estudos com base na leitura de outros teóricos, tais como Michel Foucault, Michel de Certeau e Paul Ricoeur. Salientamos aqui a influência em sua obra do filósofo e historiador Louis Marin, cuja teoria da representação exerceu um papel fundamental nos estudos de Chartier, o que o levou a abandonar a noção de mentalidade.

Com base na leitura de Louis Marin Roger Chartier se debruça sobre o conceito de representação social, que define como “operações de recorte e de classificação” a partir das quais a realidade é percebida e construída.¹⁷ Além dessa dimensão da representação – a da formação de imagens – Chartier considera outra dimensão, essencial na teoria de Marin, aquela em que a representação se personifica concretamente, em um objeto ou matéria. Isto é, os símbolos que visam dar coerência para uma comunidade, reforçar uma identidade ou legitimar um poder, objetos visíveis que disseminam e fortificam o significado do que representam – como bandeiras, medalhas, retratos, estátuas, livros.

Esse tipo de objeto faz reconhecer uma autoridade, um domínio ou poder perante outros indivíduos e grupos. Assim, o campo das representações é conflituoso, nele se travam “lutas simbólicas”, isto é, “lutas que têm as representações por armas e por objetivos”.¹⁸ Essas lutas substituem o uso da força física pela simbólica: os signos precisam ser vistos, constatados, mostrados e depois contados e recitados, multiplicando os dispositivos de representação, reiterando a crença dos sujeitos naquilo que está sendo representado. Dessa forma, representações de dominação e de contestação ou de resistência travam permanentes embates – neste estudo consideramos o embate pela memória, por exemplo, uma das importantes lutas simbólicas travadas pelas mulheres letradas.

¹⁷ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002. 277p. p. 169.

¹⁸ *Ibidem*. p. 170.

Tendo em vista esses conflitos, buscamos compreender como as escritoras e seus textos foram percebidos pelos demais letrados e a forma como as suas obras foram recebidas pela crítica.¹⁹ Nesse sentido, levamos em consideração a teoria da recepção, proposta inicialmente por Hans Robert Jauss, cuja concepção de que um texto é um horizonte de expectativas, contempla a produção de sentido na relação entre o que o texto propõe e as categorias de interpretação utilizadas pelos leitores.²⁰ Partindo desse ponto de vista, consideram-se as diferentes possibilidades de interpretação de um texto literário.

Além disso, como afirma Roger Chartier, também é preciso compreender os esquemas pelos quais as comunidades de expectadores ou de leitores recebem, organizam e classificam os textos.²¹ Por esse motivo Chartier desenvolve a ideia de “apropriação” dos textos, que – mais do que a ideia de “recepção” – percebe as operações dos leitores frente às obras. A partir dessa compreensão, além da questão interpretativa do texto, colocamo-nos questões, por exemplo, sobre a forma de classificar os gêneros literários (que pode ser diferente em cada sociedade) e a constituição de cânones (uma operação externa aos textos em si).

É importante esclarecer que neste estudo a nossa discussão concentra-se na apropriação dos textos realizada pelos integrantes da própria sociedade letrada e não por um público mais amplo. A documentação que analisamos, produção de homens e de mulheres de letras do século XVII, não nos permite chegar a conclusões sobre as apropriações desses textos pelas pessoas que não participavam da república das letras.

Assim, discutimos antes de tudo neste trabalho os conceitos, os valores e os ideais que eram próprios dos espaços de sociabilidades que as autoras estudadas frequentavam e que exerceram influência na maneira como elas viam a sua própria escrita. Abordamos as práticas e as representações tanto as que influenciaram a sua ação como as que elas próprias esforçaram-se para construir.

Nesse sentido, problematizamos a categoria “autora” (no caso das mulheres essa identidade é particularmente conflituosa) a partir de um debate sobre instituições do século XVII que implicavam diretamente na constituição dos saberes – especialmente a Igreja, a corte, os salões literários e as academias. Conforme analisa

¹⁹ Por esse motivo analisamos textos de autores como Charles Perrault, Nicolas Boileau, Abade de Pure, Somaize, Fénelon, Pierre-Daniel Huet, entre outros.

²⁰ JAUSS, Hans Robert. “A estética da recepção: colocações gerais.” In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. pp. 67-84.

²¹ CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história...* Op. cit. p. 90.

Chartier a forma individualizante como tendemos a pensar na autoria (fruto da concepção contemporânea que temos do autor) deve ser relativizada:

(...) de modo que podemos romper com o conceito abstrato de obra e, da mesma maneira, com um conceito de autor abstrato, invariável ou universal, porque os lugares sociais ou as instituições nas quais os autores produzem obras são muito variáveis (o mecenato, a corte, a universidade, as academias, o mercado, os meios de comunicação, etc.) e porque, como Foucault destacava em seu ensaio “O que é um autor?”, os textos, segundo sua natureza ou seu período temporal, não supõem de maneira universal e estável o autor.²²

Assim, ser autor e autora tem significados que variam segundo a época, o local e os espaços sociais, sendo que os textos por si só não estabelecem a identidade desses sujeitos. Além das instituições e das configurações sociais que definem em cada situação específica a forma de ver a autoria, muitas vezes indivíduos em uma mesma sociedade se identificam de formas diferentes com esse papel social, dependendo das trajetórias individuais, da posição social e das instituições das quais participam. Não podemos pensar em uma única categoria de “autora” na análise das escritoras que estudamos, pois cada uma delas estabeleceu um tipo de relação com a escrita. Ademais, o próprio papel social das escritoras estava em debate no período, tornando conflituosa a categorização desses sujeitos na sociedade.

Em um momento em que a educação passava cada vez mais a significar poder, existiam muitos interditos no acesso das mulheres aos saberes considerados elevados, tais como a filosofia, a teologia e a ciência. A literatura, por sua vez, ganhava um valor social cada vez mais alto e a atuação das mulheres nessa área, principalmente com a publicação de romances, passou a ser vista com grande desconfiança por muitos homens que faziam parte da elite cultural, a ponto de ser deflagrado no ambiente letrado, no final do século XVII, um intenso debate sobre a influência cultural das mulheres.

O problema colocado neste estudo se insere, assim, no debate historiográfico a respeito das mulheres e das relações de gênero na Época Moderna. O campo da História das Mulheres, que se desenvolveu a partir da década de 1970, tinha o intuito inicial de dar visibilidade para as mulheres na história, questionando as múltiplas dimensões de

²² Ibidem. p. 89.

exclusão a que elas estavam submetidas.²³ Entretanto, segundo Rachel Soihet, logo se tornou necessário compreender a complexidade das experiências femininas, sem restringir as mulheres simplesmente ao papel de vítimas ou de rebeldes, e analisar os discursos que sustentaram a dominação masculina.²⁴

A partir dessa crítica, a utilização do gênero como categoria de análise veio contribuir para a compreensão de como as diferenças sexuais são construídas social e culturalmente. Dessa forma, essa categoria de análise permite a compreensão de práticas, símbolos, representações e discursos que definiram diferenças sexuais e que provocaram a delimitação da atuação social de homens e de mulheres, de acordo com as funções sociais pressupostamente adequadas para cada um deles.²⁵

No entanto, como bem destacou a historiadora Gianna Pomata, o gênero não serve para suplantando os sujeitos “mulheres” na pesquisa histórica, como indivíduos que foram socialmente marginalizados por relações de poder de épocas e de locais específicos. A autora reconhece que o gênero como categoria de análise é de extrema utilidade, mas não deve ser confundido com a História das Mulheres, nem deve obliterar a necessidade de se escrever essa história, visto que a “penúria dos fatos” sobre as mulheres na história não estava superada: “em meu entender, o que está em jogo na História das Mulheres continua a residir na urgência de alargarmos uma visão histórica estreita, de combatermos os limites da nossa memória do passado”.²⁶

Pomata faz uma crítica à estanque separação na análise historiográfica entre os discursos sobre as mulheres e as práticas femininas. Conforme a autora, a ênfase que se passou a dar aos discursos masculinos sobre as mulheres, acabou nos ensinando “mais sobre os homens do que sobre as mulheres”²⁷. Como grande parte dos trabalhos historiográficos que se utilizam da categoria gênero enfatizam os discursos que estruturaram a dominação masculina, “poderíamos sustentar justificadamente que estamos de novo na presença de uma história dos homens”²⁸. Assim, têm ficado em

²³ Ver SOIHET, Rachel. “História das mulheres.” In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. pp. 275-311.

²⁴ *Ibidem*, p. 278.

²⁵ Sobre o conceito de gênero como categoria de análise ver SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n° 2, jul/dez, pp. 71-99, 1995.

²⁶ POMATA, Gianna. “História das Mulheres, História do Gênero. Observações sobre a Idade Média e a Época Moderna na História das Mulheres no Ocidente.” In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *As mulheres e a história*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995. pp. 25-35. p. 29.

²⁷ *Ibidem*. p. 29.

²⁸ *Ibidem*. p. 29.

segundo plano as condições de vida das mulheres e as formas como esses discursos influenciaram o seu cotidiano.

Por esse motivo procuramos suplantar neste trabalho a dicotomia entre práticas femininas, que identificamos com a História das Mulheres, e os discursos e as representações sobre o masculino e o feminino, analisados nos Estudos de Gênero. Tal perspectiva visa a perceber como acontece o encontro entre os discursos de gênero e as práticas sociais e culturais das relações entre os sexos.²⁹ Demonstramos, nesse sentido, como as práticas de sociabilidade entre os letrados franceses do século XVII se conjugam com os discursos de gênero do período e como escritoras promoveram transformações importantes naquela sociedade, tanto nas práticas sociais, através da sua atuação como mulheres letradas, como no domínio das representações do feminino e do masculino.

Assim, a correspondência e os tratados morais escritos pelas autoras selecionadas são documentos que oferecem a possibilidade de nos aproximarmos dessas mulheres como indivíduos que expressaram suas próprias concepções sobre as relações sociais em que estavam envolvidas e sobre os espaços de sociabilidade dos quais participavam. Na análise dessa documentação verificamos os modos de agir de mulheres e de homens letrados desse período, além das representações sociais que também neles estão presentes.

Tendo como ponto de partida as dificuldades impostas à escrita feminina no século XVII, esta tese pretende contribuir para ampliar a perspectiva histórica em relação às mulheres na Época Moderna, observando a escrita produzida por três mulheres desse período, que nos permite problematizar as suas reflexões a respeito do estatuto do seu sexo dentro das relações de gênero.

As escritoras que abordamos neste estudo fizeram parte de um grupo ao qual a historiografia tem dado pouca atenção. Não pertenceram nem à cúpula política, como as rainhas e as princesas renascentistas, nem às classes mais baixas, da qual fizeram parte as camponesas e as mulheres comuns que, embora praticassem outras formas de resistência, não tiveram acesso à escrita.

No princípio da Época Moderna na Europa o acesso das mulheres ao conhecimento e à escrita enfrentava uma série de interditos. Primeiramente, sua educação era precária, sendo que as meninas não recebiam o mesmo tipo de instrução

²⁹ A esse propósito ver PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. *Estudos Feministas*. Florianópolis, nº 17 (1), janeiro/abril, pp. 159-189, 2009.

oferecida aos meninos de mesma classe social.³⁰ Foram poucas as mulheres nobres que tiveram a oportunidade de receber uma instrução mais esmerada, geralmente apoiadas por seus pais que, influenciados pelo pensamento humanista, acreditavam na sua capacidade intelectual. Porém, para aquelas que conseguiram superar a dificuldade inicial de receber instrução, o caminho para se tornarem escritoras passava pelo enfrentamento das restrições à publicação de livros com a sua assinatura e aos preconceitos com as mulheres autoras.³¹

O debate sobre a educação de mulheres e seu papel no campo dos conhecimentos humanos não era novo, a polêmica vinha desde o Renascimento, com Christine de Pizan e a chamada *Querelle des Femmes*, que se estendeu até os séculos XVII e XVIII. Conforme Danielle Haase-Dubosc, o debate sobre o papel das mulheres na sociedade se intensificou no século XVII e envolveu defensores e opositores das capacidades femininas. Segundo a autora, esse debate era ocasionado pela idéia de que as mulheres deveriam desempenhar um importante papel no aperfeiçoamento dos costumes e dos gostos. Muitos homens pensavam que seria bom que as mulheres adquirissem conhecimentos para poder desempenhar seu papel civilizador na nova concepção de sociabilidade mundana.³²

As polêmicas sobre a educação das mulheres e a escrita feminina nesse período também remetem à ascensão do romance como gênero literário³³ e às discussões decorrentes. Embora não analisemos os romances, explicar os conflitos em torno do desenvolvimento desse gênero literário (no qual as mulheres mais produziram) é importante, por sua relação direta com as intenções das escritoras nessa época.

³⁰ SONNET, Martine. “Uma filha para educar.” In: *História das Mulheres no Ocidente*. Do Renascimento à Idade Moderna. Tradução de Maria Carvalho Torres. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991. pp. 142-179.

³¹ DULONG, Claude. “Da conversação à criação.” In: *História das Mulheres no Ocidente*. Do Renascimento à Idade Moderna. Tradução de Maria Carvalho Torres. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991. pp. 467-495. p. 484.

³² HAASE-DUBOSC, Danielle. “Intellectuelles, femmes d’esprit et femmes savantes au XVIIe siècle.” In: RACINE, Nicole e TREBITSCH, Michel (orgs.). *Intellectuelles: du genre en histoire des intellectuels*. Bruxelas: Complexe, 2004. pp. 57-72.

³³ Não desejamos realizar neste trabalho uma apologia da “invenção do romance” no século XVII, tendo em vista que nossa intenção não é a de buscar as “origens” desse gênero literário. No entanto, devemos considerar que aconteceu durante esse século um aumento significativo de publicações de livros que eram denominados na época de “romances” e que suscitaram ardorosos debates nos espaços letrados, pois esse gênero literário era considerado “novo” naquele momento por grande parte dos homens e das mulheres de letras. Ver sobre essa questão, principalmente, DEJEAN, Joan. *Tender geographies. Woman and the origins of novel in France*. New York: Columbia University Press, 1991. 297p. E também DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*. Tradução de Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 305p.

Conforme Joan DeJean, na segunda metade do século XVII, a intensa publicação de romances desencadeou uma “guerra cultural” no ambiente letrado francês, na qual entraram em conflito os Antigos – que defendiam o valor da poesia, presente nos épicos e no teatro – e os Modernos – defensores da prosa e, portanto, do romance. Nesse conflito via-se uma discórdia a respeito da manutenção da autoridade no julgamento de obras literárias (autoridade exercida tradicionalmente pelos acadêmicos), já que a disseminação do romance proporcionara, no final do século XVII, a criação de um público leitor mais abrangente, da mesma forma com que demonstrara um grande potencial para fazer suscitar a opinião pública.³⁴

O debate em torno do romance envolvia as mulheres não só porque escreviam romances, mas porque o público consumidor dessa literatura também era composto majoritariamente pelas mulheres.³⁵ Dessa forma, segundo DeJean, devemos considerar que “o gênero, em vez da classe, foi o fator primário alimentando a onda de ansiedade cultural que varreu a França no final do século XVII”³⁶.

Dentro desse contexto, em nosso trabalho é fundamental o estudo de dois lugares de sociabilidade que permitiram que algumas mulheres se aproximassem da escrita e expressassem suas próprias opiniões. Estes dois espaços, os salões literários e os conventos, permitem igualmente pensar as relações das mulheres com a escrita nesse período. Os salões foram lugares de aproximação entre homens e mulheres que possibilitaram a inserção delas nos debates intelectuais, e os conventos foram lugares que permitiram a instrução feminina formal, onde as freiras podiam atuar não só como educadoras e escritoras, mas também como defensoras da educação de mulheres.

Os salões literários que começaram a se delinear na França do século XVII funcionavam nas residências de mulheres aristocratas, as *salonnières*, e posteriormente nas residências das mulheres burguesas, que recebiam semanalmente pessoas letradas para conversações e apreciação de textos literários. Pelo fato de os salões serem espaços mistos, deles participando tanto homens como mulheres de letras, tornaram-se locais que os aproximaram e que possibilitaram àquelas mulheres bem educadas participar dos debates intelectuais.

Tal participação nos salões não significava que as escritoras dispunham das mesmas facilidades que os escritores para publicarem seus livros, nem que gozavam do

³⁴ DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos...* Op. cit.

³⁵ Além dos documentos escritos, as artes plásticas também registraram a prática da leitura pelas mulheres no século XVII. Ver, por exemplo, a obra do pintor holandês Johannes Vermeer (1632-1675).

³⁶ *Ibidem.* p. 72.

mesmo prestígio que eles. Essas mulheres dependiam das relações de amizade com homens letrados, o que facilitava a publicação de suas obras, pois os escritores tanto as ajudavam a refinar a escrita e a adequá-la aos padrões literários da época, quanto dispunham dos meios para fazer publicar os textos de suas amigas, como, por exemplo, o contato com editores e livreiros.

Dessa forma, o salão literário mostrava-se como um lugar de educação informal das mulheres, assim como era o meio pelo qual elas faziam publicar as suas obras, como demonstrou Erica Harth.³⁷ Por outro lado, participando desses espaços elas exerceram influência nas obras dos escritores seus amigos, desempenhando também o importante papel de críticas literárias³⁸.

Quanto aos conventos, no século XVII aconteceu uma importante mudança, pois nessa época as escolas para meninas que neles existiam modificaram a sua característica principal de ser um estágio para o noviciado, para se tornar um espaço de formação de meninas destinadas ao mundo e não ao claustro. No âmbito da Reforma Católica, a instrução feminina passou a representar uma forma de garantir a transmissão da doutrina no ambiente familiar.

Na virada do século XVI para o século XVII os reformadores compreenderam a função que as mulheres podiam desempenhar num processo de reconquista religiosa e moral da sociedade no seu conjunto. Esse foi um fator essencial para o aumento do número de escolas dedicadas à instrução das meninas administradas pelas religiosas dentro dos conventos.

Assim, com essa mudança, as religiosas se inseriram no debate da educação de mulheres e a sua atuação foi da maior importância, pois estavam formando meninas que iriam retornar para a sociedade, se casar e, quem sabe, inserir-se no meio literário e filosófico. No entanto, não podemos esquecer que essas religiosas viviam no claustro e respondiam à autoridade de seus superiores, o que ocasionava tensões entre o que elas almejavam e o que lhes era permitido realizar, como bem demonstra a trajetória de Jacqueline Pascal.

Dentro desse contexto de mudanças nos espaços de sociabilidades – os salões e os monastérios, que permitiram a maior aproximação das mulheres com a escrita –, a

³⁷ HARTH, Erica. "The salon woman goes public... or does she?" In: GOLSMITH, Elizabeth C. and GOODMAN, Dena (ed.). *Going public: women and publishing in Early Modern France*. Ithaca / London: Cornell University Press, 1995. pp. 179-193.

³⁸ Sobre esse aspecto ver BEASLEY, Faith E. *Salons, history and the creation of the 17th-century France: mastering memory*. Hampshire: Ashgate, 2006. 345p.

abordagem de dois espaços diferentes tem o intuito de ampliar a percepção dos lugares de sociabilidade que possibilitaram a atuação de mulheres no meio filosófico e literário daquela época.

Dialogamos com outras pesquisas que abordam as questões de gênero na França desse período, especialmente com os trabalhos de Joan DeJean, Anne E. Duggan e Faith E. Beasley. As suas pesquisas demonstram como as ações das escritoras transformaram as práticas nos espaços letrados constituídos naquele momento.

Tanto DeJean quanto Duggan mostram como os romances escritos por mulheres deslocaram os temas literários tradicionais, por exemplo, das ações do rei e de personagens masculinos da Monarquia, para o tema do amor e das angústias femininas, modificando inclusive o vocabulário que era usualmente utilizado, adicionando palavras e expressões mais próximas das experiências femininas.³⁹ Já Faith Beasley apresenta uma importante contribuição aos estudos de gênero, por sua compreensão da escrita produzida por mulheres no século XVII como uma forma alternativa de constituição da memória e da escrita da história.⁴⁰ Por outro lado, Beasley também demonstra como a memória da própria produção escrita feminina e das escritoras desse século foi modificada em períodos posteriores.⁴¹

Dividimos esta tese em quatro capítulos. No primeiro mostramos as práticas de leitura e de escrita no século XVII e a constituição dos espaços letrados franceses nesse período, enfatizando as diferentes formas como essas práticas e esses espaços estavam permeados pelos conflitos de gênero. A compreensão dos problemas de gênero que faziam parte da constituição do ambiente literário é de fundamental importância para o entendimento da escrita produzida por mulheres nesse período.

No segundo capítulo damos atenção para o tema da educação feminina, especialmente os debates sobre a capacidade intelectual das mulheres e o seu papel social. Nesse capítulo abordamos os acontecimentos deflagrados no Monastério de Port-Royal, a atuação das religiosas e os textos que Jacqueline Pascal escreveu quando lá vivia. A partir da análise das obras de Jacqueline mostramos que o debate sobre as capacidades intelectuais femininas se relacionava com uma necessidade sentida por

³⁹ DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos...* Op. cit; DEJEAN, Joan. *Tender geographies...* Op. cit. e DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies: the politics of gender and cultural change in absolutist France*. Newark: University of Delaware Press, 2005. 288p.

⁴⁰ BEASLEY, Faith E. *Revising Memory*. Women's fiction and memoirs in seventeenth-century France. New Brunswick / London: Rutgers University Press, 1990. 288p.

⁴¹ BEASLEY, Faith E. *Salons, history and...* Op. cit.

escritoras dessa época de erigir uma memória de mulheres sábias e de promover uma associação entre o feminino e os acontecimentos históricos.

O tema do terceiro capítulo é as amizades entre as pessoas letradas. Percebemos as amizades como relações que fundamentavam a troca intelectual entre homens e mulheres, sendo também um meio de demonstrar afeição e de proporcionar prazer. Analisamos como os vínculos de amizade conquistados por Jacqueline Pascal, Madeleine de Scudéry e Madame de La Fayette contribuíram para que elas desenvolvessem um modo de pensar próprio. Destacamos nessa parte da tese que a escrita produzida por mulheres implicava práticas coletivas de leitura e de escrita e que, portanto, as amizades cumpriam um papel essencial na vida de pessoas letradas, as quais compreendiam a literatura como um elemento que deveria aproximar os indivíduos.⁴²

No quarto capítulo analisamos a forma como a produção literária feminina se relaciona com a constituição do primeiro cânone literário francês no século XVII. Discutimos o processo de definição dos parâmetros literários, referência da cultura nacional, e avaliamos a inserção das escritoras nesse processo. Além disso, refletimos sobre a concepção de “escrita feminina” para esse período, analisando as pretensões das próprias escritoras com a sua produção literária.

⁴² A importância da amizade no século XVII também foi permeada pela releitura de autores da Antiguidade, como Cícero.

CAPÍTULO I

O GÊNERO NA CULTURA ESCRITA DO ANTIGO REGIME

O século XVII é considerado a época “clássica” da literatura francesa e, de acordo com Alain Viala, isso não é por acaso.⁴³ Conforme o autor, foi nesse período que tomaram forma as bases sociais e mentais para que a literatura se constituísse no campo cultural como um domínio distinto e autônomo. As transformações culturais ocorridas nesse processo foram definitivas para que conhecêssemos o primeiro cânone literário francês e para que a escrita literária ganhasse um valor social elevado, chegando ao seu ápice no século XIX.

Se a literatura como valor cultural chegou a esse patamar, esse foi um dos resultados de uma série de transformações sociais, desde a organização do campo cultural promovida pelo Estado – com o mecenato, a instituição das academias, a sistematização de organismos oficiais voltados para as artes, por exemplo – até a invenção de novas práticas sociais de relacionamento que não dependiam diretamente da Monarquia Absolutista, como ocorreu nos salões literários.

Fator crucial em toda essa transformação foi a atuação das mulheres como escritoras e leitoras. A proximidade de homens e mulheres no espaço letrado francês e o sucesso de livros como *Artamène ou Le Grand Cyrus* e *La Princesse de Clèves*, trouxeram à tona conflitos literários os quais permitem demonstrar que os problemas de gênero estavam no centro das preocupações e ansiedades desse período.

Este capítulo tem o objetivo de explicitar as práticas de leitura e de escrita do século XVII, mostrar como se delineou o espaço letrado francês nesse período, como se constituíram as instituições da vida literária e elucidar, entre outras questões, como os conflitos sociais produzidos pelas relações entre homens e mulheres acabaram definindo concepções de vida e de sociedade mais amplas. Se essas questões nos ajudam a compreender e a interpretar a produção literária de Madeleine de Scudéry, Madame de La Fayette e Jacqueline Pascal, é porque a escrita delas foi, ao mesmo tempo, causa e resultado desse processo.

⁴³ VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain*. Sociologie de la littérature à l'âge classique. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985. 315p. p. 8.

1.1. Escrever, ler e publicar na França do Antigo Regime

Para compreendermos como se constituíram os espaços letrados do século XVII e a atuação de homens e de mulheres nesses espaços, precisamos levar em conta, em primeiro lugar, que o fenômeno da impressão era algo relativamente recente e que vinha provocando grandes transformações sociais na Europa desde o final do século XV. O domínio do impresso como forma de publicação, frente ao oral e ao manuscrito, foi um processo de afirmação progressiva⁴⁴, embora essas outras formas tenham permanecido ainda muito vivas durante o período moderno. A evolução das formas de impressão, desde o livro até o panfleto, começou a exercer, a partir do século XVI, papel fundamental na disseminação da informação e do saber.

Surgiam por todo lado na Europa, como destaca Henri-Jean Martin, uma multidão de textos oficiais impressos (índices do fortalecimento do sistema administrativo do Estado), cartas abertas e panfletos políticos, assim como pequenos periódicos, que publicavam textos literários, entre outras coisas. De fato, os livros e demais materiais impressos passaram a ser objetos que faziam parte do cotidiano de um número cada vez maior de pessoas.⁴⁵

O momento de eclosão do texto impresso aconteceu justamente num tempo de grandes transtornos na Europa. A crise religiosa, a divisão entre católicos e protestantes, a divulgação das ideias humanistas, o desenvolvimento do racionalismo, tudo isso atravessou e foi atravessado pela presença do impresso, que cada vez mais passava a ser reconhecido como meio material e simbólico de fixar o sentido, como disseram Christian Jouhaud e Alain Viala⁴⁶.

A Igreja Católica não demorou a reconhecer o poder do texto impresso como meio de divulgação da doutrina cristã, assim como não tardou a tomar medidas contra a difusão dos textos heterodoxos.⁴⁷ Começava uma estreita vigilância das impressões, um controle sistemático da publicação dos livros e a regulamentação da leitura de obras cuja impressão havia sido autorizada.

Após o Concílio de Trento (1545-1563), todo livro passou a ser submetido, antes da sua impressão, à aprovação de um inquisidor local, o qual procederia também

⁴⁴ Ver JOUHAUD, Christian et VIALA, Alain. "Introduction." In: JOUHAUD, Christian et VIALA, Alain. *De la publication. Entre Renaissance et Lumières*. Paris: Fayard, 2002. pp. 5-21. p. 12.

⁴⁵ MARTIN, Henri-Jean. *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVIIe siècle (1598-1701)*. Tome I. Genebra: Librairie Droz, 1969.

⁴⁶ JOUHAUD, Christian et VIALA, Alain. *Introduction...* Op. cit.

⁴⁷ MARTIN, Henri-Jean. *Livre, pouvoirs et société...* Op. cit. p. 5.

frequentes inspeções nos ateliês tipográficos e nas lojas de livreiros. Por outro lado, para vencer a batalha contra a heresia, a Igreja Católica lançou um verdadeiro plano de publicações, com as edições do catecismo em 1564, do breviário em 1568, do missal em 1570 e do texto revisado da Vulgata em 1592.⁴⁸

Foram estabelecidas tipografias pelos cardeais de Roma que imprimiam, além dos textos citados acima, edições sobre teologia e livros de devoção escritos por padres. Certos impressores ganharam o monopólio de edição da Bíblia, o que era uma forma de evitar a impressão do texto sagrado com passagens reformuladas, uma constante no período da Reforma.⁴⁹ A ampliação e a uniformização das leituras dos clérigos urbanos também foi um esforço das autoridades eclesiásticas e assim a posse e a leitura de certo número de livros tornou-se uma obrigação que se impôs ao clero. Resultado disso foi que progressivamente as bibliotecas presbiteriais cresceram, adquirindo as obras aconselhadas nos estatutos sinodais.⁵⁰

Nota-se que os textos de caráter religioso cumpriam um importante papel nesse primeiro cenário, mas a necessidade da Igreja de controlar as publicações e de tomar conta desse espaço é um indício de que os textos seculares faziam um sucesso considerado perigoso pela ortodoxia católica, como as publicações humanistas. Nas bibliotecas da nobreza urbana do oeste da França, por exemplo, entre 1696 e 1697, 17 % dos livros eram de religião, enquanto 22 % versavam sobre a Antiguidade, 15 % eram literatura e 19 % História, de acordo com Roger Chartier⁵¹.

Essa realidade estava ligada evidentemente a um grande progresso nos índices de alfabetização⁵², ocorrido na Europa entre os séculos XVI e XVIII. Na França, conforme Chartier, as assinaturas dos noivos nos registros paroquianos demonstram que entre 1686-1690, 29% dos homens e 14% das mulheres assinavam, taxa que cresceu no século XVIII para 48% e 27%, respectivamente. Vemos que há uma diferença marcante

⁴⁸ MARTIN, Henri-Jean. *Livre, pouvoirs et société...* Op. cit. p. 9.

⁴⁹ Ibidem. p.10.

⁵⁰ CHARTIER, Roger. “Do livro à leitura. As práticas urbanas do impresso (1660-1780).” In: CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004. pp. 173-234. p. 182.

⁵¹ Ibidem. p. 185.

⁵² Embora Roger Chartier tome por “taxas de alfabetização” as “taxas de assinaturas”, ele o faz com a ressalva de que não se pode supor que elas indiquem imediatamente a população que sabia ler e escrever. Foram computadas por historiadores assinaturas de todos os documentos, paroquiais ou notariais, fiscais ou judiciários, que permitiam uma triagem dos que sabiam assinar o nome e dos que não sabiam. Essa porcentagem de signatários permite apenas indicar muito globalmente a familiaridade com a escrita em uma determinada sociedade. Ver CHARTIER, Roger. “As práticas da escrita.” In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Vida Privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. 11ª reimpressão. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991. pp. 113-161.

entre homens e mulheres, o que foi constante em toda a Europa durante o Antigo Regime⁵³, mantendo-se sempre entre 25 e 30% a vantagem masculina.⁵⁴ Porém, é preciso levar em consideração que, embora os homens assinassem mais, isso não demonstra necessariamente que eles também liam mais.

O fato das mulheres não assinarem não significa que elas não liam, já que a educação das meninas em sua grande parte incluía o aprendizado da leitura, mas não o da escrita. Mesmo para os homens esse aprendizado não era concomitante no princípio da Época Moderna, pois o aprendizado da escrita, quando ocorria, vinha após o aprendizado da leitura. Era preciso ler bem para começar a aprender a escrever. No caso das mulheres a distância entre a leitura e a escrita era ainda maior do que para os homens, porque segundo os padrões culturais vigentes escrever poderia significar um aprendizado inútil para elas, além de perigoso.

Nota-se que, sob o Antigo Regime, a escrita tinha um valor cultural elevado, bem mais do que a leitura, significando o poder de tomar e proferir a palavra, poder esse que era reservado aos agentes do Estado, da Igreja e aos poucos indivíduos do sexo masculino de posição social mais elevada, como filósofos e preceptores. Assim, da mesma forma que as mulheres, também era comum que pessoas dos meios populares soubessem ler, mas não escrever, pois a sua frequência na escola (normalmente organizada por um padre), era irregular, se dava em poucos anos e dificilmente alcançava o patamar desejado para o início do aprendizado da escrita.⁵⁵

A venda de livros também demonstra que o número de pessoas que liam era maior do que o número daquelas que assinavam. Sabemos, por exemplo, que *Artamène ou Le Grand Cyrus*, de Madeleine de Scudéry⁵⁶, cuja primeira edição de dez tomos ocorreu entre 1649-1653, alcançou a incrível tiragem de seis mil exemplares em cinco edições; e que *Clélie, histoire romaine*, da mesma autora⁵⁷, lançado entre 1654 e 1660, em dez volumes, em três edições chegou a três mil e seiscentos exemplares, num

⁵³ Consideramos o Antigo Regime (expressão cunhada durante a Revolução Francesa) o sistema social e político do Estado monárquico centralizado na figura do rei, cujo período se estendeu do início da Época Moderna até a Revolução Francesa.

⁵⁴ Ibidem. p. 115.

⁵⁵ BERNOS, Marcel. La culture religieuse des femmes au XVIIe siècle. *Papers on French Seventeenth Century Literature*. v. XXII, n° 43, pp. 379-393, 1995. p. 384.

⁵⁶ A autoria desse livro foi assumida pelo irmão de Madeleine, Georges de Scudéry, que era dramaturgo. Porém, alguns indícios mostram que amigos dos dois irmãos e algumas pessoas que participavam dos espaços letrados sabiam que a autora era Madeleine. Por exemplo, em uma carta de abril ou maio de 1654 Madame de La Fayette perguntou a Gilles Ménage se Madeleine não pensava em escrever “outro Cyrus”. Ver LA FAYETTE, Madame de. A Ménage. [avril-mai 1654.] In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes*. Paris: François Bourin, 1999. pp. 514-515.

⁵⁷ *Clélie, histoire romaine* também foi assinado por Georges de Scudéry.

universo de vendas que oscilava entre mil e duzentos a mil e quinhentos exemplares por livro.⁵⁸ *Le Grand Cyrus* e *Clélie* foram considerados leituras “femininas” por autores como Molière e o Abade de Pure⁵⁹, o que nos faz supor, portanto, um grande número de leitoras.

Madeleine de Scudéry pode ter sido um caso a parte de sucesso estrondoso, mas o fato é que a sua grande vendagem nos faz crer que a leitura se tornara um hábito crescente nesse momento, e possivelmente mais ainda no caso das mulheres. Se considerarmos, além disso, que os hábitos de leitura do século XVII davam uma larga margem para o empréstimo de livros, para a locação paga e para a leitura em conjunto, poderíamos contar, segundo Nathalie Grande, muitos leitores e leitoras para cada exemplar vendido.⁶⁰ Nesse mesmo sentido, sabemos que as informações divulgadas em panfletos e gazetas alcançavam um número muito maior de pessoas do que podemos prever pela sua tiragem, pois eles podiam ser lidos em voz alta ou alugados de livreiros parisienses, que o faziam em frente às suas lojas.⁶¹

As diferenças econômicas e profissionais são importantes para definirmos grupos de leitores. De acordo com Roger Chartier, os grupos que mais possuíam livros eram os escritores e os bibliotecários, seguidos dos professores, dos advogados e do clero. Depois desses, devem ser considerados os oficiais do Parlamento e os nobres da corte, vindo mais abaixo os burgueses. No outro lado da tabela, aqueles que costumavam possuir menos livros (de acordo com inventários) eram os negociantes, operários e empregados, os mestres artesãos e os homens de pequenos ofícios.⁶²

Mas é interessante notar que mesmo dentro dessa categoria de artesãos e homens de pequenos ofícios aconteceu, entre os séculos XVII e XVIII, através do texto impresso, uma mudança significativa na relação entre o trabalho e o desenvolvimento do pensamento racional para a execução da atividade profissional. Os ofícios passaram a ser descritos em livros e a melhor forma de realizar uma determinada tarefa podia ser

⁵⁸ Isso considerando apenas as edições em língua francesa, pois esses romances foram traduzidos para o inglês, italiano, alemão, neerlandês e espanhol. Os índices são de GRANDE, Nathalie. “Stratégie d’écriture : la carrière de Madeleine de Scudéry.” In: MAZOUER, Charles (ed). *Recherches des jeunes dix-septiémistes* : actes du Ve colloque du Centre International de Rencontres sur le XVII^e siècle. Bordeaux, 28-30 janvier 1999. Biblio 17-121. Tübingen: G. Narr, 2000. pp. 189-196. p. 193.

⁵⁹ MOLIÈRE. *Les précieuses ridicules*, comédie représentée au Petit Bourbon. Paris: C. de Sercy, 1660. Essa peça foi representada pela primeira vez em 1659. Ver também PURE, Michel de. (Abbé de Pure). *La Pretieuse ou le mystère des ruelles, dédiée à telle qui n’y pense pas*. 4 vol. Paris: Pierre Lamy, 1656-1658. Essas duas obras fazem referência a *Cyrus* e a *Clélie* e suas leitoras.

⁶⁰ GRANDE, Nathalie. *Stratégie d’écriture...* Op. cit.

⁶¹ CHARTIER, Roger. Do livro à leitura... Op. cit. p. 209.

⁶² *Ibidem*. Consideramos a posse do livro como um indicador de leitura, mas ponderamos ainda que os hábitos de leitura no século XVII incluíam empréstimos de livros e leituras em conjunto.

aconselhada em um manual, por exemplo. Esses são indícios do poder que ganhou a palavra impressa também no mundo do trabalho e da crescente racionalização do pensamento nas diversas áreas do saber.⁶³

De toda forma, de acordo com Chartier, durante a Época Moderna o econômico sempre foi um elemento determinante da posse de livros: “quanto mais a fortuna média de uma categoria é elevada, maior é a porcentagem de seus membros possuidores de livros; dentro de uma mesma categoria, a proporção dos proprietários de livros cresce com a elevação dos níveis de fortuna”⁶⁴. Segundo o autor, os negociantes parisienses mais ricos eram os que possuíam mais livros.

Dessa forma, o valor do conhecimento era cada vez mais vinculado às posses dos indivíduos e, assim, foi nesse momento de transição que a educação passou a significar distinção social. Como num círculo, um aspecto social passou a reforçar o outro: quanto mais dinheiro, maiores possibilidades de instrução, quanto mais livros na estante, mais se externava a força do capital econômico. Mas essa lógica era relativamente nova no período do qual tratamos, denotando novos signos de poder para as classes mais altas, conforme comentou Anne E. Duggan:

Educação como um sinal de nobreza era um novo conceito que não tinha correspondência em períodos anteriores. Por volta da metade do século XVII, no entanto, o cultivo das letras se tornaria um indicador geral de nobreza compartilhado tanto por nobres como por burgueses, sugerindo que a aristocracia que se formava no início do período moderno era baseada na fusão entre valores nobres e burgueses.

[Education as a sign of nobility was a new concept that had not indicated nobility in previous periods. By the middle of the seventeenth century, however, the cultivation of letters would become a general indicator of nobility shared by noble and bourgeois alike, suggesting that the aristocracy forming in the early modern period was based on a fusion between noble and bourgeois values.]⁶⁵

⁶³ Ver, por exemplo, PLUMIER, P. Charles. *L'Art de tourner en perfection*. Nouvelle éd. corrigée et augmentée. Paris: Jombert, 1749. E também FLEURY, Claude. *Les devoirs des maîtres et des domestiques*. Paris: Pierre Aubouin, Pierre Emery et Charles Clouzier, 1688.

⁶⁴ CHARTIER, Roger. Do livro à leitura... Op. cit. p. 178.

⁶⁵ DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies...* Op. cit. p. 31. É importante notar que Duggan não vê a formação de uma sociedade burguesa nesse momento, mas apenas a assimilação de alguns valores burgueses pela aristocracia.

Desse modo, conforme a autora, a distância cultural entre pobres e ricos foi crescendo, processo esse que se fez acompanhar por outros distanciamentos e modos de diferenciação, como a localização e a arquitetura das residências nobres, por exemplo. Referências culturais de difícil acesso às classes mais baixas iam se tornando cada vez mais valorizadas, como os temas greco-romanos na literatura ou em festivais da corte, que convertiam as diferenças econômicas e geográficas em diferenças culturais.

Em relação a estas questões de disparidade cultural, no caso das mulheres, as diferenças em relação aos homens no acesso à educação e aos bens culturais levaram Peter Burke a concluir que as mulheres nobres formavam um grupo intermediário entre a elite, à qual pertenciam socialmente, e a não-elite, à qual pertenciam culturalmente.⁶⁶ Opinião que converge com a de Anne E. Duggan:

Por toda parte um vão estava se formando, que separava aqueles que possuíam capital financeiro e cultural daqueles que não possuíam.⁶⁷ Mulheres da classe alta se encontravam nos dois lados do vão. Financeiramente separadas das mulheres e homens das outras “classes”, elas, no entanto, se encontravam às vezes do outro lado dos trilhos⁶⁸ no que se referia ao capital cultural, para não mencionar direitos legais.

[Overall a gap was forming that separated the ‘haves’ (those who possess financial and cultural capital) from the ‘have-nots’. Upper-class women found themselves on both sides of the gap. Financially separated from women and men from other “classes”, they nevertheless found themselves at times on the other side of the tracks when it came to cultural capital, not to mention legal rights.]⁶⁹

Assim, as mulheres das classes mais privilegiadas, para alcançarem um nível cultural mais alto, tornando-se leitoras, possuidoras de livros e, mais ainda, para serem escritoras, deveriam somar à sua superioridade de classe outras vantagens pessoais, como ter, por exemplo, um pai humanista e preocupado com a sua educação. O estudo de Sara Gwyneth Ross sobre a República Veneziana mostra como era importante para

⁶⁶ BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. Tradução Denise Bottmann. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999. 385p. p. 54.

⁶⁷ As expressões “haves” e “have-nots”, utilizadas pela autora, são comumente empregadas em inglês na referência a pessoas pertencentes a dois grupos sociais distintos, o grupo de capital financeiro e cultural elevado e o dos indivíduos com nível educacional mais baixo e sem posses.

⁶⁸ “Os trilhos” (“the tracks”) na expressão utilizada em inglês é uma referência a um delimitador social, pois moram do outro lado dos trilhos dos trens as pessoas de condição social mais baixa.

⁶⁹ DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies...* Op. cit. p. 40.

uma mulher ser apoiada por uma figura masculina que acreditasse em seu potencial intelectual, para que ela pudesse entrar nos círculos de conhecimento.⁷⁰

Muito da proximidade das mulheres aristocratas e burguesas com os livros, e do princípio acanhado de uma mudança nesse quadro apontado por Burke e Duggan, teve uma influência direta da religião. No século XVII a Igreja tomou consciência de que se as mulheres não soubessem os rudimentos da fé católica, elas arriscavam colocar em perigo a sua redenção, assim como a dos outros membros da família, seja cedendo às superstições ou às ideias novas, mais ou menos heréticas, seja por desconhecimento do que era pecado. Por isso os bispos empreenderam, no final desse século, uma verdadeira campanha por uma educação básica para as mulheres.

As congregações de ensino se multiplicaram e no começo do século XVII já havia dezessete delas para as meninas na França.⁷¹ Uma mudança crucial no sistema de ensino feminino foi que os conventos passaram a receber meninas que não iam fazer os votos, ou seja, que retornavam ao mundo depois de receberem educação formal nas suas escolas.⁷² Assim, a Igreja Católica reconhecia o papel das mulheres como educadoras de seus filhos e de sua importância para a manutenção da fé católica no ambiente familiar. Dentro desse quadro onde o livro e os demais textos impressos passaram a ter uma função de altíssima relevância nas disputas de poder e de conhecimento, tornou-se conveniente que as mulheres soubessem pelo menos ler.

Esse processo crescente de infiltração do texto escrito no cotidiano das pessoas acabou por atingir a vida de homens e de mulheres, modificando também todo o panorama das instituições da vida literária. Os homens de letras ganharam prestígio e poder e os escritores passaram a ter um apoio cada vez maior do mecenato, cujo principal representante era a própria Monarquia.

A figura do escritor que vivia unicamente da venda dos seus livros era uma exceção no princípio do período moderno, pois seus subsídios tradicionais eram as pensões, os benefícios e as gratificações.⁷³ Conforme Peter Burke, a partir de 1663, as pensões reais concedidas a escritores e eruditos somavam cerca de cem mil libras por

⁷⁰ ROSS, Sarah Gwyneth. Her father's daughter: Cassandra Fedele, woman humanist of the Venetian Republic. *Studies across Disciplines in the Humanities and Social Sciences* 2. Helsinki, Helsinki Collegium for Advanced Studies, pp. 204-222, s.d.

⁷¹ BERNOS, Marcel. La culture religieuse... Op. cit. p. 380.

⁷² SONNET, Martine. Uma filha para... Op. cit.

⁷³ TURNOVSKY, Geoffrey. Vivre de sa plume. Réflexions sur un *topos* de l'auctorialité moderne. *Revue de synthèse*. 6^e série, n° 1-2, pp. 51-70, 2007. p. 55.

ano. As gratificações eram feitas na expectativa de um retorno para a Monarquia, embora não ficasse totalmente explícita a troca de favores⁷⁴.

Madeleine de Scudéry foi a primeira mulher a receber uma pensão real como escritora⁷⁵ e muito de seu sucesso deveu-se justamente à sua habilidade em fazer amizades com homens influentes, como Valentin Conrart, um dos fundadores da Academia Francesa. Mas levou um longo tempo até ela alcançar esse reconhecimento, quando já havia constituído um sólido público para seus romances. Esse caminho traçado pela escritora – o reconhecimento do público e depois o reconhecimento institucional, era normalmente traçado ao inverso por escritores homens, ou seja, primeiro eles recebiam apoio através das redes institucionais, prestavam serviços ao poder real e depois disso se tornavam conhecidos pelo público.

Assim, os homens de letras, para obterem sucesso, dependiam não só do seu talento, mas também de uma rede de relações pessoais que compunha a orquestra da república das letras. Dessa forma, as instituições da vida literária, como as academias e os salões literários, passaram a ter uma importância fundamental no panorama do mundo da crítica e da palavra escrita na sociedade francesa do Antigo Regime.

Os círculos de relações se tornaram essenciais para um escritor ou um erudito existir como homem de letras. Antes de tratar desses círculos, é importante esclarecer que não era necessário, no período do qual tratamos, ser um escritor para ser um homem de letras ou mesmo para alcançar notoriedade. Homens de letras eram, conforme Chartier, acima de tudo homens de estudo e de leitura, preferencialmente com habilidades em diversos campos do conhecimento.⁷⁶ Já comentamos que a escrita era uma habilidade bastante restrita, assim, além de saber escrever, as capacidades de compor uma obra e de publicá-la eram mais restritas ainda.

Um dos homens mais importantes dentro dos espaços letrados dessa época nunca teve nem uma linha impressa em sua vida, que foi Valentin Conrart. Conforme estudou Nicolas Shapira⁷⁷, embora Conrart não fosse escritor, ele prestou ao longo da sua carreira inúmeros serviços aos seus amigos autores, corrigindo suas produções,

⁷⁴ BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luis XIV*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 254p. p. 63.

⁷⁵ GRANDE, Nathalie. *Stratégie d'écriture...* Op. cit.

⁷⁶ CHARTIER, Roger. "O homem de letras." In: VOVELLE, Michel. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997. pp. 115-153.

⁷⁷ O historiador Nicolas Shapira estudou a biografia de Conrart, mostrando como se formou esse homem de letras célebre, que não havia produzido obra nenhuma, e de que forma ele exerceu a política dentro e fora do Estado. Ver SHAPIRA, Nicolas. *Un professionnel des lettres au XVIIe siècle, Valetín Conrart : une histoire sociale*. Paris: Champ Vallon, 2003. 512p.

acompanhando o processo de edição ou divulgando livros e manuscritos junto à sua rede de relações. Ele fazia, portanto, as atividades intermediárias que ligavam autores e público, que não cabiam às profissões de impressor ou livreiro.⁷⁸ Com isso, a partir das suas relações e da capacidade de intermediação, Conrart se tornou um homem de grande poder e prestígio na sociedade letrada.

Podemos dizer, de acordo com Shapira, que a “publicação” se tornou a profissão de Conrart. Publicar era, na verdade, uma das maiores preocupações dos autores do século XVII e dependia de um trabalho de promoção que passava por intermediários.⁷⁹ Enviar um livro a um amigo e recomendá-lo calorosamente, comentá-lo em uma carta, levar uma obra ou mesmo um texto manuscrito para ser lido em um salão literário ou academia, tudo isso fazia parte dos processos de publicação do início da Época Moderna.

Por outro lado, a atitude do próprio autor para a publicação do seu texto podia fazer diferença na recepção da obra frente aos seus pares. Segundo Pierre Dumonceaux, uma cena comum em Paris no século XVII era a de um autor, célebre ou não, lendo a sua própria obra diante de um auditório restrito.⁸⁰ Assim, o escritor oferecia seu texto em “primeira mão”, antes da impressão, para seus amigos, e deles recebia opiniões, críticas ou somente os elogios.⁸¹ Essa primeira leitura coletiva acusa um dos processos de colaboração literária mais comuns aos escritores e escritoras da época clássica e ela poderia ser definitiva para o sucesso posterior desse texto lido.

Não há dúvidas de que a leitura no século XVII era também uma prática coletiva, como atestam a correspondência de Madame de Sévigné e de seus contemporâneos, o que podemos perceber numa carta de dezembro de 1673 endereçada à sua filha:

Eu espero meu filho a qualquer momento. Eu jantei ontem com Monsieur le Duc, M. de La Rochefoucauld, Mme de Thianges, Mme de La Fayette, Mme de Coulanges, o Abade de Têtu, M.

⁷⁸ Ibidem. p. 12.

⁷⁹ Ibidem. p. 14.

⁸⁰ DUMONCEAUX, Pierre. La lecture à haute voix des oeuvres littéraires au XVIIe siècle: modalités et valeurs. *Littératures classiques*, la voix au XVIIe siècle, número dirigido por Patrick Dandrey. Paris, Aux Amateurs de Livres, nº 12, janeiro, pp. 117-125, 1990. p. 117.

⁸¹ É importante notar que durante a Antiguidade existira esse costume do autor ler a sua obra para um público restrito, esperando receber dele uma reação crítica, a partir da qual poderia aperfeiçoar o seu texto, conforme aponta Alberto Manguel. MANGUEL, Alberto. “O autor como leitor.” In: _____. *Uma história da leitura*. 2ª ed. 3ª reimpressão. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2004. pp. 279-291.

de Marsillac et Guilleragues, na casa de Gourville. Você foi celebrada e desejada; e depois nós escutamos a *Poética* de Despréaux, que é uma obraprima.

[J'attends mon fils à tout moment. Je dînai hier avec Monsieur le Duc, M. de La Rochefoucauld, Mme de Thianges, Mme de La Fayette, Mme de Coulanges, l'abbé Têtu, M. de Marsillac et Guilleragues, chez Gourville. Vous y fûtes célébrée et souhaitée ; et puis on écouta la *Poétique* de Despréaux, qui est un chef-d'oeuvre.]⁸²

Como vemos no depoimento epistolar de Sévigné, essa prática é, mais do que tudo, uma prática de sociabilidade. Dessa forma, ler não se restringia a uma relação direta com o livro, mas envolvia uma gama de relações e outros tipos de habilidades para além da compreensão do texto: a arte de permanecer agradavelmente em grupo, a aptidão para ler em voz alta, a habilidade de ser um bom ouvinte e de saber comentar o texto lido ao final. Tudo isso era estimado por leitores e escritores porque, como comentou Roger Chartier, ler em voz alta não era mais uma necessidade para a compreensão do texto, como fora no passado, mas era uma opção:

Nas representações, e nas práticas sociais, o ato de leitura define uma consciência nova de individualidade e do privado, construída fora da esfera de autoridade pública e do poder político, fora também dos laços múltiplos que constituem a vida social ou doméstica.

No entanto, ler no século XVI e XVII não é sempre, nem por todo lado, um gesto de intimidade reclusa. A leitura, ela também, pode amarrar um laço social, juntar em torno do livro, cimentar uma relação de convivência, mas na condição de não ser nem solitária, nem silenciosa. Em um tempo onde, nas elites ao menos, se generaliza uma atitude de ler que não exige mais a oralidade do texto lido para que seja assegurada a sua compreensão, ler em voz alta não é mais uma necessidade para o leitor, mas uma prática de sociabilidade, com circunstâncias e finalidades múltiplas.

[Dans les représentations, et dans les pratiques sociales, l'acte de lecture définit une conscience neuve de l'individualité et du privé, construite en dehors de la sphère de l'autorité publique et

⁸² SÉVIGNÉ, Madame de. “À Madame de Grignan [sua filha], à Paris, vendredi 15 décembre, 1673.” In: _____. *Correspondance* I (mars 1646 – juillet 1675). Texte établi, présenté et annoté par Roger Duchêne. Paris: Gallimard, 1972. 1459p. p. 640. Despréaux aqui citado é o poeta, membro da Academia Francesa, Despréaux Boileau. Segundo Pierre Dumonceaux, ele era um dos poetas que sempre lia suas obras para um público restrito antes de fixar o seu estado definitivo. Ver DUMONCEAUX, Pierre. *La lecture à haute voix...* Op. cit. p. 119.

de la puissance politique, en dehors aussi de liens multiples qui constituent la vie sociale ou domestique.

Pourtant, lire au XVI^e et XVII^e siècle n'est pas toujours ni partout un geste de l'intimité recluse. La lecture, elle aussi, peut nouer un lien social, rassembler autour du livre, cimenter une relation de convivialité, mais à condition d'être ni solitaire ni silencieuse. En un temps où, dans les élites au moins, se généralise une aptitude à lire qui n'exige plus l'oralisation du texte lu pour que soit assurée sa compréhension, lire à haute voix n'est plus une nécessité pour le lecteur mais une pratique de sociabilité, aux circonstances et finalités multiples.⁸³

Dessa forma, a leitura era uma experiência de grupo. Os encontros que incluíam leituras eram um hábito que tornava ainda mais forte os vínculos de amizades estabelecidos.⁸⁴ A leitura podia também ser realizada num grupo reduzido de duas pessoas, em um esquema de leitura onde elas se revezavam nos papéis de ler e comentar e de escutar e discutir. Segundo Dumonceaux, era o que Madame de Sévigné chamava de “eu li com” [*“je lis avec”*], ou ainda, “fulano e eu, nós lemos” [*“un tel et moi, nous lisons”*].⁸⁵ Como assinala Chartier, essa leitura podia acontecer entre marido e mulher, num ato de reciprocidade conjugal, entre pais e filhos ou ainda no caso de criados que liam para seus mestres.⁸⁶ Mesmo nas situações de maior intimidade, era indispensável que aquele que lesse em voz alta tivesse uma boa performance, pois aquele momento era semelhante ao teatro, o leitor interpretando, fazendo viver as cenas. Assim, bons leitores eram conhecidos e valorizados por seus amigos.⁸⁷

Desse modo de ler decorre que a leitura superficial, despreziosa ou despreocupada, comum hoje em dia, era inconcebível naquela época. A obra existia

⁸³ CHARTIER, Roger. *Loisir et sociabilité: lire à haute voix dans l'Europe moderne. Littératures classiques*, la voix au XVII^e siècle, número dirigido por Patrick Dandrey. Paris, Aux Amateurs de Livres, n° 12, janeiro, pp. 127-147, 1990. p.128.

⁸⁴ Embora a prática da leitura em grupo seja típica da aristocracia, associada ao divertimento e às formas de passar o tempo, Roger Chartier mostra que ela também existia entre as classes mais baixas. No serão camponês, por exemplo, ela podia acontecer, permitindo aos analfabetos escutarem os livretos populares. Porém, nesse caso, o mais comum era a recitação de um conto ou história lido anteriormente pela pessoa que conta, sem a presença do livro no momento do serão. Ver CHARTIER, Roger. *Loisir et sociabilité...* Op. cit. p. 135.

⁸⁵ DUMONCEAUX, Pierre. *La lecture à haute...* Op. cit. p. 121.

⁸⁶ CHARTIER, Roger. *Loisir et sociabilité...* Op. cit. p. 137.

⁸⁷ DUMONCEAUX, Pierre. *La lecture à haute...* Op. cit. p. 122.

para ser articulada palavra por palavra, para ser esmiuçada e mastigada, e depois comentada, discutida e retomados os trechos principais.⁸⁸

Decorre também desses hábitos de leitura que as obras já eram conhecidas de um público seletivo e já haviam sido por ele discutidas antes de chegarem a um público mais amplo. Foi o caso do polêmico livro *La Princesse de Clèves*, de Madame de La Fayette, que deixou inúmeros registros de que já era conhecido por muitas pessoas antes da sua impressão, como testemunha Fontenelle: “Ela havia feito um grande barulho pelas leituras, a Renomada publicava seu mérito nas nossas províncias muito tempo antes que nós a víssemos aparecer (...)” [“Elle avoit fait grand bruit par les lectures, la Renommée publioit son merite dans nos Provinces longtemps avant qu’on l’y vist paroistre (...)”]⁸⁹.

Da mesma forma, vemos um dos críticos da obra comentar: “Jamais uma obra me deu tanta curiosidade. Haviam-na anunciado muito tempo antes do seu nascimento; pessoas muito esclarecidas, e muito capazes de julgá-la, haviam-na elogiado como uma obraprimeira nesse gênero (...)”. [“Jamais ouvrage ne m’a donné plus de curiosité. On l’avait annoncé longtemps avant sa naissance ; des personnes très éclairées, et très capables d’en juger, l’avaient loué comme un chef d’oeuvre en ce genre-là (...)”]⁹⁰

Vemos assim que a circulação de livros, ou mesmo de manuscritos, principalmente antes deles serem lançados para um público leitor mais amplo, acontecia através das redes de amizade. A publicação de uma obra, portanto, dependia dos bons relacionamentos, do bom desempenho do escritor para fazer sua obra ser recebida, entre outras coisas. No decurso desse processo, além das pequenas redes que iam se ligando a partir das amizades ou parentescos, os escritores passaram a depender cada vez mais de instituições verdadeiramente organizadas com o objetivo de promover o conhecimento, como veremos a seguir.

⁸⁸ Ibidem. Interessante notar também que, conforme estudou Dumonceaux, a pontuação dos textos obedecia às necessidades de leitura em voz alta, de forma que o ponto, os dois pontos e a vírgula indicavam as pausas de uma leitura teatralizada.

⁸⁹ FONTENELLE. *Lettre sur la Princesse de Clèves*. (Anônimo). MERCURE GALANT, maio de 1678, pp. 111-128. À Paris, au Palais. p. 114.

⁹⁰ VALINCOUR, Lean Baptiste Henri du Trousset de. *Lettres à Madame la Marquise *** sur le sujet de La Princesse de Clèves*. Paris : Flammarion, 2001. 174p. [1678]. p. 33.

1.2. Instituições da vida literária

A Academia Francesa foi a instituição oficial mais importante da França na área das letras, atuando como o braço do Estado no ambiente dos letrados, na qual debates da mais alta importância para os destinos da civilização francesa e da própria cultura escrita foram travados. Mas a institucionalização da Academia Francesa e de outras academias oficiais veio de um processo mais amplo que foi o desenvolvimento do movimento acadêmico privado surgido no século XVII, conforme estudou o historiador Alain Viala.⁹¹

A ideia disseminada na época clássica era a de reuniões consagradas à reflexão e à discussão entre um grupo de especialistas, o qual merecia a denominação de academia quando alcançava um funcionamento regular e durável. A partir da análise de Viala, podemos assim descrever o funcionamento da maior parte das academias do período: surgiam da iniciativa privada de um ou de alguns homens com alguma notoriedade e em torno deles se unia um círculo de amigos, meia dúzia, uma dúzia ou mais, que persuadia em se reunir regularmente, cada semana ou cada quinzena, tendo como regra de funcionamento apenas um acordo verbal. Às vezes o grupo se atribuía um nome ou, até mais frequentemente, designava-se pela referência ao fundador.⁹²

Depois do período de fundação, alguns grupos acabavam encerrando suas atividades em um curto período, mas muitas academias duraram uma década e algumas chegaram a uma duração de quinze a vinte anos, permanecendo sempre privadas. Com todas as disciplinas confundidas, Viala conta, no conjunto do século, mais de setenta academias, das quais vinte e seis duraram mais de uma década.

A rede de academias se estendeu rapidamente ao conjunto do país, com a supremacia de certas regiões, como a Normandia e o Languedoc. Paris, sobretudo, ocupou a posição preponderante, contando até dezesseis círculos ao mesmo tempo, e sua influência se difundiu através de toda a rede.⁹³ Reservadas aos especialistas (ou àqueles que se pretendiam como tais), essas instituições se fundavam sob um princípio de competência. Assim, a escolha dos seus membros era um de seus traços

⁹¹ VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain...* Op. cit. De acordo com o autor, esse movimento se diferenciava das academias que haviam existido anteriormente, que tinham uma vocação para o ensino acima de tudo.

⁹² *Ibidem.* p. 18.

⁹³ Segundo Alain Viala, a prática acadêmica clássica concernia em torno de trezentas pessoas por vez, sendo que os grupos mais duráveis se estabilizavam em torno de vinte membros. A Academia Francesa, muito forte por seu caráter de Estado e por seu prestígio, teve até quarenta membros. *Ibidem.* p. 19.

fundamentais, isto é, a seletividade marcava a distinção dos que delas participavam do restante da sociedade. Era essa seletividade que justificava a autoridade pretendida pelas academias, pois os especialistas deveriam ser respeitados por seus conhecimentos específicos.

Assim, no decorrer do século, as academias foram se afirmando como autoridades na área dos saberes, primeiramente dos mais gerais, as humanidades, e depois dos mais específicos, como a ciência e a literatura. Como disse Alain Viala, “consultar a academia” não era um exemplo de dicionário⁹⁴, elas se tornaram instituições de referência que tinham autoridade para dar vereditos nas áreas do saber que lhes concerniam. Publicavam uma parte dos seus trabalhos, além de organizarem concursos e outorgarem prêmios literários, alcançando legitimidade para além de seu próprio círculo e definindo valores culturais considerados válidos na sociedade como um todo:

Lugar onde se elaboram normas, elas pretendem deter autoridade na matéria: nós as “consultamos” (Richelet). (...) Em uma palavra, a atividade acadêmica que se abre assim representa uma empresa de codificação e legitimação autônomas de valores culturais e artísticos.

[Lieux où s'élaborent des normes, elles entendent détenir l'autorité en la matière : on les « consulte » (Richelet). (...) En un mot, l'activité académique qui se déploie ainsi représente une entreprise de codification et légitimation autonomes des valeurs culturelles et artistiques.]⁹⁵

Dessa forma, participar de uma academia poderia significar reconhecimento, publicidade e legitimidade para os homens de letras. A dinâmica de conjunto desse movimento cultural favorecia que os indivíduos buscassem as melhores posições dentro da expansão acadêmica, sendo comum que os participantes frequentassem mais de uma academia ou que mudassem de grupo.

No decorrer do século XVII, a Monarquia começou a perceber a necessidade de controlar a produção cultural e passou a interferir na organização dos espaços letrados, investindo nas relações com homens de letras e escritores. Conforme Peter Burke, especialmente durante o reinado de Luís XIV, a literatura, especialmente a

⁹⁴ Ibidem. p. 22.

⁹⁵ Ibidem. p. 18.

poesia, a história e o panegírico, encontravam-se no centro de um ambicioso e eficiente plano monárquico elaborado pelo ministro Colbert de utilizar as artes para glorificar os feitos do rei e construir a sua imagem pública.⁹⁶

De acordo com Burke, além da literatura, desse plano fazia parte a construção de muitos monumentos que glorificavam o monarca, como arcos do triunfo, obeliscos e pirâmides, assim como a produção de uma grande variedade de outros meios e gêneros, como medalhas, tapeçarias, afrescos e gravuras. Para mobilizar a serviço do rei todos esses artistas, arquitetos, literatos e eruditos, foi realizada uma verdadeira “organização da cultura”, isto é, foi inventado um sistema que servia não só para arregimentar os artistas, mas para enquadrá-los em mecanismos oficiais que pretendiam regular as suas condutas.

Na metade do século XVII toda uma rede de academias oficiais se estabeleceu e o mecenato, com a política de prestígio conduzida por Colbert e Louis XIV, se tornou um sistema estatal, reforçando a censura ao seu redor.⁹⁷ Com essa ideia nova de que era necessário construir e divulgar uma imagem do rei para além das fronteiras da corte, a Monarquia tentava utilizar e controlar os meios de produção de arte e de saber.⁹⁸

No caso da literatura, o responsável por coordenar o sistema foi Jean Chapelain, cuja proximidade com o poder real foi analisada pelo historiador Christian Jouhaud.⁹⁹ O autor mostrou que a carreira de homem de letras de Chapelain decolou verdadeiramente a partir de 1632, quando ele entrou na clientela de Richelieu e se tornou um dos intermediários privilegiados entre o poderoso ministro e os homens de letras. O seu status de acadêmico resultou da sua competência em matéria de belas letras, mas também das suas aptidões mais gerais em matéria de política.

Jean Chapelain construiu a sua carreira a partir de uma posição de homem de letras “doméstico”, isto é, que tinha relações pessoais com patronos, sobretudo homens de Estado, primeiramente Richelieu e depois Colbert, o que o permitia interferir diretamente no mundo das letras, rendendo múltiplos serviços ao poder político.¹⁰⁰ Foi ele, por exemplo, que determinou muitas pensões reais a escritores durante o século XVII e foi um dos fundadores da Academia Francesa, em 1635.

⁹⁶ BURKE, Peter. *A fabricação do rei...* Op. cit.

⁹⁷ VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain...* Op. cit. p. 10.

⁹⁸ BURKE, Peter. *A fabricação do rei...* Op. cit. p. 63.

⁹⁹ JOUHAUD, Christian. *Les pouvoirs de la littérature*. Histoire d'un paradoxe. Paris: Gallimard, 2000. 450p.

¹⁰⁰ Ver também SCHAPIRA, Nicolas. *Un professionnel des lettres...* Op. cit. p. 10.

Dentro dessa dinâmica, o fator mais conflituoso era quando os grupos precisavam escolher entre manter aberta a gama de assuntos discutidos ou se deter num domínio preciso. A primeira postura vinha da tradição humanista, que privilegiava um saber de tipo enciclopédico, fundado na filologia e no estudo dos Antigos. Essa era uma atitude que Alain Viala define como a dos “letrados”.

A segunda opção separava as letras, as ciências e as artes em disciplinas distintas: segundo Viala, esse comportamento, que se fortaleceu no curso do século, tinha como principais representantes aqueles que se dedicavam à criação e à crítica literária, os “literatos”.¹⁰¹ Essa tendência de especialização foi o que favoreceu a literatura a se tornar um bem cultural de valor maior e influenciou na distinção entre o homem de letras e o autor, que foi visualizada de fato somente no século XVIII.

Através da oficialização de algumas academias, tornando-as instituições do Estado, a Monarquia centralizadora soube colocar esse movimento acadêmico separado em disciplinas a seu favor, para reforçar a unificação política. Dessa forma, foram fundadas academias nas províncias segundo o modelo da Academia Francesa, assim como outras academias reais especializadas proliferaram em Paris: *Académie Royale de Peinture et de Sculpture* (1648); *Académie de Danse* (1661); *Académie des Sciences* (1666); *Académie d'Architecture* (1671); *Académie Royale de Musique* (1672); entre outras.¹⁰²

A fundação da Academia Francesa em 1635, a partir do círculo privado formado desde 1629 em torno de Chapelain, Godeau e Conrart, foi um marco. Esse era um grupo de “literatos” que se detinha nas questões da língua e da estética literária e visto por Richelieu como favorável à sua política de centralização. Para o ministro, financiar esse grupo era mais vantajoso do que, por exemplo, o dos irmãos Du Puy, outro círculo importante do período, que tinha uma posição “letrada” e se ocupava de ciência, filosofia e teologia, podendo entrar facilmente em conflito com autoridades religiosas e jurídicas.¹⁰³

A opção de Richelieu tinha também relação com as tendências das mudanças culturais que colocaram no curso do século os literatos e a questão da língua em maior evidência do que os letrados. Veremos mais à frente que a modernização da língua foi

¹⁰¹ VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain...* Op. cit. p. 23-25.

¹⁰² BURKE, Peter. *A fabricação do rei...* Op. cit. p. 62.

¹⁰³ VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain...* Op. cit. p. 26-27. É importante esclarecer que aqui a diferenciação entre “letrados” e “literatos” é útil para explicar a análise de Alain Viala, porém, em outros momentos do texto a palavra “letrado” poderá ser apenas um sinônimo para “homem de letras”.

um tema caro para os homens de letras, envolvendo diretamente as escritoras e os conflitos de gênero. Por ora, nos basta saber que dentre as academias havia algumas que apresentavam ideias “modernistas”, isto é, estavam interessadas na evolução da língua, no seu uso literário atual e na sua modernização (aqueles que Viala chama de “literatos”) e que outras preferiam manter uma tradição humanista, que se voltava para o estudo dos Antigos e para a filologia.

Como a preocupação da Monarquia nesse momento era a da difusão da língua francesa como um dos recursos para o fortalecimento da unificação territorial, a posição “modernista” dos literatos servia mais diretamente aos interesses do Estado do que a posição humanista preocupada em buscar as origens da língua. Como escreveu Alain Viala:

Um movimento de unificação cultural e linguística se desenvolveu assim. A Monarquia centralizadora soube colocá-lo ao seu proveito para reforçar a unificação política: as academias oficiais desenham nitidamente o eixo de Rhône e se estendem na região de Languedoc¹⁰⁴; nessas províncias tradicionalmente turbulentas, o apoio governamental às sociedades letradas era destinado a reforçar a difusão da língua francesa e, através dela, a coesão nacional.

[Un mouvement d'unification culturelle et linguistique s'est développé ainsi. La monarchie centralisatrice a su mettre à profit pour renforcer l'unification politique : les académies officielles dessinent nettement l'axe rhodanien et s'étendent dans les pays de langue d'oc ; dans ces provinces traditionnellement turbulentes, le soutien gouvernemental aux sociétés lettrées était destiné à renforcer la diffusion de la langue française et, par là, la cohésion nationale.]¹⁰⁵

Assim, para os franceses desse período a questão linguística se tornou fator fundamental no desenvolvimento da França como nação e, portanto, no rumo que ela iria tomar. Muitos compreendiam que o desenvolvimento da língua francesa implicava diretamente no desenvolvimento da civilização francesa. Por isso, esse momento crucial de junção da língua com a civilização foi decisivo para que se deflagrassem conflitos de gênero no espaço literário. Esses conflitos foram visualizados, principalmente, com a difusão de outro movimento, tão importante quanto o acadêmico, o dos salões literários.

¹⁰⁴ Rhône e Languedoc eram províncias francesas no século XVII. Foi a partir de 1790 que o Estado francês passou a adotar o sistema de divisão em departamentos.

¹⁰⁵ VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain...* Op. cit. p. 23.

Os salões foram instituições fundamentais para a vida literária dos séculos XVII e XVIII. Eles se diferenciavam das academias por dois aspectos principais: primeiro porque nunca foram controlados pela Monarquia e, segundo, porque eram na essência sociedades mistas, deles participando tanto mulheres quanto homens. Aliás, é importante lembrar que essa divisão entre salões e academias não era usual no vocabulário do século XVII, ela é fundamentada aqui pelas nossas atuais concepções de gênero, da mesma forma como fez Anne E. Duggan.¹⁰⁶

Como explica Antoine Lilti, nos séculos XVII e XVIII, a palavra “salão” não nomeava as reuniões, mas designava somente a peça da casa – a grande sala onde se recebiam os convidados, a qual se impunha progressivamente nas casas urbanas desse período. Os encontros de pessoas letradas eram comumente chamados de círculos, sociedades ou academias (quando se tratava de uma), sendo que o termo “salão” tomou o sentido que hoje utilizamos somente no início do século XIX.¹⁰⁷ Porém, é importante deixar bem clara a diferença que havia entre os salões e as academias, porque destas as mulheres estavam excluídas¹⁰⁸.

Os encontros de homens e mulheres letrados que hoje chamamos de salões literários tinham o objetivo de proporcionar a leitura coletiva de textos literários, científicos ou filosóficos e a conversação amigável sobre os temas que essas leituras suscitavam. Eles aconteciam comumente na casa de uma anfitriã, a *salonnière*, cuja tarefa era convidar os participantes, organizar a reunião e tornar o ambiente agradável. Normalmente eles tinham um dia fixo da semana para acontecer, como, por exemplo, aos sábados na residência de Madeleine de Scudéry e às quartas-feiras na de Madame de Sablé¹⁰⁹.

Disseminados depois da experiência famosa e bem sucedida de Catherine de Vivonne-Savelli, a Marquesa de Rambouillet¹¹⁰, os salões foram espaços que colocaram

¹⁰⁶ DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies...* Op. cit.

¹⁰⁷ LILTI, Antoine. *Le monde des salons*. Sociabilité et mondanité à Paris au XVIIIe siècle. Paris: Fayard, 2005. 568p. p. 9.

¹⁰⁸ Segundo Anne E. Duggan, somente a *Académie Royale de la Peinture et de la Sculpture* admitiu mulheres (sete entre 1663 e 1682), mas fechou as suas portas para elas em 1706. DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies...* Op. cit. p. 48.

¹⁰⁹ A filósofa Madeleine de Souvré (1599-1678), a Marquesa de Sablé, tinha um salão que se caracterizava pelas discussões teológicas e pela produção do gênero literário das “máximas”. Correspondente de Blaise Pascal e Antoine Arnauld, ela foi também mecenas de François de La Rochefoucauld, o Duque de La Rochefoucauld.

¹¹⁰ Catherine de Vivonne-Savelli (1588-1665), a Marquesa de Rambouillet, foi a responsável pela abertura de um dos primeiros salões parisienses que se tornou célebre, o Hôtel de Rambouillet ou *la chambre bleu* (o quarto azul), que funcionou de 1608 até a morte da Marquesa em 1665. Durante esses longos anos de funcionamento muitos letrados influentes e escritores por lá passaram, como

em evidência as mulheres sábias, onde elas puderam romper barreiras ao seu crescimento intelectual e desenvolver a sua capacidade crítica, formular opiniões e debater os temas do conhecimento de igual para igual com os homens.

O salão foi uma instituição não oficial criada e dirigida pelas mulheres pertencentes à elite da sociedade.¹¹¹ Ali elas puderam transformar a si mesmas e redefinir a sua função social, pois não eram mais esposas e mães apenas, mas seres racionais engajados na produção literária e no debate de ideias. De acordo com Ana Paula Martins, devemos lembrar que a importância social e cultural que essas mulheres tiveram se deveu, antes de tudo, a um esforço delas próprias: por causa da sua ambição, pelo desejo de conhecimento e pela educação que tiveram e que buscaram aperfeiçoar junto a amigos e amigas. Foi dessa forma que as mulheres desenvolveram uma margem de autonomia e passaram a desempenhar um papel político nada desprezível, alavancando carreiras filosóficas, literárias e artísticas de homens de letras e de escritores.¹¹²

No entanto, esse novo papel forjado pelas mulheres dentro dos salões literários não foi construído sem ser contestado. Os círculos de amigos, que depois se transformaram em academias ou em salões, haviam surgido concomitantemente, mas, conforme destacou Anne E. Duggan, ao passo que a atuação das mulheres foi crescendo, criou-se uma competição pelo espaço intelectual entre essas instituições distintas justamente por causa dos problemas de gênero.¹¹³

Homens participantes de academias não gostavam de ter a sua autoridade nos assuntos do conhecimento humano questionada por mulheres, que, aliás, não tinham a mesma formação que eles e por isso mesmo estavam mais abertas para ideias novas. Também não aprovavam o domínio que elas exerciam na organização dos encontros e no desenrolar das reuniões.¹¹⁴

Antoine Godeau, Pierre Corneille, Georges de Scudéry, Madame de Sévigné e Vincent Voiture. As três escritoras de nosso estudo, Madeleine de Scudéry, Madame de La Fayette e Jacqueline Pascal, frequentaram o Hôtel de Rambouillet em determinado momento de suas vidas.

¹¹¹ DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies...* Op. cit. p. 45.

¹¹² MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidades nos salões iluministas. *História: Questões e Debates*. Curitiba, nº 46, pp. 51-67, 2007. p. 56/57.

¹¹³ DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies...* Op. cit. p. 43.

¹¹⁴ Interessante notar, nesse sentido, que do século XVII para o século XVIII as mulheres foram perdendo espaço dentro dos próprios salões. Enquanto no século XVII era comum a participação das mulheres tanto como organizadoras dos encontros (*salonnières*) quanto como participantes das discussões, no século XVIII aumentou o número de salões onde a mulher era a anfitriã, mas ao seu redor só havia homens. Elas perderam espaço neste período também por causa da disseminação dos cafés como locais de debate político, filosófico e literário, nos quais (por serem na rua e não em casa) as mulheres não podiam se inserir. Ver CHARTIER, Roger. O homem de letras... Op. cit.

A oficialização das academias pelo Estado veio coroar essa queda de braço com os salões, numa tentativa de garantir a autoridade do saber para o espaço exclusivamente masculino. Isso delimitou as diferenças de gênero dos dois ambientes e, no final do século XVII, academias e salões (denominados no período de círculos ou de encontros) não foram mais confundidos.

Para Anne E. Duggan, que reitera o pensamento de Londa Schiebinger, a masculinização das academias teve como uma das consequências o reforço de noções do conhecimento baseadas no gênero: enquanto o espaço masculino se especializava e definia as disciplinas de ciências, arquitetura e filosofia como masculinas, os ambientes mistos dos salões, e visivelmente associados às mulheres, acabaram sendo comumente relacionados simplesmente com a conversação e a leitura de romances, ou seja, com o tempo não foram mais associados à produção do conhecimento, mas simplesmente à sociabilidade.¹¹⁵

Por outro lado, o domínio do funcionamento das academias pela Monarquia – lembramos que mesmo aquelas que permaneciam privadas procuravam se adequar aos parâmetros do Estado, pois buscavam a oficialização – demarcou ainda mais a distância entre os salões e o controle estatal, o que reforçou assim duas das suas características principais: a democracia e a autonomia. Essas características se devem justamente aos ideais construídos dentro desses espaços e à atuação das mulheres chamadas de “preciosas”.

1.3. Rupturas do século XVII: as “preciosas” e a modernização dos hábitos e da linguagem

Durante o Renascimento aconteceram importantes transformações no pensamento intelectual, no entanto, elas não foram suficientes para provocar uma mudança muito significativa nas representações da mulher em textos escritos. Assim, de acordo com Ian Maclean, no século XVII os discursos misóginos presentes na teologia,

¹¹⁵ DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies...* Op. cit. p. 48.

na medicina e na política, orientados sobretudo pelo pensamento de Aristóteles, mantinham características vindas da Idade Média.¹¹⁶

Do ponto de vista religioso, preponderava ainda o pensamento escolástico sobre os sexos, pois os teólogos do Renascimento pouco haviam modificado as visões anteriores sobre esse tema. Segundo Maclean, São Tomás de Aquino havia feito o casamento bem sucedido dos aspectos físicos e éticos das ideias de Aristóteles com a teologia, seguindo a tendência do filósofo de produzir dualidades (onde um elemento era sempre superior e o outro inferior). Do ponto de vista do teólogo, o princípio masculino na natureza estava associado às características ativas, formativas e perfeitas, enquanto o feminino era considerado passivo, material e imperfeito. Dessa forma, a dualidade homem/mulher correspondia a outras dualidades: ativo/passivo; forma/matéria; ação/potência; perfeição/imperfeição; posse/falta.¹¹⁷

De acordo com a teoria de São Tomás de Aquino, que permaneceu como uma referência entre os teólogos do Renascimento, a formação do homem, que era o ser completo, e da sua cópia imperfeita, que era a mulher, acontecia da seguinte forma: a natureza gostaria sempre de criar a mais perfeita criatura, o homem. Essa criatura implantaria o sêmen na mulher com a finalidade de procriar homens.

No entanto, se acontecesse uma falha no calor gerador, ou se as condições climáticas fossem adversas, então a criação ficava incompleta e o resultado seria uma mulher. Porém, essa teoria não pressupunha que Aristóteles tivesse a intenção de dizer que as mulheres haviam sido criadas contra a vontade da natureza, pois ambos os sexos eram necessários para a procriação; mas que, olhando individualmente, as mulheres eram o resultado de um evento gerador que não fora bem concluído, portanto, eram incompletas, imperfeitas e inferiores.¹¹⁸

As questões sobre a concepção e o calor gerador foram muito debatidas por médicos e anatomistas do princípio do período moderno e elas são mais complexas do que aqui estamos descrevendo, conforme demonstra Thomas Laqueur.¹¹⁹ De toda forma, é importante salientar que até o século XVII não eram as características biológicas ou anatômicas que determinavam as diferenças sexuais, mas sim as diferenças na

¹¹⁶ MACLEAN, Ian. *The renaissance notion of woman*. A study in the fortunes of scholasticism and medical science in European intellectual life. Cambridge: Cambridge University Press, 1980. 114p. p.7.

¹¹⁷ Ibidem. p. 8.

¹¹⁸ Ibidem. p. 8.

¹¹⁹ LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 313p.

constituição do ser. Isto é, mais do que o corpo biológico (um sexo portador de uma diferença), no período do qual tratamos o que definia uma mulher era o fato de ela ser uma criatura originária de um processo imperfeito.

Laqueur mostra que a visão da mulher como uma versão imperfeita do homem fez com que médicos e anatomistas do Renascimento, até o século XVII, acreditassem na existência de um só sexo, o masculino, tendo as mulheres a mesma anatomia sexual, mas de forma invertida. Apesar das experiências empíricas de dissecação e de algumas críticas bem fundamentadas a respeito da teoria do sexo único, os anatomistas não viam um sexo feminino como algo diferente do masculino, mas somente uma versão invertida do corpo do homem, “virada para dentro”, sendo que normalmente a vagina correspondia ao pênis e o útero aos testículos.¹²⁰

Os avanços da ciência anatômica não foram suficientes para fazer com que os médicos rompessem com a convenção representativa de ver a mulher como uma versão imperfeita do homem, como disse Laqueur: “A história da representação das diferenças anatômicas entre o homem e a mulher é extraordinariamente independente das verdadeiras estruturas desses órgãos, ou do que se conhecia sobre elas. A ideologia, não a exatidão da observação, determinava como eles eram vistos e quais eram as diferenças importantes”¹²¹.

As visões teológicas e médicas sobre a mulher são desdobramentos de uma mesma ideologia, que se expressava também no espaço político, a de que o homem era a norma, o padrão, e que a mulher era um desvio. Por isso, ela era vulnerável ao pecado e suscetível a pensamentos equivocados. Vale lembrar, nesse sentido, que a filosofia se fundou também na normatização masculina e excluiu a mulher da racionalidade.¹²² No espaço político, por sua vez, a presença feminina à frente de Estados Nacionais causava tal tensão e desconforto que rainhas, como Elizabeth I (1533-1603), procuravam construir imagens masculinizadas de si mesmas.¹²³

¹²⁰ Ibidem. Segundo o autor, houve também opiniões de que o clitóris, e não a vagina, seria o “pênis feminino”.

¹²¹ Ibidem. p. 111.

¹²² Sobre o gênero na constituição da filosofia ocidental ver LLOYD, Genevieve. *The man of reason. “Male” and “female” in western philosophy*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984. 138p.

¹²³ Sobre o discurso masculino de Elizabeth I ver LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo...* Op. cit. p. 159. Importante lembrar que na França vigorava nesse período a lei sálica, evocada no contexto da Guerra dos Cem Anos, que impedia as mulheres de subirem ao trono. No entanto, houve duas regentes de grande importância política no século XVII: Maria de Médici (1575-1642), mãe de Luís XIII, e Ana de Áustria (1601-1666), mãe de Luís XIV.

Embora a Igreja tenha produzido também imagens enaltecidas de mulheres, como as virgens e as santas, essas apareciam mais como criaturas excepcionais (e por isso mesmo louváveis), que não representavam o todo do seu sexo, conforme constatou Jean Delumeau.¹²⁴ Existira ainda no período medieval uma literatura profana, que apresentava uma imagem mais positiva da mulher¹²⁵, mas que não era, no entanto, bem recebida pela Igreja, assim como não expressava uma visão hegemônica do feminino.

Dessa forma, os antigos medos associados ao feminino foram uma constante no discurso hegemônico sobre as mulheres até o final do século XVII. Nesses discursos elas estavam relacionadas com a ação de Satã, a irracionalidade, o descontrole das emoções e até a própria morte e as doenças, que o corpo fraco e imperfeito das mulheres suscitava.

Decorrente dessas ideias havia a necessidade de controle do feminino, tanto do corpo, sobre o qual os médicos pretendiam exercer o domínio, quanto da mente fraca, o que levava à interdição do acesso à palavra. Não eram incomuns os textos médicos, literários, filosóficos ou jurídicos que detratavam as mulheres, alertando os homens para os perigos a elas associados, assim como para a necessidade de controlá-las. Mas, no princípio do período moderno a divulgação sem precedentes desse discurso misógino, graças ao desenvolvimento da imprensa e à circulação do texto impresso, provocou reações de oposição, principalmente por parte das próprias mulheres, o que acabou culminando com a famosa *Querelle des femmes* (Querela das mulheres), especialmente na França.

A *Querelle des femmes*, duradouro debate sobre as qualidades e os defeitos das mulheres e o papel delas na sociedade, pode ser vista como a origem de uma tradição do pensamento feminista. De acordo com Joan Kelly, no princípio da querela, que começou bem antes, com a escritora Christine de Pizan (1364-1430), as mulheres que escreviam estavam na maior parte do tempo defendendo o seu sexo de algum insulto. Essas escritoras geralmente haviam tido uma formação humanista e, apoiadas em figuras masculinas como o pai, tio ou esposo, tiveram acesso à palavra escrita para argumentar, por exemplo, que todo o ser humano poderia desenvolver as suas

¹²⁴ DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente*, 1300-1800: uma cidade sitiada. Tradução Maria Lúcia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 695p. p. 475.

¹²⁵ Referimo-nos especialmente ao “amor cortês” na literatura medieval, sobre o qual nos detemos mais adiante.

capacidades e habilidades, incluindo as mulheres. Se elas não desenvolviam o intelecto, era porque não recebiam a educação adequada.¹²⁶

Em meados do século XVII esse debate alcançou amplas proporções, pois ele acabou sendo afetado pelas práticas que ocorriam dentro dos salões literários, pelo aumento significativo do número de escritoras e pela visibilidade e notoriedade que essas mulheres ganharam. Por volta de 1643 (início da regência de Ana de Áustria), segundo a periodização de Myriam Dufour-Maître, teve início um fenômeno provocado por escritoras e mulheres sábias, as “preciosas”, que se estendeu até o final do reinado de Luís XIV, em 1715¹²⁷, e que modificou completamente o cenário dos debates intelectuais durante esse período.

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que a palavra “preciosa”, apesar do significado pejorativo com que foi empregada na época, no princípio era usualmente utilizada como sinônimo de adjetivos positivos, como bela, casta, sábia, honesta, racional, conforme demonstrou Dufour-Maître. Aplicado às mulheres que cultivavam o espírito, o termo pode ser frequentemente encontrado no sentido positivo na correspondência de Scarron, Segrais, Goudeau, Bussy-Rabutin, Madame de Motteville, Madame de Sévigné, por exemplo.¹²⁸

Em meados da época clássica esse adjetivo passou a definir uma espécie de mulher, mais comum e mais visível nos salões literários. A palavra designava a mulher que sabia não só ter uma conversação erudita e agradável, mas que também conduzia essa conversação; que conhecia autores antigos e atuais e sabia discuti-los; que dava seu julgamento pessoal sobre obras novas e que também escrevia, podendo inclusive apresentar sua própria obra no salão, embora isso fosse mais raro.

Com esses valores, o adjetivo passou a produzir a identificação de um grupo de mulheres. Isto é, de acordo com Myriam Dufour-Maître, dizer “você é *preciosa*” [“vous êtes *précieuse*”], ou seja, única, ilustre, passou a ser muito diferente de “você é *uma preciosa*” [“vous êtes *une précieuse*”]¹²⁹, que significava que a mulher dispunha de um conjunto de características associadas a esse novo grupo de mulheres sábias.

¹²⁶ KELLY, Joan. Early feminist theory and the *Querelle des Femmes*, 1400-1789. *Signs*, v. 8, nº 1, pp.4-28, 1982.

¹²⁷ DUFOUR-MAÎTRE, Myriam. *Les Précieuses...* Op. cit. p.15. Uma outra possibilidade de periodização para o fenômeno das preciosas citado pela autora, mas considerado demasiado estreito por ela, seria considerar apenas a década após a Fronda, de 1654 a 1665. Myriam Dufour-Maître estudou diversos aspectos desse fenômeno e seu livro é hoje considerado um clássico sobre o assunto.

¹²⁸ Ibidem. p. 41.

¹²⁹ Ibidem. p. 45. Os grifos são da autora.

Não há dúvidas de que foram os salões que permitiram a identificação dessas mulheres como um grupo. Mas, por que a atuação delas foi tão decisiva e tão diferente do que acontecera antes? Isso ocorreu porque as práticas sociais, os comportamentos e a literatura produzidos nos salões do século XVII tinham características originais. De acordo com Daniel Gordon, no espaço social que permitia a interação entre homens e mulheres foi inventada uma forma completamente nova de sociabilidade¹³⁰.

Como dissemos, os salões literários escapavam do controle monárquico que predominava nas academias. De acordo com Gordon, as formas de convivência inventadas através dos salões eram uma maneira que a aristocracia forjou para manter a sua própria autonomia e as liberdades individuais, sem entrar em confronto com o regime absolutista, ou, mais ainda, mantendo o absolutismo como a forma ideal de governo em seu imaginário. Os encontros nos salões se tornaram circunstâncias alternativas à vida na corte, na qual a hierarquia era a norma suprema.¹³¹

Dessa forma, Gordon se opõe à visão de Norbert Elias¹³², para quem o código de polidez da corte francesa é um símbolo da cultura francesa na sua totalidade. Norbert Elias dá ênfase para a hierarquia e as diferenciações produzidas pela sociedade de corte e conclui que esse era o principal modelo de convivência da aristocracia francesa (e que se estendia para a burguesia) no processo civilizador, onde o controle das maneiras era uma forma de produzir distinções. A discordância de Daniel Gordon está no fato de que esse modelo produzido pela sociedade de corte não foi o único adotado pela aristocracia e que muitos nobres fugiram desse sistema hierárquico e controlador, inventando novas formas de sociabilidade, principalmente nos salões literários.

Cabe destacar aqui que Norbert Elias concentrou seu estudo na corte francesa, principalmente em Versalhes, enquanto Daniel Gordon considera toda Paris e até mesmo a província francesa. Na realidade, Elias não considerou em absoluto o mundo dos salões e por isso sua teoria não contempla formas mais autônomas de sociabilidade

¹³⁰ GORDON, Daniel. *Citizens without sovereignty*. Equality and sociability in French thought. Princeton: Princeton University Press, 1994. 270p.

¹³¹ Referimo-nos aqui ao período específico do Antigo Regime, quando a corte estava atrelada à Monarquia. No período medieval existiram cortes menos dependentes do rei, com as quais os salões literários podem apresentar alguma semelhança, guardados os contextos bastante distintos.

¹³² ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 312p.

em relação ao Estado, exagerando, como comenta Gordon, o poder da corte como o único modelo de civilidade e polidez.¹³³

Para Gordon, o comportamento novo e alternativo presente nos salões literários evidenciava-se pela primazia dada à igualdade entre os participantes. Era um mundo onde, ilusoriamente e temporariamente, a hierarquia deixava de existir e onde os modelos de civilidade enfatizavam a reciprocidade. A ideia de uma convivência amigável e a da conversação que deveria, antes de tudo, ser uma experiência de troca e de prazer, levavam o salão a se caracterizar como um espaço democrático:

Os participantes devem aderir ao ethos transacional que requeria de cada indivíduo o reconhecimento do desejo dos outros de participar. Por exemplo, se a conversação é o prazer que uma pessoa procura, essa pessoa deve dar aos outros o direito de falar, ou então a troca de palavras irá cessar. Se alguém tenta monopolizar o processo, essa tirania irá destruir a fonte do seu próprio prazer. Isso é o que Simmel quer dizer quando ele se refere à inerente estrutura “democrática” da sociabilidade: a pessoa sociável deve ser igualitária, mas o igualitarismo é limitado ao ambiente que o produz. “Democrático”, nesse contexto, não implica o desejo de aplicar a ideia de igualdade a todas as esferas da vida. Mais exatamente, significa a aceitação de cada participante em um sistema particular de troca para exercer o papel de receptor assim como o papel de transmissor. [The participants must adhere to a transactional ethos that requires each individual to recognize the desire of others to participate. For example, if conversation is the pleasure one seeks, one must yield to others the right to speak, or else the exchange of words will cease. If one attempts to monopolize the proceedings, this tyranny will destroy the source of one’s own pleasure. This is what Simmel meant when he referred to the inherently “democratic” structure of sociability: the sociable person must be egalitarian, but this egalitarianism is limited to the sociable environment that produces it. “Democratic”, in this context, does not imply a wish to apply the idea of equality to all spheres of life. Rather, it means the willingness of each of the participants in a particular system of exchange to play the role of receiver as well as the role of transmitter.]¹³⁴

¹³³ GORDON, Daniel. *Citizens without sovereignty...* Op. cit. p. 88. Segundo Gordon, na teoria de Elias, mesmo aqueles que não participavam da corte acabavam absorvendo a sua ideologia e o seu rigoroso código de diferenciação, que preservava o senso de hierarquia em todos os aspectos da vida.

¹³⁴ *Ibidem*. p. 34. O trabalho de Georg Simmel citado pelo autor é “Sociability”, em Wolff, Kurt H. *The sociology of Georg Simmel*. Glencoe, 1950.

Assim, dentro do salão, no momento do encontro, o ideal de sociabilidade permitia que a igualdade fosse mantida entre homens e mulheres e aristocratas e burgueses¹³⁵, em contraste com a corte onde cada gesto e cada espaço eram produzidos para demarcar a posição hierárquica dos indivíduos. Como vimos na análise de Gordon, isso não significa dizer que homens e mulheres participantes de salões pregavam a democracia como forma política ou a igualdade entre todos os indivíduos na sociedade. Como destaca Anne E. Duggan, muitas mulheres que lutaram pela igualdade com os homens eram desfavoráveis à igualdade social, por exemplo.¹³⁶ O que queremos dizer é que nos encontros dos salões literários acontecia uma experiência de igualdade entre os participantes, de troca igualitária de conhecimentos e de afetos.

Essa experiência de igualdade era particularmente importante para as mulheres, porque, em primeiro lugar, a partir dela algumas escritoras, como Madeleine de Scudéry, começaram a imaginar que uma nova forma de relacionamento com os homens (mais igual) era viável. Além disso, era nessa prática de trocas de ideias que mulheres letradas tiveram a oportunidade de se apropriar de conhecimentos adquiridos pelos homens que haviam sido educados de forma mais completa do que elas.

Quanto à oposição da própria aristocracia aos tipos de comportamentos percebidos dentro da corte, notamos que a busca por espaços alternativos, onde novas atitudes pudessem ser experimentadas, não eram acidentais. Críticas às condutas na corte podem ser vistas em romances, como *La Princesse de Clèves*, de Madame de La Fayette, por exemplo, e em muitos manuais de civilidade e de conversação.¹³⁷ Não raramente a corte é representada nesses textos como um lugar onde as relações pessoais são falsas, onde cada pessoa deseja suplantar a outra em posição e onde a política e o poder minam perigosamente as relações sociais. Somaize, autor de *Dictionnaire des Precieuses*, definiu a corte em sua sátira como “o império dos olhares ou o obstáculo

¹³⁵ Lembramos que muitos burgueses letrados passaram a ser admitidos nos encontros semanais dos aristocratas e depois a receber convidados em suas próprias casas. O salão de Madeleine de Scudéry é considerado, por alguns autores, um “salão burguês”, porque muitos letrados que frequentavam esse salão provinham da Nobreza de Robe, que era uma parte da nobreza conhecida por ter origens burguesas. Ver a esse respeito DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies...* Op. cit. p. 93.

¹³⁶ Ibidem.

¹³⁷ Daniel Gordon faz inúmeras citações desse tipo de texto, dentre elas *Réflexions sur ce qui peut plaire ou déplaire dans le commerce du monde e Réflexions sur le ridicule et sur les moyens de l'éviter e Modèles de conversation pour les personnes polies*, de Jean-Baptiste Morvan de Bellegarde. Ver GORDON, Daniel. Citizens without sovereignty... Op. cit. p. 94-107. Sobre os manuais de civilidade ver também REVEL, Jacques. “Os usos da civilidade.” In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Vida Privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991. pp. 169-209.

das liberdades” [“Cour. – Le Cours: *L’empire des oeillades ou l’escueil des libertez.*”]¹³⁸.

Nos salões literários do século XVII o ideal de sociabilidade fazia com que os participantes fossem considerados iguais no momento do encontro, buscando naquela experiência o prazer da convivência, a satisfação da troca, e procurando usufruir do momento lúdico. Com esse comportamento os participantes tinham pretensões de fornecer para o restante da sociedade um modelo de vida baseado na *polidez*, na *civilidade* e na *galanteria*¹³⁹, mas não tinham pretensões, pelo menos durante esse século, de interferir diretamente ou debater com profundidade a política do Estado. São esses aspectos que levam Daniel Gordon a concluir que o salão era uma “esfera pública apolítica”¹⁴⁰.

Lembramos que uma primeira noção de esfera pública surgiu com as definições dos Estados Nacionais e que ela estava, portanto, ligada à esfera política. No entanto, como bem destaca Joan DeJean, foi no século XVII que começou a ser formulada outra noção de esfera pública, relacionada com uma nova visão do significado do termo público. Foi precisamente nesse século que começou a ser formulada a ideia do público como sendo uma audiência, isto é, da existência de um público para as artes – para a literatura, a pintura, a música. Esse público estaria apto a debater publicamente suas opiniões e a selecionar o que gostaria de assistir ou ler.¹⁴¹ O sentido do público, sendo assim, pode alcançar amplas proporções (e evoluirá depois para o que chamamos de opinião pública). No caso do salão vemos que ele é, antes de

¹³⁸ SOMAIZE. *Dictionnaire des Precieuses*, par le sieur de Somaize. Nouvelle édition augmentée de divers opuscules du même auteur relatifs aux Précieuses et d’une Clef historique et anecdotique par M. Ch.- L. Livet. Paris: P. Jannet, 1661. 408p. A primeira edição dessa obra é de 1660. Em francês *oeillade* significa um olhar furtivo, de convivência.

¹³⁹ As traduções de *politesse*, *civilité* e *galanterie* são utilizadas ao longo deste texto, embora elas pareçam não expressar em português a mesma força semântica que apresentam em francês, justamente porque na França essas palavras têm grande importância cultural.

¹⁴⁰ Daniel Gordon toma a expressão de Jürgen Habermas, cujo livro *Mudança estrutural da esfera pública* é uma das mais frequentes referências nos estudos sobre as esferas pública e privada. Ver HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. 2ª ed. Tradução de Flavio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. 398p. Sobre esse livro, destacamos as ressalvas de Joan DeJean, que se opõe a Habermas em dois aspectos, primeiro de que a esfera pública é eminentemente burguesa, pois a autora sustenta que a esfera pública surgiu no seio da aristocracia letrada; segundo de que esse processo é típico do século XVIII, pois para DeJean trata-se de uma transformação ocorrida no século XVII e está ligada aos processos culturais do universo literário nesse período. Ver DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos...* Op. cit.

¹⁴¹ Essa noção de público implica na possibilidade do julgamento pessoal de cada indivíduo, questão que discutiremos mais adiante.

tudo, uma audiência, todavia um tanto seleta, para a literatura (em primeiro lugar), mas também para a pintura e a música.

O que leva Daniel Gordon a constatar que os salões do século XVII constituíam uma “esfera pública apolítica” é que eles se organizavam na esfera doméstica, de forma autônoma, negando qualquer engajamento político (ou esse engajamento não era totalmente evidente). Por outro lado, eles promulgavam ideais de comportamento para a toda a sociedade. Segundo a sua análise, o conceito de *politesse* propagado dentro desses espaços como uma ideologia suprema, tornava o domínio privado mais importante que do que o político, quer dizer, a vida privada dos homens do mundo era mais elevada e superior do que poderia ser uma vida política.¹⁴² Era nessa esfera apolítica do mundo que os ideais públicos mais elevados iriam se concretizar: a igualdade, o pensamento racional, as ações virtuosas.¹⁴³

Erica Harth também enfatiza o problema há algum tempo debatido sobre o caráter público ou privado dos salões literários. Em sua análise podemos perceber o quanto essas definições fazem diferença, principalmente para as mulheres, porque as aristocratas e burguesas comumente permaneciam no espaço doméstico e enfrentavam grandes interdições à participação política. Se o salão for visto como um espaço público, esse é um dos poucos em que as mulheres tiveram ação predominante no período moderno, e essa é uma grande novidade do século XVII.

Harth chama a atenção para o fato de que a principal atividade do salão, a conversação, estava, direta e indiretamente, ligada à atividade da escrita. Portanto, mesmo o salão emergindo no espaço privado e sendo a atividade da *salonnière* associada à domesticidade (ao bem receber em casa, entre outras coisas), os salões alcançavam o público (a grande audiência) com a publicação das obras que nasciam no seu seio.¹⁴⁴

Dessa forma, os salões permitiam às mulheres irem a público através das suas obras escritas, já que essas obras, para serem impressas, dependiam tanto do ambiente favorável de produção de conhecimento (que era o salão), quanto da colaboração literária que os homens se dipunham a dar nesses espaços. Sendo assim, para Harth os salões eram os meios pelos quais as mulheres chegavam à esfera pública. Portanto, sua

¹⁴² O sentido de “político” aqui utilizado se vincula às ações que têm uma relação direta com a política de Estado. Não se trata, nesse caso, da noção mais ampla do político como uma forma de agir na sociedade.

¹⁴³ GORDON, Daniel. *Citizens without sovereignty...* Op. cit. p.112.

¹⁴⁴ HARTH, Erica. *The salon woman...* Op. cit.

opinião converge com a de Joan DeJean, de que a esfera pública foi criada no século XVII com a emergência dos romances escritos por mulheres.¹⁴⁵

A opinião de Harth vai também ao encontro à de Gordon, pois a autora mantém a problemática da questão política, já que, segundo ela, quanto mais políticos se tornaram os salões (no século XVIII, tendo os debates migrado das questões literárias para os conflitos do regime absolutista), menos as mulheres participaram deles.¹⁴⁶

Assim, concluímos que o salão, apesar de ter surgido na esfera privada, pode ser considerado um espaço público por diversos aspectos. Primeiramente porque ele era, antes de tudo, uma audiência para obras literárias, conforme afirma DeJean, e por isso permitia aos escritores e escritoras alcançarem um público através dele (de acordo com as conclusões de Harth). Por outro lado, o salão era público porque nele se promulgavam modos de convivência e ideais de vida que eram pensados como modelos de comportamento social, que seriam vivenciados fora do espaço privado, como destacou Gordon.

Esses ideais de vida foram elaborados com base em uma prática de convivência experimentada pelas pessoas que participavam desses espaços, influenciando diretamente na cultura francesa de modo geral e na literatura em particular. Assim, o que a cultura dos salões produziu foram mudanças nos comportamentos e na linguagem de uma elite social, que não tinha uma relação direta com mudanças do quadro político do Absolutismo.

Foram esses novos comportamentos e essa nova linguagem que produziram uma diferença entre o “mundo” e a “corte”, sendo que o mundo era regido por normas de sociabilidade amigáveis, onde deveria reinar o respeito e a sabedoria, onde problemas de ordem religiosa não deveriam interferir nas boas relações humanas. Já as representações da corte remetiam frequentemente a aspectos sociais regularmente desvalorizados na literatura “mundana”, como a ambição, a desconfiança, a mentira.

Nos salões desse período pretendia-se que fosse evitada toda sorte de confronto ou mal-estar, buscava-se simplesmente uma convivência amigável e agradável. Assim, os participantes viam nessas relações um novo modelo de vida e, como esse espaço era

¹⁴⁵ Ver HARTH, Erica. *The salon woman...* Op. cit. e DEJEAN, Joan. *Antigos contra modernos...* Op. cit.

¹⁴⁶ Isso não significa que as mulheres não tiveram participações importantes em eventos políticos, como a Fronda e a Revolução Francesa, mas que a inserção em debates de caráter político era ainda mais difícil para as mulheres, tendo em vista a formação que elas recebiam.

literário em sua essência, tornava-se fundamental que a estética acompanhasse as práticas sociais e fosse, portanto, reinventada.¹⁴⁷

A conversação que acontecia nos salões literários era uma prática social e era também a base da literatura. A partir dela surgiam as ideias, os valores e os parâmetros literários. Por isso, não são raros os exemplos de livros cuja autoria foi posteriormente debatida ou questionada, visto que, além de o anonimato ser uma prática comum, a criação se dava, de fato, de maneira coletiva, isto é, das inúmeras leituras em conjunto, dos intensos debates, da troca de informações e de pensamentos nasciam as obras literárias que se tornaram os clássicos da literatura francesa.¹⁴⁸ Porém, é importante destacar que a conversação não estava restrita ao salão literário, ela poderia acontecer em um passeio no jardim, por ocasião de uma visita ou numa longa viagem de carruagem, dentre outros momentos.

O salão de Madeleine de Scudéry é um exemplo da formulação desse modelo que unia as sociabilidades e os valores estéticos. A escritora narrou na série de tratados morais intitulados *Conversations*, escritos no final de sua vida, entre 1680 e 1692, o que ela considerava como ideais de conversação e de polidez, assim como o que ela pensava sobre a estética e a literatura.

Nos textos *De la conversation* e *De parler trop ou trop peu, et comment il faut parler*, percebemos que Madeleine de Scudéry, em seu papel de *salonnière*, desejava que a conversação caminhasse para um consenso, pensava que todos deveriam ter igual participação e que ninguém deveria ditar o tópico ou a direção a ser tomada. Qualquer assunto poderia entrar no debate, desde que ele proporcionasse prazer para todos os membros do grupo, pois esse era o objetivo fundamental. O direito de cada pessoa de expressar sua opinião ou comentário deveria ser respeitado, enquanto que a delicadeza dos gestos e das palavras era promulgada como uma forma de tornar o ambiente acolhedor e receptivo.¹⁴⁹

¹⁴⁷ Ver a esse propósito o livro de Alain Viala sobre a *galanterie*, que é vista pelo autor tanto como uma prática, quanto como um ideal estético. VIALA, Alain. *La France galante*. Essai historique sur une catégorie culturelle, de ses origines jusqu'à la Révolution. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. 540p.

¹⁴⁸ Um exemplo bem conhecido desse tipo de livro são as máximas de François de La Rochefoucauld (o Duque de La Rochefoucauld, amigo íntimo de Madame de La Fayette), formuladas enquanto ele frequentava o salão de Madame de Sablé. Ver LA ROCHEFOUCAULD, François de. *Réflexions, sentences et maximes morales*; mises en nouvel ordre, avec des notes politiques et historiques par M. Amelot de La Houssaye. Paris: E. Ganeau, 1714. A primeira publicação desse livro é de 1664.

¹⁴⁹ SCUDÉRY, Madeleine de. "De la conversation." In:____. *Conversations sur divers sujets*. Tome premier. Paris: Claude Barbin (au Palais, sur le Perron de la Sainte Chapelle), 1680. 384p. pp. 1-45. E SCUDÉRY, Madeleine de. "De parler trop ou trop peu, et comment il faut parler." In:____.

Logo de início fica clara a proposta de uma conversação que incluísse as mulheres em um debate intelectual elevado. Para Madeleine elas não deveriam perder tempo discutindo questões do cotidiano doméstico ou do cuidado com os filhos, assuntos considerados supérfluos e desagradáveis:

Com efeito, imagine você que eu me encontrava no meio de dez ou doze Mulheres que não falavam de outra coisa a não ser de todos os pequenos cuidados domésticos, dos defeitos dos escravos delas, das boas qualidades, ou dos vícios dos filhos delas; houve uma Mulher, entre outras, que empregou mais de uma hora a contar sílaba por sílaba as primeiras palavras que disse um filho que ela tem, o qual tinha só três anos. Julgue, depois disso, se eu não passei o meu tempo de uma maneira terrível.

[En effet, imaginez-vous que je me trouvay au milieu de dix ou douze Femmes qui ne parlerent d'autre chose que de tous leurs petits soins domestiques, que des defauts de leurs esclaves, que des bonnes qualitez, ou des vices de leurs Enfans ; & il y eut une Femme, entr'autres, qui employa plus d'une heure à raconter sillabe pour sillabe les premiers begayemens d'un Fils qu'elle a, qui n'a que trois ans. Jugez, après cela, si je ne passay pas mon temps d'une pitoyable maniere.]¹⁵⁰

Madeleine pensava que os assuntos sobre afazeres domésticos não contribuam para que as mulheres desenvolvessem igualmente aos homens a capacidade de realizar uma boa conversação. Porém, ela sabia das diferenças que existiam entre os dois sexos, de formação e de vivências, por isso era necessário que durante a conversação houvesse respeito pelo que cada pessoa tinha a dizer:

(..) quando um homem gosta de falar, somente porque a natureza lhe deu a facilidade de se expressar, que ele tem o espírito estendido, a imaginação viva, a memória preenchida por mil coisas escolhidas e razoáveis; que seu julgamento é o mestre de seu espírito, e da sua imaginação, e que a sua conversação tem o

Conversations sur divers sujets. Tome premier. Paris: Claude Barbin (au Palais, sur le Perron de la Sainte Chapelle), 1680. 384p. Esses textos foram publicados em 1653 no romance *Artamène ou Le Grande Cyrus*, como uma parte do episódio *Histoire de Sapho*, antes de serem publicados 1680, em *Conversations sur divers sujets*. A narrativa é um diálogo (forma literária recorrente nesse período) das personagens Cynégire, Sapho, Amithone, Erinne, Athys, Cydnon, Nicanor, Phaon, Alcé e Démocède, onde elas falam justamente sobre como deve ser uma boa conversação, quais os assuntos que são considerados agradáveis, como as pessoas devem se comportar, se é melhor falar muito ou pouco etc.

¹⁵⁰ SCUDÉRY. Madeleine de. De la conversation... Op. cit. p. 4. As palavras são da personagem Erinne.

verdadeiro ar do mundo, ele pode sem dúvida falar muito, sem falar demais; porque eu estou segura que, se esse homem é assim como eu digo, ele saberá se calar todas as vezes que ele quiser, que ele deixará falar todos aqueles que têm vontade (...). [(...) quand un homme aime à parler, seulement parce que la nature lui a donné la facilité de s'exprimer, qu'il a l'esprit étendu, l'imagination vive, la mémoire remplie de mille choses choisies et raisonnables ; que son jugement est maître de son esprit, et de son imagination, et que sa conversation a le véritable air du monde, il peut sans doute parler beaucoup, sans parler trop ; car je suis assuré que si cet homme est tel que je le dis, il saura se taire toutes les fois qu'il le voudra, qu'il laissera parler tous ceux qui auront envie (...).]¹⁵¹

Assim, mesmo que um homem de letras tivesse erudição suficiente para discorrer sozinho sobre um determinado assunto, fosse política, ciência ou literatura, ele demonstraria realmente a sua grandeza quando soubesse se calar, deixando também os outros expressarem as suas opiniões. Esse uso da palavra era muito importante para as mulheres, pois significava para elas a oportunidade de, mesmo sem ter tanta erudição quanto os homens, debater com eles de igual para igual.

Talvez seja importante esclarecer que as *Conversations* de Madeleine de Scudéry resultaram do que ela e seus amigos e amigas vivenciaram nas reuniões de sábado, nas quais a conversação tinha seu próprio regulamento; não sendo, portanto, um manual escrito a priori, conforme concluiu Delphine Denis:

Quanto aos termos “leis” e “regras” que, junto às numerosas marcas da modalidade deôntica (os verbos modais *dever*, *necessitar*, *querer*, os advérbios como *necessariamente* etc.) dão a esse texto o aspecto às vezes negativo de um corpo de prescrições, eles não devem provocar ilusão: se trata menos de impor regras e normas do que de elucidar os princípios intrínsecos de regulação que regem a enunciação dialógica. [Quant aux termes de « lois » et « règles » qui, joints aux nombreuses marques de la modalité déontique (les verbes modaux *devoir*, *falloir*, *vouloir*, les adverbes comme *nécessairement*, etc.) donnent à ce texte l'allure parfois maladroite d'un corps de prescriptions, ils ne doivent pas faire illusion : il s'agit moins d'imposer règles et normes que de

¹⁵¹ SCUDÉRY, Madeleine de. De parler trop ou trop peu... Op. cit. p. 6.

mettre en lumière les principes intrinsèques de régulation qui régissent l'énonciation dialogique.]¹⁵²

O fato desses dois textos citados de Madeleine de Scudéry terem sido publicados originalmente em um romance de enorme sucesso de público demonstra, de certa forma, como se deu o processo de desenvolvimento desse gênero literário, que tinha uma correspondência nas práticas sociais vivenciadas por escritores e escritoras. Muitos romances acabaram, assim, transmitindo para um público mais amplo os ideais de polidez, civilidade e galanteria, que foram pensados nesse período a partir das experiências dos letrados nos salões literários, assim como propagaram a ideia de que a igualdade entre os sexos podia ser imaginada.

A eclosão do romance como gênero literário, ocorrida no século XVII, e o fato das mulheres terem sido não só as grandes produtoras desse gênero, mas também a maioria do público leitor dessas obras, é um indício de que as transformações sociais ocorridas pela experiência de uma elite social e intelectual tinham eco no restante da sociedade. Foi justamente esse eco que provocou uma reação hostil por parte de alguns letrados que não viam com bons olhos todas essas mudanças e as pretensões igualitárias entre homens e mulheres.

1.4. Reações literárias e percepções de gênero, gosto e modernidade

Percebemos a importância da transformação na linguagem literária empreendida pelo movimento das preciosas justamente pela reação hostil daqueles que rejeitavam essa interferência feminina no âmbito cultural. Muitos homens de letras manifestaram o seu descontentamento com a influência da cultura dos salões na linguagem e nos comportamentos. O censor mais conhecido do fenômeno precioso é Molière, que com as suas peças *Les précieuses ridicules*, *Les femmes savantes*, *L'école des femmes*, entre outras, propagou pela aristocracia a imagem da “preciosa ridícula”, representando o seu comportamento como polidamente exagerado e de vocabulário pedante.

¹⁵² DENIS, Delphine. “De la conversation, notice.” In: SCUDÉRY, Madeleine. “*De l'air galant*” et autres *Conversations* (1653-1684). Pour une étude de l'archive galante. Edition établie et commentée par Delphine Denis. Paris : Honoré Champion, 1998. pp. 61-65.

Outro crítico das preciosas que obteve enorme sucesso no século XVII, sendo que seu livro alcançou inúmeras reedições, foi Antoine Baudeau Somaize. A partir de *Dictionnaire des Precieuses* (*Dicionário das Preciosas*) observamos que a transformação da linguagem em decorrência da atuação das mulheres letradas e das escritoras causava mal estar no mundo das letras e provocava a sátira.¹⁵³ Começa assim a segunda edição do famoso dicionário:

Seria me fazer uma injustiça querer que eu me tornasse responsável pelo Dicionário das Preciosas, não é obra minha, e, bem que eu tenha feito um corpo das partes que o compõem, eu não espero, no entanto, outra vantagem que aquela de divertir o leitor pela extravagância das palavras que eu recolhi e das quais elas são as inventoras.

[Ce seroit me faire une injustice de vouloir que je me rendisse garand du Dictionnaire des Precieuses, ce n'est pas mon ouvrage, et, bien que j'aye fait un corps des parties qui le composent je n'en attends pourtant point d'autre avantage que celui de divertir le lecteur par l'extravagance des mots que j'ay recueillis et dont elles sont les inventrisses.]¹⁵⁴

As expressões “divertir o leitor” e “a extravagância das palavras” já anunciavam o propósito da obra, cujo sucesso estava na maneira engraçada e sarcástica de ridicularizar as mudanças linguísticas provocadas pelo movimento das preciosas. Assim, nos deparamos com uma lista de palavras seguidas da forma “preciosa” de expressá-las, por exemplo: “água – a água: o elemento líquido” [“Eau – L'eau: L'element liquide”]; “as orelhas – as portas da compreensão” [“Les oreilles – les portes de l'entendement”]. Lemos também no dicionário explicações sobre a nova maneira de formular as frases: “Mulher : esta mulher é jovem : esta mulher tem ausências de razão” [“Femme – Cette femme est jeune: cette femme a des absences de raison”]; “Dançar – ele dança bem: ele dança propriamente” [“Danser – il danse bien: il danse proprement”].¹⁵⁵

É visível que a sátira de Somaize se funda no que conhecemos como preciosismo, isto é, uma linguagem que tende para a sutileza e a delicadeza exageradas. De fato, a cultura dos salões foi responsável por modificações semânticas na língua

¹⁵³ SOMAIZE. *Dictionnaire des Precieuses...* Op. cit.

¹⁵⁴ Ibidem. p. xxxix.

¹⁵⁵ Ibidem. p. xlvj / lij / xlvij / xlv.

francesa que acabaram sendo assimiladas pela sociedade letrada e fora dela. Não nos cabe aqui fazer julgamentos positivos ou negativos dessa transformação, mas sim perceber que as reações hostis a essas mudanças foram também reações contrárias à autoridade feminina em matéria de belas letras, conforme Duggan:

A contribuição dos salões de mulheres para a formação da linguagem francesa moderna não pode ser subestimada: elas procuraram eliminar as derivações gregas e latinas; elas desenvolveram, cultivaram e difundiram o uso de advérbios, metáforas e expressões ainda usadas hoje; e elas reformaram a ortografia. A influência linguística delas, a autoridade a qual foi reconhecida por Vaugelas no seu *Remarques sur la langue françoise* (1647), incitou retaliações por gramáticos como Scipion Dupleix, o qual desejava excluir as mulheres da participação no desenvolvimento da linguagem estabelecendo padrões educacionais inacessíveis a elas. De fato, a reação de Dupleix atesta para a extraordinária influência que as mulheres tiveram nas matérias linguísticas do período.

[Salon women's contribution to the formation of the modern French language cannot be underestimated: they sought to eliminate Greek and Latin derivations; they developed, cultivated, and diffused the use of adverbs, metaphors, and expressions still used today; and they reformed orthography. Their linguistic influence, the authority of which was acknowledged by Vaugelas in his *Remarques sur la langue françoise* [Remarks on the French Language] (1647), sparked retaliation by grammarians like Scipion Dupleix, who wished to exclude woman from participation in the development of the language by setting educational standards inaccessible to them. Indeed, Dupleix's reaction attests to the extraordinary influence women did have in linguistic matters of the period.]¹⁵⁶

Não podemos esquecer, dessa forma, que a transformação da linguagem pelas mulheres significava uma adaptação às palavras e aos temas que elas conheciam melhor, que o tipo de educação e as leituras que elas faziam lhes permitiam conhecer. Inserir-se no mundo das letras significava para as mulheres assimilar uma série de informações que eram próprias da educação dada aos homens e não a elas. Assim, parece bastante compreensível que elas tenham procurado transformar esse panorama a seu favor, inventando uma linguagem pela qual pudessem ser reconhecidas.

¹⁵⁶ DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies...* Op. cit. p. 44.

Conforme o estudo de Joan DeJean, essas questões das mudanças linguísticas e literárias ligadas ao gênero foi o que provocou a grande onda de ansiedade cultural que varreu a França no final do século XVII. Assim, o sucesso que começaram a fazer os romances e a influência cultural das escritoras terminou por causar uma enorme tensão no espaço das letras, relacionada a um sentimento de *fin de siècle*.¹⁵⁷

Joan DeJean chega a essa conclusão a partir do estudo da grande disputa travada dentro da Academia Francesa no final do século XVII, a chamada *Querela entre Antigos e Modernos*. Para exemplificar como essa querela se liga à atuação das escritoras, analisamos duas poesias que foram produzidas em meio ao intenso debate entre Antigos e Modernos: *Contre les femmes*, de Nicolas Boileau (1636-1711), e *L'Apologie des femmes*, de Charles Perrault (1628-1703).

Nessas duas poesias, produzidas dentre muitos outros escritos durante os longos anos do conflito entre Antigos e Modernos – que se iniciou em 1687 e somente se encerrou em 1715 – os autores abordam de forma clara o problema da inserção das mulheres no espaço letrado. Elas foram escritas pelos líderes das facções opostas: Boileau representava os Antigos e Perrault representava os Modernos.¹⁵⁸

Os Antigos defendiam bravamente o valor da poesia, que havia sido até então a forma literária mais valorizada. É importante notar, porém, que o problema mais grave sentido pelos Antigos não era a simples ascensão do romance como gênero literário, mas a forma como um público não especializado apropriava-se dessa literatura e sentia-se capaz de julgá-la, tarefa até então restrita aos homens de letras que participavam das academias.

De acordo com Joan DeJean, o romance proporcionava a criação de um novo público para a literatura e demonstrava um enorme potencial para fazer suscitar a opinião pública, o que foi amplamente incentivado por jornais, como *Le Mercure Galant*.¹⁵⁹ Não era necessário para um leitor ou uma leitora ter adquirido grandes conhecimentos sobre a Antiguidade Clássica para seguir os passos de Clélie, tampouco para compreender os dramas morais da Princesa de Clèves.

Um dos grandes pontos de conflito estava na maneira como os acadêmicos que se alinhavam a Boileau enxergavam o fazer literário. Para eles, os grandes autores, além

¹⁵⁷ DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos...* Op. cit. p. 72.

¹⁵⁸ Charles Perrault era membro da Academia Francesa e passou para a posteridade por ter escrito contos de fada de grande sucesso, dentre eles *A bela adormecida*, *Chapeuzinho vermelho*, *Cinderela*, *O gato de botas* e *O pequeno polegar*. Nicolas Boileau também era membro da Academia Francesa e foi poeta e historiógrafo real, são de sua autoria *L'Art poétique* e *Le Lutrin*.

¹⁵⁹ DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos...* Op. cit. p. 94.

de serem do sexo masculino, eram pertencentes à outra época, a Antiguidade Clássica, e seria impossível tanto julgar a qualidade de Homero, por exemplo, quanto imaginar um autor ou autora modernos sendo elevados ao mesmo grau de importância daqueles. Já os Modernos se propunham a pensar o cânone literário sempre em mutação, imaginando que um autor da sua época poderia ser considerado tão bom quanto os autores da Antiguidade. Consideravam, também, que uma literatura nova, marcada por características consideradas femininas, poderia entrar nesse cânone.

Dessa forma, os Modernos, ao defenderem o romance e a prosa, defendiam igualmente a capacidade que cada indivíduo poderia ter de julgar se uma obra lhe parecia boa ou não. Colocando em dúvida a validade do cânone já estabelecido, abriam eles espaço para a inserção de obras modernas no novo cânone que começava a se consolidar, ou ainda para a percepção de que este seria para sempre mutável, conforme o passar das épocas. Assim, os Modernos defendiam, na realidade, a necessidade de constante inovação da literatura francesa e a liberdade individual de interpretação de obras pelo público, enquanto os Antigos defendiam a manutenção da tradição interpretativa.

As mudanças literárias que os Antigos pretendiam barrar colocavam em dúvida não somente as formas literárias tradicionais, mas também a divisão hierárquica do feminino e do masculino na qual a literatura francesa estava consolidada, pois o gênero literário em ascensão estava identificado com as mulheres, não só porque elas eram em grande parte as escritoras dos romances, mas também porque um novo público formado por essa literatura estava se consolidando, o das leitoras.

Assim, segundo Joan DeJean, a grande ameaça sentida pelos Antigos, além da democratização da literatura, era “o potencial de feminizar-se o gosto francês”¹⁶⁰. O romance era um gênero considerado menor por aqueles que defendiam o maior valor da poesia épica ou lírica, justamente porque tratava das relações amorosas e dos sentimentos, assuntos considerados femininos. Essa guinada na cultura francesa levava os Antigos a pensarem que a virada do século poderia significar o fim da civilização tal como eles a compreendiam, o que gerava um sentimento de *fin de siècle*, isto é, um sentimento de limite, o prenúncio do declínio da civilização. Nesse caso, o declínio estava relacionado com o medo de que o feminino pudesse se sobrepor ao masculino nos valores culturais franceses.

¹⁶⁰ Ibidem. p. 72.

É importante destacar que, segundo o entendimento de Joan DeJean, podemos considerar que já havia no século XVII francês a noção de “civilização”, embora a palavra ainda não constasse nos dicionários do período. Segundo DeJean, embora a palavra *civilisation* não tivesse sido cunhada, outras palavras carregavam o mesmo sentido semântico nas obras literárias, como “século”, utilizada por Perrault em *Le Siècle de Louis Le Grande*, que trazia em si as noções de progresso, declínio e queda. Além de “século”, outros termos expressavam usualmente o conceito de “civilização”, tais como civilidade, polidez, sociedade, modos e gosto.¹⁶¹

O “tornar público” do processo literário e a ascensão do feminino na literatura desestabilizaram a elite cultural, trazendo à tona a possibilidade de um colapso da sociedade. A poesia de Nicolas Boileau, *Contre les femmes*, nos faz ver o quanto os conflitos de gênero envolvidos na crise do espaço letrado desse período levavam os Antigos a uma idéia de decadência da civilização francesa.

No auge da Guerra Cultural, Boileau escreveu essa sátira para demonstrar o quanto as mulheres eram as responsáveis pelo mau gosto literário que fazia com que os franceses corressem o risco de ver a sua literatura entrar em decadência. Note-se que quando Boileau escreveu esse texto (que ficou conhecido como *Sátira às mulheres*), Charles Perrault, o maior representante dos Modernos, já havia escrito *Le Siècle de Louis Le Grand e Parallèle des Anciens et des Moderns, en ce qui regarde les arts et les sciences*, que haviam suscitado reações diversas na Academia e fora dela.

Nessa sátira, Nicolas Boileau faz uma ligação entre os padrões morais de comportamento, a atuação das mulheres nos salões literários e a influência delas sobre os novos autores. O autor começa sua poesia descrevendo a história de um pobre rapaz que tinha uma série de qualidades, mas era um pouco fraco para lidar com dinheiro. Ele acabou por “encontrar um monstro horrível sob o hábito de uma menina” [“chercher un monstre effreux sous l’habit d’une fille”]¹⁶², isto é, casou-se com uma mulher que tinha todos os vícios possíveis. Ela adorava passar os dias jogando cartas e se divertindo e na sua cabeça cabiam apenas futilidades.

Por causa dos defeitos da sua mulher, dentre os quais a avareza, a história desse “pobre homem” tem um final trágico, onde vemos um cenário de destruição e de decadência. Esse casal termina suas vidas vestindo farrapos, sem filhos e sem criados, e

¹⁶¹ Dessa forma, Joan DeJean contrapõe-se à visão de Norbert Elias de que o conceito de “civilização” nasceu no século XVIII. Ibidem. p. 181-184.

¹⁶² BOILEAU, Nicolas. *Contre les femmes*. In: BOILEAU, Nicolas. *Satires*. Paris: Hatier, 1921. p. 75. Texto publicado pela primeira vez em 1694.

acaba sendo assassinado por ladrões.¹⁶³ Logo após essa terrível descrição de como uma mulher pode levar o esposo e o casamento à total decadência, Boileau inicia seus ataques às preciosas:

...Mas quem é que vem atrás dele?/ É uma preciosa, / O que resta destas inteligências outrora renomadas/ Que de um só golpe de sua arte Molière difamou. / De todos os sentimentos delas esta nobre herdeira / Mantém ainda aqui a seita afetada delas / É nas suas casas que sempre os insípidos autores / Vão se consolar do desprezo dos leitores. / Lá ela recebe as queixas deles; e sua douda residência / Aos Perrins, aos Coras, é aberta a toda hora. / Lá, encontra-se o gabinete do falso belo espírito / Lá, todos os versos são bons, contanto que sejam novos.
[... Mais qui vient sur ses pas? C'est une précieuse, / Reste de ces esprits jadis si renommés / Que d'un coup de son art Molière a diffamés. / De tous leurs sentiments cette noble héritière / Maintient encore ici leur secte façonnrière. / C'est chez elle toujours que les fades auteurs / S'en vont se consoler du mépris des lecteurs. / Elle y reçoit leur plainte; et sa docte demeure / Aux Perrins, aux Coras, est ouvert à toute heure. / Là, du faux bel esprit se tiennent les bureaux: / Là, tous les vers sont bons, pourvu qu'ils soient nouveaux.].¹⁶⁴

A lógica desse texto leva o leitor a pensar que assim como uma mulher destrói a vida de um marido, as escritoras estão destruindo a literatura francesa. Para o autor, as anfitriãs dos salões literários eram as responsáveis pela divulgação do mau gosto, da baixa literatura. Na visão de Boileau, como elas não tinham a formação necessária dentro da tradição literária, apreciavam, erroneamente, os autores novos, ou, pior ainda, apreciavam autores pelo fato de serem novos. Do ponto de vista de Boileau, só havia um bom gosto e as bases para sua definição já estavam estabelecidas. O novo, o moderno, era feminino. Assim, ele definia o mau gosto como gosto feminino.

De fato, as mulheres, sem educação formal, eram mais livres para inventar formas novas e mais receptivas ao novo de uma forma geral, segundo constatou Marcel Bernos: “Elas não recebiam, com efeito, nem os esquemas nem os *tics* de uma retórica que tornava os homens aptos a racionalizar tudo, sem dúvida, mas de maneira acadêmica e frequentemente um pouco estéril.” [“Elles ne recevaient, en effet, ni les

¹⁶³ Ibidem. p. 76.

¹⁶⁴ Ibidem. p.78. A referência a Molière é devido às peças *Les précieuses ridicules*, *Les femmes savantes*, *L'école des femmes*, entre outras.

schémas ni les tics d'une rhétorique qui rendait les hommes aptes à raisonner de tout, sans doute, mais de façon académique et souvent en peu stérile.”].¹⁶⁵

Na visão dos Antigos, as mudanças no cenário da literatura francesa, que tinham as mulheres como protagonistas, significariam necessariamente a decadência. Esse sentimento se aplicava tanto às mudanças nas formas literárias, quanto às mudanças sociais, ou seja, à nova interação entre homens e mulheres e à ascensão delas como escritoras.

Vemos que o ataque de Boileau ao estilo das escritoras vem acompanhado de uma crítica aos encontros nos salões literários (chamados de “seita”), onde as mulheres interagiam com escritores. De fato, não era do agrado de todos os letrados o papel de destaque que as mulheres ganhavam nos salões literários, realizando inclusive crítica literária, tampouco a emergência de espaços de sociabilidade não oficiais, que ameaçavam o poder das academias.

Assim, as *salonnières* exerciam uma autoridade que não era bem vista por muitos letrados, os quais, segundo Chartier, acreditavam que os salões enfraqueciam os homens, os tornando dependentes das mulheres e invertendo a organização social.¹⁶⁶ Dessa maneira, ataques aos salões eram frequentes (e se intensificariam no século XVIII) e, como mostra a sátira de Boileau, se confundiam com a crítica ao gosto feminino e ao estilo das escritoras.

Essa ligação é perfeitamente compreensível, tendo em vista que eram os encontros e a amizade com os escritores que permitiam às inexperientes autoras superar as deficiências da sua precária educação e assim refinarem a sua escrita, conforme Claude Dulong: “só aí se encontravam os teóricos, os gramáticos e os homens de talento que podiam ajudar ‘autoras’ ainda inexperientes a construir os seus enredos e a corrigir a sua sintaxe e o seu estilo”¹⁶⁷.

Vejam agora o outro lado da polêmica. Para Charles Perrault, que escreveu *L'Apologie des femmes* em resposta ao texto de Boileau, ser Moderno significava justamente compreender o papel que as mulheres desempenhavam na sociedade. Segundo o seu ponto de vista, as mulheres sábias contribuiriam para a construção de uma sociedade mais civilizada e mais polida.¹⁶⁸

¹⁶⁵ BERNOS, Marcel. La culture religieuse... Op. cit. p. 379. p. 64.

¹⁶⁶ CHARTIER, Roger. O homem de letras... Op. cit. p. 135.

¹⁶⁷ DULONG, Claude. Da conversação à criação... Op. cit. p. 481.

¹⁶⁸ PERRAULT, Charles. *L'apologie des femmes*. Par Monsieur P**. Paris: chez la veuve de Jean Baptiste Coignard et Jean Baptiste Coignard fils, 1694.

O que para muitos era uma potencial ameaça – a capacidade de moldar os comportamentos, exercida pelas mulheres no convívio dos salões literários – era, para outros, vista como uma contribuição à sociedade. Devemos lembrar que nesse período o comportamento polido e a observância das normas de etiqueta eram valores muito apreciados pela elite francesa, tendo em vista que desempenhavam importante papel no processo de diferenciação social.

Charles Perrault utilizou esse argumento quando saiu em defesa das escritoras e de seus romances. Segundo o autor, devia-se às mulheres e ao feminino o refinamento do gosto e o desenvolvimento da civilidade:

Pode você não saber que a Civilidade / nas mulheres nasceu com a honestidade? / Que nelas se encontra a fina polidez, / o bom ar, o bom gosto e a delicadeza? / Olhe um pouco de perto aquele Lobisomem, / Longe das mulheres viveu fechado no seu buraco, / Você o verá sujíssimo, desajeitado e selvagem, / Selvagem nos seus comportamentos, rude na sua linguagem, / Sem poder pensar nada de refinado, de engenhoso, / Nada dizer que não seja duro ou velho. / Se ele junta a esses talentos o amor da Antiqualha, / Se ele acha que nos dias de hoje não fazemos nada que valha, / E que ele pode fazer críticas a qualquer bom Moderno / Com todos esses dons reunidos se constrói o Pedante, / Tanto o mais fastidioso, quanto o mais imundo, / de todos os animais que rastejam no mundo.

[Peux-tu ne sçavoir pas que la Civilité / Chez les Femmes nâquit avec l'Honnestété? / Que chez elles se prend la fine politesse, / Le bon air, Le bon goust, et la delicatesses? / Regarde un peu de prés celuy qui Loupgarou, / loin du sexe a vescu renfermé dans son trou, / Tu le verras crasseux, mal-adroit et sauvage, / Farouche dans ses moeurs, rude dans son langage, / Ne pouvoir rien penser de fin, d'ingenieux, / Ni dire jamais rien que de dur ou de vieux. / S'il joint à ces talens l'amour de l'Antiquaille, / S'il trouve qu'en nos jours on ne fait rien qui vaille, / Et qu'à tout bon Moderne il donne un coup de dent, / de ces dons rassemblez se forme le Pedant, / Le plus fastidieux, comme le plus immonde, / De tous les animaux qui rampent dans le monde.]¹⁶⁹

Reparamos que, de acordo com o texto de Perrault, os Antigos, quando adquiriam a postura misógina desejando afastar as mulheres do seu convívio social, são comparados a animais selvagens ou mesmo mitológicos, como o Lobisomem. O autor

¹⁶⁹ Ibidem. p. 8.

se remete, assim, à idéia de civilidade com o sentido de humanidade, já que, conforme Jacques Revel, controlar o comportamento, demonstrar polidez, seja nos gestos ou nas palavras, significava afastar-se da animalidade, como indicavam os manuais de civilidade que circulavam desde o século XVI.¹⁷⁰

Portanto, de acordo com a visão de Perrault, os Antigos, ao desejarem afastar as mulheres do seu convívio, aproximavam-se dos animais selvagens e se afastavam da evolução da sociedade em direção à civilidade. Dessa forma, o autor transformava o valor tradicionalmente negativo dado ao feminino (associado ao perigoso e ao impuro), em um valor positivo, pois associado à civilidade e, portanto, ao bom gosto.

Do ponto de vista de Perrault, as mudanças na literatura e no espaço das letras estavam atreladas às mudanças sociais, acreditando que a inovação literária dependia de uma nova postura frente aos valores sociais de gênero. O autor convoca os leitores para, em vez de aceitarem facilmente os defeitos considerados femininos (frivolidade, irracionalidade, inconstância, por exemplo), prestarem mais atenção às mulheres honradas e virtuosas e sobre as quais pouco se falava.¹⁷¹

Podemos perceber que Perrault expressa um ideal de comportamento feminino, no qual nem todas as mulheres se inseriam, pois o autor acreditava que essas mulheres honradas que exerciam um papel importante na difusão da civilidade e da polidez poderiam ser encontradas principalmente nos hospitais, cuidando de doentes, ou em casa, esperando a chegada do pai ou do marido, quando eles voltavam à noite, e não nas *Tuileries* ou na corte.¹⁷² Na realidade Perrault baseia seu argumento em favor das mulheres nas concepções de casamento e de família, na boa esposa dedicada ao marido. A mulher honesta que iria contribuir para o desenvolvimento da civilização era aquela que tinha um comportamento exemplar como mãe e esposa e que deveria ser bem educada para poder cumprir o seu papel.

De toda forma, o líder dos Modernos propõe uma nova maneira de ver as relações entre os sexos na instituição matrimonial, pois reflete sobre a necessidade dos maridos prestarem atenção nas capacidades intelectuais de suas mulheres: “É verdade que nos casamentos deles / Nem sempre encontraram esposas sábias; / Mas, teriam eles a coragem de ousar murmurar sobre isso? / Teriam eles tentado as encontrar no casamento?” [“Il en est, il est vray, qui dans leurs mariages / N’ont pas toujours trouvé

¹⁷⁰ REVEL, Jacques. Os usos da civilidade... Op. cit. p. 174.

¹⁷¹ PERRAULT, *L’apologie des femmes*... Op. cit. p. 5.

¹⁷² Ibidem. p. 6.

des Epouses bien sages; / Mais auroient-ils le front d'en oser murmurer? / Ont-ils en épousant tâché d'en rencontrer?"¹⁷³.

Assim, vemos que na visão de Perrault as mulheres deviam ser educadas e poderiam compartilhar do conhecimento humano, pois essas mulheres honradas e honestas poderiam contribuir para a boa ordem social. Não deixava de ser uma visão prescritiva para o comportamento das mulheres, mas expressava uma noção positiva do feminino, se comparada com os textos misóginos que circulavam nessa época.

O pensamento de Perrault se aproximava de algumas questões colocadas por escritoras do período, especialmente da ideia de que era necessário respeitar as vontades das mulheres e acreditar nas capacidades femininas para que elas pudessem se educar e desenvolver seu intelecto. Do ponto de vista dos Modernos a crença de que os indivíduos deveriam desenvolver a sua capacidade de julgamento pessoal para poderem opinar e julgar obras literárias de acordo com seu próprio gosto, ligava-se à forma positiva como eles viam a inserção das mulheres no mundo das letras.

A atuação das preciosas colocava em dúvida a divisão de gênero presente no ambiente letrado e na sociedade como um todo. Além disso, grande parte dos escritos produzidos por mulheres trazia à tona pensamentos, indagações, demandas que eram próprias da experiência feminina, o que abalava as representações sociais da sociedade estruturada sobre o masculino. Dessa forma, enquanto alguns Antigos supunham que a ascensão do feminino seria o fim da civilização francesa, certos Modernos, como Perrault, acreditavam que isso fazia parte do tempo presente, da evolução em direção à civilidade.

As questões colocadas por Boileau e Perrault são representativas de um momento de crise no espaço letrado e de mudanças sociais em função de eventos literários. Para muitos homens de letras era inesperado e ameaçador o descontrole sobre as publicações e a circulação dos livros, em especial dos romances.

Em decorrência do aumento da alfabetização da população em geral e das mulheres em particular, tornava-se muito perigosa essa nova postura de leitores e leitoras que agora discutiam as histórias dos romances. O acesso ao debate sobre o gosto provocado por esse gênero literário era uma verdadeira preocupação para aqueles que não só queriam manter a autoridade do saber, mas que pensavam que o rumo da civilização francesa estava ameaçado.

¹⁷³ Ibidem. p. 9.

O mal-estar em relação ao gênero tinha motivo: as mulheres estavam tomando um espaço na sociedade letrada nunca antes alcançado, as ideias delas e a literatura que produziam se propagavam rapidamente, o que estaria “feminizando” a cultura, pois elas traziam para a cena literária o debate sobre o amor, as emoções e a igualdade entre os sexos e um ponto de vista construído a partir das suas experiências como mulheres.

Evidentemente, as mulheres letradas e as escritoras não agiam sozinhas, era justamente da proximidade com os homens de letras, seus amigos, que surgia uma nova forma de pensar o mundo, a estética e a literatura. Muitos homens de letras, como Perrault, Ménége, Segrais, Pellisson, La Rochefoucault, Pascal, Conrart, entre outros, viam positivamente a inserção das mulheres nesses espaços de conhecimento e acreditavam que elas não só eram capazes de participar do mundo do saber, como de contribuir para a evolução social rumo à modernidade. Esses homens foram amigos das escritoras, seus cúmplices, seus companheiros, seus colaboradores, como veremos mais detalhadamente nos capítulos a seguir.

Assim, bem mais do que ver a inserção das mulheres de uma elite social no espaço letrado como uma disputa de poder entre elas e os homens, precisamos compreender que os problemas de gênero na cultura escrita do Antigo Regime estavam arraigados nas formas de ver a sociedade como um todo.¹⁷⁴ O momento era de transformações sociais e culturais importantes no mundo das letras, portanto, era também um momento de grandes tensões e conflitos.

A ideia de *civilização francesa* se propagava no mesmo momento em que a literatura ganhava um valor social superior, formando o primeiro cânone literário moderno. Podemos visualizar que no decorrer desse processo a atuação das mulheres como escritoras teve fundamental importância, fazendo suscitar um debate que colocava à mostra as percepções do masculino e do feminino na sociedade.

¹⁷⁴ Por exemplo, Anne Dacier, que fez importantes traduções para o francês da *Ilíada* e da *Odisséia*, foi a escritora que sucedeu Boileau no início do século XVIII na defesa dos Antigos e contra o romance. Ela publicou, em 1714, *Des Causes de la corruption du goust* (*Causas da corrupção do gosto*).

CAPÍTULO II

O CONFLITO EM TORNO DA EDUCAÇÃO E DA MEMÓRIA

Os debates sobre as capacidades intelectuais femininas e a educação de mulheres foram intensos no século XVII. No curso da Reforma Católica a necessidade de educar as meninas passou a integrar as grandes preocupações da Igreja, proporcionando a disseminação de escolas femininas dentro dos conventos. Por outro lado, a disseminação dos salões literários tornou visível a capacidade das mulheres em desenvolver a racionalidade e debater seriamente assuntos considerados sérios e elevados, apesar das resistências ao reconhecimento da autoridade desses espaços mistos no mundo das letras.

Assim, naquele momento não era mais possível para os letrados ignorar a existência de um conflito que tinha como causa os interditos impostos às mulheres no acesso ao conhecimento. As participantes dos salões e as religiosas (que organizavam as escolas) questionavam a manutenção desses interditos, provocando instabilidade no masculino ambiente das letras. Instalado o conflito, alguns letrados se filiaram à ideia corrente de que a educação das mulheres era essencial para o desenvolvimento da sociedade, mas que também era preciso impor limites a esse aprendizado, tendo em vista a natureza fraca do sexo feminino.

Porém, havia outros que observavam as capacidades que mulheres apresentavam em desenvolver um pensamento original da mesma forma que os homens e que ajudaram a promover uma nova concepção do papel das mulheres na sociedade.¹⁷⁵ Por sua vez, mulheres letradas como Jacqueline Pascal e Madeleine de Scudéry, esforçaram-se para demonstrar que o mundo do saber lhes dizia respeito. Elas se valeram de táticas para disseminar a ideia de que o desenvolvimento intelectual era uma característica própria do seu sexo.

Uma das formas de demonstrar que as mulheres possuíam capacidade intelectual para desenvolver outras atividades além das de mãe e de esposa era recorrer a exemplos de mulheres do passado que se destacaram como eruditas e que haviam contribuído em importantes eventos políticos. Dessa forma, um fator importante na luta pelo acesso aos bens do conhecimento pelas mulheres era a construção de uma memória

¹⁷⁵ Dentre esses escritores podemos citar Charles Perrault, Gilles Ménage, Jean de La Fontaine, Jean-Regnault Segrain e François Poullain de La Barre, que escreveram obras nas quais mostravam a relação positiva que poderia haver entre as mulheres e a intelectualidade.

que pudesse associar ao feminino a racionalidade e a capacidade de ação no espaço público.

Nesse sentido, obras de autoria feminina que evocavam a memória de mulheres letradas, filósofas, poetisas e eruditas funcionavam como uma das táticas do movimento favorável à instrução feminina. A evocação dessa memória se tornou no século XVII um meio privilegiado por escritoras como Madeleine de Scudéry para criar referências culturais femininas associadas à produção do conhecimento, assim como à história. A visualização da participação de mulheres na história e nos acontecimentos políticos era uma maneira de valorizar os predicados femininos que iam além da domesticidade e da subserviência e de mostrar que tais predicados eram favoráveis e compatíveis com os interesses da sociedade.

Jacqueline Pascal, quando se tornou a irmã Jacqueline de Sainte-Euphémie no Monastério de Port-Royal, inseriu-se no embate pela instrução das meninas em uma instituição na qual as religiosas lutavam por autoridade e por autonomia no comando da vida monástica. Não foi por acaso que as freiras pertencentes a esta instituição sofreram uma longa perseguição pelo poder real e pela própria Igreja. Em meio a essa perseguição elas fizeram grande esforço para narrar os acontecimentos nos quais estiveram envolvidas, assim como para registrar tudo o que elas realizaram, ação que pode ser vista como uma vontade de erigir uma memória que as colocassem entre aquelas mulheres do passado capacitadas no exercício da razão.

Desse modo, neste capítulo analisamos como os escritos de Jacqueline Pascal e Madeleine de Scudéry são reveladores da ligação existente, no século XVII, entre a instrução feminina e a construção da memória de mulheres sábias, pois vemos a evocação de mulheres letradas do passado como uma das táticas para evidenciar que a racionalidade não era antagônica ao feminino e que a existência e a construção de uma tradição eram fundamentais para a instrumentação de mulheres aspirantes ao mundo das letras.

2.1. A atuação das religiosas e o debate sobre a educação de meninas

Conforme Martine Sonnet, nas três últimas décadas do século XVII disseminou-se no meio intelectual francês uma reflexão pedagógica sobre a educação de mulheres. Nesse momento surgiram programas educativos mais bem elaborados do que

os formulados na primeira metade do século. Foi nos anos de 1670 e 1680, com a publicação dos trabalhos de Fleury, Fénelon, Madame de Lambert e Poullain de La Barre que o tema do acesso das meninas ao conhecimento se afirmou decisivamente no debate intelectual. Segundo Sonnet, as poucas compilações de ideias sobre a educação de meninas publicadas até a década de 1670 não haviam sido capazes de fazer suscitar um debate de grande abrangência.¹⁷⁶

Segundo Sonnet, *l'Honnête femme* de Du Bosc, de 1632, por exemplo, afirmava as disposições femininas para as artes, em especial para a música, assim como para a história e a filosofia. Já *l'Honneste fille, dédiée à Mademoiselle*, de 1639, de Grenaille, apresentava-se como um audacioso plano de educação para as mulheres, incluindo o ensino de lógica, física, retórica, grego, latim, italiano, espanhol e história da França.¹⁷⁷ As características demasiado liberais dessas propostas podem ter contribuído para que elas não surtiram o efeito que os autores desejavam. Contudo, outros fatores também favoreceram o aparecimento do debate mais efusivo no final do século e não antes.

De acordo com a autora a eclosão do debate aconteceu nesse momento específico devido a dois fatores preponderantes: por um lado, na perspectiva literária, havia o estímulo de quase todo um século de querelas a respeito das mulheres e de sua participação na vida pública, na construção do conhecimento e na literatura francesa; de outro lado, na perspectiva social, havia a possibilidade de apreciar pelo menos cem anos de iniciativas na educação feminina nascidas da voga reformista católica.¹⁷⁸

Segundo Elizabeth Rapley foi principalmente a estruturação das escolas femininas empreendida por religiosas que mudou completamente a maneira como se pensava a educação de mulheres na França.¹⁷⁹ Assim, a publicação de programas específicos para a educação de meninas e as propostas de reflexão sobre esse tema surgiram posteriormente às iniciativas das ordens religiosas femininas no ensino de

¹⁷⁶ SONNET, Martine. Que faut-il apprendre aux filles? Idéaux pédagogiques et culture féminine à la fin du XVIIe siècle. *Papers on French Seventeenth Century Literature*. Vol. XXII, n° 43, pp. 369-378, 1995.

¹⁷⁷ Ibidem. p. 369.

¹⁷⁸ Ibidem. p. 370.

¹⁷⁹ RAPLEY, Elizabeth. *A social history of the cloister: daily life in the teaching monasteries of the Old Regime*. Montreal / Kingston / London / Ithaca: McGill-Queen's University Press, 2001. 379p.

meninas, especialmente as realizadas pela Ordem de Santa Úrsula e pela Ordem da Visitação.¹⁸⁰

Podemos notar, dessa forma, que muitos dos programas educativos propostos no final do século apareceram com a intenção de colocar limites à expansão sem rédeas do movimento pelo ensino feminino. As publicações que tratavam desse tema no final do século objetivavam enquadrar o movimento nos padrões considerados adequados ao papel social das mulheres e impedir que o ensino feminino tomasse rumos indesejados.

No curso do século XVII as congregações religiosas católicas de ensino se multiplicaram e passaram a ocupar de fato o terreno da instrução das meninas, fosse pelas escolas de caridade para as mais pobres, fosse pelos pensionatos para as mais afortunadas.¹⁸¹ Essas escolas foram um dos grandes pilares da reestruturação do catolicismo em tempos de Reforma, pois elas representavam uma maneira eficiente de utilizar o papel das mulheres dentro da casa para lutar contra o protestantismo, num momento em que os protestantes já se encontravam muito à frente dos católicos no que se referia ao ensino e à pregação.¹⁸²

Segundo Rapley, além da necessidade sentida pela Igreja Católica de tomar um espaço que estava sendo ocupado pelos protestantes, a rápida expansão das escolas para meninas também foi favorecida pela verdadeira “invasão”¹⁸³ de conventos ocorrida na primeira metade do século XVII, acompanhada pelo intenso aumento no número de mulheres que entraram para a vida religiosa.

Em grande parte como decorrência das destruições causadas pelas guerras religiosas no século XVI, as instituições monásticas femininas encontravam-se enfraquecidas, tanto no que se referia ao número de casas quanto à função que desempenhavam.¹⁸⁴ Além do incentivo ao aparecimento das novas instituições provocado pela nova função educativa que deveriam desempenhar, o fenômeno de expansão de abadias, mosteiros e conventos também é compreendido por Elizabeth Rapley a partir de outro processo próprio do período da Reforma: o do surgimento de novas ordens religiosas, cada qual buscando o seu espaço e o seu campo de atuação.

¹⁸⁰ A Ordem de Santa Úrsula foi fundada em Brescia, na Itália, em 1535, por Angela Merici. Na França as primeiras religiosas pertencentes a essa ordem surgiram no final do século XVI. A Ordem da Visitação foi fundada por François de Sales e Jeanne de Chantal em 1610, em Annecy, na França.

¹⁸¹ SONNET, Martine. *Que faut-il apprendre aux filles?...* Op. cit.

¹⁸² RAPLEY, Elizabeth. *A social history of...* Op. cit. p. 14.

¹⁸³ *Ibidem.* p. 16.

¹⁸⁴ *Ibidem.* p. 15.

As Reformas religiosas se iniciaram num momento em que a aristocracia sentia necessidade de reaproximar-se da fé. No início do século XVI essa necessidade corroborou para que os aristocratas apoiassem financeiramente a criação de novas ordens religiosas, tanto masculinas, como a Companhia de Jesus e a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, quanto femininas, como a Ordem de Santa Úrsula. No princípio do século XVII surgiram ainda outras ordens, como a Ordem da Visitação. Essas ordens correspondiam às demandas da aristocracia, que preferia entregar os seus filhos e filhas para instituições que pudesse controlar mais de perto.

Porém, essa transformação no seio da Igreja não ocorreu sem conflitos. Em primeiro lugar, com o surgimento de muitas ordens diferentes tornaram-se inevitáveis as disputas e discórdias entre elas.¹⁸⁵ Um dos embates mais conhecidos foi o da rivalidade entre Jesuítas e Capuchinhos, que envolvia diretamente o Monastério de Port-Royal e o ensino de meninos. Os Jesuítas, que dominavam grande parte das instituições de ensino, educavam em latim, enquanto nas *Petites écoles de Port-Royal*¹⁸⁶, onde os Frades Capuchinhos exerciam grande influência, educava-se em francês e experimentavam-se novas técnicas pedagógicas, com uma relação mais próxima entre professores e alunos.¹⁸⁷ A tomada de espaço no setor educacional e as inovações pretendidas por Port-Royal não eram bem vistas pelos Jesuítas, que estimularam a Monarquia a decretar o fim da instituição.¹⁸⁸

Outro problema gerado pela disseminação de instituições religiosas era o do próprio espaço físico que elas ocupavam. Cada prédio adquirido pelas ordens religiosas, fosse urbano ou rural, significava menor arrecadação de impostos pela Monarquia, pois a Igreja desfrutava de numerosas isenções. Além disso, a coroa preocupava-se com a falta de controle sobre o que acontecia no interior desses locais e sobre a influência que eles passaram a exercer perante a sociedade.

O descontentamento relativo à desvantagem financeira e o receio da Monarquia quanto ao excessivo poder das ordens religiosas foi tão grande que chegou ao ponto de levar o ministro das finanças de Luís XIV, Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), a ordenar uma fiscalização geral dos mosteiros por funcionários da coroa, do que decorreu o

¹⁸⁵ Ibidem. p. 18.

¹⁸⁶ As *Petites Écoles de Port-Royal* (pequenas escolas do Monastério de Port-Royal) foram escolas para meninos organizadas por leigos chamados de Solitários que viviam junto ao prédio do monastério de Port-Royal des Champs.

¹⁸⁷ DELFORGE, Frédéric. *Les Petites écoles de Port-Royal : 1637-1660*. Paris: Cerf, 1985. 438p.

¹⁸⁸ Os conflitos religiosos envolvendo o Monastério de Port-Royal serão analisados mais adiante neste capítulo.

fechamento de alguns deles.¹⁸⁹ Colbert expressava a preocupação em reduzir a entrada de mulheres em conventos, sugerindo que fosse diminuído o alto valor dos dotes pedidos nas negociações de casamentos, o que era para ele um dos motivos que levava as famílias a encaminhar suas filhas para a vida religiosa.¹⁹⁰

De fato, devemos considerar que não eram apenas sentimentos religiosos que influenciavam a entrada das mulheres nos conventos. Além do problema financeiro causado pelas dificuldades em dotar mais de uma filha, muitas famílias resolviam o problema de meninas desobedientes ou desafiadoras enviando-as para casas religiosas.

Quando não conseguiam casar uma menina restavam poucas opções para as famílias aristocratas e burguesas. Para os meninos existiam algumas alternativas de carreira quando eles não obtinham bons casamentos, como a militar ou a de funcionário da coroa, assim como a dedicação às letras podia conduzir um homem à profissão de secretário ou de historiógrafo. Para as meninas não existiam muitas possibilidades além do casamento, de forma que os votos religiosos eram o caminho seguido por muitas meninas que não possuíam qualquer vocação religiosa.¹⁹¹

Famílias resolviam o problema da falta de vocação enviando meninas ainda crianças para os monastérios, de forma que elas nem mesmo experimentassem a vida exterior, conforme destaca Roger Duchêne.¹⁹² Antes de ocorrer uma série de reformas no século XVII, outro fator que favorecia a entrada de mulheres sem vocação nas instituições religiosas femininas era que muitas delas não adotavam regras rígidas em seu funcionamento, permitindo uma série de liberdades e divertimentos.¹⁹³ Justamente em decorrência dos considerados “escândalos”¹⁹⁴, da maneira pouco rígida como era conduzido o cotidiano dentro das casas religiosas, é que surgiram no século XVII

¹⁸⁹ RAPLEY, Elizabeth. *A social history of ...* Op. cit. p. 20.

¹⁹⁰ As opiniões de Colbert podem ser analisadas a partir da correspondência deixada por ele, conforme demonstrou Elizabeth Rapley. Ver RAPLEY, Elizabeth. *A social history of...* Op. cit. p. 21.

¹⁹¹ De acordo com Roger Duchêne, Jacques Eveillon, no seu livro *Traité des excommunications*, de 1651, estimou que um terço das religiosas pronunciavam os votos a contragosto. Ver DUCHÊNE, Roger. *Etre femme au temps de Louis XIV*. Paris: Perrin, 2004. 428p. p. 75.

¹⁹² Ibidem. p.73.

¹⁹³ Ibidem. p.71.

¹⁹⁴ Tanto Elizabeth Rapley quanto Roger Duchêne destacam a preocupação da Igreja com os considerados “escândalos” ocorridos dentro de conventos até o início do século XVII, isto é, com a forma pouco rígida com que era conduzido o cotidiano de algumas casas religiosas, permitindo às freiras certos divertimentos, um número excessivo de visitas ou pouca dedicação às práticas religiosas. Ver RAPLEY, Elizabeth. *A social history of...* Op. cit. e DUCHÊNE, Roger. *Etre femme au temps...* Op. cit.

regulamentações e constituições monásticas com a função de moralizar as práticas dentro dos mosteiros.¹⁹⁵

Esses problemas conduziram ao debate sobre a necessidade da vocação religiosa para as mulheres, do seu livre arbítrio para seguir ou não o caminho da religião e da idade mínima para professar os votos, assuntos que foram caros a Jacqueline Pascal em sua função de mestre de noviças e de professora do pensionato de Port-Royal. A própria noção de “vocação” foi introduzida na teologia pelo mais importante dos diretores de Port-Royal, o abade de Saint-Cyran (1581-1643).¹⁹⁶

Outro problema que se colocava no século XVII na relação entre as mulheres e a vida religiosa era o da clausura. Nem sempre as religiosas foram obrigadas a ela, pois a decisão de impedir qualquer contato das freiras com a realidade exterior aconteceu com a bula *Periculoso*, de Bonifácio VIII, de 1298, a mesma que determinava a necessidade de tomar votos solenes.¹⁹⁷ A determinação significava a vontade da Igreja de manter a qualquer custo a castidade dessas mulheres, cujo celibato era um símbolo fundamental da pureza da instituição.¹⁹⁸ Devemos lembrar também que o misticismo e a heterodoxia estavam associados no plano discursivo à fraca natureza feminina, de forma que a decisão do Papa vinha corroborar com a ideia de que era necessário manter total controle sobre a mente e o corpo das mulheres.¹⁹⁹

Apesar das determinações da *Periculoso*, relatos confirmam que a resolução de Bonifácio VIII não foi cumprida, de forma que no Concílio de Trento foi necessário reafirmar a decisão de enclausurar as religiosas, na sessão de quatro de dezembro de 1563²⁰⁰, adicionando inclusive sanções para aquelas que ousassem violar a regra. Desta

¹⁹⁵ WEAVER, F. Ellen. *La Contre-Réforme et les Constitutions de Port-Royal*. Paris: Cerf, 2002. 242p.

¹⁹⁶ SELLIER, Philippe. Qu'est-ce que Port-Royal ? *Publications électroniques de Port-Royal*, série 2009. Disponível em: <http://www.amisdeportroyal.org/bibliotheque/!/?Qu-est-ce-que-Port-Royal.html>. Consultado em 10 de junho de 2011.

¹⁹⁷ RAPLEY, Elizabeth. *A social history of...* Op. cit. p. 112.

¹⁹⁸ Quanto à castidade, a decisão da Igreja pela clausura pode ser vista também como uma forma de proteção às religiosas, visto que no período medieval mulheres que não estavam protegidas pelo casamento ou pela sua casa ficavam facilmente vulneráveis à violência sexual.

¹⁹⁹ O misticismo e a heterodoxia associados ao feminino sempre causaram medo na Igreja. Místicas eram vistas com desconfiança pela ortodoxia católica, pela relação individual que pretendiam com Deus ou com santos. Um desses casos é o de Jeanne Guyon (1648-1717), a Madame Guyon, católica, após ficar viúva resolveu dedicar-se à espiritualidade, conquistando seguidores. Acabou sendo presa em 1688, acusada de formar uma espécie de seita. Foi libertada após a intervenção de Madame de Maintenon e recebida no mosteiro de Saint-Cyr. Sobre Jeanne Guyon ver BEAUDRY, Catherine. “L'accès au livre : Jeanne Guyon.” In: BROUARD-ARENDS, Isabelle (dir.) *Lectrices d'Ancien Régime*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003. pp. 59-68.

²⁰⁰ DUCHÊNE, Roger. *Etre femme au temps...* Op. cit. p. 71.

vez o imperativo de moralização da Reforma provocou maior fiscalização, realizada por bispos e por padres delegados por eles.²⁰¹

Principalmente duas questões causavam descontentamento em relação à clausura. Por um lado, famílias aristocratas conheciam a realidade das meninas enviadas para conventos contra a própria vontade e viam de forma positiva a facilidade com que podiam continuar mantendo relações com elas mesmo após a tomada dos votos. Por outro lado, a imposição do claustro entrava em contradição com a nova função que as freiras deveriam desempenhar como professoras, pois não era somente nos pensionatos que elas atuavam, mas também em escolas gratuitas para meninas menos favorecidas. Apesar da decisão sobre o claustro ter desfavorecido em muito a educação das meninas que não podiam pagar pelos pensionatos, passado um período inicial de rigor na fiscalização algumas casas religiosas femininas simplesmente voltaram a organizar escolas fora do claustro, especialmente no meio rural.²⁰²

Segundo Elizabeth Rapley alguns reformadores se opuseram de forma veemente à decisão do Concílio de Trento de reiterar a bula de Bonifácio VIII. Um deles foi François de Sales, o qual insistia na ideia de que a Igreja necessitava de verdadeiras esposas de Jesus Cristo e não de prisioneiras e argumentava que em liberdade as religiosas poderiam prestar serviços úteis à comunidade. Para Sales, se o claustro não fora sempre um imperativo da Igreja, ele não se mostrava de fato necessário.²⁰³

Apesar dos conservadores terem mantido a decisão relativa à clausura, a fiscalização não foi suficiente para manter o total isolamento dos mosteiros femininos, pois de diversas maneiras as religiosas mantinham contato com o mundo exterior.²⁰⁴ Muitas exceções eram permitidas em relação às visitas que elas recebiam, pois normalmente as famílias que financiavam as ordens religiosas, assim como a família real, usufruíam de acesso irrestrito ao interior das instituições.²⁰⁵ Além disso,

²⁰¹ RAPLEY, Elizabeth. *A social history of...* Op. cit. p. 115.

²⁰² DUCHÊNE, Roger. *Etre femme au temps...* Op. cit. Os casos são pontuais e específicos, mas demonstram que as regras impostas pela Igreja nem sempre eram obedecidas à risca.

²⁰³ RAPLEY, Elizabeth. *A social history of...* Op. cit. p. 113.

²⁰⁴ Sobre a relação das religiosas com o mundo exterior ver RIDEAU, Gaël. Vie régulière et ouverture au monde aux XVIIe et XVIIIe siècles : la Visitation de Sainte-Marie d'Orléans. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*. 52-4, outubro-dezembro, pp. 24-49, 2005.

²⁰⁵ DUCHÊNE, Roger. *Etre femme au temps...* Op. cit.

conhecemos casos de mulheres aristocratas que gozavam de livre acesso às casas religiosas e que inclusive lá residiram em períodos de suas vidas.²⁰⁶

Inevitável também passou a ser a entrada e a saída das pensionistas, cuja educação evidenciava a influência das religiosas no mundo exterior. Quando se iniciou o movimento de organização dos pensionatos femininos na primeira década do século XVII não existia um modelo de escola que devesse orientar as professoras, de forma que nesse sentido elas usufruíram de grande autonomia. A bula de Paulo V, de 1616, dava indicações de quais eram os objetivos gerais desses pensionatos, principalmente o de ensinar às meninas a piedade e a virtude, a forma adequada de examinar a consciência, de confessar seus pecados, de comungar, de ouvir a santa missa, de rezar a Deus, de recitar o rosário, de meditar e de ler os livros espirituais e, acima de tudo, a maneira correta de fugir dos vícios e de governar uma casa.²⁰⁷ Porém, muitas decisões ficaram ao cargo das próprias freiras, inclusive a lista de livros a ser utilizada e o sistema pedagógico adotado.²⁰⁸

A exigência dos quadros superiores da Igreja em meados desse século de que as religiosas relatassem a forma como vinham educando as pensionistas – o que aconteceu com Jacqueline Pascal quando ela se viu impelida a escrever *Règlement pour les enfants* – evidencia que surgiu posteriormente às primeiras experiências de ensino feminino uma preocupação em controlar exatamente o que as professoras ensinavam e a forma como ensinavam.

Analisando outras decisões dos quadros superiores da Igreja tomadas em meados do século XVII, vemos que o período inicial de organização do ensino feminino ocorreu com certa liberdade, como, por exemplo, a determinação de separar meninos e meninas em salas de aula distintas.²⁰⁹ Constatamos que no período inicial algumas

²⁰⁶ Conforme Philippe Sellier muitas mulheres usufruíram de livre acesso à Port-Royal durante o século XVII, dentre elas Madame de Sablé, que lá mantinha um cômodo. Ver SELLIER, Philippe. Qu'est-ce que Port-Royal?... Op. cit. Jacqueline Pascal também passou uma temporada de quinze dias em Port-Royal de Paris no período anterior à sua entrada no monastério como religiosa, conforme podemos constatar pela carta em que faz esse pedido ao seu pai, em 19 de junho de 1648. PASCAL, Jacqueline. "Monsieur mon père, A Paris, ce 19 juin 1648." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3ª ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. pp. 106-114.

²⁰⁷ DUCHÊNE, Roger. *Etre femme au temps...* Op. cit. p. 91.

²⁰⁸ Conforme conclusão de Catherine Beaudry são incomuns as fontes que nos permitem conhecer quais eram os livros utilizados para a educação de pensionárias nos conventos. Nesse sentido, o tratado de Jacqueline Pascal, *Règlement pour les enfants*, onde ela cita as obras que utilizava, é uma fonte um tanto rara para esta época. Voltaremos a essa obra mais adiante. Ver BEAUDRY, Catherine. *L'accès au livre...* Op. cit.

²⁰⁹ DUCHÊNE, Roger. *Etre femme au temps...* Op. cit. p. 92.

meninas puderam usufruir da mesma instrução dos garotos, embora isso tenha ocorrido apenas em um curto período.

De uma maneira geral, podemos dizer que as religiosas cumpriam com o objetivo fundamental que lhes era requerido, o de fornecer uma cultura religiosa básica para as meninas e lhes proporcionar alguns conhecimentos úteis para a administração da casa e para a educação dos filhos.²¹⁰ No entanto, é importante considerar, como pondera Martine Sonnet, a possibilidade que as alunas dos pensionatos aprendessem mais do que previa esse plano básico, embora as regras desses estabelecimentos jamais preconizassem ou se vangloriassem de proporcionar estudos “extras”.²¹¹

Conforme Sonnet, não era incomum que saberes profanos fossem acrescentados ao currículo educativo conventual, sem que constassem oficialmente do programa pedagógico. Era preciso muita ousadia em relação ao pensamento institucional para reivindicar o acesso das meninas a certas ciências, mesmo que na realidade essa prática já existisse.²¹² Devemos considerar também que de maneira geral as religiosas apresentavam um nível cultural mais alto do que a média das mulheres de mesmo nível social que o delas e que, além disso, a leitura ocupava grande parte do tempo da educação das pensionistas.²¹³ Assim, o desenvolvimento intelectual feminino era favorecido no interior das instituições religiosas.

Segundo Marie-Élisabeth Henneau a vida conventual supunha um contato quase permanente com o livro. Como os monastérios dispunham de bibliotecas célebres e o contato com os textos era facilitado, eram recorrentes as demonstrações de preocupação dos diretores religiosos com o uso das leituras realizadas pelas próprias freiras e também com os livros que elas utilizavam no ensino das meninas nos conventos.²¹⁴

Os diretores procuravam limitar o número de livros que as religiosas utilizavam e lhas aconselhavam principalmente os clássicos da literatura espiritual, como os livros de Gerson²¹⁵ e a vida dos santos, deixando textos como as Escrituras, o Novo Testamento e os textos conciliares para os eclesiásticos, por conterem passagens

²¹⁰ BERNOS, Marcel. *La culture religieuse...* Op. cit.

²¹¹ SONNET, Martine. *Que faut-il apprendre aux filles?...* Op. cit.

²¹² *Ibidem.*

²¹³ BERNOS, Marcel. *La culture religieuse...* Op. cit.

²¹⁴ HENNEAU, Marie-Élisabeth. “Un livre sous les yeux, une plume à la main, de l’usage de la lecture et de l’écriture dans les couvents de femmes (17^e-18^e S.)” In: BROUARD-ARENDS, Isabelle (dir.) *Lectrices d’Ancien Régime*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003. pp. 67-79.

²¹⁵ Jean Charlier (1363-1429), conhecido como Jean de Gerson, foi filósofo, teólogo e professor da Universidade de Paris (de 1395 a 1415), tendo deixado uma vasta obra de livros de piedade.

de extrema complexidade sobre as quais não cabia às mulheres refletir porque, segundo o pensamento eclesiástico, as mulheres corriam o sério risco de interpretar equivocadamente esses elevados escritos.²¹⁶ Porém, como destaca Marcel Bernos, foi somente no final do século XVII e durante o século XVIII que surgiram obras trazendo listas de livros considerados próprios para serem lidos dentro das instituições femininas, bem como davam conselhos quanto à melhor forma de realizar as leituras.²¹⁷

Assim, a educação de meninas no século XVII se desenrolava em meio a uma série de tensões. Em primeiro lugar a necessidade da Igreja de controlar o espaço do ensino feminino se conjugou com o imperativo de reformar as instituições monásticas femininas, pois estas nem sempre seguiam normas muito rígidas. A responsabilidade de organizar os pensionatos foi entregue às freiras, mas muito rapidamente os superiores eclesiásticos compreenderam que a atuação delas como educadoras denotava um poder e uma autonomia que poderiam ser excessivos, pois as liberdades por elas tomadas eram consideradas perigosas para a manutenção da ortodoxia católica e das hierarquias religiosas e de gênero. A constatação desse perigo vinha, em primeiro lugar, do fácil acesso ao livro dentro dos mosteiros e do alto nível cultural das religiosas. Assim, para manter as hierarquias era preciso restringir o acesso ao conhecimento nessas instituições e o programa de ensino das escolas conventuais.

Dessa forma, os programas pedagógicos propostos no final do século XVII pretendiam indicar que a organização do ensino feminino não podia depender do arbítrio, das intenções e das ideias de religiosas. Era necessário adequar a educação das mulheres ao papel social que elas deveriam cumprir, ou seja, de boas esposas e de mães, sem deixar margens para que pudessem sair dos conventos e se tornarem sábias com pretensões em assuntos políticos ou religiosos.

Dessa maneira, evidencia-se nas obras de Fleury²¹⁸ e de Fénelon²¹⁹ a preocupação em definir a educação de mulheres a partir do papel determinado para elas

²¹⁶ HENNEAU, Marie-Élisabeth. Un livre sous les yeux... Op. cit.

²¹⁷ BERNOS, Marcel. La culture religieuse... Op. cit. p. 389-390. Marcel Bernos cita o livro anônimo *Devoirs d'une maîtresse des novices, par un ecclésiastique du premier ordre*, que é de 1697, e o livro de Pierre Collet, *Traité des devoirs de la vie religieuse*, de 1773.

²¹⁸ O abade Claude Fleury (1640-1723) publicou em 1685 o livro *Traité du choix et de la méthode des études*, dois anos depois de uma obra sua que fez grande sucesso, *Catéchisme historique*. Em 1689 ele se tornou subpreceptor dos duques de Bourgogne, d'Anjou e de Berry, filhos de Luís XIV, cujo preceptor era Fénelon. Em 1696 foi eleito membro da Academia Francesa.

²¹⁹ O escritor e teólogo François de Salignac de la Mothe-Fénelon (1651-1715), conhecido como Fénelon, foi preceptor dos filhos de Luís XIV. Entrou para a Academia Francesa em 1693, porém, após a publicação de *Les aventures de Télémaque*, em 1699, obra que foi compreendida na época como uma crítica ao governo de Luís XIV, foi expulso da corte francesa e exilou-se na Bélgica.

na sociedade. Esses teólogos admitiam a inclusão ponderada de alguns saberes profanos nos seus planos educacionais, como alguns princípios do direito, além da leitura, da escrita e de noções elementares de aritmética. Porém, nesses manuais pedagógicos os interditos ao ensino feminino aparecem com igual ou até com maior importância do que as recomendações.

Somente Poullain de La Barre destoa dos demais autores no tratamento da educação de meninas, já que o autor rejeita qualquer educação específica em seus tratados publicados em 1673 e 1674.²²⁰ La Barre foi suficientemente audacioso para negar a inferioridade natural das mulheres, argumentando que as diferenças existentes eram apenas culturais, de forma que não havia nenhuma matéria a ser proibida no ensino feminino.

Como comenta Sonnet, trata-se de uma crítica social e não de um manual pedagógico, pois o autor não propõe nenhum plano de estudos, detendo-se na questão teórica dos preconceitos contra as mulheres. No entanto, é singular o seu último livro, *De l'excellence des hommes contre l'égalité des sexes*, de 1675, no qual o autor contradiz tudo aquilo que havia proposto anteriormente. Se a sua intenção era a de provocar polêmica e chamar a atenção para os livros anteriores (pois todas as suas obras foram publicadas anonimamente), ele não foi bem sucedido, de acordo com Martine Sonnet, já que suas publicações não alcançaram grande repercussão.²²¹

Já o texto de Fleury obteve grande aceitação. Conforme Sonnet, Fleury trata da educação das mulheres no trigésimo sexto capítulo do seu manual pedagógico publicado em 1685, no final do qual o autor dedica-se justamente a explicitar os estudos apropriados para grupos específicos, além das mulheres, os eclesiásticos, os cavaleiros e os nobres. Às mulheres ele recomenda que lhes sejam fornecidas instruções úteis para o seu cotidiano, como a gramática orientada para a escrita de cartas ou de memórias, a aritmética básica, uma iniciação à jurisprudência (que poderia ser útil no caso das viúvas) e até mesmo conhecimentos sobre farmácia. No entanto, para ele era imperativo

²²⁰ O escritor François Poullain de La Barre (1647-1723) era um partidário da filosofia de Descartes. Ele foi padre antes de se converter ao protestantismo na década de 1680. Com a revogação do Édito de Nantes, em 1685, acabou exilando-se em Genebra. Os tratados que ele escreveu sobre a condição das mulheres foram *De l'égalité des deux sexes, discours physique et moral où l'on voit l'importance de se défaire des préjugés*, de 1673; *De l'éducation des Dames pour la conduite de l'esprit dans les sciences et dans les moeurs*, de 1674 e *De l'excellence des hommes contre l'égalité des sexes*, de 1675.

²²¹ SONNET, Martine. Que faut-il apprendre aux filles? ... Op. cit. p. 377. Para Martine Sonnet esta última obra de Poullain de la Barre foi uma maneira encontrada pelo autor para demonstrar as críticas que poderiam lhe ser feitas e assim ele poderia melhor refutá-las. Todavia, tendo em vista que esta foi a última obra do escritor, parece que nela havia apenas a intenção de criar polêmica.

mantê-las longe de estudos tais como o latim e outras línguas, a matemática e a poesia – “curiosidades” que não teriam emprego algum e somente serviriam para tornar as mulheres vaidosas.²²²

O livro de Fénelon, surgido dois anos depois, em 1687, também demonstra a mesma preocupação com a curiosidade e a vaidade, chegando mesmo a tornar explícito o receio em transformar meninas em possíveis “preciosas”. Ele se apressa em explicar que o medo de torná-las sábias ridículas não deveria barrar o desenvolvimento da educação feminina, ao contrário, era pelo ensino adequado da moral e da religião que seria possível evitar o desastre da proliferação de preciosas por toda parte:

A educação dos meninos passa por uma das principais questões relativas ao bem público; (...). Para as meninas, digamos, não é necessário que elas sejam sábias, a curiosidade as torna vaidosas e preciosas; é suficiente que elas saibam governar um dia os seus lares, e obedecer aos seus maridos sem raciocinar. Não deixamos de nos servir da experiência que temos de muitas mulheres que a ciência tornou ridículas: depois do quê alguns acreditam que temos o direito de abandonar cegamente as meninas à conduta de mães ignorantes e indiscretas²²³.

[L'éducation des garçons passe pour une des principales affaires par rapport au bien public ; (...). Pour les filles, dit-on, il ne faut pas qu'elles soient savantes, la curiosité les rend vaines et précieuses, il suffit qu'elles sachent gouverner un jour leurs ménages, et obéir à leurs mari sans raisonner. On ne manque pas de se servir de l'expérience qu'on a de beaucoup de femmes que la science a rendues ridicules : après quoi on se croit en droit d'abandonner aveuglement les filles à la conduite des mères ignorantes et indiscrettes.]²²⁴

O pensamento presente no texto de Fénelon, de que o conhecimento excessivo tornava as mulheres preciosas ridículas, certamente se deve ao fato de que o teólogo acreditava que as mulheres não sabiam fazer bom uso daquilo que aprendiam, aproximando-se do teor das sátiras às preciosas que circulavam nesse mesmo período. O abade de Pure, por exemplo, em seu livro *La Pretieuse*²²⁵, onde faz uma sátira bastante

²²² Ibidem. p. 370-371.

²²³ Aqui a palavra “indiscreta” é utilizada no sentido de falta de discernimento, falta de bom senso.

²²⁴ FÉNELON. *De l'éducation des filles*. Texte collationné sur l'édition de 1687, avec une introduction et des notes pédagogiques et explicatives, à l'usage des institutrices et des instituteurs, par Charles Defodon. Paris: Hachette, 1881. 149p. p.1-3.

²²⁵ PURE, Michel de. (Abbé de Pure). *La Pretieuse ou le Mystère des ruelles, dédiée à telle qui n'y pense pas*. 4 vol. Paris: Pierre Lamy, 1656-1658. Vol. 1, 1656. 475 p. Publicação anônima.

ríspida ao mundo dos salões, evidencia o medo que corria em paralelo à aquisição de conhecimentos aprofundados por mulheres. No livro de Pure são características de suas personagens – mulheres letradas que se propõem a discutir literatura, filosofia ou teologia – a arrogância, a vaidade, a intolerância e o mau gosto.

Ainda mais marcante do que essas características é a exposição que Pure faz do autoritarismo dessas mulheres. A narrativa do abade deixa clara a ideia de que uma vez que as mulheres adquirissem determinados conhecimentos sairiam a fazer julgamentos arbitrários pautados pelo sentimento e não pela razão, pois elas não seriam capazes de discernimento, de separar as suas emoções do pensamento racional.

Segundo o abade de Pure, era a falta de capacidade feminina para separar as emoções do pensamento racional o principal obstáculo ao acesso das mulheres ao mundo do saber, que exigia o domínio racional, a firmeza e a sensatez. Assim, quando da disputa de duas das personagens principais, Agathonte e Melanire, esta última se propõe à tarefa de escrever um discurso sobre o tema debatido com Agathonte. Todavia, ela se mostra incapaz de fazê-lo, pois a cólera e a paixão pelas quais está tomada a impossibilitam de fazer a reflexão necessária à escrita:

Enfim sem ter outro olhar sobre todas essas considerações e sobre todos esses pensamentos que a reflexão e o espírito opunham à primeira emoção de sua cólera, ela colocou a mão na pena, e traçou um esboço de Agathonte. O ardor e o ressentimento a importunavam, e mesmo empurravam o seu pensamento e a sua mão para fora das regras. Ela lançou os olhos sobre a sua cólera, que a escrita lhe tornava visível; e tendo feito agir uma parte do seu julgamento, ela bem reconheceu a fraqueza do espírito do Sexo, e a desordem de uma forte paixão. Ela viu bem que o espírito faz nascer coisas bonitas na boca daquelas que falam; são crianças bem infelizes na educação e na sequência, quando elas só passam pela mão das Mães. A arte demanda alguma coisa mais firme; e a expressão dos pensamentos não tem jamais seu efeito ou sua graça, sem a ajuda de uma arte que normalmente as mulheres não têm.

[Enfin sans avoir d'autre égard à toutes ces considerations & à toutes ces pensées que la reflexion & l'esprit opposoit à la premiere émotion de sa colere, elle mit la main à la plume, & traça un crayon d'Agathonte. L'ardeur & le ressentiment l'importunoient, & mesme pousoient sa pensée & sa main hors des regles. Elle jetta les yeux sur son emportement, que l'écriture luy rendoit visible ; & ayant fait agir une partie de son jugement, elle reconnut bien le foible de l'esprit du Sexe, & le desordre d'une forte passion. Elle vit bien que quoy que l'esprit

fasse naistre de jolies choses dans la bouche de celles qui parlent ; ce sont des enfans bien malheureux dans l'éducation & dans la suite, quand ils ne passent que par les mains des Meres. L'art demande quelque chose de plus ferme ; & l'expression des pensées n'a jamais son effet ou ses graces, sans les aides d'un art que pour l'ordinaire les femmes n'ont point.]²²⁶

Fénelon não é tão áspero quanto Pure, mas demonstra o mesmo receio sobre a relação das mulheres com a filosofia, a história ou a literatura: “É verdade que é preciso temer produzir sábias ridículas. As mulheres têm normalmente o espírito mais fraco e mais curioso²²⁷ que os homens; também o propósito não é engajá-las em estudos pelos quais elas poderiam obstinar-se.” [“Il est vrai qu'il faut craindre de faire des savantes ridicules. Les femmes ont d'ordinaire l'esprit encore plus faible et plus curieux que les hommes ; aussi n'est-il point à propos de les engager dans des études dont elles pourraient s'entêter.”]²²⁸ Fénelon fala no perigo da “obstinação” em mulheres sábias, dando a entender que elas não têm controle sobre os seus atos e, por isso, estudos muito aprofundados poderiam levá-las a trilhar caminhos errados, socialmente perigosos, como por exemplo o da heresia.

O problema da fraqueza e da falta de controle emocional que Fénelon vê nas mulheres é a justificativa para afastá-las das funções públicas e dos cargos de poder. Dessa forma, nem mesmo a educação serviria para adequar as mulheres aos papéis de maior autoridade: “Elas não devem nem governar o Estado, nem fazer a guerra, nem entrar no ministério das coisas sagradas; assim, elas podem passar ao largo de certos conhecimentos aprofundados que pertencem à política, à arte militar, à jurisprudência, à filosofia e à teologia.” [Elles ne doivent ni gouverner l'État, ni faire la guerre, ni entrer dans le ministère des choses sacrés ; ainsi, elles peuvent se passer de certaines connaissances étendues qui appartiennent à la politique, à l'art militaire, à la jurisprudence, à la philosophie et à la théologie.]²²⁹

É bastante clara a relação que o autor estabelece entre a educação superior, que deveria ser ministrada aos rapazes, para os quais estavam prometidas funções públicas de poder e de autoridade, e a educação moral e religiosa, que serviria praticamente para

²²⁶ PURE, Michel de. (Abbé de Pure). *La Pretieuse...* Op. cit. p. 67.

²²⁷ No século XVII a curiosidade é frequentemente citada como uma característica negativa, em especial em textos de teologia. A curiosidade significava o desejo de conhecer o que não era útil, esses conhecimentos eram considerados perigosos porque levavam à dúvida.

²²⁸ FÉNELON. *De l'éducation des filles...* Op. cit. p.3.

²²⁹ Ibidem. p. 3-4.

impedir as meninas de causarem grandes estragos à ordem social. Também era importante que as mães, as esposas ou mesmo as amantes não exercessem influência negativa sobre os homens:

Enfim, é preciso considerar, além disso, o bem que fazem as mulheres quando elas são bem educadas, o mal que elas causam no mundo quando lhes falta uma educação que lhes inspire a virtude. É certo que a má educação das mulheres fez mais mal que a dos homens, já que as desordens dos homens vêm frequentemente da má educação que eles receberam das suas mães, e das paixões que outras mulheres os inspiraram em uma idade mais avançada.

Que intrigas se apresentam a nós nas histórias, que inversão de leis e de costumes, que guerras sangrentas, que novidades contra a religião, que revoluções de Estado, causadas pelo desregramento das mulheres! É isso que prova a importância de bem educar as meninas; procuremos os meios.

[Enfin, il faut considérer, outre le bien qui font les femmes quand elles sont bien élevées, le mal qu'elles causent dans le monde quand elles manquent d'une éducation qui leur inspire la vertu. Il est constant que la mauvaise éducation des femmes fit plus de mal que celles des hommes, puisque les désordres des hommes viennent souvent de la mauvaise éducation qu'ils ont reçue de leurs mères, et des passions que d'autres femmes leur ont inspirées dans un âge plus avancé.

Quelles intrigues se présentent à nous dans les histoires, quel renversement des lois et des mœurs, quelles guerres sanglantes, quelles nouveautés contre la religion, quelles révolutions d'Etat, causés par le dérèglement des femmes ! Voilà ce qui prouve l'importance de bien élever les filles ; cherchons-en les moyens.]²³⁰

O Estado, a Igreja, a guerra – tais eram as esferas de poder das quais as mulheres deviam ficar bem afastadas. Assim, os conhecimentos que serviam para o exercício do poder nessas três esferas – tais como política, arte militar, jurisprudência, filosofia, teologia e história – eram proibidos no ensino feminino. Importante notar a utilização da noção de público por Fénelon.²³¹ Segundo ele, os homens executavam funções no espaço público, deviam agir em espaço público. Para meninos os conhecimentos citados acima eram não somente úteis, mas totalmente necessários.

²³⁰ Ibidem. p. 6-7.

²³¹ Ibidem. p. 5-6.

Assim, no que se referia aos homens as atividades políticas e profissionais eram consideradas de interesse público – associadas com a ação pública dos homens.

Quando o autor trata da educação das mulheres o público ganha outro sentido, as mulheres eram educadas para o “bem público”, isto é, para a manutenção da boa ordem social, para que agissem adequadamente como esposas, mães e organizadoras do lar, para que não apresentassem perigo para a organização social estabelecida. Aqui, portanto, o interesse público é o da ordem – estava associado à submissão das mulheres.

Assim, para Fénelon, além da educação religiosa básica, bastava que as mulheres tivessem conhecimentos úteis para a economia doméstica: ler e escrever corretamente (por isso era necessário ensinar-lhes um mínimo de gramática), as regras da aritmética e as principais normas da justiça, especialmente as que concerniam aos direitos de herança. Nesses pontos Madame de Lambert²³² está totalmente de acordo com Fénelon, no qual se inspira ao escrever conselhos para sua filha, em *Les avis d'une mère à sa fille*²³³. Segundo Martine Sonnet, a ousadia da marquesa foi a de indicar para as meninas o estudo da história grega e romana, assim como a história da França e também um pouco de filosofia, pois essas matérias as ajudariam a pensar de forma justa.²³⁴

Porém, Madame de Lambert não deixa de compartilhar com Fénelon a preocupação em fornecer às meninas leituras muito bem selecionadas, afastando-as principalmente dos romances e das poesias. Quanto às línguas, os dois autores aceitam o estudo do latim, mas censuram completamente o ensino do espanhol e do italiano.

Interessante notar a preocupação em interditar o estudo das línguas estrangeiras. A mais proeminente das preciosas, Madeleine de Scudéry, sabia italiano e espanhol, tendo aprendido com o seu tio, proprietário de uma extensa biblioteca que incluía muitos livros em línguas estrangeiras, inclusive romances.²³⁵ Conforme já comentamos, os livros de maior sucesso de Scudéry foram rapidamente traduzidos para essas línguas. O polêmico *La Princesse de Clèves* de Madame de La Fayette também

²³² Madame de Lambert (Anne-Thérèse de Marguenat-de-Courcelles, 1647-1753), a Marquesa de Lambert, abriu um salão literário no final do século XVII, o Hôtel de Nevers, do qual participaram Fénelon e alguns partidários dos Antigos, como Anne Dacier e Valincour.

²³³ Escrito na década de 1690, o livro de Madame de Lambert foi publicado apenas no século XVIII, conforme SONNET, Martine. *Que faut-il apprendre aux filles? ... Op. cit.*

²³⁴ *Ibidem.* p. 375.

²³⁵ SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry, sa vie et sa correspondance, avec un choix de ses poésies* (par MM. Rathery et Boutron). Paris: Léon Techener, 1873. 531p.

teve pelo menos uma versão em italiano no final do século XVII.²³⁶ Parece que barrar o estudo de línguas para meninas era uma das formas de tentar conter a ampla disseminação da cultura de romances.

Romance e poesia, eis os gêneros dos quais a educação cristã deveria afastar as mulheres – eles são interditos por Fleury, Fénelon e até mesmo por Madame de Lambert. Para os pedagogos é eminente a necessidade de colocar na mão das mulheres outros gêneros que elas pudessem ler, em especial os livros de piedade. Destaca-se, no entanto, que quanto à teologia, tanto no tratado de Fleury quanto no de Fénelon, não se desejava proporcionar às mulheres um conhecimento teológico profundo a ponto de lhes permitir debater os assuntos e dogmas da Igreja. O que se pretendia era proporcionar a elas os conhecimentos básicos da religião católica, a fim de que elas pudessem passá-los aos seus filhos, que não desvirtuassem a si próprias nem a sua família. Debates teológicos estavam reservados aos superiores eclesiásticos. Para elas era suficiente a devoção.

Nesse mesmo sentido, outro gênero sempre excluído do currículo feminino era a história. No século XVII a história começava a ser escrita como um espelho dos Estados nacionais recém formados. Era o conhecimento específico que dava aos Estados a legitimidade e a autoridade de que precisavam. Assim, a interferência de qualquer visão “feminina” na construção dessa história era considerada muito arriscada.

Dessa forma, a educação pretendida para as mulheres deveria mantê-las afastadas do exercício do poder e impedi-las de adquirir conhecimentos suficientes (teologia e história, por exemplo) que pudessem suscitar dúvidas e questionamentos sobre preceitos da ortodoxia católica e da ordem do mundo. Por esse motivo, as freiras precisavam ser mantidas sob o controle da hierarquia de gênero estabelecida pela Igreja, em especial as que organizavam as escolas femininas.

2.2. Port-Royal e Jacqueline Pascal

Não há como dissociar a escrita de Jacqueline Pascal da sua vivência no Monastério de Port-Royal. À exceção de sua poesia, escrita na adolescência, os outros textos de Jacqueline se conectam diretamente com a sua experiência como irmã

²³⁶ LA FAYETTE, Madame de. *La Principessa di Cleves* [di la signora di La Fayette], trasportata dal francese da Gomes Fontana. Venetia: G. Albrizzi, 1691. 451 p.

Jacqueline de Sainte-Euphémie, professora no pensionato para leigas enquanto viveu em Port-Royal de Paris, de 1652 a 1659, e, posteriormente, quando foi mestre de noviças em Port-Royal des Champs, de 1659 a 1661.

Port-Royal foi um monastério de religiosas pertencentes à Ordem de Cister²³⁷ que merece atenção na história religiosa francesa por diversos motivos. Em primeiro lugar pela sua ligação com o Jansenismo, um dos maiores problemas internos da Igreja Católica nos séculos XVII e XVIII; pelo enfrentamento que as superiores da instituição, as madres Angélique Arnauld (1591-1661) e Agnès Arnauld (1593-1672)²³⁸, e as demais freiras tiveram com as determinações dos bispos e da Monarquia; e pelos extensos registros escritos deixados por essas religiosas, a maior parte deles publicados de maneira clandestina em 1665²³⁹.

Fundado em 1204, o Monastério de Port-Royal des Champs, localizado no Vale de Chevreuse, a vinte e cinco quilômetros de Paris, tinha em 1609 apenas uma dúzia de religiosas²⁴⁰ quando a abadessa Angélique Arnauld começou uma reforma que iria transformar quase totalmente as características dessa instituição. Nesse ano ela restabeleceu os votos de obediência e de pobreza e restaurou o claustro absoluto.²⁴¹ Em 1625 a abadessa decidiu abandonar provisoriamente o prédio do campo, considerado insalubre, e fundou Port-Royal de Paris.

Em 1638, por iniciativa do padre Antoine Singlin, discípulo do abade Saint-Cyran (o diretor espiritual de Port-Royal), uma parte da casa no campo passou a abrigar os Solitários, letrados leigos que optaram por uma vida casta e dedicada à religião e ao ensino. Eles fundaram a escola para meninos chamada *Petites écoles de Port-Royal*. No ano de 1648 as monjas de Port-Royal de Paris já passavam de uma centena, de maneira que uma parte delas se reinstalou na casa do campo. Dessa maneira, de 1648 a 1665 Port-Royal era uma única abadia, comandada por uma só abadessa, mas que compreendia duas casas, ambas femininas. Os Solitários permaneceram em prédio

²³⁷ Também conhecida como Ordem cisterciense (em francês *ordre de Cîteaux* ou *ordre cistercien*) foi criada em 1098 pelo abade Robert de Molesme com a fundação da Abadia de Cîteaux, na comuna de Saint-Nicolas-lès-Cîteaux, na Borgonha. Seguindo a regra beneditina a ordem destacou-se pelo rigor na organização dos seus monastérios.

²³⁸ Filhas de Antoine Arnauld, um advogado bem reconhecido. O irmão delas, que carregava o mesmo nome do pai, conhecido como Grande Arnauld, foi filósofo, teólogo e matemático, o qual por suspeita de jansenismo foi expulso da Sorbonne em 1656. A família Arnauld sustentava Port-Royal.

²³⁹ Apesar de Jacqueline Pascal ter falecido no ano de 1661, foi em 1665 que seus textos escritos em Port-Royal foram publicados.

²⁴⁰ SELLIER, Philippe. Qu'est-ce que Port-Royal ?... Op. cit. p. 1.

²⁴¹ DUCHÊNE, Roger. *Etre femme au temps...* Op. cit. p. 71.

anexo a Port-Royal des Champs até 1660, ano em que as *Petites écoles de Port-Royal* foram fechadas por ordem do rei.²⁴²

Na década de 1650 iniciou-se o grave conflito entre as religiosas de Port-Royal e os superiores eclesiásticos, que se estendeu até a dispersão forçada delas em 1709 e a destruição do prédio de Port-Royal des Champs entre 1710 e 1711, ordenada por Luís XIV. A ligação dessas mulheres com o movimento jansenista é citada como o fator primordial desse conflito, no entanto, esse foi apenas o desencadeador do embate que abalou as estruturas da hierarquia de gênero no interior da Igreja.

A denominação de Jansenismo vem do nome de Cornelius Otto Jansen (Jansenius, 1585-1638), bispo de Ypres, cuja obra *Augustinus* foi publicada em 1640. Conforme Isabelle Brian, tratava-se de uma exposição sistemática do pensamento de Santo Agostinho sobre a graça, de acordo com a qual Deus decidia sobre a danação ou a salvação de cada ser humano, sem que este pudesse influir de qualquer maneira na decisão divina. Essa teologia surgia como uma reação àquela desenvolvida pelos jesuítas, que enfatizava o livre arbítrio e a capacidade do homem de colaborar com a sua salvação.²⁴³

Foi graças ao abade de Saint-Cyran que o pensamento jansenista se disseminou em alguns círculos de Paris e em especial no Monastério de Port-Royal, do qual ele foi o diretor espiritual até a sua morte em 1643, quando foi substituído pelo seu discípulo Antoine Singlin. A prisão de Saint-Cyran na Bastilha em 1638²⁴⁴ foi um indício da cisão que se seguiria entre o poder real e Port-Royal.

O livro *Augustinus* foi condenado em duas bulas papais, em 1653 e 1656. A primeira bula, *Cum Occasione*, do papa Inocêncio X, condenava cinco proposições, as quais haviam causado discórdias entre membros da Igreja depois da publicação do livro de Jansenius. Dessa bula desenrolou-se o famoso debate sobre o fato e o direito. De acordo com William Doyle, os teólogos jansenistas, entre eles Antoine Arnauld, reconheciam que as proposições eram verdadeiramente condenáveis (em direito), porém, eles permaneciam com a convicção de que elas não se encontravam de fato

²⁴² SELLIER, Philippe. Qu'est-ce que Port-Royal ?... Op. cit.

²⁴³ BRIAN, Isabelle. "Le jansénisme, entre séduction rigoriste et mentalité d'opposition." In : CORBIN, Alain (dir.) *Histoire du christianisme*, pour mieux comprendre notre temps. Paris: Éditions du Seuil, 2007. pp. 327-331.

²⁴⁴ Duvergier de Hauranne, o abade de Saint-Cyran, foi preso na Bastilha por ter tomado partido de Jansenius em disputa com Richelieu. Morreu na prisão em 1643.

presentes na obra *Augustinus*. Seguiram-se discussões que concerniam à interpretação do texto de Jansenius e da obra de Santo Agostinho.²⁴⁵

A segunda bula, *Ad Sacram*, do papa Alexandre VII, confirmava que as cinco proposições estavam presentes no livro (quatro proposições foram consideradas heréticas e uma falsa).²⁴⁶ Em 1657 Luís XIV exigiu que todos os membros da Igreja assinassem um formulário no qual aderiam às bulas. Destacamos que os jesuítas, os grandes rivais de Port-Royal e maiores reprovadores da doutrina jansenista, usufruíam nesse momento de grande influência junto à Monarquia.²⁴⁷ Grande parte dos eclesiásticos assinou quase imediatamente o formulário, sendo que a maior resistência à determinação real apresentou-se pelas freiras de Port-Royal.

A posição tomada pelas mulheres de Port-Royal quanto a não assinatura do formulário foi um ponto de partida para que elas promovessem o questionamento à hierarquia de gênero na Igreja. A argumentação das religiosas não se justificava pela questão do fato ou do direito, elas simplesmente se pautavam pela seguinte compreensão: às mulheres não era outorgado pela Igreja o direito de ler em latim, logo, elas não haviam lido *Augustinus*. Portanto, não poderiam de forma alguma assinar o texto do formulário, pois este certificava que determinadas ideias estavam presentes em um livro o qual elas não haviam lido.

Conforme destacou Daniella Kostroun, o embate em torno das condenações das ideias de Jansenius se transformou em uma questão sobre o direito à consciência individual, reivindicado pelas irmãs de Port-Royal.²⁴⁸ Para elas, o respeito à sua própria consciência era superior ao dever de obedecer aos bispos e mesmo ao rei. Foi por isso que Jacqueline Pascal escreveu esta carta endereçada à irmã Angélique de Saint-Jean, em junho de 1661. Nela vemos a sua indignação quanto à atitude dos demais eclesiásticos de assinarem o formulário sem protestar e a importância que confere à consciência individual:

Eu não posso mais dissimular a dor que me penetra até o fundo do coração de ver que as únicas pessoas a quem parecia que Deus havia confiado sua verdade lhe são tão infiéis, se eu ousar

²⁴⁵ DOYLE, William. *Jansenism*. Catholic resistance to authority from the Reformation to the French Revolution. New York / London: St. Martin's Press / MacMillan Press, 2000. 109p.

²⁴⁶ As cinco proposições contidas no formulário falavam sobretudo da existência da graça e sobre a compreensão jansenista de que Jesus Cristo não havia morrido por todos os homens. Ver DOYLE, William. *Jansenism*... Op. cit. As proposições são citadas em apêndice desse livro, p. 91.

²⁴⁷ Ibidem.

²⁴⁸ KOSTROUN, Daniella. A formula for disobedience : Jansenism, gender, and the feminist paradox. *The Journal of Modern History*, nº 75, september, pp. 483-522, 2003.

dizer, a ponto de não ter a coragem de se expor a sofrer, quando isso deveria ser a morte, para confessá-lo alto. Eu sei o respeito que eu devo aos primeiros poderes da Igreja; eu morreria também de bom coração para conservá-lo inviolável como eu estou pronta para morrer, com a ajuda de Deus, pela confissão da minha fé nos acontecimentos presentes, mas eu não vejo nada de mais apropriado do que aliar uma coisa à outra. Quem impede todos os eclesiásticos que conhecem a verdade, quando lhes apresentam o formulário a assinar, de responder: eu sei o respeito que eu devo aos senhores bispos; mas a minha consciência não me permite assinar que uma coisa está em um livro onde eu não a vi; e depois disso esperar com paciência o que acontecerá. O que nós tememos? O banimento para os seculares, a dispersão das religiosas, a apreensão do temporal, a prisão, a morte se você quiser! Mas não é a nossa glória e não deveria ser a nossa alegria? Renunciemos ao Evangelho ou seguimos as máximas do Evangelho, e nos estimemos felizes de sofrer alguma coisa pela justiça.

[Je ne puis plus dissimuler la douleur qui me perce jusqu'au fond du coeur de voir que les seules personnes à qui il sembloit que Dieu eût confié sa vérité lui soient si infidèles, si j'ose le dire, que de n'avoir pas le courage de s'exposer à souffrir, quand ce devroit être la mort, pour la confesser hautement. Je sçais le respect qui est dû aux premières puissances de l'Église; je mourrois d'aussi bon couer pour le conserver inviolable comme je suis prête à mourir, avec l'aide de Dieu, pour la confession de ma foi dans les affaires présentes; mais je ne vois rien de plus aisé que d'allier l'une à l'autre. Qui empêche tous les ecclésiastiques qui connoissent la vérité, lorsqu'on leur présente le formulaire à signer, de répondre: Je sçais le respect que je dois à messieurs les évêques; mais ma conscience ne me permet pas de signer qu'une chose est dans un livre où je ne l'ai pas vue; et après cela attendre en patience ce qui en arrivera. Que craignons-nous? Le bannissement pour les séculiers, la dispersion pour les religieuses, la saisie du temporel, la prison, et la mort si vous voulez! Mais n'est-ce pas notre gloire et ne doit-ce pas être notre joie? Renonçons à l'Évangile ou suivons les maximes de l'Évangile, et estimons-nous heureux de souffrir quelque chose pour la justice.]²⁴⁹

Vemos que Jacqueline colocava a consciência e a verdade acima do dever de obediência aos superiores. Podemos perceber também que para ela a assinatura do formulário deveria ser rejeitada não só pelas irmãs que não haviam lido *Augustinus*, mas

²⁴⁹ PASCAL, Jacqueline. "Lettre de la soeur Euphémie a la soeur Angélique de Saint-Jean, sur la signature du formulaire." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. pp. 317-327. p. 318/319.

por todos os eclesiásticos, pois se tratava de uma questão de interpretação do texto de Jansenius, isto é, do que cada indivíduo compreendia. Portanto, nesse sentido Jacqueline estava de acordo com os teólogos jansenistas em relação ao fato (as proposições não estariam presentes no livro). Mesmo assim, em determinado momento da longa carta, evidencia-se que ela tinha clareza sobre o conflito de gênero imbricado naqueles acontecimentos:

Eu sei bem que dizem que não cabe às irmãs defenderem a verdade; apesar do que disseram, por um triste encontro do tempo e da inversão em que nós nos encontramos, já que os bispos têm a coragem das irmãs, as irmãs devem ter a coragem dos bispos. Mas se não cabe a nós defender a verdade, cabe a nós morrer pela verdade.

[Je sçais bien qu'on dit que ce n'est pas à des filles à défendre la vérité; quoiqu'on pût dire, par une triste rencontre du temps et du renversement où nous sommes, que puisque les évêques ont des courages de filles, les filles doivent avoir des courages d'évêques. Mais si ce n'est pas à nous à défendre la vérité, c'est à nous à mourir pour la vérité.]²⁵⁰

Notamos que as irmãs de Port-Royal tinham noção clara das sanções que se seguiriam e da perseguição que sofreriam por sua insubordinação. A capacidade de avaliação da irmã de Sainte-Euphémie quanto aos prováveis atos de repressão que elas poderiam sofrer demonstra a prioridade que davam para a necessidade de colocar na pauta da discussão dois problemas que concerniam à questão da subordinação de gênero a qual estavam sujeitas: em primeiro lugar o da leitura e em segundo lugar o da consciência individual.

A leitura e a escrita eram temas caros a Port-Royal. Naquele momento a maioria dos textos litúrgicos só estavam disponíveis em latim. Como vimos, o aprendizado do latim por mulheres não era consenso e até aquele momento as religiosas não estavam autorizadas a ler nessa língua. Mas os membros de Port-Royal acreditavam na fundamental importância da difusão da leitura. Por esse motivo, os Solitários (que dominavam diversas línguas estrangeiras, como hebreu, grego, espanhol, italiano) empreenderam inúmeras traduções, entre elas a de *Confessions de Saint Augustin*, realizada por Robert Arnauld d'Andilly.²⁵¹

²⁵⁰ Ibidem. p. 323.

²⁵¹ SELLIER, Philippe. Qu'est-ce que Port-Royal ?... Op. cit.

Na escola para meninas de Port-Royal de Paris, coordenada por Jacqueline Pascal, reservava-se bastante tempo para a leitura e também para a escrita. No seu tratado *Règlement pour les enfants* podemos perceber algumas linhas do ideal pedagógico da instituição. O texto que Jacqueline escreveu a pedido do diretor Antoine Singlin data de 15 de abril de 1657 e foi publicado posteriormente de forma clandestina junto com as Constituições do Monastério de Port-Royal (*Constitutions du monastère de Port-Royal*), em 1665.

Jacqueline inicia *Règlement pour les enfants* com explicações direcionadas ao diretor Singlin, das quais observamos algumas constatações. Primeiramente, de que até aquele momento Jacqueline usufruía de autonomia na forma como educava as meninas. Além disso, na data em que Jacqueline escreveu esse texto já havia sido deflagrado o conflito sobre as ideias contidas em *Augustinus*. Assim, a insubordinação das freiras às autoridades eclesiásticas havia levado à necessidade de verificar a maneira como o ensino feminino vinha sendo conduzido pelas religiosas insubordinadas. Apesar de o texto direcionar-se ao diretor Antoine Singlin, a preocupação maior provavelmente vinha dos seus superiores, pois o diretor mantinha um contato mais direto com o dia a dia das religiosas:

Eu vos peço muito humildemente perdão se eu diferi tanto tempo para vos prestar contas da maneira como eu ajo com as crianças. O que me impediu de fazê-lo desde a primeira vez que vós me dissestes, foi que eu acreditava que vós me demandáveis que eu colocasse por escrito a maneira pela qual era preciso conduzi-las, o que eu não julgava poder empreender sem uma muito grande temeridade, tendo tão pouca luz para um trabalho tão difícil. (...) Mas o que me aboliu essa dificuldade, foi que vós me dissestes depois que vós não me demandáveis que eu escrevesse como era preciso conduzi-las, mas somente como eu as conduzia, a fim de observar as faltas que eu cometo (...).

[Je vous demande très-humblement pardon si j'ai différé si longtemps à vous rendre compte de la manière dont j'agis avec les enfants. Ce qui m'a empêchée de le faire dès la première parole que vous m'en avez dite, a été que je croyois que vous me demandiez que je misse par écrit la manière dont il les falloit conduire, ce que je ne jugeois pas pouvoir entreprendre sans une très grande témérité, ayant si peu de lumière pour un emploi si difficile. (...) Mais ce qui m'a ôté de peine, c'est que vous m'avez dit depuis que vous ne me demandiez pas que j'écrivisse comme

il les falloit conduire, mais seulement comme je les conduisois, afin de remarquer les fautes que j’y commets (...)]²⁵²

Jacqueline evidencia que o texto é uma prestação de contas e que o tratado não pretendia ser um manual pedagógico, mas um relatório do que ela de fato realizava. Dessa forma, devemos considerar que a escrita de um texto como esse, nas circunstâncias em que foi escrito, teve uma dupla função. Se por um lado explicitava a vontade de controle dos superiores eclesiásticos, por outro lado ele também se mostrava como uma oportunidade de explicitar o ponto de vista da escritora sobre a educação de meninas. A escrita desse relatório pode mesmo ter sido realizada a partir de um acordo entre a escritora e o diretor, com o objetivo de mostrar para os quadros superiores da Igreja que as meninas de Port-Royal estavam sendo educadas corretamente e dentro de rígidas normas. Ela certamente tomou o cuidado de não registrar fatos que poderiam colocá-la em situação ainda mais difícil do que já se encontravam as religiosas de Port-Royal.

Quanto ao cotidiano das pensionistas, nossa ênfase é para a leitura e a escrita como elementos importantes das suas obrigações diárias. As leituras da manhã incluíam, segundo o relatório de Jacqueline: *L’imitation de Jésus-Christ, Grenade, Lettres de M. de Saint-Cyran, Théologie familière, les Maximes Chrétiennes, les Méditations de sainte Thérèse sur le Pater* e “outros livros que têm por objetivo formar uma vida verdadeiramente cristã” [“autres livres qui ont pour but de former une vie vraiment chrétienne”].²⁵³ Durante a tarde liam-se as cartas de São Jerônimo, *l’Aumône chrétienne, Chemin de la perfection de sainte Thérèse*, assim como as histórias da vida dos padres do deserto e outras vidas de santos e de santas “que estão em livros particulares” [“qui sont dans les livres particuliers”]²⁵⁴

Ao citar a utilização de “outros livros” Jacqueline deixava em aberto as possibilidades de uso da leitura. É notável, por exemplo, que elas utilizavam os escritos produzidos dentro do monastério pelas próprias religiosas²⁵⁵, o que podemos relacionar com o valor dado ao bem escrever e a possibilidade de produção intelectual pelas

²⁵² PASCAL, Jacqueline. “Règlement pour les enfants.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. p. 359/360.

²⁵³ PASCAL, Jacqueline. *Règlement pour les enfants...* p. 420.

²⁵⁴ Ibidem. p. 420.

²⁵⁵ Como por exemplo o livro da madre Angélique Arnauld, *Image d’une Religieuse parfaite et d’une imparfaite*, conforme destacou BAK, Marcel. “Lectrices de Port-Royal.” In: BROUARD-ARENDS, Isabelle (dir.) *Lectrices d’Ancien Régime*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003. pp. 49-57.

mulheres. Nas leituras realizadas no monastério, conforme destaca Marcel Bak, havia o objetivo de proporcionar o aprendizado pelo exemplo.

Dessa forma, a vida de Jesus Cristo e a vida dos santos e das santas serviam como modelos que deveriam ser seguidos pelas alunas. A leitura em Port-Royal cumpria, portanto, a função de mostrar o modo de agir, os hábitos e o pensamento de figuras religiosas cuja conduta era exemplar. Buscava-se a perfeição das condutas dos indivíduos e, por isso, eram privilegiados os livros onde as experiências pessoais poderiam ser consideradas exemplares.

Alguns escritos de Jacqueline Pascal demonstram essa relação entre um exemplo de vida e o que se pode aprender dele. Ela escreveu em 1650, antes de entrar em Port-Royal, uma série de pensamentos, intitulados *Pensées Édifiantes*. Eles foram escritos a pedido da madre Agnès Arnauld, para serem utilizados na festa da Ascensão²⁵⁶. Esses escritos demonstram a maneira como em Port-Royal se partia de um fato para dele se retirar um exemplo e um aprendizado. Esses pensamentos, ao todo cinquenta e um, estão organizados de maneira que a autora faz primeiro uma constatação sobre a morte de Jesus Cristo e em seguida expressa o seu entendimento sobre o assunto. Dessa forma o segundo parágrafo de cada pensamento sempre é iniciado por “eu aprendo com isso que...”, “isso me faz aprender que...”, como nos pensamentos XIV, XV e XVI:

XIV - Embora Jesus tenha morrido fora da cidade, ele foi no entanto acompanhado de muita gente.

Isso me faz aprender que ainda que eu não possa me separar inteiramente do mundo, nem deixar completamente os lugares onde ele habita, eu não devo deixar de nele morrer generosamente.

XV – Jesus morreu publicamente perante todos aqueles que quiseram vê-lo.

Eu aprendo com isso que embora a minha condição me exponha aos olhos do mundo, isso não deve me impedir de nele morrer.

XVI – Jesus morreu todo nu.

Isso me faz aprender a me despojar de todas as coisas.

[XIV - Quoique que Jésus mourut hors de la ville, il fut néanmoins accompagné de beaucoup de monde.

Cela m'apprend qu'encore que je ne puisse pas me séparer entièrement du monde, ni quitter tout à fait les lieux où il habite, je ne dois pas laisser d'y mourir généreusement.

²⁵⁶ Informações de Victor Cousin. Ver COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. p. 122.

XV - Jésus est mort publiquement devant tous ceux qui l'ont voulu voir.

J'apprends de là qu'encore que ma condition m'expose aux yeux du monde, cela ne me doit pas empêcher d'y mourir.

XVI – Jésus meurt tout nu.

Cela m'apprend à me dépouiller de toutes choses.]²⁵⁷

Nesses pensamentos de Jacqueline vemos não só o aprendizado pelo exemplo, mas mesmo uma interpretação própria dos acontecimentos bíblicos. É significativo o fato de esses textos terem sido utilizados em Port-Royal, pois eles demonstram que a escrita produzida pelas mulheres era não somente aceita, mas mesmo incentivada pela instituição.

Em Port-Royal embora as religiosas soubessem que os modelos de conduta eram extremamente difíceis de serem seguidos, como relatam nas Constituições, de toda forma eles serviam como um ideal de perfeição que existia no monastério.²⁵⁸ A busca pela perfeição fazia com que o cotidiano da escola feminina fosse levado com muita rigidez, conforme as informações de *Règlement pour les enfants*. Os momentos de levantar e de deitar, o tempo de se vestir, as refeições, assim como o modo de dizer as orações e de realizar o trabalho seguiam normas muito bem determinadas que excluía as possibilidades de distração e de preguiça pelas alunas.

A leitura também era realizada segundo normas prévias, havendo estrito controle quanto ao que as meninas liam. Elas não podiam permanecer com determinados livros a não ser na presença das freiras e também não podiam emprestar livros umas às outras. Todavia, apesar da austeridade quanto ao seguimento das normas, existia também diálogo entre as professoras e as alunas na prática da leitura. Quando uma professora fazia uma leitura para as alunas, sempre deveria dizer alguma coisa para lhes explicar aquilo que havia lido.²⁵⁹ Quando as alunas liam as professoras sempre deveriam estar presentes para dar explicações sobre o conteúdo dos livros e para conversar com as alunas sobre a leitura que era realizada.²⁶⁰ O hábito de ler em conjunto

²⁵⁷ PASCAL, Jacqueline. "Pensées Édifiantes". In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 123-147. p. 129.

²⁵⁸ A busca pela perfeição e a leitura pautada pela procura de exemplos pode ser percebida no texto "L'esprit du Monastere de Port Royal", presente nas Constituições. *Les Constitutions du monastère de Port-Royal du Saint Sacrement*. Paris: Guillaume Desprez e Jean Desessartz, 1753. 479p. pp. 359-381.

²⁵⁹ PASCAL, Jacqueline. *Règlement pour les enfants...* Op. cit. p. 366.

²⁶⁰ *Ibidem*. p. 420.

e depois comentar o texto lido lembra a prática de leitura dos salões literários, guardadas as devidas diferenças entre esses dois espaços.²⁶¹

O importante em relação à leitura em Port-Royal é notar que ela não significava apenas o cumprimento de um ritual diário, mas preconizava a verdadeira compreensão do texto e dava margem até mesmo para interpretações individuais. Na pedagogia adotada por Jacqueline Pascal era fundamental que de fato existisse o entendimento do conteúdo da leitura, porque segundo a escritora a compreensão das alunas por si próprias era o que permitiria que elas fossem verdadeiramente tocadas pela fé. Dessa forma, sempre era permitido que as alunas colocassem questões sobre os conteúdos que não tinham sido compreendidos, desde que realizassem as perguntas com respeito e humildade.²⁶²

De quinze em quinze dias as professoras deveriam ter conversas individuais com as pensionistas, momento em que devia haver, conforme o ideal de Jacqueline, uma relação pessoal mais direta entre as duas. No modo como Jacqueline pretendia que fosse a relação de ensino e aprendizado, se preconizavam a doçura no tratamento e a necessidade de conquistar o coração da criança.²⁶³ De certa forma, esse ideal pedagógico se aproxima do modo como Madeleine de Scudéry enxergava a possibilidade do desenvolvimento intelectual das mulheres, que para ela aconteceria através da ternura, da amizade e do respeito ao pensamento e à palavra de cada um.

A escrita das pensionistas, assim como a leitura, também era cercada de cuidados e de restrições. Elas sempre deviam escrever ao sair da Santa Missa, todas em um mesmo local. O silêncio seria redobrado nesse momento e não era permitido às alunas mostrarem umas às outras os seus papéis, nem escrever de acordo com a sua própria fantasia. Elas deveriam principalmente escrever sobre o seu próprio exemplo²⁶⁴, ou transcrever alguma coisa quando lhes era permitido.²⁶⁵

Quanto às restrições, não devemos esquecer que o texto de *Règlement pour les enfants* é uma prestação de contas aos superiores, portanto é natural que Jacqueline tenha tomado o cuidado de nele enfatizar que a leitura e a escrita das pensionistas eram muito bem supervisionadas pelas religiosas. De toda forma, o momento de produção da

²⁶¹ Philippe Sellier também enxerga algumas proximidades entre o cotidiano de Port-Royal e a cultura mundana. Ver SELLIER, Philippe. Qu'est-ce que Port-Royal?... Op. cit.

²⁶² PASCAL, Jacqueline. *Règlement pour les enfants*... Op. cit. p. 421.

²⁶³ PASCAL, Jacqueline. *Règlement pour les enfants*... Op. cit.

²⁶⁴ O exemplo era um tema recorrente em Port-Royal. A vida dos santos e das santas era lida para ser seguida como exemplo. Voltaremos a essa questão mais adiante.

²⁶⁵ *Ibidem*. p. 369.

escrita durava quarenta e cinco minutos todos os dias, o que proporcionava para as crianças o desenvolvimento do hábito de escrever e a familiaridade com a escrita.²⁶⁶

Apesar da severidade com que era conduzido o ensino feminino, nas Constituições do Monastério de Port-Royal estava clara a prioridade em respeitar a livre vontade das meninas em permanecer ou não na instituição.²⁶⁷ Todas as meninas que lá entravam com idade a partir dos quatro anos eram educadas até chegarem numa idade própria, por volta dos dezessete anos, para decidirem por elas mesmas se desejavam seguir o caminho da religião, tornando-se noviças, ou se desejavam retornar ao mundo.²⁶⁸ Mesmo quanto ao uso do hábito, exigido a todas as alunas de Port-Royal, era respeitada a decisão da criança de não usá-lo, se caso lhe causasse “repugnância”²⁶⁹.

A experiência pessoal de Jacqueline Pascal pode tê-la influenciado na ênfase que dava ao respeito às decisões pessoais. Ela havia ingressado no monastério por vontade própria, tendo professado os votos aos vinte e seis anos, bastante tarde para as práticas da época e somente após a morte do seu pai, o qual havia se oposto veementemente à decisão tomada por ela.²⁷⁰ Além disso, Jacqueline havia recebido a forte influência do pensamento de Saint-Cyran quanto à questão da vocação, explicitada na carta que endereçou para sua irmã em primeiro de abril de 1648, quando não havia obtido o acordo do pai para a sua entrada na vida religiosa. Diz Jacqueline Pascal à sua irmã: “Nós temos aqui a carta de M. de Saint-Cyran, *de la Vocation*, impressa recentemente sem aprovação nem privilégio, que chocou muita gente. Nós a lemos ; nós lha enviaremos depois ; nós estaremos bem à vontade de receber o teu sentimento e o do Senhor meu pai sobre ela: ela é muito relevante.” [“Nous avons ici la lettre de M. de Saint-Cyran, *de la Vocation*, imprimée depuis peu sans approbation ni privilège, ce qui a choqué beaucoup de monde. Nous la lisons ; nous te l’envoyons après ; nous serons bien aise d’en avoir ton sentiment et celui de M. mon père : elle est fort relevée.”]²⁷¹

O respeito à vontade pessoal se unia em Port-Royal à consideração do direito à consciência individual. A reivindicação da consciência na rejeição à assinatura do formulário foi uma forma encontrada pelas religiosas de se contrapor à Igreja na restrição à autonomia das mulheres imposta pela instituição. As religiosas diziam que

²⁶⁶ Ibidem. Op. cit. p. 369.

²⁶⁷ *Les Constitutions du monastère...* Op. cit. A primeira edição das Constituições data de 1665.

²⁶⁸ PASCAL, Jacqueline. *Règlement pour les enfants...* Op. cit. p. 360.

²⁶⁹ *Les Constitutions du monastère...* Op. cit. p. 95.

²⁷⁰ DELFORGE, Frédéric. *Jacqueline Pascal (1625-1661)*, biographie. Paris: Nolin, 2002. 157p.

²⁷¹ PASCAL, Jacqueline. “Autre lettre a la même.” Ce 1^{er} avril 1648. In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 100-106. p. 101.

respeitavam as interdições impostas à leitura feita pelas mulheres, mas não se sujeitavam à obediência incondicional e à hierarquia. Dessa forma, elas estavam reivindicando o respeito à individualidade. O direito à consciência se tornou o lema das freiras como uma forma de reivindicar o respeito ao indivíduo, fosse mulher ou homem, e como uma forma de evidenciar que o respeito à hierarquia não poderia sobrepor-se àquilo que um indivíduo compreendia como verdade.

Esse modo de pensar vinha do ideal pedagógico de Port Royal, pelo qual a simples obediência, a aceitação dos preceitos oferecidos e a repetição eram suplantadas pela ideia de que a aluna deveria fazer por ela própria uma reflexão; deveria ler e questionar até obter a completa compreensão do texto; deveria aprender na conversa com a professora. Por isso o mais importante, segundo Jacqueline Pascal, era a conquista do coração da aluna.

É certo que existia o rigor no projeto educacional de Port-Royal, mas esse mesmo rigor fazia com que as meninas saíssem de lá levando consigo um conhecimento de gramática e uma familiaridade com a escrita, além do livre pensar, que não eram comuns para as mulheres daquela época. O cuidado para não empregar um rigor excessivo na educação de meninas é reconhecido por Jacqueline Pascal, que via na austeridade excessiva dois problemas: em primeiro lugar, a severidade poderia acabar lhes cansando o espírito e a imaginação, em vez de unir o coração das meninas a Deus; depois, poderia também desencorajá-las a seguir os estudos, caso elas concluíssem que não poderiam chegar à perfeição demandada pelas freiras.²⁷²

A seriedade do ensino feminino dessa instituição levou Jean Racine, um dos mais reconhecidos dramaturgos clássicos, educado nas *Pétites écoles de Port-Royal*, a comentar que em Port-Royal as professoras não se contentavam em educar as meninas para a piedade, tendo o cuidado de lhes formar o “espírito” e a “razão”. Segundo ele, era possível citar um grande número de mulheres que saíram desse monastério capazes de “edificar o mundo pela sua sabedoria e sua virtude” [“édifier le monde par leur sagesse et leur vertu”]²⁷³.

É certo que em Port-Royal as meninas não eram educadas com o objetivo de torná-las “sábias”, mas sim “boas cristãs”. Nesse ponto o ideal de Jacqueline Pascal estava de acordo com o de Fénelon. No entanto, percebemos que em Port-Royal o ideal de construção de um indivíduo que se desenvolvia por ele mesmo também era

²⁷² PASCAL, Jacqueline. *Règlement pour les enfants...* op. cit. p. 363/364.

²⁷³ Citado por Roger Duchêne. Ver DUCHÊNE, Roger. *Etre femme au temps...* Op. cit. p. 100.

considerado válido para as mulheres. Conforme Anne E. Duggan, esse ideal de indivíduo que se construía por si próprio era baseado na ideia da capacidade de cada um desenvolver a razão. Segundo o discurso hegemônico sobre as mulheres, como elas não seriam capazes de desenvolver completamente a razão, pois não sabiam controlar as emoções, o ideal de indivíduo deveria ser pensado apenas para os homens.²⁷⁴

Já no ideal pedagógico de Port-Royal vislumbrava-se a possibilidade de uma menina desenvolver a racionalidade e pensar por si própria – o que questionava o ideal de indivíduo exclusivamente masculino. Além disso, no monastério se acreditava que elas poderiam controlar completamente as suas emoções, as suas paixões, chegando ao estado de perfeição que tinha como modelo a vida de santos e de santas. Dessa forma, previa-se que as meninas sairiam do pensionato para cumprir uma importante função pública. A função da mulher que deixava Port-Royal após receber uma rigorosa educação não era apenas a de obedecer ao marido; como disse Racine, ela saía de lá para edificar o mundo.

Esse ideal pedagógico feminino foi obstruído em abril de 1661, quando por ordem do rei todas as pensionistas tiveram de ser enviadas de volta para suas famílias. Nesse momento havia em Port-Royal de Paris vinte e duas pensionistas, doze postulantes e oito meninas recolhidas para tomar os votos, enquanto em Port-Royal des Champs havia vinte e cinco pensionistas e sete postulantes.²⁷⁵

Jacqueline Pascal não viveu para ver algumas das irmãs de Port-Royal serem presas (em 1664 e em 1669) e posteriormente todas elas dispersadas (em 1709), pois faleceu em 4 de outubro de 1661. Jacqueline morreu alguns meses após ter cedido à pressão e assinado o formulário, em 24 de junho de 1661. Conforme John J. Conley, as circunstâncias da sua morte fizeram com que ela fosse vista como uma mártir²⁷⁶, principalmente porque sua carta enviada à irmã Angélique de Saint-Jean foi publicada e circulou entre simpatizantes jansenistas.²⁷⁷ Jacqueline sabia que a sua carta tornar-se-ia

²⁷⁴ DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies...* Op. cit. p. 38.

²⁷⁵ As informações são do livro escrito coletivamente pelas religiosas de Port-Royal *Histoire des persécutions des religieuses de Port-Royal, écrites par elles-mêmes*. A Ville-Franche: aux dépens de la Société, 1753. 562p. p. 13.

²⁷⁶ CONLEY, John J. "Introduction". In: PASCAL, Jacqueline. *A rule for children and other writings*. Editado e traduzido por John J. Conley. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2003. pp. 1-17. p. 6.

²⁷⁷ A carta de Jacqueline Pascal à Angélique de Saint-Jean foi publicada em *Divers actes, lettres et relations des religieuses de Port-Royal du Saint-Sacrement, touchant la persécution et les violences qui leur ont été faites au sujet de la signature du formulaire*. Publicação sem indicação de editor nem data. (Bibliothèque nationale de France, notice n° FRBNF33352780).

pública, de forma que devemos compreender a escrita epistolar também como um meio utilizado para disseminar ideais de uma instituição religiosa para além de seus muros.

Assim como a carta de Jacqueline, outros escritos produzidos em Port-Royal passaram a circular a partir do ano de 1665²⁷⁸, publicados anonimamente, a maior parte deles de forma clandestina, frequentemente sem a indicação do local da publicação, nem o nome do editor ou do livreiro, conforme destaca Alain Cantillon.²⁷⁹ Os livros com a produção escrita das religiosas de Port-Royal, publicados sem autorização nem privilégio, cumpriam uma função relacionada à construção da memória do monastério e das próprias religiosas.

2.3. A história e a memória, olhares femininos

Em primeiro lugar devemos compreender a função que cumpria a memória no século XVII e os conflitos literários que dela decorriam. Conforme Faith E. Beasley, na França desse período é possível constatar a produção literária de mulheres que se atreveram a interrogar o gênero venerável da história. Sem terem sido consideradas historiógrafas, elas se utilizaram de outros gêneros literários para disseminar uma visão própria dos acontecimentos passados, como os romances e as memórias.²⁸⁰

Segundo Beasley, da produção literária feminina desse século um número considerável de obras está relacionado com a história. As memórias pessoais e os romances, sendo gêneros em formação, ofereciam uma liberdade de experimentação e inovação que o teatro e a poesia, por exemplo, não permitiam. Segundo a autora, as mulheres sentiam-se atraídas pelos gêneros que as possibilitavam afiliar-se com uma visão alternativa da história. Assim, Beasley vê na produção feminina a apresentação de uma perspectiva histórica coletiva, relacionada com as novas formas literárias das quais

²⁷⁸ São desse período as primeiras publicações dos textos já citados: *Les Constitutions du monastere...* Op. cit.; *Règlement pour les enfants...* Op. cit.; *Divers actes, lettres et relations...* Op. cit.; *Histoire des persécutions des...* Op. cit.; e também de *Apologie des religieuses de Port-Royal du saint-sacrement et L'image d'une religieuse parfaite, et d'une religieuse imparfaite, avec les occupations intérieures pour toute la journée* (este obteve autorização para publicação).

²⁷⁹ CANTILLON, Alain. "Un lieu d'énonciation de la vérité : les religieuses hermaphrodites de Port-Royal en 1665." *Revue électronique du Centre de recherches historiques*. L'Atelier du Centre de recherches historiques, n° 04, 2009. On line desde 26 de julho de 2009. Disponível em: <http://acrh.revues.org/index1295.html>. Acesso em 12 de fevereiro de 2010. Segundo Cantillon é possível afirmar que tanto as Constituições do Monastério quanto o livro *L'image d'une religieuse parfaite, et d'une religieuse imparfaite* são de autoria da madre Agnès Arnauld.

²⁸⁰ BEASLEY, Faith E. *Revising Memory...* Op. cit.

as mulheres se utilizavam, que viriam dialogar com a história praticada oficialmente no período.²⁸¹

A autora vê na tapeçaria produzida pela Manufatura Real de Gobelins (*Manufacture Royale des Gobelins*), sob o comando de Charles Le Brun, a imagem mais explícita do gênero tradicional da história que foi construído no século XVII. Na série mais famosa de tapeçaria intitulada *História do Rei (L'Histoire du roy)*, as quatorze cenas representam Luís XIV em acontecimentos civis e militares, ocorridos entre 1654 e 1678, considerados dignos de comemoração histórica. Em cada imagem o rei é glorificado como o magnífico e onipotente administrador do Estado, sendo que em quase todas elas o rei é visto na posição central, rodeado quase exclusivamente por figuras masculinas: cortesãos e oficiais militares.

De acordo com Beasley, Le Brun procurou uma maneira eficiente de gravar essas poderosas imagens na memória coletiva e determinar o quê e quem deveria ser lembrado para a posteridade. Reproduzidas num total de sete vezes, essas tapeçarias legitimavam os momentos “dignos de memória” (“digne de mémoire”), que era a mais usual definição de história na época. Segundo a autora, as cenas das tapeçarias de Gobelins implicavam na imposição de um único tipo de imagem que poderia ser concebida legitimamente como “História”, representando o desejo do controle real sobre o tipo de representação histórica a ser transmitida para as gerações futuras.²⁸²

Assim, os momentos considerados dignos de memória eram usualmente representados com protagonistas homens em suas funções públicas associadas ao Estado. Como mostra Faith E. Beasley, essas representações correspondiam aos adjetivos “público” e “memorável” da definição oficial de história, que também pressupunha a concepção de “geral”, isto é, aquilo que era universalmente aprovado. Essa história serviria para educar súditos e príncipes, assim como contribuiria para o bem da sociedade civil, conforme a definição do dicionário Richelet.²⁸³ Assim, os historiógrafos reais eram remunerados para escrever de maneira eloquente os fatos públicos vistos como memoráveis, especialmente os protagonizados pelo rei, mas também por figuras influentes da corte e do Exército.

Essa visão universalista e pública da história não previa a representação das mulheres nos eventos considerados memoráveis. No entanto, devemos considerar que

²⁸¹ Ibidem. p. 5.

²⁸² Ibidem. p. 10/11.

²⁸³ Ibidem. p. 11.

essa compreensão oficial da história estritamente masculina não predominou sem ser questionada e ameaçada. Algumas mulheres da realeza se preocuparam em registrar as suas próprias imagens públicas e marcá-las para a posteridade, utilizando-se dos meios que tinham disponíveis para fazê-lo. Foi o caso de Maria de Médici (1575-1642), regente de Luís XIII entre 1610 e 1617, que no início do século XVII contratou o pintor Rubens para retratar toda a sua vida, colocando-a no centro dos acontecimentos políticos.²⁸⁴ Outra rainha do século XVII, Ana da Áustria (1601-1666), regente de Luís XIV entre 1643 e 1651, influenciou o seu historiógrafo, François Eudes de Mézeray (1610-1683), a reconhecer a necessidade de retratar as rainhas e as suas “ações heróicas”.²⁸⁵

O questionamento sobre a visão oficial da história não se restringiu à corte. O movimento das preciosas e as discussões literárias que promoviam acabaram produzindo uma compreensão alternativa da história. As preciosas, sendo uma parte delas escritoras, pretendiam redefinir a função social feminina, já que a própria capacidade de escrita era considerada atributo essencialmente masculino. Portanto, tendo como um dos objetivos justificar a própria prática da escrita que elas exerciam, as mulheres participantes de salões literários viam-se impelidas a modificar a imagem das mulheres e dos acontecimentos do passado.

Todavia, o gênero da história oficialmente reconhecido não estava ao alcance delas, pois a profissão de historiógrafo, essencialmente masculina, era exercida por letrados reconhecidos pelo rei ou pelas academias. Dessa forma, foi o gênero das memórias que cumpriu no século XVII com a função de construir imagens alternativas dos acontecimentos do passado, mesmo do passado recente, como a própria Fronda (1648-1653)²⁸⁶, da qual participaram ativamente mulheres aristocratas que posteriormente abriram salões literários.

Essas memórias davam um tom mais pessoal para fatos que envolviam a corte e a sua publicação trazia para a atenção dos leitores pessoas que usualmente não apareciam na narrativa da história oficial.²⁸⁷ Um número extenso de letrados e letradas

²⁸⁴ A série de quadros sobre Maria de Médici pintada por Peter Paul Rubens está atualmente no Museu do Louvre.

²⁸⁵ *Ibidem*. p. 13.

²⁸⁶ A Fronda foi uma revolta da aristocracia francesa contra o poder real, iniciada no período de regência de Ana da Áustria, mãe de Luís XIV, ocasionada principalmente pelo descontentamento com a alta tributação (gerada pela guerra com a Espanha, ocorrida entre 1635 e 1659) e pelo crescimento do poder monárquico.

²⁸⁷ Devemos considerar aqui todas as formas possíveis de publicação do século XVII, como a leitura coletiva e a circulação de manuscritos.

do século XVII escreveu memórias, sendo que as produzidas por mulheres normalmente eram publicadas após a morte das autoras.²⁸⁸

A escrita de romances históricos também se apresentava como uma forma de expressar considerações pessoais sobre acontecimentos do passado, colocando muitas vezes personagens femininas nas cenas centrais desses eventos. Através desse tipo de romance as escritoras promoviam uma visão alternativa do passado histórico com a qual as mulheres podiam se identificar.

De fato, esses romances promoviam uma redefinição do feminino, pois associavam os fatos políticos “dignos de memória” com personagens femininas consideradas dignas de admiração e de estima. Este é o caso, por exemplo, do romance de Madame de La Fayette, *Histoire de la Princesse de Montpensier*, publicado em 1662, no qual o contexto histórico é o das guerras religiosas do século XVI. Nele os dilemas pessoais da protagonista estão entrelaçados com os acontecimentos políticos do período.²⁸⁹

Evidentemente que esses romances procuravam construir uma imagem positiva das mulheres, portanto, as ações das personagens femininas se encaixavam perfeitamente nos padrões morais da época.²⁹⁰ O objetivo era fazer uma associação positiva entre o feminino e as funções públicas, em contrapartida ao discurso hegemônico que retratava as mulheres como as causadoras das desordens, como vimos em Fénelon.

Dessa forma, escritoras utilizaram as memórias e os romances para contestar o papel desviante e subversivo atribuído às mulheres que se aventuravam no espaço público, o qual vinha servindo de justificativa para mantê-las longe do poder. Assim, esse modo de escrita era um meio de mostrar que o sexo feminino não seria somente responsável por dissidências, heresias e revoltas, mas que mulheres também participaram da construção de uma sociedade justa, que foram virtuosas e seguiram fortes princípios morais, portanto estavam aptas para contribuir com a formação da civilização francesa.

²⁸⁸ Sobre o gênero das memórias e as mulheres escritoras ver LOUGEE, Carolyn Chappell. “‘Reason for the public to admire her’. Why Madame de La Guette published her memoirs.” In: GOLSMITH, Elizabeth C. and GOODMAN, Dena (ed.). *Going public: women and publishing in Early Modern France*. Ithaca / London: Cornell University Press, 1995. pp. 13-29.

²⁸⁹ LA FAYETTE, Madame de. “Histoire de la Princesse de Montpensier.” In: _____. *Oeuvres complètes*. Paris: François Bourin, 1990. pp. 27-59.

²⁹⁰ Uma das mais prolíferas autora de romances históricos foi Madame de Villedieu (1631-1683), ver a análise dos seus romances em BEASLEY, Faith E. *Revising memory...* Op. cit. pp. 162-189.

Nesse mesmo contexto podemos compreender as publicações dos textos que narravam os acontecimentos de Port-Royal, produzidos pelas religiosas. Elas sabiam que corria pela França uma imagem que as retratava como heréticas. Assim, notamos que as publicações surgidas a partir do ano de 1665 desempenhavam o papel de combater essa imagem subversiva, mostrando que, ao contrário, eram religiosas dignas de admiração, pois seguiam normas muito rígidas de comportamento.

Conforme disse Allain Cantillon, essas religiosas não podem ser consideradas dissidentes, pois elas jamais assumiram a posição herética da qual eram acusadas.²⁹¹ Ao contrário, o desejo delas era pelo reconhecimento da sua posição como cristãs seguidoras do pensamento de Santo Agostinho e não de pregadoras de heresias.

A publicação do livro *Histoire des persécutions de religieuses de Port-Royal, écrite par elles-mêmes*²⁹², que traz os registros das irmãs durante os anos de conflito é uma evidência de que no decorrer dos acontecimentos elas se preocuparam em registrar os fatos mostrando que não haviam subvertido a ordem. É assim, por exemplo, que elas narram os interrogatórios a que foram submetidas, em primeiro lugar negando qualquer tipo de heresia presente na doutrina que seguiam e procurando passar a imagem de um monastério onde existia paz, união e ordem.

Nesse livro cada uma das irmãs de Port-Royal faz um relato de como havia acontecido o seu próprio interrogatório, quais as perguntas que haviam sido feitas e como elas haviam respondido. Percebe-se em primeiro lugar que as freiras foram submetidas a uma série de questões que concerniam à doutrina jansenista. A elas foi perguntado, por exemplo, se acreditavam que Jesus Cristo havia morrido por todos os homens.

No interrogatório relatado por Jacqueline Pascal ela produz uma narrativa na qual afirma que jamais as irmãs colocaram em dúvida os preceitos da doutrina católica ortodoxa: “eu não creio que eu deva investigar os segredos de Deus” [“je ne crois pas que je doive sonder les secrets de Dieu”].²⁹³ Também sublinhou a ausência de conflitos no monastério, de forma que ela diz não poder fazer nenhuma queixa da instituição na qual vivia: “nós vivemos em uma enorme paz e em uma grande união” [“nous vivons dans une très grande paix et une grande union”].²⁹⁴

²⁹¹ CANTILLON, Alain. Un lieu d'énonciation... Op. cit.

²⁹² *Histoire des persécutions...* Op. cit.

²⁹³ PASCAL, Jacqueline. “XI Interrogatoire.” In: *Histoire des persécutions des religieuses...* Op. cit. pp. 167-168.

²⁹⁴ *Ibidem*.

Os demais interrogatórios narrados pelas irmãs seguem a mesma linha adotada por Jacqueline Pascal, sempre reverenciando a instituição e reafirmando os preceitos da ortodoxia católica. Tornava-se, assim, claro que as irmãs construía sobre si mesmas a imagem de mulheres castas, puras e honestas. A reivindicação da consciência individual quando da assinatura do formulário veio ao encontro dessa imagem quase irretocável, pois lembremos que o principal argumento utilizado por elas era o de não terem lido *Augustinus*. Elas queriam fazer crer que seguiam a risca os preceitos da Igreja.

Devemos lembrar que toda a leitura em Port-Royal era compreendida como exemplar para as condutas diárias. No ideal de Port-Royal a imitação, portanto, como conclui Marcel Bak, era a ação para a qual a leitura mostrava a sua utilidade prática.²⁹⁵ Assim, verificamos que nos textos publicados pelas religiosas, como em *Histoire des persécutions des religieuses*, nas Constituições e no próprio *Règlement pour les enfants*, as irmãs, como escritoras, defenderam e promulgaram um ideal de vida religiosa e, portanto, a sua capacidade intelectual e a própria prática da sua escrita.

Por esse motivo Alain Cantillon conclui que nos seus escritos as irmãs de Port-Royal promoveram a imagem do monastério como um lugar de enunciação da verdade. Foi também a partir da publicação dos seus escritos que as religiosas de Port-Royal divulgaram uma memória sobre elas mesmas. Essa memória, segundo Cantillon, estava pautada pela pressuposição de que Port-Royal era um local de enunciação da verdade, o que contribuiu para que elas construíssem um lugar de enunciação que hoje nomeamos como “as religiosas de Port-Royal”.²⁹⁶

Esse mesmo espírito de grupo e de unidade nós vemos no primeiro livro escrito por Madeleine de Scudéry, de 1642, assinado por seu irmão Georges de Scudéry. Trata-se de uma obra exemplar desse momento de disputa pela memória e da tentativa de construção de referências femininas positivas no passado.

Les femmes illustres ou les harangues héroïques é uma coleção de retratos de figuras históricas femininas da Antiguidade. Os “discursos” (*harangues*) que tratam dessas mulheres são textos curtos que a autora divide em três partes: a primeira parte, intitulada “argumento”, era onde ela explicava a história da mulher em questão; a segunda parte é um discurso escrito como se ele fosse pronunciado pela própria personagem (Artémise, Marianne, Athénaïs, Cléopatre, Bérénice, Sapho, entre outras);

²⁹⁵ BAK, Marcel. *Lectrices de Port-Royal...* Op. cit.

²⁹⁶ CANTILLON, Alain. *Un lieu d'énonciation...* Op. cit.

o final intitula-se “efeito do discurso”, no qual a autora conclui em linhas gerais a moral que ela desejava apresentar com a história.

Scudéry pretendia com esse livro dar lugar à voz feminina na Antiguidade, que ela considerava ter sido silenciada. A autora admitia que os discursos do livro eram todos fictícios, o que ela justificava argumentando que o discurso histórico tradicional havia errado em não incorporar a contribuição das mulheres. A falha, portanto, não seria da autora – em colocar na boca de personagens históricas palavras imaginadas, mas seria na verdade da tradição histórica que silenciou ou censurou as palavras femininas. Assim, a ideia colocada em prática por Madeleine é a de que era possível extrair elementos da história suficientemente capazes para se compreender aquilo que as heroínas poderiam ter dito em determinadas ocasiões.

Madeleine pretendia que o seu livro cumprisse uma função social, a de trazer à tona a voz de mulheres publicamente importantes que, no entanto, haviam sido silenciadas. Mas o livro se mostra menos uma compensação póstuma para as mulheres do passado, do que uma tática de combate nos conflitos em que estavam inseridas as mulheres letradas da sua própria época. Nesse sentido, o prefácio de Madeleine de Scudéry, intitulado *Epître aux dames* é bastante esclarecedor. A autora expõe claramente a intenção da obra, a de explicitar não só a positiva contribuição das mulheres para a história, mas a de conclamar as leitoras a protegerem o livro como se estivessem protegendo a si próprias:

Eu ofereço *Les femmes illustres*, às mais ilustres mulheres, e lhes suplico de quererem protegê-lo. Apoiando a glória dessas heroínas, elas apoiarão a sua própria e, por um interesse generoso, elas se defenderão ao defenderem-nas. Para mim, belas e amáveis damas, que sempre fui adorador do vosso sexo, se esta obra vos agrada e contribuir de alguma forma para a vossa reputação, eu terei chegado ao fim ao qual me propus. Se, todavia, por uma bondade que vos é natural, vós quiserdes proteger, e se a malícia dos homens me reduzir aos termos de precisar dessa gloriosa ajuda, vós direis a eles, por favor, isto que vou dizer, eu procurarei fazê-los calar se vós me julgardes digno de falar.

[J'offre *Les femmes illustres*, aux plus Illustres des femmes, et les conjure d'en vouloir prendre la protection. En soutenant la gloire de ces Héroïnes, elles soutiendront la leur propre et par un intérêt généreux, elles se défendront en les défendant. Pour moi, belles et amables dames, qui ai toujours été adorateur de votre sexe, pourvu que cet ouvrage vous plaise et qu'il contribue quelque chose à votre réputation, je serai arrivé à la fin que je

me suis proposé. Que si toutefois, par une bonté qui vous est naturelle, vous voulez protéger, et que la malice des hommes me réduise aux termes d'avoir besoin de ce glorieux secours, vous leur direz, s'il vous plaît, ce que je m'en vais vous dire, je tacherai de les faire taire si vous me jugez digne de parler.]²⁹⁷

A escritora abre o seu primeiro livro expondo a concepção de que ao relatar os feitos das mulheres do passado na verdade iria contribuir para a reputação das mulheres do presente. A autora em nada escamoteia a existência de um embate envolvendo as mulheres, a intelectualidade e as funções públicas, tratando do próprio livro como se ele fosse uma verdadeira arma. Ela se refere aos possíveis adversários, conclamando as leitoras a não desanimarem quando escutarem críticas. Ao contrário, a autora desejava que as leitoras utilizassem aquele livro para atacar aqueles que desencorajavam a atuação feminina no espaço público. Madeleine desejava golpeá-los com o passado “heróico” das mulheres evocadas em *Les femmes illustres*: “Que se eles acham estranho que eu tenha escolhido as mulheres (...) [vós] me defendei com tanta eloquência que eles sejam obrigados a confessar que vós não falhais e que, por consequência, eu não falhei na minha eleição.” [“Que s'ils trouvent étrange que j'aie choisi des femmes (...) [vous] me défendez avec tant d'éloquence qu'ils soient contraints de confesser que vous n'en manquez pas et que, par conséquent, je n'ai point failli en mon élection.”].²⁹⁸

É no discurso dedicado à Sapho, poeta grega com a qual Madeleine passará posteriormente a se identificar, que a autora fez uma defesa efusiva da forma como ela misturou no seu texto a imaginação, o discurso histórico e a memória. “A imaginação, o espírito e a memória” (“l'imagitation, l'esprit et la mémoire”), unidas ao “julgamento” (“jugement”) seriam as formas mais corretas de mostrar que o sexo feminino possuía tantas qualidades quanto o masculino e que esse sexo não poderia perder o seu tempo a ficar penteando os cabelos.²⁹⁹

Nesse mesmo discurso Madeleine faz uma ode à própria função literária que as mulheres deveriam cumprir. Dirigindo o imaginário discurso de Sapho à outra poetisa, Erinne, o texto transforma-se em um extenso convencimento da histórica contribuição feminina ao mundo das letras. A conclusão final desse discurso é a mais evidente: assim

²⁹⁷ SCUDÉRY, Madeleine de. *Les femmes illustres ou les harangues héroïques*, 1642. Paris: Côté-femmes, 1991. 165p. p. 28.

²⁹⁸ Ibidem. p. 28.

²⁹⁹ Ibidem. p. 157.

como a poeta grega persuadiu a sua amiga, ela também poderia persuadir a toda terra, “que este belo sexo é digno da nossa admiração” [“que ce beau sexe est digne de notre admiration.”]³⁰⁰.

Dessa forma, concluímos que a redefinição do passado através da escrita praticada pelas mulheres tornava possível a imaginação de novas funções sociais, dentre elas a de escritora, a serem conquistadas pelas mulheres. Madeleine de Scudéry empenhou toda a sua capacidade literária para promover discursos imaginários de heroínas do passado – Zénobie, Porcie, Panthée e muitas outras – pretendendo com isso convencer as mulheres da sua época da capacidade intelectual que possuíam.

Em Port-Royal a educação para a formação do indivíduo racional, com a inclusão das meninas, vinha ao encontro dessa redefinição de papéis sociais imaginada para as mulheres. A preocupação que as freiras tiveram com a enunciação da sua história e com a evocação da memória é reveladora da compreensão que elas tiveram da função da escrita como afirmação do feminino no espaço público. Isso nos permite afirmar que a publicação dos escritos das religiosas de Port-Royal se aproxima das pretensões expostas por Madeleine de Scudéry em *Les femmes illustres*. Assim como Madeleine, essas religiosas compartilhavam entre si da visão de que a resistência e o questionamento às limitações impostas pela hierarquia de gênero poderiam ser realizados através da escrita. Elas compreenderam que a escrita era a prática capaz de uni-las em um único grupo: mulheres escritoras.

³⁰⁰ Ibidem. p. 162.

CAPÍTULO III

AS AMIZADES: AFETIVIDADE E CRIAÇÃO LITERÁRIA

Não é difícil imaginar as dificuldades que enfrentavam as mulheres do século XVII quando decidiam seguir o ofício das letras. As mulheres que participavam dos espaços letrados haviam recebido em suas casas uma atenção incomum quanto à sua educação ou haviam sido educadas em monastérios. Mas o trajeto a ser percorrido por uma mulher que desejasse ser escritora não estava garantido simplesmente pelo bom aprendizado da leitura e da escrita. Esse era apenas um importante começo para que ela iniciasse um percurso normalmente cercado de obstáculos.

Conforme já comentamos, nos salões literários as mulheres encontraram espaço para se inserir nos debates intelectuais e para expressar as suas opiniões próprias. Nos monastérios as religiosas tinham a possibilidade de se dedicar ao ensino e lá existia o fácil acesso aos livros. A existência desses dois espaços foi imprescindível para que as mulheres se aproximassem com mais intensidade do mundo do conhecimento. No entanto, outros fatores se mostraram fundamentais para que elas desenvolvessem uma escrita própria e pudessem sustentar vidas inteiras dedicadas à literatura e aos debates intelectuais.

Neste capítulo abordamos um dos fatores que serviu como alicerce para as mulheres se tornarem escritoras: a amizade. Através das amizades elas construíram redes de relações que lhes davam suporte para confrontar a comum hostilidade à intelectualidade feminina. Esse suporte mostrava-se fundamental, em primeiro lugar, porque as mulheres (mesmo as letradas) não tinham a mesma familiaridade com a escrita que os homens de letras. Foi com a amizade de alguns desses homens letrados que as escritoras aperfeiçoaram seu modo de se expressar, adquiriram um vocabulário mais rico, praticaram e se submeteram à crítica e puderam construir as convincentes narrativas que conquistaram o público leitor.

Além disso, esses homens não só ajudaram escritoras a “construir os seus enredos e a corrigir a sua sintaxe e o seu estilo”³⁰¹, como disse Claude Dulong, mas também ofereceram apoio intelectual e afetivo nos diversos momentos em que a autoridade literária dessas mulheres foi questionada. Na realidade, além dos literatos,

³⁰¹ DULONG, Claude. Da conversação à... Op. cit. p. 481.

também mulheres letradas que já haviam adquirido certo status nos espaços literários deram apoio e auxílio para as iniciantes³⁰², compartilhando com elas a experiência de superar os desafios de praticar uma atividade que era não só desaconselhada para as mulheres, mas considerada um desvio da sua verdadeira função social.

A afetividade, portanto, é um dos aspectos a ser considerado no momento em que analisamos as relações de amizade, porque ela se mostra como um elemento central nas relações pessoais vividas no mundo das letras. Foi por causa das conquistas afetivas em suas vidas que muitas mulheres se sentiram impulsionadas a entrar em um terreno tão arenoso para elas quanto era o das letras, se propondo a falar sobre o amor e sobre a própria amizade como elementos fundamentais para uma sociedade que desejasse seguir o rumo da civilidade.

Analisando algumas relações de amizade entre homens e mulheres do século XVII verificamos que existiram relacionamentos que não eram dicotômicos nem marcados pela oposição. Portanto, eram experiências não hierárquicas de troca intelectual nas quais se desenvolveu a afetividade entre homens e mulheres, retirando-as do patamar da subordinação. Assim, a amizade mostrava-se para as escritoras não só como uma tática de inserção nos espaços do saber, mas também como uma experiência de igualdade que lhes proporcionava desenvolver a imaginação sobre as possíveis relações entre homens e mulheres em outras esferas da vida social.

Os vínculos de amizade que construíram Jacqueline Pascal, Madame de La Fayette e Madeleine de Scudéry foram fundamentais para que elas seguissem o caminho intelectual que escolheram. Neste capítulo analisamos a correspondência dessas autoras para compreender como elas adquiriram confiança, proteção e afeto nas suas relações de amizade e como esses aspectos contribuíram nas suas trajetórias como escritoras.

Essas escritoras mantiveram muitas relações de amizade durante suas vidas. No entanto, privilegiaremos apenas algumas delas, que são capazes de elucidar as nossas questões, principalmente sobre a relação dessas mulheres com a escrita. Assim, a partir das cartas de Jacqueline Pascal, podemos compreender a forma como ela se relacionava com os irmãos, Gilberte e Blaise Pascal e como essa relação amistosa favoreceu o seu desenvolvimento intelectual. O convívio de Madame de La Fayette com o seu preceptor Gilles Ménage nos permite pensar no modo como ela desenvolveu uma relação de afeto com um homem de letras e como essa relação influenciou a sua escrita.

³⁰² Podemos perceber essa interação entre mulheres de letras na correspondência de Madeleine de Scudéry, conforme veremos mais adiante.

Já a amizade entre Madeleine de Scudéry e Jean-Baptiste Boisot (o abade Boisot) é abordada com a intenção de perceber a importância dos vínculos amistosos entre letrados já estabelecidos para a troca de ideias e a elaboração de maneiras de pensar, pois as cartas que ela enviou para ele nas décadas de 1680 e 1690 são de um período em que a escritora já havia percorrido um longo caminho nos ambientes letrados e era reconhecida por seus romances de sucesso.

Antes da análise dessas relações específicas, fazemos algumas considerações iniciais sobre a amizade e a utilização das cartas como documentos para a sua compreensão.

3.1. Os significados da amizade no século XVII

A amizade compreendida como um dos caminhos para o desenvolvimento intelectual não foi uma novidade do século XVII. O assunto era recorrente entre os filósofos desde a Antiguidade, tendo sido a troca intelectual entre amigos considerada de fundamental importância para a plenitude da vida e para a formação dos indivíduos.³⁰³ Massimo Baldini compara o lugar que ocupava a amizade em sociedades da Antiguidade e do período moderno ao que atualmente é ocupado pelo amor romântico, que só se tornou um elemento essencial na vida dos indivíduos a partir do século XIX.³⁰⁴

No século XVII o amor podia não ser exatamente desejável, dependendo da forma como ele era compreendido, pois ainda associavam-no frequentemente com a paixão – palavra que recebia muito mais atenção dos discursos hegemônicos desse período do que o amor. Com a continuidade de algumas concepções que não haviam sofrido grandes mudanças desde a Idade Média, a paixão era considerada um sentimento perigoso a ser eliminado do cotidiano, pois se acreditava que levava os

³⁰³ É importante lembrar que os homens e as mulheres de letras do período moderno retomaram o estudo dos filósofos da Antiguidade e neles buscaram referências culturais. Encontramos particularmente em Cícero aceções sobre a amizade próximas às que foram desenvolvidas pelos letrados do século XVII – a leitura desse filósofo pode bem tê-los auxiliado a construir um ideal para as relações de amizade nesse século. Ver CÍCERO, Marco Túlio. *Da amizade*. Tradução de Gilson Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 117p.

³⁰⁴ BALDINI, Massimo. “Introdução.” In: BALDINI, Massimo. (org.) *Amizade e filósofos*. Tradução de Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 2000. pp. 9-40.

indivíduos aos arrebatamentos impensados, às atitudes irracionais e, conseqüentemente, à desordem social.³⁰⁵

Pelas normas sociais vigentes o casamento nada tinha a ver com a paixão ou mesmo com o amor.³⁰⁶ Um contrato a ser cumprido, um acordo financeiro ou mesmo um acordo que visava boas posições sociais, o casamento significava uma decisão racional a ser tomada pelas famílias, que não deveria ser entremeada por fortes emoções nem pelo desejo. Esses acordos pressupunham que a mulher cumpriria corretamente o seu papel de esposa, estando subordinada ao seu marido, tivesse por ele bons sentimentos ou não.

A partir de um pensamento crítico quanto à realização de casamentos sem a existência de sentimentos envolvidos, o amor passou a aparecer na literatura romanesca do século XVII como um elemento central da vida afetiva dos indivíduos. O amor idealizado nos romances desse período pode ser chamado de amor precioso ou de amor galante, sendo que na obra de Madeleine de Scudéry ele ganhou ainda significados mais complexos, vindo a ser chamado de amor terno.³⁰⁷

O amor galante se distanciava tanto das concepções de paixão (como um descontrole das emoções), quanto do sistema hierárquico pressuposto pela instituição do casamento. De acordo com o modelo sentimental divulgado por romances como os escritos por Madame de La Fayette e Madeleine de Scudéry, esse era um tipo de amor baseado nos sentimentos recíprocos de estima, admiração, consideração, apreço, atenção e respeito.³⁰⁸ Assim, existindo esse amor ficava abalada a hierarquia entre o homem e a mulher.

³⁰⁵ DEJEAN, Joan. *Antigos contra modernos...* Op. cit.

³⁰⁶ Conforme Jean Flori a Igreja considerava suspeitos o amor e o desejo no casamento pelo menos desde São Jerônimo (347-420). Ver FLORI, Jean. “Aliénor et l’amour courtois.” In: _____. *Aliénor d’Aquitaine. La reine insoumise*. Paris: Éditions Payot et Rivages, 2004. pp. 337-383. p. 343.

³⁰⁷ Tornou-se muito conhecido no século XVII o “mapa amoroso” publicado em *Clélie, histoire romaine*, de Madeleine de Scudéry. A *Carte de Tendre* era o desenho de um mapa do país imaginário chamado *Tendre*. Nesse país, para chegar até as três principais cidades, *Tendre-sur-Inclination*, *Tendre-sur-Estime* e *Tendre-sur-Reconnaissance*, aqueles que amavam deveriam tomar o caminho certo, passando por outras pequenas cidades, que se chamavam, por exemplo, *Sincérité* (Sinceridade), *Générosité* (Generosidade), *Respect* (Respeito). Mas existiam outras cidadezinhas que afastavam as pessoas desse caminho do amor terno, como a *Inésgalité* (Falta de igualdade) e a *Légèreté* (Despreocupação).

³⁰⁸ Sobre as imagens do amor nos romances de Madame de La Fayette ver DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos...* Op. cit. Especialmente o capítulo três: “Uma breve história do coração humano”. Sobre o ideal de amor nos romances de Madeleine de Scudéry ver DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and...* Op. cit. Especialmente o capítulo dois: “Love Orders Chaos: Madeleine de Scudéry’s Clélie, Histoire Romaine”.

A presença da temática amorosa na literatura encontra precedentes na Idade Média, especialmente no “amor cortês”³⁰⁹, expresso em poemas de trovadores do século XII, presentes em cortes como a de Leonor da Aquitânia.³¹⁰ Segundo Jean Flori esses poemas medievais podem ser vistos como reações críticas à instituição puramente econômica e social do casamento (uma união de duas casas), assim como neles podemos observar a promoção da mulher para uma posição que não é totalmente subordinada a do homem.³¹¹

Esses poemas expressavam a linguagem de um vassalo falando a uma dama que era, na maior parte das vezes, casada e de uma posição social superior à dele. A história mais recorrente era a de um cavaleiro enamorado pela mulher do seu senhor. Por conseguinte, essa dama estava inacessível tanto em decorrência da hierarquia social quanto das regras institucionais do casamento. Esse cavaleiro precisava ultrapassar etapas de conquista amorosa para ganhar o coração dessa dama, que permanecia na posição de decidir se o desejava ou não. Finalmente, ela poderia entregar-se a ele por sua livre vontade, reservando-se sempre o direito de dizer não se assim quisesse.

O amor cortês expressava o encontro de valores da cavalaria e da corte, resultando em um modelo de cavaleiro cortês com gestos e modos refinados. Dessa forma, fazendo a corte a uma dama, demonstrando a sua capacidade de conquistá-la sem violência, com habilidade, doçura e civilidade, esse cavaleiro elevava-se a um nível cultural mais alto do que camponeses e burgueses, de costumes rudes.³¹²

Mesmo considerando o amor cortês como um precedente, destacamos a significativa diferença contextual em que apareceu o “amor galante” na literatura

³⁰⁹ Conforme Jean Flori a expressão “amor cortês” foi utilizada pela primeira vez por Gaston Paris, no final do século XIX, para designar essa arte de amar que aparece na literatura do século XII. FLORI, Jean. *Aliénor et l’amour...* Op. cit. p. 352.

³¹⁰ Leonor da Aquitânia (1122-1204), Duquesa da Aquitânia, era neta de Guilherme IX (1071-1126), Duque da Aquitânia, o trovador considerado o iniciador do amor cortês no reino da França, tendo em vista que os seus poemas expressavam uma valorização do amor e da mulher, de acordo com Jean Flori. *Ibidem.* p. 344.

³¹¹ A análise do amor cortês de Jean Flori se contrapõe a de Georges Duby na questão interpretativa sobre a valorização da mulher nesses poemas. Conforme afirma Flori, Duby considera o amor cortês como um jogo puramente masculino, cujo objetivo final seria o controle dos cavaleiros pelo senhor e no qual a dama a ser conquistada nada mais seria do que uma “presa” (*proie*). Jean Flori, em contrapartida, acredita que esse ponto de vista não tem uma correspondência real nas práticas sociais daquele período, já que, se as relações amorosas permeadas pelo amor cortês fossem controladas pelo senhor, ele não colocaria justamente a fidelidade da sua própria mulher em risco. Para Flori há que se considerar a possibilidade da influência feminina (como a de Leonor da Aquitânia) na composição desses poemas. Nesse sentido, talvez seja bom lembrar que existiram também trovadoras. *Ibidem.* p. 355-361. Ver também DUBY, Georges. *Damas do século XII: a lembrança das ancestrais*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1997. 155p.

³¹² *Ibidem.* p. 340.

francesa, assim como a diferença dos modelos de relação afetiva que esses dois tipos de amor apresentavam. O modelo de relação amorosa existente nos romances do século XVII não colocava em questão a diferença de nível social entre as duas pessoas envolvidas, que pertenciam geralmente à aristocracia. Ademais, o amor galante não tinha relação direta com a realização carnal da relação afetiva. Na realidade, o amor galante não pressupunha a efetuação de uma “conquista” – esse era um dos fatores que levava à quebra da hierarquia de gênero, o que não ocorria no amor cortês.

Destacamos que o amor galante poderia se realizar em diferentes tipos de relação interpessoal. Poderia acontecer dentro da instituição matrimonial, sendo um sentimento possível entre o marido e a mulher; poderia ser vivenciado antes do casamento, por pretendentes; assim como era um sentimento que poderia existir entre simples amigos.³¹³ O amor galante não tendia a se concretizar no desejo físico, ele poderia durar por uma vida inteira somente com a troca de amabilidades. Por esse motivo se adequava muito bem nas relações de amizade.

É importante notar que o amor galante significava antes de tudo a valorização do indivíduo que ama. Como explica Joan DeJean, os romances do século XVII, especialmente aqueles que sucederam *La Princesse de Clèves*, proclamavam que o valor de um indivíduo deveria ser avaliado pela sua habilidade para amar e para atrair o amor. Particularmente em romances cujos enredos aconteciam em meio a contextos históricos, em vez da coragem e dos grandes feitos a capacidade para o amor passava a ser a medida do mérito humano.³¹⁴

Nesse sentido, o amor galante significava um caminho para a compreensão da individualidade, pois ele requeria um processo de autoconhecimento. Como mostra DeJean, principalmente em *La Princesse de Clèves* evidencia-se a existência de um espaço de interioridade, onde acontecia a aquisição das emoções: em um momento de reflexão a pessoa precisava admitir para si mesma o amor que sentia pela outra, tomando consciência dos seus sentimentos.³¹⁵

³¹³ A ideia de que a amizade era uma relação permeada pelo sentimento do amor não era exatamente nova. No século XV Dom Duarte, rei de Portugal, escreveu o tratado moral *Leal conselheiro*, destinado à leitura dos membros da corte, no qual aparece uma discussão sobre as maneiras de amar. Como afirma Marcella Lopes Guimarães, dentre elas destaca-se a amizade como um sentimento capaz de unir pessoas em diferentes tipos de relações, como as pessoas casadas ou os irmãos. Ver GUIMARÃES, Marcella Lopes. A ínclita biblioteca de Fernão Lopes. *Revista da ABRALIP*, nº 3 e 4, pp. 65-81, 2005. p. 73. Ver também DOM DUARTE. *Leal conselheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998. 380p.

³¹⁴ DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos...* Op. cit. p. 164.

³¹⁵ *Ibidem*. p. 162.

Mas o ideal de amor divulgado por romances não expressava uma visão hegemônica sobre esse sentimento no século XVII. O modelo de relacionamento que aparecia nessa literatura não era aquele de fato vivenciado na maior parte das relações amorosas entre homens e mulheres desse período. Como mostra Joan DeJean, o processo de redefinição do amor foi resultado da reescrita da linguagem das emoções, tendo sido originário de um processo turbulento no seio da sociedade letrada.³¹⁶

Nesse contexto, nas práticas das relações afetivas o amor galante pode ser reconhecido de fato em algumas relações de amizade, especialmente nas que existiram entre homens e mulheres de letras. Como a cumplicidade e a atenção muitas vezes não eram compartilhadas na relação conjugal, um amigo ou uma amiga frequentemente podia cumprir esse papel. Por ser a amizade, como disse Baldini, espontânea, facultativa e recíproca³¹⁷, ela era uma via pela qual as emoções mais fortes das relações interpessoais poderiam ser canalizadas. Esperava-se de um amigo ou uma amiga o carinho, o cuidado e a consideração que muitas vezes não eram buscados e encontrados no casamento.

A amizade era um valor muito difundido entre as elites letradas. Nos espaços de sociabilidade do século XVII, em especial nos salões literários, se fortaleceram muitos vínculos de amizades. Os encontros dos salões literários fizeram com que eles fossem vivenciados cotidianamente, porque as reuniões eram muito frequentes. Normalmente havia um encontro em cada dia da semana na casa de uma anfitriã diferente, portanto, não era incomum que muitos dos letrados acabassem se encontrando quase todos os dias.

Dessa forma, o conceito de *galanteria* desenvolvido no século XVII, embora tenha sido difundido em grande parte por romances de amor, correspondia às práticas das relações de amizade, no sentimento amigável. Ser galante significava em primeiro lugar ter vontade de agradar, sentir o desejo de proporcionar prazer aos outros, induzir alguém ao contentamento e ao bem estar.³¹⁸ A galanteria pressupunha a aquisição de determinados modos de agir, pois requeria uma forma de comportamento adequada aos conceitos de polidez e de civilidade da época. Segundo o ideal mundano, a galanteria, a polidez e a civilidade proporcionavam o bem estar do grupo e serviam como os conceitos estruturadores da civilização.

³¹⁶ Ibidem. p. 122.

³¹⁷ BALDINI, Massimo. "Introdução"... Op. cit.

³¹⁸ VIALA, Alain. *La France galante*... Op. cit.

Especialmente a galanteria estava associada a uma literatura específica, a literatura galante, que seria capaz de proporcionar sentimentos agradáveis, fosse para uma pessoa (para quem se lê) ou para um grupo.³¹⁹ Assim, a beleza de um poema, a graça de um conto ou a delicadeza de um romance serviam para tornar os momentos de leitura conjunta prazerosos, portanto, amigáveis. A literatura galante correspondia, assim, a uma percepção sobre a amizade, ou seja, quando duas ou mais pessoas estavam juntas para ler elas desejavam compartilhar sentimentos de ternura e de amabilidade, que eram os pressupostos da galanteria.

Assim, a prática da leitura coletiva, mesmo as realizadas em duplas ou em grupos menores do que nos salões, fortalecia os vínculos de amizade entre as pessoas letradas, conforme demonstrou Roger Chartier³²⁰. O momento da leitura era visto como a prática de uma sociabilidade e a realização de um prazer. Se as pessoas estavam reunidas para realizar uma leitura, pressupunha-se que existiam afinidades entre elas e que elas queriam bem umas às outras. A leitura conjunta era a efetuação de uma troca intelectual (quando um fala e os outros escutam e depois comentam) e era também um momento de demonstração da afetividade: se uma pessoa lia para a outra era porque lhe queria fazer bem, significava que existia estima, admiração e vontade de agradar.

Por esse motivo a galanteria não significava exatamente uma conquista amorosa, ela tinha relação com a troca intelectual. Se um homem lesse um poema galante certamente a sua intenção era a de agradar a mulher, mas se pressupunha também que ele desejava saber a opinião dela sobre o poema. Assim, pressupunha-se que as mulheres possuíam uma capacidade intelectual elevada.

Dessa forma, o conceito de galanteria unia o ideal estético da sociabilidade mundana ao modelo de comportamento imaginado a partir dessa sociabilidade. A habilidade de agradar e de proporcionar prazer era vista como uma arte em si mesma, enquanto a literatura era vista como uma arte que deveria corresponder a essa outra arte. Conforme disse Delphine Denis, a galanteria “parece constituir um ponto de convergência nevrálgico entre arte de viver e literatura, entre poder e sociedade.” [“semble constituer un point de convergence névralgique entre art de vivre et littérature, entre pouvoir et société”]³²¹.

³¹⁹ Ibidem.

³²⁰ CHARTIER, Roger. *Loisir et sociabilité...* Op. cit. p. 131.

³²¹ DENIS, Delphine. “Les propositions de Madeleine de Scudéry.” In : SCUDÉRY, Madeleine de. “*De l’air galant*” et autres *Conversations (1653-1684)*. Pour une étude de l’archive galante. Edition établie et commentée par Delphine Denis. Paris: Honoré Champion, 1998. pp. 47-48. p. 47.

Nesse sentido, a percepção da amizade no século XVII pode ser vista conforme pensava Michel Foucault, como um “modo de vida” [“mode de vie”]. Segundo o autor, um modo de vida pode dar lugar a uma cultura ou a uma ética.³²² Assim, as experiências de amizade entre os letrados participantes dos salões literários proporcionou um modo de pensar sobre as relações humanas, baseado em um tipo ideal de comportamento (galante, polido e civilizado) ao qual vinha corresponder também um ideal estético (o da literatura galante). Esse ideal não foi construído *a posteriori*, mas através das práticas de leitura e de escrita coletivas.

Dessa forma, a literatura não era um elemento à parte simplesmente inserido nas práticas de sociabilidade. A leitura e a escrita faziam parte da constituição de um determinado tipo de sociabilidade, que pressupunha a vontade de interação entre os indivíduos. É por isso que, segundo Daniel Gordon, uma das definições do século XVII para a sociabilidade é a do amor pela troca, de forma que a “sociabilidade poderia ser nada mais do que a procura de interação convival para o prazer imediato que isso proporciona”. [“Sociability may be nothing other than the pursuit of convivial interaction for the immediate pleasure it affords”]³²³.

Nesse sentido, segundo Gordon, a sociabilidade poderia ser uma espécie de jogo, onde o objetivo principal era o da interação entre os amigos. Por isso, uma pessoa realmente sociável seria aquela que saberia cumprir as regras para preservar as trocas pessoais.³²⁴ Já a galanteria pode ser vista como uma espécie de tática dentro desse jogo da sociabilidade.³²⁵ Mas é importante destacar que havia uma diferença entre a verdadeira galanteria, desejável, e a falsa galanteria, a qual poderia aparecer rodeada de intenções enganosas e de sentimentos insinceros.

A verdadeira galanteria era a que estava associada com a verdadeira amizade, isto é, era aquela que surgia de um desejo autêntico de aproximação entre duas pessoas, objetivando simplesmente a experiência prazerosa de desfrutar de uma companhia, de

³²² FOUCAULT, Michel. “De l’amitié comme mode de vie” (entretien avec R. de Ceccaty, J. Danet et J. le Bitoux) In :_____. *Dits et écrits*. vol. IV. Paris: Gallimard, 1994. pp. 163-167.

³²³ GORDON, Daniel. *Citizens without sovereignty...* Op. cit. p. 33.

³²⁴ *Ibidem*. p. 34.

³²⁵ Daniel Gordon compara metaforicamente a sociabilidade dos salões literários com um jogo. É interessante notar, nesse sentido, que exista nos salões literários a prática de jogos verdadeiros, especialmente jogos literários. Por exemplo, um jogo poderia ser a elaboração de madrigais em conjunto. *Ibidem*. Já Anne E. Duggan vê a prática de jogos nos salões literários como uma das formas da elite imaginar aquele como um espaço utópico, alternativo aos conflitos presentes na corte. Ver DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies...* Op. cit. p. 94.

trocar afetos e de trocar ideias. A falsa galanteria poderia ser confundida com a paixão, teria intenções escusas e nem sempre expressava bons sentimentos.

Madeleine de Scudéry explicou no romance *Artamène ou Le Grand Cyrus*, em um episódio intitulado *L'Histoire de Sapho*, como ela compreendia as diferenças entre a verdadeira e a falsa galanteria.³²⁶ Posteriormente, em 1684, esse texto foi publicado no seu livro *Conversations nouvelles sur divers sujets*. Para Madeleine, ser galante não significava “ter muito espírito, muito julgamento e muito saber” [“beaucoup d’esprit, beaucoup de jugement, et beaucoup de sçavoir”]³²⁷, da mesma forma que não significava falar da maneira correta, falar muito ou querer agradar a qualquer custo. A verdadeira galanteria não era exatamente um conhecimento a ser adquirido, pois ela deveria ser buscada no interior de cada pessoa, porque ela servia na realidade para demonstrar os bons sentimentos que um indivíduo carregava interiormente.

Assim, mais importante do que pretender agir de uma determinada maneira, a galanteria pressupunha a expressão de um sentimento verdadeiro. Dessa forma, quando a pessoa tinha o espírito naturalmente galante sabia ser amável de forma natural. As habilidades do galante viriam naturalmente se a pessoa já tivesse sentido pelo menos uma vez na sua vida “alguma ligeira inclinação amorosa” [“quelque légèrè inclination amoureuse”]³²⁸ ou simplesmente tivesse sentido a vontade espontânea de agradar.

Portanto, na visão de Madeleine de Scudéry a galanteria significava uma série de sutilezas e agrados de uma pessoa para com outra, mas que precisavam ser “naturais”, tendo de evocar a expressão de sentimentos reais e verdadeiros. Desse modo, a verdadeira galanteria não apresentava nenhuma relação com a vaidade ou com os jogos amorosos fúteis que, segundo ela, eram condenados por aqueles que falavam mal dos homens galantes. Essa seria, segundo a autora, a falsa galanteria. Assim, conforme Madeleine, o ar galante não podia ser resultado de uma beleza superficial ou da vaidade.³²⁹

Conforme demonstra Alain Viala, a finalidade do comportamento considerado como “verdadeiramente galante” era o de amar e de ser amado, não no sentido romântico ou no sentido associado com a paixão, mas no sentido de que a galanteria era o que permitiria às pessoas demonstrarem afeição, serem amáveis. De acordo com

³²⁶ SCUDÉRY, Madeleine de. “L’Histoire de Sapho.” In: _____. *Artamène ou le grand Cyrus*. Tome X, livre II, pp. 881-904. Disponível em : <http://www.artamene.org>.

³²⁷ SCUDÉRY, Madeleine de. “Conversation de l’air galant.” In: _____. *Conversations nouvelles sur divers sujets*, dédiées au Roy. Tome I. Paris : Claude Barbin, 1684. pp. 358-392. p. 366.

³²⁸ Ibidem. p. 368.

³²⁹ Ibidem. p. 378-379.

Viala, tratava-se de um julgamento racional (expresso em modelos de comportamento), mas também de um sentimento, já que ela se expressava por uma estética que era definida pela manifestação exterior de qualidades interiores de “um espírito verdadeiramente belo” [“d’un esprit vraiment beau”]³³⁰. Assim, o ar galante de um homem ou de uma mulher significava a expressão estética de um coração e de um espírito que eram realmente bons e belos.³³¹

Da mesma forma, o modelo de verdadeira amizade foi imaginado por Charles Perrault como a expressão externa das qualidades interiores dos indivíduos. Para Perrault, a amizade seria um sentimento que poderia despertar em uma pessoa as suas características interiores mais admiráveis, pois ela estava associada com a bondade e com a generosidade. No texto de Perrault, *Dialogue de l’amour et de l’amitié*, o “Desejo”, a “Beleza”, a “Bondade”, o “Amor” e a “Amizade” são personagens. Segundo o autor, enquanto o Amor havia nascido do casamento do Desejo com a Beleza, a Amizade havia nascido da relação do Desejo com a Bondade.³³² De acordo com ele, as características da Bondade eram a paciência, a complacência e a tranquilidade, por isso ela conseguia manter relações mais estáveis e mais duráveis e, conseqüentemente, dela nasceria a Amizade.

Nessa história contada por Perrault, o Amor havia sido uma criança adorável no princípio, mas quando cresceu mudou completamente as suas características, tornando-se um jovem cheio de problemas, que só reclamava e sofria. A Amizade, ao contrário, logo que nasceu não despertou grandes emoções, mas quando cresceu pôde demonstrar a sua beleza e o seu charme. Sua presença tornou-se assim fundamental para o bem estar de todos:

É verdade que durante a sua primeira idade ela [a Amizade] não foi tão gentil e tão agradável quanto havia sido o Amor: mas quando ela começou a ficar um pouco grande, ela apareceu tão bela e tão charmosa, que ela foi desejada e procurada por todos aqueles que a viam. Procuravam colocá-la em todos os encontros que faziam, e uma Companhia não parecia completa e em estado de se bem divertir, se ela faltasse ao encontro; os Filósofos mesmo não duvidavam em dizer que a sua presença diminuía todas as aflições e redobrava todos os prazeres, e que a vida era aborrecida sem ela.

³³⁰ VIALA, Alain. *La France galante...* Op. cit. p. 139.

³³¹ *Ibidem*.

³³² PERRAULT, Charles. *Dialogue de l’amour et de l’amitié*. Paris: Chez Pierre Bienfait, 1665. 69p.

[Il est vrai que durant son premier âge elle ne fut pas si gentille ni si agreable que l'avoit esté l'Amour : mais lors qu'elle commença d'estre un peu grande, elle parut si belle et si charmante, qu'elle fut désirée et recherchée de tous cheux qui la virent. On tâchoit de la mettre de toutes les parties que l'on faisoit, et une Compagnie ne sembloit pas complete et en estat de se bien divertir, si elle manquoit à s'y rencontrer ; les Philosophes mesmes ne doutoient pas de dire que sa presence diminueoit toutes les afflictions et redoubloit tous les plaisirs, et que la vie estoit ennuyeuse sans elle.]³³³

Vemos que Perrault sublinha a importância da amizade nos encontros e companhias (aqui podemos ler salões ou academias), pois era ela quem proporcionava o prazer e diminuía as aflições. Compreendemos também a partir da metáfora de Perrault – a amizade como fruto da relação entre o desejo e a bondade – que o autor via o desejo como o ponto de partida para o nascimento de um vínculo amistoso. Para começar uma amizade em primeiro lugar era necessário desejar estar junto de outra pessoa, desejar compartilhar com ela sentimentos e ideias. Porém, a amizade também não se concretizaria sem a bondade. Assim, era necessário que os amigos estivessem abertos para as necessidades uns dos outros, que estivessem dispostos a compreender os problemas alheios e a fazer concessões.

Por estar a amizade associada com a bondade, a gentileza e a generosidade (como demonstra Perrault), ela era a relação que permitia às mulheres experimentarem um convívio mais igual com os homens. Isso porque o modelo de comportamento desejado em uma relação de amizade não admitia nem julgamentos prévios (sobre a sua inteligência, por exemplo), nem o exercício do poder.

Como dissemos, a sociabilidade no século XVII pressupunha interação e reciprocidade, já a amizade unia a isso a afetividade, a condescendência e a consideração. Por isso, a amizade era o tipo de relação que afastava homens e mulheres do sistema hierárquico da divisão sexual, porque ela pressupunha o respeito pelo outro, antes do que o julgamento, conforme destacava Madeleine de Scudéry. Já a galanteria adicionava à amizade a vontade de agradar o outro mais do que de se sobrepor a ele. Dessa forma, para Madeleine de Scudéry, a polidez e a galanteria impediriam que os homens desprezassem as mulheres, o que as tornaria menos fracas.³³⁴

³³³ Ibidem. p. 15.

³³⁴ SCUDÉRY, Madeleine de. *Conversation de l'air galant...* Op. cit. p. 390-391.

Dessa maneira, a amizade no século XVII correspondia ao conceito de sociabilidade considerado essencial pelos letrados. Porém, é certo que as amizades reais não se adequavam exatamente ao modelo de amizade imaginado. Como bem destaca Alain Viala, nem mesmo as personagens de Madeleine de Scudéry cumpriam nas histórias dos romances as normas de sociabilidade que a própria autora sustentava. Nos romances de Madeleine as personagens são galantes, mas ela distinguia a personalidade de cada um por suas qualidades, assim como pelos seus defeitos. Dessa forma, enquanto um era por demais lacônico, outro falava demais ou ria demais, enquanto alguns escondiam os seus sentimentos, outros eram muito apressados em dizê-los, por exemplo. Como disse Viala, nas histórias de Madeleine não havia herói perfeito.³³⁵

Nesse sentido, destaca-se que existia um ideal de amizade compartilhado no ambiente das letras que poderia não ser concretizado, pois as pessoas poderiam não corresponder exatamente às expectativas umas das outras. No entanto, quando se iniciava uma amizade, os modelos de comportamento delineavam as expectativas em relação àquele novo vínculo. Assim, esperava-se de um amigo um comportamento e quando ele não correspondia às expectativas isso certamente significava decepção e desapontamento. Por isso são recorrentes na correspondência dos letrados manifestações de ciúme e queixas quanto à falta de atenção. Também vemos na correspondência trocada entre homens e mulheres de letras expressões de reafirmação de uma amizade, no sentido de confirmar os laços já estabelecidos.

Desse modo, devemos compreender a troca de cartas no século XVII como uma prática realizada para a manutenção das amizades. Segundo Antoine Lilti, a correspondência trocada por amigos deve ser analisada como um prolongamento da sociabilidade mundana. Ela se constituía como uma parte importante dessa sociabilidade, logo, deve ser lida como uma prática de escrita que servia para manter as relações interpessoais iniciadas nos espaços de convívio. A correspondência servia para estruturar redes de relacionamento que sem ela não seriam tão fortes, prolongando as sociabilidades à distância.³³⁶

No século XVII a troca de cartas facilitava a manutenção de vínculos com estrangeiros e com os amigos que não permaneciam todo o período do ano na mesma cidade, pois muitos dos aristocratas passavam temporadas no campo ou mantinham residências em outras cidades ou outros países. Além disso, a correspondência também

³³⁵ VIALA, Alain. *La France galante...* Op. cit. p. 140.

³³⁶ LILTI, Antoine. *Le monde des salons...* Op. cit. p. 288.

era uma forma de reafirmar sentimentos, fazer reclamações, queixar-se, expressar gratidão, compartilhar confidências, expressar um pensamento que não pôde ser dito na presença de outrem.

Através das cartas os correspondentes reafirmavam por escrito o sentimento de amabilidade que fora em outra ocasião demonstrado por gestos e por palavras ditas. Assim, a escrita da carta é o momento do registro material de uma relação afável, através do qual se efetivava uma amizade, tornando-se ainda mais evidente a vontade da troca e do compartilhamento entre duas pessoas.

Além disso, a troca de cartas entre homens e mulheres se apresentava como uma ocasião para que as escritoras progredissem na prática da escrita. As suas cartas não eram corrigidas pelos amigos da mesma forma como eram os romances, mas a frequência com que era praticada proporcionava um exercício de escrita quase diário. Ademais, essa prática permitia que as mulheres lessem a todo o momento a escrita bem elaborada dos homens que com elas se correspondiam.

Não é demais lembrar também que a publicação de cartas era comum no século XVII. Tanto elas podiam ser lidas nos salões ou em grupos mais restritos, quanto podiam ser compiladas em forma de livro.³³⁷ Além das cartas de fato trocadas por amigos ou por parentes, existia ainda um tipo de romance chamado “romance epistolar”, no qual o escritor desenvolvia a história escrevendo-a em forma de cartas.³³⁸ De toda maneira, no caso das autoras que estudamos, nenhuma delas teve a correspondência impressa em livro até o século XIX. Porém, devemos considerar que algumas das suas missivas, especialmente as de conteúdo menos íntimo, podem ter sido lidas em público.

³³⁷ Sobre a publicação de cartas no século XVII ver BOMBART, Mathilde. “La publication épistolaire: deux recueils de lettres de Jean Louis Guez de Balzac.” In: JOUHAUD, Christian e VIALA, Alain (dir.). *De la publication. Entre Renaissance et Lumières*. Paris: Fayard, 2002. pp. 47-60. E também ALTMAN, Janet Gurkin. “Women’s letters in the public sphere.” In: GOLDSMITH, Elizabeth C. e GOODMAN, Dena (ed.). *Going public: women and publishing in Early Modern France*. Ithaca / London: Cornell University Press, 1995. pp. 99-115.

³³⁸ Sobre o romance epistolar ver GRANDE, Nathalie. *Le Roman au XVIIe siècle: l’exploration du genre*. Clamecy: Bréal, 2002. 206p. p. 34-35. Um exemplo bastante conhecido de romance epistolar do século XVII é *Cartas portuguesas*, publicado pela primeira vez em 1669. Esse romance é composto por cartas que seriam de uma freira portuguesa, Mariana Alcoforado, para um oficial francês, a quem ela amava. Apenas em 1962 a crítica concluiu definitivamente que a autoria dessas cartas é de Gabriel de Guilleragues (1628-1685). Ver GUILLERAGUES, Gabriel de. *Cartas portuguesas: atribuídas a Mariana Alcoforado*. 2ª ed. Porto: Limiar, 1977. 72p.

3.2. Jacqueline, Blaise e Gilberte Pascal

Quando Jacqueline Pascal entrou para o Monastério de Port-Royal, em 1652, ela deixou relações familiares de grande proximidade e de companheirismo, especialmente com o seu irmão, Blaise Pascal (1623-1662), e a sua irmã, Gilberte Pascal (1620-1687), que foi denominada Madame Périer após o seu casamento com Florin Périer.

A mãe dos três irmãos, Antoinette Begon, morreu em 1626, pouco tempo depois do nascimento de Jacqueline, deixando o marido, Étienne Pascal, sozinho na criação dos filhos.³³⁹ Étienne Pascal, homem de letras, foi advogado e intendente da província de Clermont-Ferrand, onde costumava receber em sua casa outros letrados, principalmente matemáticos e físicos.³⁴⁰ Étienne se ocupou pessoalmente da educação dos seus filhos, sendo que Blaise e Gilberte colaboraram na educação da irmã caçula. Segundo Marguerite Périer, filha de Gilberte, Étienne ensinou às três crianças matemática, filosofia e história, sem fazer grandes distinções entre o menino e as duas meninas.³⁴¹

Quando Jacqueline tinha seis anos, em 1631, Étienne resolveu mudar-se com toda a família para Paris, onde passou a frequentar tanto salões quanto academias. Gilberte, conforme o relato feito por ela própria, ficou responsável por ensinar a ler a irmã, que era cinco anos mais nova.³⁴² Ao que parece, os esforços familiares foram muito eficazes na educação de Jacqueline Pascal, pois aos oito anos ela já escrevia poesia.³⁴³

Desde muito jovens os três filhos de Étienne Pascal frequentavam os salões parisienses, sendo que já aos onze anos Jacqueline ficou conhecida por uma peça que

³³⁹ CONLEY, John J. "Introduction." In: PASCAL, Jacqueline. *A rule for children and other writings*. Editado e traduzido por John J. Conley. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2003. pp. 1-17.

³⁴⁰ Conforme as informações de Victor Cousin. Ver COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle*. 3ª ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. p. 23.

³⁴¹ PÉRIER, Marguerite. "Mémoire sur sa famille." In : PÉRIER, Gilberte. *Lettres, opuscules et mémoires de Madame Périer e de Jacqueline, soeurs de Pascal, et de Marguerite Périer, sa nièce*. Publiés sur les manuscrits originaux par M. P. Faugère. Paris: Auguste Vaton, 1845. pp. 418-446.

³⁴² PÉRIER, Gilberte. "Mémoire composé et écrit de la main de Madame Périer touchant la vie de la soeur Jacqueline de Sainte-Euphémie Pascal sa soeur." In : _____. *Lettres, opuscules et mémoires de Madame Périer e de Jacqueline, soeurs de Pascal, et de Marguerite Périer, sa nièce*. Publiés sur les manuscrits originaux par M. P. Faugère. Paris: Auguste Vaton, 1845. pp. 54-77. p. 54.

³⁴³ CONLEY, John J. Introduction... Op. cit. p. 2.

escreveu e representou pelo menos duas vezes junto com outras duas meninas.³⁴⁴ As poesias de Jacqueline também faziam sucesso nos salões literários, o que possibilitou que ela tivesse um livro publicado já aos doze anos, em 1637, *Vers de la petite Pascal*.³⁴⁵

Em 1638, por causa de um desentendimento com o cardeal Richelieu, Étienne Pascal foi obrigado a deixar temporariamente Paris, mas seus filhos permaneceram na cidade. Conforme podemos constatar em uma carta que Jacqueline enviou ao seu pai em quatro de abril de 1639, foi a representação que ela fez de uma peça escrita por Georges de Scudéry, *l'Amour tyrannique*, na casa da Duquesa de Aiguillon (sobrinha de Richelieu), que reabilitou a imagem de Étienne frente ao cardeal, podendo este na ocasião retornar a Paris.³⁴⁶

Após a reconciliação, foi justamente o cardeal Richelieu quem indicou Étienne Pascal para ocupar o cargo de supervisor de impostos em Rouen, na Normandia. Desta vez os três filhos o acompanharam na nova mudança de cidade. A Normandia era uma região que dispunha de diversos salões, permitindo à família Pascal continuar o tipo de convívio mundano a que estavam acostumados em Paris. Foi em Rouen que eles se aproximaram do proeminente dramaturgo Pierre Corneille, que, conforme John J. Conley, ajudou Jacqueline a ganhar um prêmio em 1640, *Prix de la Tour*, pela poesia intitulada *Sur la conception de la Vierge*.³⁴⁷ De acordo com Conley, foi também em Rouen que a família Pascal aproximou-se do movimento jansenista, por volta de 1646.

Em 1647, Jacqueline e Blaise retornaram a Paris, sendo que Gilberte permaneceu em Rouen com o pai. Paris era a cidade mais adequada para Blaise desenvolver seus primeiros experimentos sobre o vácuo³⁴⁸ e assim (pelo que podemos perceber pelas cartas enviadas por Jacqueline ao seu pai e à Gilberte) ela havia seguido o seu irmão no retorno à capital porque frequentemente o ajudava na escrita dos trabalhos que ele desenvolvia. Na carta que Jacqueline enviou a Étienne Pascal em dezanove de junho de 1648, por exemplo, ela explicava a ele que não haveria problema

³⁴⁴ PÉRIER, Gilberte. *Mémoire composé et écrit...* Op. cit. p. 56.

³⁴⁵ CONLEY, John J. "Introduction"... Op. cit. p. 3.

³⁴⁶ Nessa carta Jacqueline relata ao pai tudo o que aconteceu na casa da Duquesa de Aiguillon e expressa a satisfação de poder ajudá-lo. Ver PASCAL, Jacqueline. "Monsieur mon père. De Paris, ce 4 avril 1639." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 72-75.

³⁴⁷ CONLEY, John J. "Introduction"... Op. cit. p. 3 A poesia de Jacqueline Pascal, *Sur la conception de la Vierge*, está em PASCAL, Jacqueline. "Sur la conception de la Vierge." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 78-79.

³⁴⁸ *Ibidem*. p. 4.

em deixar o seu irmão sozinho por alguns dias para se retirar em Port-Royal, já que Blaise facilmente encontraria outra pessoa para ajudá-lo com a escrita.³⁴⁹

A partir do ano de 1648 cresceu a correspondência entre Jacqueline e Gilberte, que se utilizavam das cartas para tratar de assuntos domésticos. Além das questões cotidianas que concerniam também ao pai e ao irmão, evidencia-se que a correspondência entre Jacqueline e Gilberte permitia à futura irmã de Port-Royal desenvolver e expressar seus pensamentos sobre a religião. A escrita de cartas a uma pessoa tão próxima como era a sua irmã, que inclusive a havia ensinado a ler, permitiu a Jacqueline ensaiar por escrito, pela primeira vez, os pensamentos que seriam posteriormente explicitados nos seus tratados morais. Ela declarou à irmã o quão livre era a sua expressão sobre a teologia quando ela lhe escrevia as cartas: “Eu te transmito tudo o que vem ao pensamento” [“Je te mande tout ce qui vient à la pensée”]³⁵⁰.

Nesse período vemos que Jacqueline apresentava grande proximidade com a teologia de Port-Royal. Na carta que enviou para Gilberte em vinte e quatro de março de 1648, a escritora faz várias referências a M. de Saint-Cyran e a M. Singlin, demonstrando que nesse momento já estava totalmente envolvida pelo pensamento dos diretores de Port-Royal e que fazia leituras especialmente das cartas de Saint-Cyran e dos textos de Santo Agostinho. Na próxima carta que enviou para Gilberte, em primeiro de abril de 1648, a futura irmã de Port-Royal ensaiou algumas interpretações da Bíblia, o que se repetiria nas cartas que se seguem desse ano em diante.

Assim, antes de entrar em Port-Royal, vemos que Jacqueline considerava a irmã não só como um ente querido, com quem dividia os problemas familiares, mas antes de tudo como uma interlocutora com quem desejava compartilhar a suas ideias relativas à teologia, desencadeadas pelas frequentes leituras que fazia. A irmã se tornou a receptora privilegiada dos pensamentos que as leituras provocavam em Jacqueline e a prática de escrever as cartas se mostrou um modo ideal para começar a desenvolver a expressão escrita das suas concepções sobre a vida e a religião. Em primeiro de abril de 1648, sua carta dizia mais sobre suas opiniões e sobre os conceitos que desenvolvia do que sobre a vida cotidiana que levava em Paris:

³⁴⁹ PASCAL, Jacqueline. “Monsieur mon Père. A Paris, ce 19 juin 1648.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 106-113.

³⁵⁰ PASCAL, Jacqueline. “Autre lettre a la même. Ce 1^{er} avril 1648.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 100-106. p. 100.

Qualquer semelhança que a natureza criada tenha com o seu Criador, e ainda que as pequenas coisas e as menores e as mais vis partes do mundo representem ao menos pela unidade delas a perfeita unidade que só se encontra em Deus, não podemos legitimamente dar a elas o respeito soberano, porque não há nada de mais abominável aos olhos de Deus e dos homens do que a idolatria, porque dessa forma damos à criatura a honra que deve ser dada ao Criador. A Escritura está cheia de vinganças que Deus exerceu sobre aqueles que foram culpados, e o primeiro mandamento do Decálogo, que encerra todos os outros, proíbe sobre todas as coisas adorar as imagens. Porque, como ele é muito mais ciumento das nossas afeições do que dos nossos respeitos, é visível que não há crime que seja mais injurioso nem mais detestável do que amar soberanamente as criaturas, seja o que for que elas representem.

[Quelque ressemblance que la nature créée ait avec son Créateur, et encore que les moindres choses et les plus petites et les plus viles parties du monde représentent au moins par leur unité la parfaite unité qui ne se trouve qu'en Dieu, on ne peut pas légitimement leur porter le souverain respect, parce qu'il n'y a rien de si abominable aux yeux de Dieu et des hommes que l'idolâtrie, à cause qu'on y rend à la créature l'honneur qui n'est dû qu'au Créateur. L'Écriture est pleine des vengeances que Dieu a exercées sur ceux qui ont été coupables, et le premier commandement du Décalogue, qui enferme tous les autres, défend sur toutes choses d'adorer les images. Car, comme il est beaucoup plus jaloux de nos affections que de nos respects, il est visible qu'il n'y a point de crime qui lui soit plus injurieux ni plus détestable que d'aimer souverainement les créatures, quoiqu'elles le représentent.]³⁵¹

Assim como esse são recorrentes nas cartas de Jacqueline à Gilberte os longos trechos nos quais ela faz citações e interpretações da Bíblia, das cartas de Saint-Cyran, de Santo Agostinho e de outros textos religiosos. Concluimos, portanto, que o compartilhamento intelectual dela com os irmãos, desenvolvido com base no estabelecimento de uma amizade e não somente em uma simples relação familiar, trouxe para a vida dos três uma vivência de compartilhamento de leituras e de escritas, permitindo a cotidiana troca de ideias, especialmente sobre teologia.

Embora tenham sobrevivido poucas cartas escritas de Jacqueline à Blaise Pascal, podemos deduzir que no período em que viviam em Paris, a leitura e a escrita eram práticas compartilhadas por ambos. Certamente assim como escreviam em

³⁵¹ PASCAL, Jacqueline. "Autre lettre a la même. Ce 1^{er} avril 1648." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 100-106. p. 104.

conjunto (tanto as cartas quanto os próprios trabalhos do filósofo) também liam juntos e debatiam sobre religião e filosofia. As cartas enviadas por Gilberte são uma das leituras que uniam Jacqueline e o irmão: “Tua carta nos fez lembrar de uma pequena desavença que nós tínhamos perdido a memória (...)” [“Ta lettre nous a fait ressouvenir d’une brouillerie dont on avoit perdu la mémoire (...)”]³⁵².

Notamos que a carta de primeiro de abril de 1648 enviada a Gilberte foi escrita em conjunto por Jacqueline e Blaise, embora seja ela quem de fato coloque as palavras no papel. Seguidamente Jacqueline utilizava o plural referindo-se a ela e ao irmão: “Nós várias vezes começamos a te escrever” [“Nous avons plusieurs fois commencé à t’écrire (...)”]³⁵³. A carta endereçada a Gilberte datada de cinco de novembro de 1648, mais uma vez eles escrevem juntos, pois esta inclusive foi assinada pelos dois e, ao final, depois das assinaturas, Jacqueline escreveu um pensamento do irmão: “Da mão de M. Pascal: ‘Se tu sabes de alguma boa alma, faça-a rezar a Deus por mim também’.” [“De la main de M. Pascal: ‘Si tu sais quelque bonne ame, fais-la prier Dieu pour moi aussi.’”]³⁵⁴.

Nessa carta de cinco de novembro podemos notar que a prática da escrita em conjunto permitia aos dois irmãos expressarem opiniões e pensamentos que compartilhavam. Com efeito, o momento de escrever à Gilberte era uma das ocasiões em que os dois debatiam primeiramente as ideias que depois colocariam no papel. As cartas demonstram que Jacqueline e Blaise refletiam sobre as questões familiares, mas também sobre assuntos mais amplos, e que essas ocasiões de reflexão estavam cercadas por meditações e julgamentos, por debates intelectuais que as leituras lhes proporcionavam.

É assim que na carta que escreveram juntos em cinco de novembro de 1648 e endereçaram a Gilberte, os dois fizeram uma longa reflexão sobre questões relativas à memória e à instrução religiosa. A carta se inicia com a referência ao desentendimento familiar (citado anteriormente) e segue-se com considerações sobre a importância de recordar e de esclarecer determinados acontecimentos:

(...) tu dizes que não é necessário nos repetir as coisas, pois nós as sabemos já bem; o que nos fez temer que tu não colocasses

³⁵² PASCAL, Jacqueline. “Ma chère soeur. A Paris, ce 5 novembre 1648.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 114-120. p. 114.

³⁵³ PASCAL, Jacqueline. PASCAL, Jacqueline. “Autre lettre a la même. Ce 1^{er} avril 1648.”... Op. cit. p. 101.

³⁵⁴ PASCAL, Jacqueline. “Ma chère soeur. A Paris, ce 5 novembre 1648.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 114-120. p. 120.

aqui diferença suficiente entre as coisas das quais tu falas e aquelas das quais o século fala, já que é sem dúvida suficiente ter aprendido uma vez aquelas [as coisas das quais tu falas], e de tê-las bem guardadas, para não ter mais a necessidade de ser instruído sobre elas, ao passo que não é suficiente ter uma vez compreendido as de outra sorte e de tê-las conhecido da boa maneira, quer dizer pelo movimento interior de Deus, para conservar dele o conhecimento de mesma sorte, ainda que conservemos bem a recordação. Não é que não possamos dele bem recordar, e que não se aprenda tão facilmente com uma carta de São Paulo do que com um livro de Virgílio; mas os conhecimentos que nós adquirimos dessa maneira, assim como a sua continuação, são apenas um efeito dessa memória; ao passo que para bem escutar a língua secreta e estranha daqueles que são do céu, é preciso a mesma graça que pode somente dar a primeira inteligência, continuando-a e tornando-a sempre presente no coração dos fiéis para fazê-los sempre viver.

[(...) tu dis qu'il n'est pas nécessaire de nous répéter ces choses, puisque nous les savons déjà bien ; ce qui [sic] nous fait craindre que tu ne mettes pas ici assez de différence entre les choses dont tu parles et celles dont le siècle parle, puisqu'il est sans doute qu'il suffit d'avoir appris une fois celle-ci, et de les avoir bien retenues, pour n'avoir plus besoin d'en être instruit, au lieu qu'il ne suffit pas d'avoir une fois comprises celles de l'autre sorte et de les avoir connues de la bonne manière, c'est à dire par le mouvement intérieur de Dieu, pour en conserver la connoissance de la même sorte, quoiqu'on en converse bien le souvenir. Ce n'est pas qu'on ne s'en puisse bien souvenir, et qu'on ne retienne aussi facilement une épître de Saint Paul qu'un livre de Virgile ; mais les connoissances que nous acquérons de cette façon, aussi bien que leur continuation, ne sont qu'un effet de cette mémoire ; au lieu que pour y entendre le langage secret et étranger à ceux qui le sont du ciel, il faut que la même grâce qui peut seule en donner la première intelligence, la continue et la rende toujours présente en la retraçant sans cesse dans le coeur des fidèles pour les faire toujours vivre.]³⁵⁵

Notamos que Jacqueline e Blaise transpõem o caso familiar colocado pela irmã para fazerem uma longa observação sobre as formas de recordar acontecimentos sociais ou mesmo políticos, as coisas “das quais o século fala”. Segundo Jacqueline e Blaise as pessoas deveriam retirar exemplos desses acontecimentos sociais, assim como deveriam extrair ensinamentos das leituras que faziam. Dessa forma, as questões relativas ao mundo e à religião deveriam ser sempre recordadas e reaprendidas, porque o

³⁵⁵ Ibidem. p. 116-117.

conhecimento nada mais era, como eles dizem, do que um efeito da memória – a sabedoria que restava aos indivíduos era, portanto, um efeito de recordação do que eles aprenderam.

Esse modo de pensar explicitado na correspondência condiz com o desejo que vemos posteriormente expresso nos escritos de Jacqueline Pascal em Port-Royal de registrar uma memória do monastério e das ações das religiosas. O casamento das ideias de Blaise e de Jacqueline com os ideais de Port-Royal se mostra também no restante da carta, onde eles seguem explicando a sua concepção sobre a “graça”, sobre como uma pessoa deveria conservar a graça recebida de Deus através da manutenção do espírito, pelos bons hábitos diários de enriquecer a “inteligência”. Eles terminaram inclusive a missiva com uma citação de Santo Agostinho: “(...) do que tu sabes que Santo Agostinho fala em uma de suas cartas (...)” [“(...) dont tu sais que Saint Augustin parle dans une de ses lettres (...)”]³⁵⁶.

Assim como Jacqueline compartilhava com o irmão uma vida dedicada à leitura e à escrita, a vida ao lado dele em Paris também proporcionava o contato com muitos homens letrados, filósofos e cientistas que costumavam visitar Blaise Pascal. A casa dos Pascal em Paris foi durante alguns anos uma residência onde debates teológicos, filosóficos e científicos faziam parte do cotidiano. Em vinte e cinco de setembro de 1647, Jacqueline fez questão de relatar para Gilberte a visita que René Descartes fez a Blaise Pascal, acontecida por intermédio de Habert de Montmor, um mecenas de homens de letras e de filósofos:

Minha cara irmã, eu demorei a te escrever porque eu queria te contar por completo o encontro de M. Descartes e de meu irmão; e eu não tive o prazer ontem de te dizer que domingo à noite M. Habert veio aqui acompanhado de M. de Montigny da Bretanha que vinham me dizer, na ausência do meu irmão que estava na igreja, que M. Descartes, seu compatriota e bom amigo, tinha expressado muita vontade de ver meu irmão, por causa da grande estima que ele tinha pelo senhor meu pai e por ele, e que dessa forma ele tinha pedido para que viessem ver se ele não incomodaria meu irmão, porque sabia que ele estava doente, vindo visitá-lo no dia seguinte às nove horas da manhã.
[Ma chère soeur, j’ai différé à t’écrire parce que je voulois te mander tout au long l’entrevue de M. Descartes et de mon frère ; et je n’eus pas le loisir hier de te dire que dimanche soir M. Habert vint ici accompagné de M. de Montigny de Bretagne qui

³⁵⁶ Ibidem. p. 120.

me venoit dire, au défaut de mon frère qui étoit à l'église, que M. Descartes, son compatriote et bon ami, avoit fort témoigné avoir envie de voir mon frère, à cause de la grande estime qu'il avoit ouï faire de M. mon père et de lui, et que pour cet effet il l'avoit prié de venir voir s'il n'incommoderoit point mon frère, parcequ'il [sic] sçavoit qu'il étoit malade, en venant céans le lendemain à neuf heures du matin.]³⁵⁷

Podemos perceber que a proximidade de Blaise com os outros homens de letras devia-se, além da apreciação que o seu próprio trabalho gerava, também à reputação do seu pai, como observou Jacqueline. Assim, percebemos que Étienne Pascal não somente proporcionou aos filhos uma apurada educação, mas, além disso, que a sua inserção nos espaços letrados abriu o caminho para os filhos poderem desfrutar de boas relações pessoais, necessárias na carreira dos homens de letras daquela época.

De acordo com o relato que Jacqueline faz dessa ocasião, a visita de Descartes a Blaise Pascal havia sido acompanhada por outros letrados, além de Habert de Montmor, também pelo Monsieur de Montigny e pelo Monsieur de Roberval. Na ocasião debateram diversos assuntos, com direito inclusive a uma longa discussão entre René Descartes e Monsieur de Roberval concernente a questões tanto de teologia quanto de física.

Mas na realidade a visita do filósofo devia-se ao fato de Blaise encontrar-se doente naquela ocasião e, a princípio, Descartes poderia ajudá-lo a descobrir a causa do mal que sofria e a indicar o tratamento adequado. No entanto, conforme a nossa missivista, o filósofo não ajudou muito nesse sentido, o que levou Jacqueline a expressar para a irmã uma espécie de reprimenda sobre as muitas opiniões divergentes naquele momento que especulavam sobre a saúde do seu irmão, mas que na realidade não ajudavam em nada.³⁵⁸

Compreendemos assim que em razão da rede de relações advindas do irmão, Jacqueline Pascal se encontrava inserida no ambiente letrado, presenciando em sua casa os mais efervescentes debates intelectuais, fosse sobre filosofia ou mesmo medicina. Porém, o interesse da escritora mostra-se mesmo pela teologia e em meados do ano de 1648, Jacqueline Pascal já estava completamente atraída pelo desejo de ingressar em Port-Royal. A inclinação por esse monastério em particular não era por acaso, visto que

³⁵⁷ PASCAL, Jacqueline. "Paris, le 25 septembre 1647." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 94-98. p. 94.

³⁵⁸ *Ibidem.* p. 97.

essa era uma casa religiosa reconhecida por manter no seu interior uma intensa vida intelectual.

Porém, Jacqueline não obteve de seu pai o consentimento necessário para que ela entrasse definitivamente na vida religiosa. Assim, no ano de 1649, em vez de retirar-se para Port-Royal como desejava, Jacqueline acompanhou Étienne Pascal em viagem a Auvergne e depois passou dezessete meses na casa da irmã em Clermont-Ferrand, quando esta já estava casada e havia voltado para a cidade natal.

Interessante observar que nessa ocasião, durante a estada na casa da irmã, Jacqueline fez uma tradução do latim para o francês. Segundo conta Gilberte, Jacqueline atendeu ao pedido de um padre que havia solicitado que ela colocasse em versos franceses o cântico *Jesu, nostra redemptio*.³⁵⁹ Dessa forma, percebemos que o argumento utilizado pelas irmãs de Port-Royal para não assinarem o formulário (porque não sabiam latim), pelo menos no caso de Jacqueline, não era verdadeiro.

Quanto a essa questão, não podemos afirmar que todas as irmãs de Port-Royal sabiam ler em latim, mas ao que parece, o principal argumento das religiosas insubordinadas era menos um fato verdadeiro do que uma maneira encontrada por elas para evidenciar a contradição das ações empreendidas pelos seus superiores: pois não permitiam a leitura em latim pelas religiosas e, no entanto, desejavam que essas ratificassem a existência de heresia no texto de Jansenius (que foi escrito em latim). O argumento das irmãs de Port-Royal era assim uma tática utilizada por elas para não se submeterem ao poder eclesiástico superior e à hierarquia de gênero.

Nos últimos meses de 1650 Jacqueline voltou para Paris com o seu pai e dedicou-se a cuidar dele durante quase um ano. Quando Étienne faleceu em vinte e quatro de setembro de 1651 não havia mais nada que impedisse Jacqueline a seguir a vocação religiosa a qual o pai havia durante tanto tempo se oposto.

O consentimento do irmão para a sua entrada no monastério também não aconteceu sem resistências, conforme vemos Jacqueline relatar em carta enviada para a Madre Angélique Arnauld.³⁶⁰ Justamente com o objetivo de convencê-lo, Jacqueline escreveu a Blaise em março de 1652 pretendendo persuadi-lo de que esse era o seu desejo mais íntimo e que seguir esse caminho era necessário para que ela cumprisse

³⁵⁹ PÉRIER, Gilberte. *Mémoire composé et écrit...* Op. cit.

³⁶⁰ PASCAL, Jacqueline. "Relation de la soeur Jacqueline de Saint-Euphémie Pascal. Gloire a Jésus, au très Saint Sacrement. A Port-Royal, ce 10 juin 1653." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 163-219. p. 187.

com a sua vocação.³⁶¹ Em carta à Gilberte do mesmo período, a futura irmã de Sainte-Euphémie lamentou-se da resistência que o irmão oferecia em compreender a sua vontade individual.³⁶²

Todavia, independentemente dos desacordos desse período, em que Blaise não se sentia convencido da necessidade de Jacqueline retirar-se do mundo (talvez mesmo porque não desejasse perder a companhia da irmã), enfatizamos que a relação afável de Jacqueline com os irmãos influenciou na dedicação empregada por ela à escrita e à leitura. Blaise era uma presença importante no seu cotidiano, pois era com o irmão que ela dividia a sua íntima ligação com o mundo das letras – compartilhavam a escrita, a leitura, os pensamentos, os debates e também as relações que mantinham com outros homens de letras.

Já Gilberte Pascal foi uma confidente e foi a sua primeira interlocutora, pois Jacqueline partilhou com ela desejos e angústias, assim como dividiu com ela as primeiras meditações teológicas que se permitiu fazer. Era para Gilberte que a escritora desejava externar os seus primeiros pensamentos e ideias sobre a religião, o que era proporcionado por essa escrita quase diária. A correspondência entre as irmãs demonstra que as cartas permitiam a manutenção do vínculo amistoso, proporcionando a Jacqueline o prazer na prática da escrita. Assim, a missivista foi desenvolvendo uma reflexão crítica sobre os assuntos religiosos, sem que isso significasse necessariamente o comprometimento de ser de fato “escritora”, o que acarretava outras responsabilidades e preocupações.

3.3. Madame de La Fayette e Gilles Ménage

De acordo com Roger Duchêne, quando Marie-Madeleine Pioche de La Vergne (a futura Madame de La Fayette ou Condessa de La Fayette) conheceu Gilles Ménage, ele tinha trinta e oito anos e ela dezessete. Ele era um abade de estabelecida carreira no mundo das letras. Depois de ter abandonado a profissão de advogado e entrado para a vida religiosa, passou a estudar especialmente gramática e filologia.

³⁶¹ PASCAL, Jacqueline. “Mon très cher frère. A Port-Royal du Saint-Sacrement, ce 7/9 mars 1652.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 150-160.

³⁶² PASCAL, Jacqueline. “Extrait d’une lettre de Mademoiselle Jacqueline Pascal a Madame Périer sa soeur. A Port-Royal du Saint-Sacrement, ce 10 mai 1652.” In: PÉRIER, Gilberte. *Lettres, opuscules et mémoires de Madame Périer e de Jacqueline, soeurs de Pascal, et de Marguerite Périer, sa nièce.* Publiés sur les manuscrits originaux par M. P. Faugère. Paris: Auguste Vatou, 1845. pp. 344-345.

Quando conheceu Marie-Madeleine acabara de publicar *Dictionnaire étymologique de la langue française*, em 1650.³⁶³

Ménage participava de academias, especialmente da de Jean- François de Gondi (o futuro Cardeal de Retz)³⁶⁴, cuja família era próxima à família Sévigné. Foi por intermédio do seu amigo acadêmico, Gondi, que Ménage conheceu Marie-Madeleine, na casa em que ela morava em Paris, na rua Vaugirard. Nesse momento ela já convivía com Marie de Sévigné (a Madame de Sévigné ou Marquesa de Sévigné), que foi sua amiga íntima durante toda a vida.³⁶⁵

A entrada de Marie-Madeleine na família Sévigné aconteceu com o casamento de sua mãe, Isabelle Péna, com Renaud de Sévigné, tio de Madame de Sévigné, em 1650, um ano após a morte de seu pai. Com esse casamento Isabelle Péna e as suas três filhas³⁶⁶ passaram a desfrutar de uma posição de maior prestígio na aristocracia, pois a família De La Vergne era da pequena nobreza. O pai de Madame de La Fayette, Marc Pioche de la Vergne, havia sido um oficial militar (embora nunca tenha ido ao campo de batalha) e a mãe era filha de um médico do rei e havia sido uma das damas de companhia de Madame de Combalet, sobrinha do cardeal Richelieu.³⁶⁷

Aos dezesseis anos Marie-Madeleine passou a frequentar a corte, tendo inclusive se tornado uma dama de honra da regente Ana da Áustria. Também começou a participar dos salões de Madeleine de Scudéry e da Marquesa de Rambouillet, do qual Ménage era assíduo. Dessa forma, no início da década de 1650 os correspondentes viviam em meio à efervescência intelectual de Paris. Além de se encontrarem nos salões, Ménage a visitava para estudarem juntos, ele a ensinava latim e costumava ajudá-la no estudo da gramática francesa.

O casamento de Marie-Madeleine com o Conde de La Fayette, em 1655, quando ela tinha vinte e dois anos, não proporcionou para a então Condessa uma experiência amorosa muito intensa. Quando se casaram o Conde era um oficial aposentado de trinta e oito anos, viúvo e que vinha de uma família da alta nobreza, mas cuja renda não era muito alta. De acordo com Roger Duchêne, a forma um tanto

³⁶³ DUCHÊNE, Roger. "Lettres" (Prefácio às cartas de Madame de La Fayette). In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes*. Paris: François Bourin, 1999. pp. 509-512. p. 509.

³⁶⁴ Jean-François Paul de Gondi (1613-1679), o cardeal de Retz, era adversário do cardeal Mazarin e ficou conhecido por ter participado da Fronde (1648-1653).

³⁶⁵ DUCHÊNE, Roger. *Lettres...* Op. cit. p. 510.

³⁶⁶ Madame de La Fayette tinha duas irmãs mais novas, Éléonore-Armande, nascida em 1635, e Isabelle-Louise, nascida em 1636.

³⁶⁷ DÉON, Michel. "Préface". In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. pp. VII-XII. p. VII.

apressada com que aconteceu o casamento de Madame de La Fayette gerou especulações no interior da corte. Contava-se que a jovem Marie-Madeleine estava grávida de outro homem (do qual desconhecemos o nome) e que era necessário casá-la rapidamente. Sua família havia feito um acordo com o Conde de La Fayette, que por sua vez queria casar-se novamente o quanto antes, já que passava por dificuldades financeiras.³⁶⁸

Tal história nunca foi confirmada, como avalia Roger Duchêne, não existe nenhum documento que a comprove. Sabemos somente que os noivos não tinham qualquer proximidade anterior ao casamento e que o acordo para a cerimônia se desenrolou de maneira mais rápida do que o habitual. Logo após as núpcias, Madame de La Fayette acompanhou o marido para as terras que ele possuía no campo, em Auvergne. Meses depois ela enviou de lá uma carta à Madame de Sévigné lamentando-se por ter perdido o primeiro filho. Quando voltou a Paris, as intrigas sobre o seu casamento já haviam cessado e ela retomou o cotidiano nos espaços letrados.³⁶⁹

Na realidade, o Conde e a Condessa de La Fayette adotaram um modo de vida que convinha principalmente a ela. Enquanto o marido permanecia grande parte do tempo nas terras em Auvergne, Madame de La Fayette vivia em Paris em sua casa da rua Vaugirard, onde abriu o próprio salão. Eles tiveram dois filhos, Louis de La Fayette (1658-1729), que se tornou padre, e Armand-Renaud de La Fayette (1659-1694), que seguiu a carreira militar.

Como *salonnière* Madame de La Fayette ampliou ainda mais os vínculos amistosos e tornou-se próxima de escritores e de homens de letras que, além de Ménage, influenciaram-na a escrever, entre eles Pierre-Daniel Huet e Jean Regnault de Segrais, que inclusive assinou os dois volumes de *Zaïde, histoire espagnole*, de 1669 e 1671.

Além das companhias mais íntimas da escritora, que continuavam a ser Gilles Ménage, Madame de Sévigné e também a cunhada do rei, Henriette d'Angleterre, a partir de 1660 Madame de La Fayette manteve uma relação de grande afinidade com o Duque de La Rochefoucauld, escritor que frequentava especialmente o salão de Madame de Sablé e que ficou conhecido pelo gênero das “máximas”³⁷⁰. A relação extremamente próxima da Condessa de La Fayette com o Duque era conhecida no

³⁶⁸ DUCHÊNE, Roger. *Madame de La Fayette*. Paris: Fayard, 2000. 523p. p.13.

³⁶⁹ Ibidem. p.14-16.

³⁷⁰ O salão de Madame de Sablé (Madeleine de Souvré, 1599-1678) era famoso porque lá se compunham “máximas”, que eram frases ou parágrafos, muitas vezes irônicos, que objetivavam expressar uma moral. Embora o Duque de La Rochefoucauld seja o autor mais conhecido desse gênero, a própria Madame de Sablé teve uma coletânea de máximas publicada no ano de sua morte, em 1678.

ambiente letrado e embora saibamos que eles mantinham uma constante correspondência, dela não foi preservada sequer uma carta³⁷¹, o que nos faz imaginar que eles devem ter tido o cuidado de destruí-las.

Já grande parte da correspondência que Madame de La Fayette manteve com Gilles Ménage foi preservada, embora muitas cartas tenham se perdido. Quando eles se correspondiam na década de 1650 entre Angers, cidade natal de Ménage, e Paris, onde se encontrava a escritora, o correio passava para recolher as cartas duas vezes na semana, quinta-feira e sábado. Pelo que a escritora nos deixa compreender em carta de trinta e um de março de 1654³⁷², ela escreve ao amigo a cada “ordinário” (o dia comum no qual passa o correio), porém as cartas que sobreviveram ao tempo apresentam uma margem temporal bem mais extensa, muitas vezes de um ou dois meses.³⁷³ Destacamos ainda que eles não só se correspondiam entre Angers e Paris, mas também quando ela viajava para o campo e mesmo quando os dois se encontravam na capital.

Segundo Roger Duchêne é preciso ler e reler as cartas trocadas entre eles para compreender bem o que significava o amor terno, sobre o qual teorizou Madeleine de Scudéry e que “mais de uma grande dama viveu em companhia de um belo espírito que sabia criar em torno dela um clima de doce afeição e de atenção intelectual e moral que o casamento lhe recusava” [“mais que plus d’une grande dame a vécu en compagnie d’un bel esprit qui savait créer autour d’elle le climat de douce affection et d’attention intellectuelle et morale que lui refusait le mariage”]³⁷⁴.

Conforme comentamos, o chamado amor galante aproximava-se mais das experiências vividas em amizades do que em casamentos. Ele pressupunha confiança, fidelidade, afeição e compartilhamento, sem necessariamente pressupor o envolvimento romântico, nem sexual, entre os dois amigos. Dessa forma, o amor galante era o sentimento que permitia homens e mulheres de letras suplantarem a hierarquia de gênero, tornando a amizade uma experiência de igualdade.

Porém, o desejo de igualdade na relação de amizade não significava o esquecimento da desigualdade social de fato existente. Assim, os homens de letras que investiam em relações de amizades com mulheres sábias estavam conscientes das

³⁷¹ DUCHÊNE, Roger. “Lettres” (Prefácio às cartas de Madame de La Fayette). In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. pp. 509-512. p. 510.

³⁷² LA FAYETTE, Madame de. “A Ménage, ce 31 mars [1654].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 514.

³⁷³ Ver a primeira nota de Roger Duchêne sobre carta número dois em LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 673.

³⁷⁴ DUCHÊNE, Roger. “Lettres”... Op. cit. p. 510.

dificuldades encontradas por elas para a aquisição dos bens culturais. Dessa forma, o auxílio que eles prestavam às suas amigas escritoras quanto à gramática e à elaboração das narrativas significava não só um ato de generosidade (que o ideal de amizade pressupunha), mas também uma maneira consciente de combater a misoginia da sociedade em que viviam.

Gilles Ménage, por exemplo, além de ter contribuído durante muito tempo com Madame de La Fayette, publicou em 1690 um livro de caráter enciclopédico, *Histoire des femmes philosophes*, explicando a vida e a obra de mulheres filósofas da Antiguidade.³⁷⁵ Esse livro lembra as características de *Les femmes illustres*, de Madeleine de Scudéry, publicado em 1642. Portanto, Ménage pode ser inserido no rol de autores que procuraram contribuir para a elaboração de uma memória para as mulheres sábias, sobre a qual já comentamos.

As cartas que Madame de La Fayette enviou para Gilles Ménage estão repletas de referências à escrita e à leitura compartilhada pelos dois, inclusive sobre o auxílio que ele lhe dava no início da relação de amizade sobre a gramática. A futura escritora chegou a expressar a preocupação que tinha sobre a sua própria escrita e a necessidade que sentia de ser corrigida por ele: “Conte-me se eu faço muitos erros nas minhas cartas, a fim que eu tome cuidado com eles” [“Mandez-moi si je fais bien des fautes dans mes lettres, afin que j’y prenne garde.”]³⁷⁶. Percebemos assim que as cartas ao amigo eram para ela uma forma de evoluir na arte de escrever.

Por outro lado, o comércio de leituras estava sempre presente nessa amizade, pelo constante empréstimo de livros entre eles, o que gerava posteriormente comentários ou debates. Pelas referências constantes a obras de autores amigos ou de escritores menos próximos, sabemos que eles mantinham uma troca contínua de livros e que normalmente era ele quem emprestava os livros para ela, que se mostrava ávida em receber dele as últimas novidades vindas da prensa: “Você me promete muitas coisas, me promete *Clélie*, as obras de Sarasin e o livro de M. Costar. Eu vos peço, diga-me em quanto tempo eu poderei ter tudo isso, a fim que a minha impaciência tenha um termo onde ela possa parar.” [“Vous me promettez bien des choses, de me promettre *Clélie*, les oeuvres de Sarasin et le livre de M. Costar. Je vous prie, mandez-moi dans quel temps je pourrai avoir tout cela, afin que mon impatience ait un terme où elle se puisse

³⁷⁵ MÉNAGE, Gilles. *Histoire des femmes philosophes*. Paris: Arléa, 2006. 108p. Esse livro foi publicado pela primeira vez em latim, em 1690.

³⁷⁶ LA FAYETTE, Madame de. “A Ménage, ce 18e septembre [1653].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 513.

arrêter.”]³⁷⁷. Sabemos que ela está se referindo ao terceiro tomo de *Clélie*, pois meses antes dessa cobrança, *Ménage* havia emprestado a ela os primeiros tomos do romance: “Eu vos reenvio *Clélie*, depois de tê-lo lido com todo o prazer imaginável.” [“Je vous renvoie *Clélie*, après l’avoir lue avec tout le plaisir imaginable.”]³⁷⁸

Notamos também que na ida e vinda de cartas eram comuns as referências e comentários sobre outros amigos ou amigas. Não raramente Madame de La Fayette mandava recados para outras pessoas por intermédio de *Ménage*, fazia perguntas sobre alguém com quem ele mantinha um contato mais íntimo do que ela, enviava cumprimentos ou simplesmente comentava a presença de alguém em um determinado encontro. Dessa forma, a correspondência servia para fortificar vários vínculos amistosos e não somente o dos dois correspondentes, o que acabava definindo círculos de relações: “Responda bem, eu vos peço, a toda as amizades que me faz M^{me} de Montausier e faça isso sempre de minha parte à M^{lles} de Rambouillet e de Chavigny.” [“Répondez bien, je vous prie, à toutes les amitiés que me fait M^{me} de Montausier et faites-en toujours de ma part à M^{lles} de Rambouillet et de Chavigny.”]³⁷⁹.

Madame de Sévigné, por ser uma amiga em comum de *Ménage* e da então Marie-Madeleine Pioche de La Vergne, era uma figura recorrente nas observações da missivista. Dessa forma, não raras são as vezes em que a escritora faz uma alusão a algum ato que a amiga fez ou a frases que disse, assim como se permitia fazer reprimendas, tanto das atitudes de *Ménage* como das atitudes da amiga em comum.

Assim, em uma carta de abril ou maio de 1654, Marie-Madeleine não só faz duras críticas ao amigo por ele ter emprestado dinheiro a um membro da embaixada da Suécia, como acaba incluindo Madame de Sévigné na repreensão: “Madame de Sévigné deve ter bastante vergonha de você ter feito essa besteira na presença dela.” [“Madame de Sévigné y doit avoir bien de la honte que vous ayez fait cette sottise en sa présence.”] Esse tipo de liberdade em uma carta demonstra o quanto eram próximos os três, visto que se trata de comentários que se fazem somente na intimidade: “Só existe você no mundo que vai procurar pessoas do norte para lhes emprestar o vosso dinheiro.” [“Il n’y

³⁷⁷ LA FAYETTE, Madame de. “A *Ménage*, ce 24 septembre [1655].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 522.

³⁷⁸ LA FAYETTE, Madame de. “A *Ménage*, [décembre 1654, ou janvier 1655].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 517. Os dois primeiros tomos de *Clélie, histoire romaine*, de Madeleine de Scudéry, trazem a data de impressão de trinta e um de agosto de 1654.

³⁷⁹ LA FAYETTE, Madame de. “A *Ménage*, ce 18e septembre [1653].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 513.

a que vous au monde qui alliez chercher des gens du Nord pour leur prêter votre argent”]³⁸⁰.

Outra referência constante nessa correspondência é Madeleine de Scudéry e os seus livros. Evidencia-se a influência que os romances *Artamène ou Le Grand Cyrus* (publicado em dez volumes entre 1649 e 1653) e *Clélie, histoire romaine* (também publicado em dez volumes entre 1654 e 1660) exerceram sobre leitoras e sobre as eminentes escritoras. De fato, antes de saber que não demoraria a aparecer *Clélie*, ao qual ela teria acesso justamente pelas mãos de Ménage, Mademoiselle de La Vergne mostrava-se ansiosa pela continuidade da produção de Madeleine de Scudéry: “Eu vos peço, conte-me um pouco se Mademoiselle de Scudéry não sonha em fazer algum outro *Cyrus*: para mim, eu não saberia passar sem isso e eu me perderia completamente, se ela parasse de trabalhar.” [“Je vous prie, mandez-moi un peu si Mademoiselle de Scudéry ne songe point à faire quelque autre *Cyrus* : pour moi, je ne m’en saurais passer et je perdrai tout à fait, si elle cesse de travailler.”]³⁸¹

Vemos assim que Mademoiselle de La Verge, ainda solteira, povoava a sua imaginação com os romances de amor escritos por Madeleine de Scudéry. Nesse sentido, a autora de *Cyrus*, por ser admirada, era um exemplo para outras mulheres que desejavam se arriscar no mundo da escrita, como aconteceu com Madame de La Fayette, que publicou seu primeiro livro em 1662. No entanto, bem diferente da postura de Madeleine, que buscava o reconhecimento pelo seu trabalho, Madame de La Fayette procurou o máximo que pôde esconder a atividade que praticava, já que em nenhum momento da sua vida assumiu a autoria das obras que escreveu, a não ser para os amigos realmente próximos, como Ménage, Huet, Segrain e, claro, La Rochefoucauld.

Certamente a decisão de afastar-se da imagem de “escritora” tinha relação com a posição de mulher casada, mãe de dois filhos e que gozava de boa reputação na corte francesa. De toda maneira, a imagem que é necessária preservar em uma sociedade nem sempre corresponde com os desejos mais íntimos de uma pessoa, assim, podemos imaginar que Madame de La Fayette sonhava tornar-se uma Madeleine de Scudéry, porém anônima.

Enfim, como a própria escritora relatou em suas cartas, *Cyrus* e *Clélie* inspiravam Madame de La Fayette. Interessante notar que ela leu esses romances em

³⁸⁰ LA FAYETTE, Madame de. “A Ménage, [avril-mai 1654].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 514.

³⁸¹ Ibidem. p. 515.

uma fase de transformação da sua vida. Não fazia muitos anos (por volta de 1650) que entrara para a corte, que começara a participar dos salões literários e que conhecera Gilles Ménage, o qual havia se tornado praticamente um preceptor. Assim, em meio a essas experiências novas, fazia leituras de romances que falavam de amor, de amizade e da possibilidade de igualdade entre homens e mulheres. No auge dessas experiências Marie-Madeleine casou-se, em quatorze de fevereiro de 1655, com um homem que na realidade mal conhecia.

Nesse sentido, é interessante perceber as observações que a missivista faz para Ménage sobre o amor, demonstrando confiança nas amizades que conquistara e desconfiança no amor romântico. Mesmo antes do casamento, ela expressou a opinião de que o amor não trazia bons frutos para a vida de uma pessoa, aliás, um modo de pensar bastante comum naquela época. Ao comentar as possíveis aventuras amorosas do amigo Ménage, em dezoito de setembro de 1653, ela disse:

Eu estou contente que você não tenha capricho³⁸². Eu estou tão persuadida que o amor é uma coisa incômoda que eu fico feliz que meus amigos e eu estejamos dispensados disso. Eu não gostaria, no entanto, apesar do que você me diz, de ser tão doente³⁸³ quanto você. Todas as vezes que você me diz que você se comporta bem, não é sempre verdade.

[Je suis ravie que vous n'ayez point de caprice. Je suis si persuadée que l'amour est une chose incommode que j'ai de la joie que mes amis et moi en soyons exempts. Je ne voudrais pourtant pas, quoique vous me disiez, être aussi malade que vous. Toutes les fois que vous dites que vous vous portez bien, il n'est pas toujours véritable.]³⁸⁴

Ela manifestava, portanto, pouco crédito no sentimento amoroso e até mesmo fez uma reprimenda ao amigo que, ao menos pelo que ela pensava, às vezes se deixava levar em aventuras pouco confiáveis. Um ano depois dessa carta e sete meses após o seu próprio casamento, ela comentou com Ménage a união de dois criados, encontrando uma maneira um tanto irônica de demonstrar o seu pouco entusiasmo com a instituição matrimonial:

³⁸² Conforme Roger Duchêne, “capricho” nesse sentido quer dizer “aventura amorosa”. Ver nota número três da carta número um em LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 672.

³⁸³ Nesse caso “doente” quer dizer “doente de amor”.

³⁸⁴ LA FAYETTE, Madame de. “A Ménage, ce 18e septembre [1653].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 513.

Não é justo que você me peça todos os dias notícias do mundo sem que eu vos conte algumas vezes notícias dos meus domésticos. Catherine, vossa boa amiga, se casa depois de amanhã com um criado de quarto de M. de La Fayette, que você viu em Paris vir na cidade comigo. Esse rapaz está fora da nossa casa faz quatro meses, por uma besteira que ele fez, mas tão grande que eu não quis vê-lo desde então e que não verei Catherine quando ela tiver se casado com ele. Esse rapaz tem boas qualidades e ela está completamente feliz de esposá-lo. Deus queira que ela o seja depois de tê-lo esposado.”

[Il n'est pas juste que vous me mandiez tous les jours des nouvelles du monde sans que je vous mande quelque fois des nouvelles de mon domestique. Catherine, votre bonne amie, se marie après demain à un valet de chambre de M. de La Fayette, que vous avez vu à Paris venir à la ville avec moi. Ce garçon-là est hors de céans depuis quatre mois, par une sottise qu'il fit, mais si grande que je ne l'ai pas voulu voir depuis et que je ne verrai point Catherine quand elle l'aura épousé. Ce garçon-là a du bien et elle est tout à fait heureuse de l'épouser. Dieu veuille qu'elle le soit après l'avoir épousé.]³⁸⁵

Essa carta é particularmente interessante porque a autora fez esse comentário sobre o casamento da criada, demonstrando certa descrença de que a felicidade da moça se manteria após o casamento, logo após fazer uma referência à poesia do amigo, *Jardinier*³⁸⁶, em que ele reverencia a amizade dos dois e pela qual ela se sente contente e lisonjeada. Assim, ela deixa transparecer a confiança que deposita nas amizades, que podem ser permeadas pelo amor galante, ao passo que duvida da possibilidade de encontrar a felicidade dentro do casamento. Importante lembrar que as heroínas de seus romances serão recorrentemente infelizes no matrimônio, justamente porque elas não amam os seus maridos, e que nas suas histórias não são os maridos os culpados por essa infelicidade, mas sim a própria instituição matrimonial, pois as personagens masculinas são frequentemente boas pessoas e muitas vezes são apaixonados por suas esposas.

A crença que um amor verdadeiro está presente na amizade mais do que no casamento é de fato perceptível pelas recorrentes cobranças de afeto e de atenção que Madame de La Fayette faz a Gilles Ménage. Ele não só a corresponde pela escrita epistolar, mas também através da escrita literária, pois muitas de suas obras são

³⁸⁵ LA FAYETTE, Madame de. “A Ménage, ce 24^e septembre [1655].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 522.

³⁸⁶ De acordo com Roger Duchêne, no poema *Jardinier Ménage* venera a forma como ele havia cultivado a inteligência de Madame de La Fayette e o amor que havia surgido entre os dois.

dedicadas para a amiga: “eu estou encantada da elegia e eu fiz lê-la todos aqueles que vieram aqui, que ficaram tão encantados quanto eu.” [“Je suis charmée de l’élégie et je l’ai fait lire à tous ceux qui sont venus céans, qui en ont été charmés aussi bien que moi.”]³⁸⁷

As demonstrações de afeição pela amiga foram recorrentes nas obras de Gilles Ménage, como demonstra Roger Duchêne, pois ela ocupou um lugar preponderante como musa nas poesias que ele publicou entre 1656 e 1658. Notamos que nessa amizade sempre foram necessárias expressões de reafirmação do cuidado e do carinho de um pelo outro. A escritora, portanto, não deixava de queixar-se se sentisse um decréscimo na força dos laços amistosos, pois para ser considerado um verdadeiro amigo era necessário estar empenhado naquela relação. Lembramos que a reciprocidade era sempre considerada aspecto fundamental para a manutenção de uma amizade, sendo que as cobranças por falta de atenção eram comuns:

Eu recebi aqui duas cartas suas. Uma é escrita com uma seriedade e com uma formalidade que me faziam desconhecer completamente M. Ménage; mas a outra me fez encontrá-lo como estou acostumada a vê-lo, quer dizer sem todas as cerimônias de uma carta formal, e como o melhor dos meus amigos. Tudo o que me desgosta nessa segunda carta, é que você me promete ao final me escrever cuidadosamente e você descumpriu essa promessa. Isso é bem de um homem de honra que não quer se engajar em nada, somente àquilo que está bem resolvido a possuir; e é uma marca que você não quer me escrever, já que você não quer se engajar nisso. Eu acredito, no entanto, que você não deixará de fazê-lo, ainda que não me prometa. Não examinemos quais razões impediram você de ter notícias minhas e eu as suas. Peçamos perdão um ao outro como na *grande Barbe*³⁸⁸ e fiquemos amigos como anteriormente.

[J’ai reçu ici deux lettres de vous. L’une est écrite avec un sérieux et une formalité qui me faisait tout à fait méconnaître M. Ménage; mais l’autre me l’a fait retrouver comme j’ai accoutumé de le voir, c’est-à-dire sans toutes les cérémonies d’une lettre en formes, et comme le meilleur de mes amis. Tout ce qui me déplaît de cette seconde lettre, c’est que vous me

³⁸⁷ LA FAYETTE, Madame de. “A Ménage, [décembre 1654, ou janvier 1655].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 517. Elegia é um poema lírico, cujo tom é normalmente terno e triste. Segundo Roger Duchêne, a elegia a qual se refere Madame de la Fayette é o poema escrito por Ménage sobre uma recente febre que ela tivera. A elegia intitulava-se *Sur la fièvre de Phyllis* na publicação de 1656 e depois *Sur la fièvre de Mlle de La Vergne*, na de 1663. Ver a segunda nota da carta número sete em LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 674.

³⁸⁸ De acordo com Roger Duchêne, a “grande Barbe” era um jogo da época. O grifo é meu. Ver nota número um da carta número dez em LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 676.

promettiez à la fin de m'écrire soigneusement et vous avez rayé cette promesse-là. Cela est assez d'un homme d'honneur qui ne veut s'engager à rien qu'à ce qu'il est bien résolu de tenir ; et c'est une marque que vous ne voulez pas m'écrire, puisque vous ne voulez point vous y engager. Je crois pourtant que vous ne laisserez pas de le faire, quoique vous ne me le promettiez point. N'examinons point quelles raisons vous ont empêché d'avoir de mes nouvelles et moi des vôtres ; demandons-nous pardon l'un à l'autre comme la grande Barbe, et demeurons bons amis comme auparavant.]³⁸⁹

Nota-se que para Madame de La Fayette dedicar-se à correspondência significava engajar-se na amizade. Se o amigo não o fazia, estava descumprindo com os seus deveres. A relação da amizade necessitava empenho das duas partes e se uma delas não se dedicava, quebrava-se o vínculo de confiança. No temor de vê-lo quebrado, a escritora chamava a atenção do amigo, não só de que era preciso devotar-se à correspondência, mas também conservar o tom amigável das cartas, informal, que a relação íntima pressupunha. É por isso que ao final ela lhe diz “sejamos amigos como antigamente”, isto é, precisamos nos consagrar um ao outro e manter o trato íntimo, para que continuemos amigos.

Mas as cobranças ao amigo não cessaram nesse momento de desatenção, pois vemos mais de um ano depois dessa carta Madame de La Fayette novamente repreender Ménage porque este a escrevia com muita precipitação, já que deixava para escrever a carta endereçada a ela quando já estava avançada a noite. Para a escritora, podia-se saber o lugar que cada amigo ocupava no coração de uma pessoa de acordo com a ordem que esta escolhia para escrever as cartas. Dessa forma, conforme La Fayette diz em sua reprimenda, Ménage podia permanecer tranquilo, porque ela usualmente começava a escrever as suas cartas por aquela que seria a ele endereçada.³⁹⁰ Assim, vemos que a escritora se correspondia com muitas pessoas e que ela ordenava a relação com cada uma delas de acordo com o grau de afeto que sentia.

De fato, o amigo Ménage ocupava um lugar muito importante dentre as relações de amizade de Madame de La Fayette, pois foi ele que a ajudou a elaborar o primeiro romance, *La Princesse de Montpensier*, e foi justamente com ele que ela

³⁸⁹ LA FAYETTE, Madame de. “A Ménage. Limoges, 11 mai [1655].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 519.

³⁹⁰ Ver LA FAYETTE, Madame de. “A Ménage, ce 12^e septembre [1656].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 530.

dividiu a satisfação de ver o seu livro publicado. A contribuição de Ménage no texto de *La Princesse de Montpensier* foi tão grande que alguns editores atualmente têm dúvidas sobre qual versão do romance deve ser considerada a original. Isso porque existem muitas diferenças entre os quatro manuscritos existentes do romance e o texto impresso, devido às inúmeras correções que Ménage fez e das modificações realizadas pela própria autora. No entanto, como bem disse Roger Duchêne, Madame de La Fayette não só estava de acordo com a contribuição de Ménage, como ela a desejava. Assim, a versão publicada, com todas as modificações realizadas pelos dois amigos, apresenta-se como a versão final que foi a desejada pela autora.³⁹¹

Apesar da colaboração literária com o amigo, que para a escritora significava além de um auxílio também um prazer, ela tinha consciência que a autoria da história era dela. Assim, ela expressou o seu contentamento dizendo para ele dois dias antes da data da publicação do romance: “Eu estou com bastante vontade de ver você e com bastante vontade de ver as minhas obras saindo da prensa. Se você quiser vir amanhã na minha casa, à uma hora ou às duas, eu estarei com você até às três horas e meia. Eu vos desejo boa-noite.” [“J’ai bien envie de vous voir et bien envie de voir mes oeuvres sortant de la presse. Si vous voulez venir demain céans, à une heure ou deux, je serai avec vous jusques à trois et demi. Je vous donne le bonsoir.”]³⁹².

No dia seguinte ela lhe escreveu novamente: “Eu acreditava ter notícias suas hoje e as de la P[rincesse] de M[ontpensier]” [“Je croyais avoir de vos nouvelles aujourd’hui et de celles de la P[rincesse] de M[ontpensier”]³⁹³. Sabendo que o romance sairia da prensa em um dia ou dois, a escritora estava ansiosa pelas notícias do impressor que certamente vinham por intermédio do amigo. A sua ansiedade no momento de publicação do primeiro livro era tão grande que depois ela precisou desculpar-se com o amigo das cobranças que havia feito a ele:

Você é tão cuidadoso e tão exato em tudo o que me diz respeito que na verdade eu não posso me consolar que você duvide do meu reconhecimento e da minha amizade; eu nunca faço uma reflexão sobre isso que não seja com terrível pesar e me parece que o meu interesse na nossa amizade não é menos engajado que

³⁹¹ Ver as explicações de Roger Duchêne sobre o texto de *La Princesse de Montpensier* em LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 24.

³⁹² LA FAYETTE, Madame de. “A Ménage, ce mercredi au soir [17 août 1662].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 572.

³⁹³ LA FAYETTE, Madame de. “A Ménage, ce jeudi au soir [18 août 1662].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 572.

o seu. Eu vos peço que demande ao livreiro somente trinta exemplares da nossa *Princesa*. Eu não me preocupo muito que eles estejam todos perfeitamente ligados³⁹⁴. (...) e você pegue para você daqueles que estejam bem ligados, que você guardará, por favor, porque eu pretendo que as minhas obras tenham lugar na sua biblioteca.

[Vous êtes si soigneux et si exact en tout ce qui me regarde qu'en vérité je ne me puis consoler que vous doutiez de ma reconnaissance et de mon amitié ; je ne fais jamais de réflexion à cela qu'avec un chagrin terrible et il me semble que mon intérêt n'y est pas moins engagé que le vôtre. Je vous prie de demander au libraire jusques à trente exemplaires de notre Princesse. Je ne me soucie pas trop qu'ils soient tous si parfaitement reliés. (...) et vous en prendrez pour vous de ceux qui seront bien reliés, que vous garderez s'il vous plaît, car je prétends que mes oeuvres aient place dans votre bibliothèque.]³⁹⁵

Vemos ainda que, embora ela fosse uma autora anônima, o reconhecimento do amigo letrado era importante e que ela sentia orgulho que os seus livros fizessem parte da biblioteca do companheiro erudito, certamente ao lado de outros autores reconhecidos. Foi nessa mesma carta que Madame de La Fayette pediu ao amigo para enviar um exemplar de seu livro para Madeleine de Scudéry, certamente esperando tomar conhecimento brevemente dos comentários que esta trocava com Ménage a respeito do romance.

Dessa forma, nessa relação de amizade a afetividade e a criação literária se confundiam e se complementavam. Gilles Ménage não era somente um amigo de quem Madame de La Fayette exigia atenção e cuidado; ele era também a pessoa com quem ela aprendia a escrever e dividia a prática da escrita e era com quem ela compartilhava a felicidade de ver a publicação dos seus livros. Nesse período em que a criação literária coletiva era uma prática usual, a relação de afeto entre um homem e uma mulher de letras facilmente poderia resultar em uma produção literária conjunta.

Não queremos dizer com isso que ela não seja a verdadeira autora de seus romances, mas sim que o círculo de amigos que tinha ao seu redor contribuía para que ela exercesse a atividade da escrita, pois até mesmo o contato com os impressores e os livreiros era feito através de amigos como Ménage, Huet, Segrais e La Rochefoucauld.

³⁹⁴ Ligados (reliés) aqui quer dizer bem acabados, que as folhas estivessem muito bem unidas. Naquele período a confecção dos livros não resultava sempre em exemplares perfeitos em termos de acabamento.

³⁹⁵ LA FAYETTE, Madame de. "A Ménage, [fin août 1662]." In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 573.

Aliás, com esses amigos se formava uma espécie de círculo de confiança que protegia a autora inclusive mantendo escondida a sua identidade. Por exemplo, em carta a Huet em quinze de outubro de 1622 Madame de La Fayette lhe pedia que se empenhasse em desmentir que *La Princesse de Montpensier* era de sua autoria.³⁹⁶

Na composição do romance seguinte, *Zaïde, histoire espagnole* (1669-1671), que seria assinado por Segrais, foi com as correções de Huet que ela contou: “Eu vos envio o terceiro e o quarto caderno. Este não está completamente corrigido nem revisto: também você achará [o texto] bem ultrapassado³⁹⁷. Mas não se divirta muito com as expressões e dê atenção apenas às coisas³⁹⁸ porque, quando nós tivermos corrigido, você o repassará mais uma vez. (...) Sirva-se do lápis vermelho: não se vê o preto.” [“Je vous envoie le troisième et le quatrième cahier. Celui-ci n’est point du tout corrigé ni revu : aussi vous y trouverez bien à mordre. Mais ne vous amusez guère aux expressions et prenez seulement garde aux choses car, quand nous aurons corrigé, vous y repasserez encore. (...) Servez vous du crayon rouge : on ne voit pas le noir”]³⁹⁹ Por essa passagem vemos que além de Huet fazer uma primeira leitura do texto, eles ainda iam se encontrar para lerem-no juntos e realizarem mais correções e modificações, o que demonstra o quanto a autora se preocupava com o acabamento final do texto.

O romance *La Princesse de Clèves*, de 1678, foi largamente debatido nos salões e fora deles, existindo muitas especulações sobre sua autoria. A opinião mais comum entre os letrados era de que Madame de La Fayette havia escrito o romance em parceria com o Duque de La Rochefoucauld. Assim escreve Bussy-Rabutin à Madame de Sévigné, logo após o romance ser publicado:

(...) este inverno, um dos meus amigos me escreveu que M. Rochefoucauld e Mme de La Fayette nos haviam dado alguma coisa muito bonita; e eu vejo que é de La Princesse de Clèves do qual ele queria falar. Eu peço que me envie e eu vos direi a minha opinião, quando eu tenha lido, com tanto desinteresse como se eu não conhecesse os pais desse livro.

[(...) cet hiver, un de mes amis m’écrit que M. Rochefoucauld et Mme de La Fayette nous allaient donner quelque chose de fort joli ; et je vois bien que c’est La Princesse de Clèves dont il voulait parler. Je mande qu’on me l’envoie, et je vous en dirai

³⁹⁶ LA FAYETTE, Madame de. “A Huet, ce 15e octobre [1662].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 574.

³⁹⁷ Compreendemos que Madame de La Fayette quer dizer ultrapassado quanto ao vocabulário.

³⁹⁸ Provavelmente ela quer dizer “à história”, “à narrativa”.

³⁹⁹ LA FAYETTE, Madame de. “A Huet [début de 1669].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 609.

mon avis, quand je l'aurai lue, avec autant de désintéressement que si je n'en « connaissais » pas les pères.]⁴⁰⁰

No entanto, Madame de La Fayette fazia questão de desfazer as suspeitas que pesavam sobre ela⁴⁰¹, e contava com os seus amigos para tanto. Assim, apesar dos rumores, durante todo o século XVII permaneceu a dúvida sobre a autoria desse romance e foi somente em 1780 que apareceu a primeira publicação de *La Princesse de Clèves* trazendo o nome da autora.⁴⁰²

No fim da sua vida Madame de La Fayette se encontrava afastada dos inúmeros amigos que havia conquistado. Por vontade própria, depois da morte de La Rochefoucauld em 1680 e do seu marido em 1683, ela se retirou do convívio dos salões, instalando-se definitivamente no campo. Nesse momento decidiu dedicar-se exclusivamente à religião. A amizade de Ménage ainda parecia ser importante para a escritora, embora eles não se vissem com a mesma frequência de antes, pois ela lhe escreveu pedindo notícias e expressando o sentimento ainda vivo de afeição por ele: “(...) que a nossa amizade não morra antes de nós. Eu conservo sempre uma lembrança que me é querida daquela que você teve por mim. Eu vos venero sempre perfeitamente”. [“(...) que notre amitié ne meure pas devant nous. Je conserve un souvenir qui m'est cher de celle que vous avez eu pour moi. Je vous honore toujours parfaitement. ”]⁴⁰³.

3.4. Madeleine de Scudéry e Jean-Baptiste Boisot

Madeleine de Scudéry (1607-1701) teve no início de seu percurso como escritora um auxílio literário de seu irmão Georges de Scudéry (1601-1667) parecido com a que teve Jacqueline de Blaise Pascal e Madame de La Fayette de Gilles Ménage. Georges e Madeleine encontraram-se órfãos muito cedo, ela com seis anos e ele com

⁴⁰⁰ BUSSY-RABUTIN à Madame de Sévigné. “À Autun, ce [mardi] 22^e mars 1678.” In: SÉVIGNÉ, Madame de. *Correspondance* II (juillet 1675 – septembre 1680). Texte établi, présenté et annoté par Roger Duchêne. Paris: Gallimard, 1974. 1609p. pp. 603-604.

⁴⁰¹ Em carta a Lescheraine, que era secretário de Madame Royale, Madame de La Fayette desmentiu ser a autora de *La Princesse de Clèves*, tentando ainda convencê-lo de que isso poderia ser confessado sem nenhum tipo de vergonha. LA FAYETTE, Madame de. “A Lescheraine, ce 13e avril [1678].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 622.

⁴⁰² Ver comentário de Roger Duchêne em LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 262.

⁴⁰³ LA FAYETTE, Madame de. “A Ménage, [1687-1688].” In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes...* Op. cit. p. 644.

doze, e acabaram sendo criados por um tio. Segundo a biografia escrita por E. J. B. Rathery⁴⁰⁴, a mãe havia dado aos filhos uma educação básica, mas foi o tio, um homem de letras que possuía uma vasta biblioteca, quem deu aos sobrinhos todas as condições necessárias para que eles seguissem o caminho das letras, ensinando-os inclusive línguas estrangeiras, como o italiano e o espanhol.⁴⁰⁵

Originária de Havre, na Normandia, a família de Georges e Madeleine, embora fosse de pequena nobreza, encontrava-se em grandes dificuldades financeiras quando o pai deles, um capitão de portos de Havre, morreu em 1613, deixando a sua mulher com muitas dívidas. Ela veio a falecer apenas seis meses depois e ficaram as crianças, portanto, praticamente sem recursos próprios.⁴⁰⁶

De acordo com Rathery, por volta de 1620 os dois irmãos fizeram juntos uma peregrinação pela Normandia, na esperança de encontrar parentes que pudessem ajudá-los, mas no entanto não obtiveram grande sucesso.⁴⁰⁷ A saída imediata encontrada por Georges para poder mantê-los foi seguir a carreira militar, entrando para a Guarda Real de Havre (*Régiment des Gardes*). Todavia, além de Georges não sentir-se muito satisfeito com a profissão, conforme ele mesmo expressou em algumas de suas obras, o cargo ocupado na Guarda não lhe fornecia uma renda muito significativa.⁴⁰⁸

Assim, foi na realidade o contato com a erudição do tio que ofereceu o caminho para que os irmãos pudessem realmente reerguer a sua condição econômica, pois quando Georges começou a escrever para ganhar a vida eles passaram a desfrutar de uma situação financeira um pouco mais confortável. Por volta de 1630, Georges passou a dedicar-se exclusivamente à literatura, fato decisivo para que ele e Madeleine fossem morar em Paris em torno de 1640. Segundo conta Rathery, entre 1631 e 1644 Georges de Scudéry teve dezesseis peças de teatro de sua autoria representadas, o que lhe valeu a proteção do cardeal Richelieu e a entrada no salão da Marquesa de Rambouillet.⁴⁰⁹

⁴⁰⁴ Rathery baseou a biografia que fez da autora principalmente nas anotações deixadas por Valentin Conrart (1603-1675) e no testemunho deixado por Gédéon Tallemant de Réaux (1619-1692). RATHERY, E. J. B. "Notice sur Mademoiselle de Scudéry." In: SCUDÉRY, Madeleine de. Mademoiselle de Scudéry, sa vie et sa correspondance, avec un choix de ses poésies (par MM. Rathery et Boutron). Paris: Léon Techener, 1873. 531p. pp 1-137.

⁴⁰⁵ Ibidem. p. 6.

⁴⁰⁶ Ibidem. p. 5.

⁴⁰⁷ Ibidem. p. 8-9.

⁴⁰⁸ Ibidem. p. 11.

⁴⁰⁹ Ibidem. p. 12-14.

Não demorou para que Georges de Scudéry pudesse introduzir a sua irmã no mesmo salão. Conforme Rathery, nas histórias contadas por Tallemant de Réaux⁴¹⁰ a colaboração literária entre Madeleine de Scudéry e seu irmão era intensa, tendo um participado da produção literária do outro pelo menos até o ano de 1655⁴¹¹. Georges, já famoso por suas peças de teatro, assinou os primeiros romances da irmã, obras de grande sucesso de vendas, *Cyrus* (1649-1653) et *Clélie* (1654-1660).

A vivência no Hôtel de Rambouillet proporcionou para os dois irmãos a proximidade com muitos letrados de quem se tornaram amigos, entre eles Jean de Chapelain, Valentin Conrart, Pierre-Daniel Huet e Gilles Ménage. Madeleine, especialmente, era conhecida por sua capacidade de fazer muitas amizades e de juntar ao seu redor muitos homens e mulheres de letras nas suas conversações.

Assim, em 1652, momento em que se encontrava já mais independente do irmão, ela abriu o próprio salão, que ficaria conhecido como *Samedis de Mademoiselle de Scudéry*, do qual eram assíduos os amigos acima citados, além de Madame de La Fayette, Madame de Sévigné, La Rochefoucauld e o seu amigo mais íntimo e verdadeiro companheiro, Paul Pellisson⁴¹².

Ao contrário de Madame de La Fayette, Madeleine de Scudéry, que não tinha nem marido e nem filhos, fazia questão de ser reconhecida pelas obras que escrevia. O nome do irmão na folha de rosto dos seus primeiros livros correspondia apenas à necessidade de oferecer ao público obras de um homem de letras já reconhecido, o que facilitava certamente a negociação com editores e livreiros. No entanto, ela nunca fez qualquer esforço para esconder a identidade de “escritora”.

As amizades que conquistara, a conversação agradável e o sucesso de venda de seus livros tornaram Madeleine de Scudéry uma referência de mulher letrada no século XVII.⁴¹³ Não foi por acaso que ela se tornou o alvo preferido de difamação como preciosa. As ofensas que lhe endereçaram escritores como Molière, Somaize, Boileau e o Abade de Pure, decorreriam justamente do fato de ela ter sido a escritora mais

⁴¹⁰ Gédéon Tallemant de Réaux (1619-1692) foi um escritor que ficou conhecido por suas memórias e pelas biografias que escreveu de seus amigos.

⁴¹¹ Ibidem. p. 13.

⁴¹² O escritor Paul Pellisson (1624-1693) foi secretário de Nicolas Fouquet e por esse motivo foi preso na Bastilha, de 1661 a 1666, quando Fouquet foi acusado de traição ao rei. Pellisson deveu a sua soltura e o seu restabelecimento justamente à proximidade de Madeleine de Scudéry com Jean Chapelain e com Valentin Conrart. Depois de libertado, Pellisson tornou-se historiógrafo real.

⁴¹³ DUFOUR-MAÎTRE, Myriam. *Les précieuses...* Op. cit.

influyente desse período, fosse pela inserção de suas obras no público leitor, fosse por sua atuação nos espaços letrados.⁴¹⁴

Assim, desejamos enfatizar aqui o modo de agir dessa escritora em um período em que desfrutava de uma boa posição no meio letrado, a partir da década de 1680, quando ela era uma autora reconhecida, anfitriã de um famoso salão, amiga íntima de homens de letras próximos ao rei e que exerciam poder nos espaços literários (como eram Chapelain e Conrart). Foi durante esse período que ela escreveu a série *Conversations*, tratados morais publicados entre 1680 e 1692, nos quais ela retomou algumas passagens de *Cyrus* e *Clélie*, além de ter escrito novos textos sobre a conversação, a prática da escrita e as sociabilidades.

A atenção para a correspondência que Madeleine de Scudéry trocou nas décadas de 1680 e 1690 com um homem de letras seu amigo, mas que não fazia parte de seu círculo mais íntimo, Jean-Batiste Boisot (1638-1694), permite-nos verificar o quanto a amizade fora importante mesmo para uma escritora que não necessitava mais da proteção e do auxílio masculino em relação à sua escrita. Também nos permite observar as trocas literárias entre homens e mulheres de letras através dos comentários sobre obras suas ou de outrem.

Jean-Batiste Boisot foi um abade erudito que ficou conhecido por sua vasta coleção de livros antigos. Natural de Besançon, Boisot conheceu Madeleine de Scudéry e Paul Pellisson quando residiu em Paris ainda jovem para estudar na Sorbonne, período ao qual se seguiram as longas viagens que realizou para a Espanha, a Itália e os Países Baixos. No seu retorno à França lhe foi confiada a abadia de Saint-Vincent, em Besançon, onde residiu até falecer em quatro de dezembro de 1694.

O período da correspondência de Boisot com Madeleine de Scudéry que conhecemos começa em fevereiro de 1687 e vai até novembro de 1694⁴¹⁵, pouco antes da morte dele. As cartas que Madeleine lhe escreveu em doze de setembro de 1687 e em dezessete de outubro desse mesmo ano demonstram que eles se corresponderam enquanto ele se encontrava na Espanha e na Itália.⁴¹⁶ Nessas cartas Madeleine faz

⁴¹⁴ Ibidem.

⁴¹⁵ Analisamos as cartas publicadas por E. J. B. Rathery em SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry, sa vie et sa correspondance, avec un choix de ses poésies* (par MM. Rathery et Boutron). Paris: Léon Techener, 1873. 531p.

⁴¹⁶ SCUDÉRY, Madeleine de. “A M. L’Abbé Boisot, le 12 septembre 1687.” In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. pp. 304-305. E SCUDÉRY, Madeleine de. “A M. L’Abbé Boisot, 17 octobre 1687.” In : SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. pp. 306-307.

referência ao espanhol e ao italiano de Boisot, que lhe proporcionavam muito prazer, dando a entender que ele escreve para ela em língua estrangeira.

São recorrentes os comentários sobre livros, leituras e a própria produção literária tanto de Madeleine quanto de Boisot, que também escrevia. Era muito frequente que eles se enviassem versos, não só de sua própria autoria, mas também de outros autores amigos. Nesse sentido, a carta de dezessete de outubro de 1687 pode ser tomada como exemplo:

O que você dirá, senhor, do meu silêncio? As aparências são contra mim, mas na verdade, eu não sou culpada, porque eu não sou nem um pouco ingrata. O vosso italiano me deu ao menos tanto prazer quanto o vosso espanhol, e depois um soneto escrito da própria mão de Tasse é uma coisa infinitamente agradável a qualquer um que seja sensível ao mérito de um tão excelente homem. Eu teria vos agradecido mais cedo, sem um grande resfriado que me importunou bastante; e depois eu teria gostado de vos enviar em troca alguma coisa de mim mesma para vos divertir. Mas eu vos envio, senhor, versos de um gentil homem⁴¹⁷ dos meus amigos de Bordeaux que faz coisas muito bonitas.

[Que direz-vous, Monsieur, de mon silence? Les apparences sont contre moi, mais dans la vérité, je ne suis pas coupable, car je ne suis point du tout ingrata. Votre italien m'a fait pour le moins autant de plaisir que votre espagnol, et puis un sonnet écrit de la propre main du Tasse est une chose infiniment agréable à quinconque est sensible au mérite d'un si excellent homme. Je vous en aurois remercié plus tôt, sans un grand rhume qui m'a fort importunée ; et puis j'eusse bien voulu vous envoyer en échange quelque chose de moi propre à vous divertir. Mais je vous envoie, Monsieur, des vers d'un gentilhomme de mes amis de Bordeaux qui fait de fort belles choses.]⁴¹⁸

A partir do ano de 1689 eles já se correspondiam entre Besançon e Paris. Em carta onde cita textos de seu companheiro Paul Pellisson, pedindo a avaliação do amigo Boisot, podemos perceber o quanto ela considera o julgamento do amigo sobre obras literárias:

⁴¹⁷ Nesse caso, *gentilhomme* tem o mesmo sentido de *honnêtehomme*, quer dizer, um homem erudito, bem educado, que se comporta de acordo com as normas de polidez e de galanteria.

⁴¹⁸ SCUDÉRY, Madeleine de. "A M. L'Abbé Boisot, le 17 octobre 1687." In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. pp. 306-307. p. 306.

De resto há uma contestação entre os homens de saber para dar a preferência a um dos três elogios ao Rei que M. de Pellisson fez nos textos que escreveu sobre a religião. O primeiro está no primeiro volume de *Réflexions*⁴¹⁹ que eu sei que você tem: ele está colocado na relação sobre o estado da religião na França. O segundo elogio está no segundo volume de *Réflexions* e o terceiro está no final de *Chimères*⁴²⁰, que eu suponho que M. de Pellisson vos deu. Como eu estimo muito o vosso discernimento, senhor, e a delicadeza de vosso gosto, eu vos peço de relê-los, de escolher um, e de me dizer aquele que você terá preferido, em papel à parte.

[Au reste il y a une contestation entre des gens de savoir pour donner la préférence à un des trois éloges du Roi que M. de Pellisson a faits dans ce qu'il a écrit sur la religion. Le premier est au premier volume des *Réflexions* que je sais que vous avez : il est placé dans la relation sur l'état de la religion en France. Le seconde éloge est au seconde volume des *Réflexions* et le troisième est à la fin des *Chimères*, que je suppose que M. de Pellisson vous a données. Comme j'estime beaucoup votre discernement, Monsieur, et la délicatesse de votre goût, je vous prie de les relire, d'en choisir un, et de me mander celui que vous aurez préféré, en un papier à part.]⁴²¹

Dessa forma, mesmo para uma escritora de oitenta e três anos, já bastante reconhecida, e para o seu companheiro, permanecem importantes as trocas de ideias e os julgamentos dos amigos. Assim como os círculos de relações eram importantes para as escritoras iniciantes, continuavam sendo para escritores e escritoras estabelecidos, pois eles compreendiam a literatura antes de tudo como um meio de criar o intercâmbio intelectual e afetivo entre as pessoas.

A influência exercida pela escritora entre pessoas letradas se verifica facilmente nas cartas que ela envia a Boisot, pois recorrentemente ela lhe agradece por ter recebido em Besançon ou ajudado pessoas que lhe foram por ela recomendadas, esses favores aparecem em muitas cartas, como, por exemplo, na de dezanove de agosto de 1689: “Eu recebi, senhor, tão grandes agradecimentos de M. de Bonnacorse pai e filho, que eu seria bem ingrata se eu não vos testemunhasse o reconhecimento que eu tenho de todas as maneiras honestas⁴²² que você recebeu o meu muito humilde pedido.”

⁴¹⁹ Referência à obra de Paul Pellisson, *Réflexions sur les differends en matiere de religion*, de 1686.

⁴²⁰ Referência à obra de Paul Pellisson, *Les Chimères de M. Jurieu*, de 1690.

⁴²¹ SCUDÉRY, Madeleine de. “A M. L'Abbé Boisot, le 22 mars 1690.” In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. pp. 313-314. p. 314.

⁴²² Também aqui *manières honnêtes* é uma referência ao comportamento polido e civilizado, quer dizer que o abade recebeu o pedido da amiga de uma forma bem educada e gentil.

[“J’ai reçu, Monsieur, de si grands remerciements de M. de Bonnacorse père et fils, que je serois bien ingrate si je ne vous témoignoïs pas la reconnoissance que j’ai de toutes les manières honnêtes dont vous avez reçu ma très-humble prière.”]⁴²³.

Esta carta de sete de março de 1691 é particularmente interessante pelos comentários de Madeleine sobre uma jovem amiga de Boisot. Pelo que compreendemos da carta de Madeleine, Boisot havia enviado para ela uma carta que ele havia recebido de uma amiga sua, onde esta elogiava longamente Madeleine. Ao que parece, Boisot havia desejado agradecer Madeleine ao lhe mostrar a admiração de uma jovem que parece apta ao exercício da escrita, assim como promover entre elas uma nova amizade, por isso enviou-a o texto da sua pupila, que admirava muito a escritora, para colocá-las em contato.⁴²⁴

Vemos, portanto, que não somente Madame de La Fayette se inspirava na autora de *Cyrus*, como também outras possíveis escritoras. Percebemos que Madeleine demonstrava satisfação em exercer essa influência literária, especialmente quando se tratava de meninas. A jovem citada nessa carta era Mademoiselle Bordey, a quem Madeleine escreveu poucos dias depois, em dezesseis de março de 1691, iniciando mais uma amizade que será duradoura:

Eu vos sou infinitamente grata, senhorita, da honra que você me fez em me escrever, mas permita-me vos dizer que eu sou a pessoa do mundo que deve ser a menos temida, também posso vos assegurar que eu não gosto que me temam, e eu jamais inspirei esse sentimento no coração daqueles que me viram. Bane-o então, por favor, do seu [coração] ao me olhar, e a razão o quer assim. Porque primeiramente com todo o espírito que você tem, você não deve temer ninguém, e já que você não teme M. l’abbé de Saint-Vincent [o abade Boisot] que é mais temível do que eu, você está errada em me recear.

[Je vous suis infiniment obligée, Mademoiselle, de l’honneur que vous m’avez fait de m’écrire, mais permettez-moi de vous dire que je suis la personne du monde qu’on doit le moins craindre, aussi vous puis-je assurer que je n’aime nullement qu’on me craigne, et je n’ai jamais inspiré ce sentiment-là dans le coeur de ceux qui m’ont vue. Bannissez-le donc, s’il vous plaît, du votre à mon egard, et la raison le veut ainsi. Car premièrement avec tout l’esprit que vous avez, vous ne devez craindre personne, et puisque vous ne craignez pas M. l’abbé de

⁴²³ SCUDÉRY, Madeleine de. “A M. L’Abbé Boisot, le 19 août 1689.” In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. pp. 307-309. p. 307.

⁴²⁴ Ver SCUDÉRY, Madeleine de. “A M. L’Abbé Boisot, le 7 mars 1691.” In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. pp. 319-321.

Saint-Vincent qui est plus redoutable que moi, vous avez eu tort de m'appréhender.]⁴²⁵

Foi assim que se formou um círculo amistoso entre Madeleine de Scudéry, o abade Boisot e Mademoiselle Bordey, o que confirmam as cartas de Madeleine a Boisot de vinte e três de março de 1691⁴²⁶ e de vinte e sete de julho de 1691⁴²⁷, entre outras. Podemos perceber que a partir dessa ocasião muitos textos de Mademoiselle Bordey, entre diálogos e poesias, serão lidos e comentados por Madeleine de Scudéry, assim como elas irão trocar textos também de outros escritores. Elas continuarão se correspondendo pelo menos até 1695.

Quando a pupila de Boisot decidiu casar-se, no final do ano de 1691, Madeleine não deixou de expressar seus sentimentos desconfiados quanto à instituição matrimonial, principalmente quando esta se mostrava um acordo de interesses:

Eu não duvido que seu casamento não seja feliz, já que você o aprovou. Eu não fui tão prudente quanto ela, porque eu preferi três vezes na minha vida a liberdade à riqueza, e eu não saberia me arrepender. Você não lhe dirá, por favor, senhor, isso que eu vos escrevo, porque uma coisa que é boa para uma pessoa não é para outra. Desde que ela tenha a liberdade de vos ver frequentemente eu não lamentarei a ela sobre todas as consequências de um casamento que não foi feito pela simpatia recíproca.

[Je ne doute point que son mariage ne soit heureux, puisque vous l'avez approuvé. Je n'ai pas été si pudente qu'elle, car j'ai préféré trois fois dans ma vie la liberté à la richesse, et je ne m'en saurois repentir. Vous ne lui direz pas, s'il vous plaît, Monsieur, ce que je vous écris, car ce qui est bien pour une personne ne l'est pas pour l'autre. Pourvu qu'elle ait la liberté de vous voir souvent je ne la plaindrai de toutes les suites d'un mariage que la sympathie réciproque n'a pas fait.]⁴²⁸

⁴²⁵ SCUDÉRY, Madeleine de. "A Mademoiselle Bordey, ce 16 mars 1691." In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. pp. 321-323. p. 321/322.

⁴²⁶ SCUDÉRY, Madeleine de. "A M. L'Abbé Boisot, le 23 mars 1691". In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. pp. 323-324.

⁴²⁷ SCUDÉRY, Madeleine de. "A M. L'Abbé Boisot, le 27 juillet 1691." In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. pp. 325-326.

⁴²⁸ SCUDÉRY, Madeleine de. "A M. L'Abbé Boisot, le 18 décembre 1691." In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. pp. 330-332. p. 330.

No entanto, apesar da desaprovação quanto ao casamento da amiga, Madeleine não deixou de expressar em carta endereçada a ela os votos de felicidades, ainda que não tenha se privado de comentar que o casamento era “a coisa mais difícil do mundo de fazer adequadamente” [“la chose du monde la plus difficile à faire bien à propos”]⁴²⁹. Nessas passagens vemos Madeleine expressar o conceito que desenvolveu sobre a instituição matrimonial: principalmente quando o casamento era realizado sem amor, ele tolhia a liberdade da mulher. Assim, para a escritora, seria o sentimento afetuoso entre os cônjuges que abriria as portas para as mulheres experimentarem relações menos hierárquicas com os seus companheiros.

Com efeito, Madeleine parece nunca ter lamentado a decisão tomada de não ter se casado. As muitas amizades que teve e especialmente a relação íntima com Paul Pellisson ocupavam o lugar da afetividade na vida da escritora. Apesar do tom mais formal que vemos nas cartas de Madeleine de Scudéry a Boisot do que, por exemplo, de Madame de La Fayette a Ménage, encontramos nelas algumas cobranças sobre falta de zelo e pedidos de desculpas decorrentes de desatenções⁴³⁰, que faziam parte das relações de amizade entre homens e mulheres de letras. Madeleine chegou a comentar com o abade Boisot que Paul Pellisson algumas vezes expressava ciúme quando lia as suas cartas.

Como dizia a própria Madeleine, as cartas do abade lhe proporcionavam muito prazer e a divertiam muito. Em quase todas elas há referências a livros que enviaram um ao outro, a transcrição de uma poesia ou mesmo um ou dois versos. Até a última carta, em seis de novembro de 1694, Madeleine continua pedindo a opinião do amigo sobre escritos seus e de Pellisson, demonstrando grande estima pelo julgamento do amigo, assim como ela demonstrava a necessidade de continuar a relação afetuosa com ele.

Desejamos, assim, demonstrar que as trocas intelectuais e o sentimento de afeição eram condições necessárias para as relações de amizade entre homens e mulheres de letras. Por ser fundamentada na ideia da reciprocidade, do compartilhamento e da afeição, antes do que na hierarquia de gênero, a amizade permitiu às mulheres não só a inserção no espaço intelectual e o desenvolvimento de

⁴²⁹ SCUDÉRY, Madeleine de. “A Madame de Chandiot (Mademoiselle Bordey), le 18 décembre 1691.” In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. p. 332.

⁴³⁰ Ver, por exemplo, carta de cinco de abril de 1692. SCUDÉRY, Madeleine de. “A M. L’Abbé Boisot, le 5 avril 1692.” In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. pp. 336-337. E de trinta e um de maio de 1692, SCUDÉRY, Madeleine de. “A M. L’Abbé Boisot, 31 mai 1692” In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry...* Op. cit. pp. 342-344.

uma escrita mais adequada aos padrões literários da época, mas também uma verdadeira experiência de relação igualitária com os homens.

CAPÍTULO IV

CULTURA ESCRITA, AUTORIDADE E INFLUÊNCIA

A ideia de que a cultura literária deveria ser organizada a partir de grandes autores – gênios – formou, durante pelo menos três séculos, o pensamento de críticos literários, acadêmicos, professores e estudantes. Embora muito já se tenha debatido sobre o cânone, a sua importância como tradição literária oficial permanece uma herança nos bancos escolares. Não é necessário justificar o estudo de Balzac ou Zola, pois acreditamos no valor desses autores até mesmo sem conhecê-los muito bem.

O estudo da literatura produzida por mulheres suscita uma tensão entre a ideia de “escrita feminina” e o cânone literário. A histórica exclusão de escritoras de listas de “grandes autores” leva-nos a discutir sobre a existência de um “cânone feminino”, sobre a “revisão do cânone” ou mesmo sobre a “extinção do cânone”.⁴³¹

A discussão não é nova, pois Toril Moi, ainda na década de 1970, fazia objeções à crítica literária feminista por sua incapacidade para desafiar a própria noção de cânone literário, pois a crítica daquela época desejava simplesmente incluir as mulheres no cânone já existente ou então tentava formular um cânone feminino à parte.⁴³² Assim, segundo Moi, desconstruir a ideia de literatura canônica poderia ser uma das vias para um feminismo capaz de questionar os diferentes tipos de hierarquia. A partir daí tornou-se uma estratégia política importante para o feminismo negar a validade ou a necessidade de um cânone literário.

Neste estudo não desejamos negar a importância do cânone, interessa-nos antes de tudo compreender como a produção literária de mulheres, especialmente do século XVII, se relacionou com a ideia de “grande literatura” e de “literatura nacional”. Questionamos por quais motivos a partir de um determinado período a produção de mulheres foi considerada irrelevante para o arcabouço cultural oficial das nações

⁴³¹ Alguns críticos literários, como Harold Bloom, reagiram energicamente contra a tendência atual propagada pelos estudos culturais de questionamento sobre a existência do cânone literário. Ver BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 750p.

⁴³² MOI, Toril. *Sexual/textual politics*. 2ª ed. London / New York: Routledge, 2002. 221p. p. 77.

modernas⁴³³, fundamental para a composição de currículos escolares e de programas pedagógicos.

Neste capítulo discutimos, em primeiro lugar, as ideias que levaram à constituição do primeiro cânone literário francês no século XVII. É interessante notar que nesse momento aconteceu um despertar para necessidade de produzir compilações de autores importantes para a cultura nacional. Não por coincidência, a literatura produzida nessa época, a literatura clássica, exerce até hoje um papel importante na memória nacional francesa.

No decorrer desse processo vemos as mulheres participarem do primeiro cânone, no século XVII, e posteriormente terem a sua participação na cultura nacional progressivamente minimizada. Assim, discutimos a presença de autoras neste primeiro cânone francês e explicamos o seu apagamento na tradição literária posterior. Também analisamos as pretensões das próprias escritoras com a sua produção literária, especialmente com a escrita de romances.

Nesse sentido, demonstramos que a literatura adjetivada como “feminina” recebeu essa denominação exteriormente às demandas das escritoras. Essa não foi uma causa empreendida pelas mulheres que escreviam, mas surgiu a partir de uma classificação produzida por quem tinha poder e autoridade para definir o seu lugar no cânone, associando-as a uma produção considerada de menor expressão ou secundária.

4.1. A tradição literária e a representação da nação

Referências culturais não são adquiridas por processos aleatórios de escolha. O processo de seleção de autores que fazem parte de uma tradição literária (o cânone) é realizado com base nas preocupações dos integrantes dos meios intelectuais e na vontade desses de se constituírem como autoridades, selando uma verdade por eles enunciada.

Compreender a formação do cânone literário exige, dessa forma, que prestemos atenção nas preocupações, desejos e demandas de quem elege os autores participantes do cânone – pois não são todas as pessoas que têm poder para determinar quais obras

⁴³³ Para uma discussão sobre a exclusão de escritoras do cânone literário francês em diversas épocas, ver DEJEAN, Joan e MILLER, Nancy K (dir.). *Displacements. Women, tradition, literatures in french*. Baltimore/Londres: The Johns Hopkins University Press, 1991. 331p.

literárias serão sacralizadas. Assim, o reconhecimento de um escritor depende da sua aceitação pelas autoridades daquele saber, que o identificam com modelos literários previamente concebidos por elas.

Como afirma Larry Riggs, quem consagra o cânone literário procura demonstrar a autoridade e o poder adquiridos resultantes da detenção de um conhecimento específico, procurando assim exercer a sua influência cultural sobre o restante da sociedade. Dessa forma, essas vozes autorizadas não só definem quais autores devem ser considerados “grandes”, como estabelecem a mediação com a leitura realizada pelo leitor comum, oferecendo uma interpretação considerada apropriada para os textos:

Um cânone é uma dupla mediação, ou tela: ele nos recruta para um sistema de leituras que nos separa tanto dos trabalhos quanto de nós mesmos como únicos, situados, motivados leitores. As interpretações autorizadas são sempre atestadas por um Outro Autorizado implícito, que já havia, *autorizadamente*, lido os trabalhos. Não nos resta nada a contribuir com esse sistema já elaborado. Eu creio que isso é parte do que Derrida quer dizer quando fala de uma tendência de os textos serem *reiteraões*.

[A canon is a double mediation, or screen: it recruits us into a system of readings that separates us both from the works and from ourselves as unique, situated, motivated readers. The authorized interpretations are always vouched for by an implicit Authorized Other, who has already, *authoritatively*, read the works. There is nothing for us to contribute to such an already-elaborated system. I believe this is part what Derrida means when he speaks of texts' tendency to be *reiterations*.]⁴³⁴

Como vemos na colocação de Riggs, o processo canônico torna impessoal a aproximação dos leitores das obras literárias sacralizadas, pois elas já chegam a eles investidas de informações que são externas aos textos e lhes conferem valor. A leitura deixa assim de ser completamente espontânea, perdendo-se, em grande parte, o julgamento pessoal que o leitor seria capaz de fazer sobre o texto se não soubesse da carga de valor simbólico que ele já adquiriu. Essa leitura tende a *reiterar* um conhecimento literário prévio e externo ao leitor.

⁴³⁴ RIGGS, Larry. *Molière and modernity: absent mothers and masculine births*. Charlottesville, Virginia: Rookwood Press, 2005. 234p. p. iv. Os grifos são do autor.

Mas ao cânone cumpre algumas funções na sociedade que o valida. Hoje em dia facilmente o identificamos com a pedagogia, visto que as obras canônicas são as estudadas nas escolas e nas universidades. O currículo escolar, se não define o cânone, no mínimo mantém com ele uma íntima cumplicidade.

A conclusão a que chegamos é que a principal função do cânone é a de formar nos educandos o gosto literário. A literatura pertencente ao cânone seria capaz de oferecer ao aluno, além das reflexões filosóficas consideradas as mais elevadas, os princípios fundamentais da língua, as formas mais elaboradas de construção sintática, enfim, uma gama de aspectos linguísticos e morfológicos a serem compreendidos e assimilados. O ponto a ser destacado é que a literatura canônica chega ao estudante como um modelo estável da linguagem.

Além disso, o cânone vincula-se especialmente à memória. Ele pressupõe que os autores canônicos perpetuarão através dos seus textos uma herança cultural, os valores de uma sociedade, a serem apreendidos pelas novas gerações. Conforme destaca Riggs, a canonização literária pretende que os trabalhos confirmem “um conhecimento concebido como propriedade, o qual pode então ser ‘passado’ para os jovens – para os estudantes. Isto está claramente implícito no uso das palavras ‘patrimônio’ ou ‘herança’ para designar o corpo de trabalhos constituindo o cânone.” [“a knowledge conceived as property, which can then be ‘passed on’ to the young – to students. This is clearly implied by the use of the words ‘patrimony’ or ‘heritage’ to designate the body of works constituting the canon.”]⁴³⁵

Assim, o cânone propicia a formação de uma imagem do passado nas jovens gerações. Os considerados “grandes autores” devem assim contribuir para a construção dessa imagem, pois se aprende através deles os princípios, as normas e os valores que constituíram no passado a sociedade na qual vivemos. Mais do que isso, a leitura desses autores deve contribuir para que saibamos perpetuar na sociedade esses mesmos valores, para que eles não se percam. Dessa forma, o cânone cumpre uma função moral, ele forma as novas gerações dentro dos princípios normativos e rememora quais são os temas e as formas literárias dignas de reflexão e de apreço.

Por esse motivo Faith Beasley enfatiza a compreensão do cânone como uma parte importante do patrimônio nacional. A autora destaca que no caso da França essa

⁴³⁵ Ibidem. p. iv.

função da tradição literária é ainda mais intensa porque tradicionalmente os franceses identificam a nacionalidade francesa com a história e com a linguagem.⁴³⁶

Dessa forma, a relação da cultura escrita com o sentimento de nacionalidade é estreita e relevante porque, além de valorizar o conhecimento da história da França, os indivíduos reconhecem na língua francesa uma característica primordial da identidade nacional. Dessa forma, autores franceses célebres, como Racine, Corneille, Descartes, Molière (no caso do século XVII), entre outros, são parte da herança cultural francesa e têm valor porque se tornaram referências de um passado formador de toda a sociedade francesa e da linguagem que a unifica.

Hoje em dia os jovens têm contato com esse patrimônio nacional principalmente através da escola. Na Época Moderna, no entanto, nem sempre a principal função social do cânone esteve diretamente relacionada com os estabelecimentos oficiais de ensino. No século XVII podemos dizer que as obras pertencentes ao cânone se direcionavam menos à formação de jovens estudantes e mais à continuidade de formação dos adultos já muito bem instruídos. Somente no século XVIII é que elas viriam a ser ensinadas nas escolas.

Compreendemos mais facilmente o significado do cânone no século XVII avaliando os conceitos sobre os quais a própria ideia foi construída. É preciso ter em mente, antes de tudo, que o primeiro debate sobre a formação do cânone na França estava relacionado com um projeto de constituição da nacionalidade.

O desejo de estabelecer padrões culturais que fossem considerados nacionais foi fortemente sentido nesse século. Conforme demonstrou Joan DeJean, a necessidade de definir padrões para as artes que tornassem determinadas obras e autores referências nacionais tinha como raiz a recente definição do território nacional e a necessidade do Estado de fortalecer a ideia de nação.⁴³⁷

O estímulo que a Monarquia ofereceu às artes e em especial à literatura nesse século gerou entre os letrados uma grande preocupação com o sentimento de nacionalidade. Em consequência, o surgimento da noção de “cultura”, tal como analisado por Joan DeJean, teve relação com a busca por definições da nação francesa que se formava.⁴³⁸

⁴³⁶ BEASLEY, Faith E. *Salons, history and...* Op. cit. p. 7.

⁴³⁷ DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos...* Op. cit.

⁴³⁸ *Ibidem*.

Segundo a autora, a noção de “cultura” surgiu na França no século XVII⁴³⁹ a partir da fundamentação que os letrados deram para o sentimento de pertencimento ao território francês, desenvolvendo a ideia de que cada povo possuía uma intelectualidade específica. De acordo com a autora percebe-se no final do século XVII, quando Antigos e Modernos entraram em guerra⁴⁴⁰, que a concepção de território francês ganhou um significado que transbordava as fronteiras políticas, pois surgiu a ideia de que existia um território intelectual. Foi a partir desse ponto de vista que o termo *culture* acabou sendo estendido do cultivo da terra (a agricultura) para o cultivo do intelecto.

A autora analisa o movimento semântico dessa palavra em obras produzidas em meio à discórdia entre Antigos e Modernos. Conforme explica DeJean, Fontenelle, partidário da causa moderna, esclareceu a nova função do termo “cultura” em um texto de 1688, *Digression sur les anciens et les modernes*, relacionando o cultivo do solo com o cultivo da mente.

Iniciando seu texto com uma abordagem sobre a vegetação e o clima, o autor concluiu que as ideias eram como plantas ou flores, elas não se adaptavam igualmente a diferentes tipos de solo e de clima. Assim, do mesmo modo como laranjeiras cresciam facilmente na Itália, mas não na França, os modos de pensar também eram diferentes nesses dois países – dessa forma o autor fazia, segundo DeJean, uma primeira definição do que hoje chamaríamos de “diferença cultural”. Ser francês significava, desse ponto de vista, tanto pertencer a um território quanto distinguir-se por um modo próprio de *pensar*.

Assim, cultura passava a designar a especificidade de um país a partir das características intelectuais do seu povo. Por esse motivo, Fontenelle afirmava a particularidade da França como uma “entidade cultural independente”, pois ele argumentava que existia “um certo modo de ‘pensar’ e um certo tipo de ‘inteligência’ (*esprit*) inerentemente franceses e diferentes daqueles que caracterizam as civilizações mais antigas (ele cita o Egito), ou outras tradições contemporâneas (por exemplo, a Itália)”⁴⁴¹.

A ideia de que existia um modo de pensar especificamente francês era compartilhada por um grande número de homens e de mulheres de letras. Tanto

⁴³⁹ Joan DeJean se opõe a Norbert Elias quanto à periodização do surgimento da noção de “cultura”, pois para Elias o conceito de “cultura” surgiu na Alemanha no século XIX. Ibidem. p. 182-183.

⁴⁴⁰ Conforme vimos anteriormente, nas últimas décadas do século XVII existiu uma acirrada disputa entre os letrados denominados Antigos, partidários da poesia e da valorização dos autores da Antiguidade, e os Modernos, que defendiam a prosa e os autores contemporâneos.

⁴⁴¹ DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos...* Op. cit. p. 181.

partidários dos Antigos quanto dos Modernos conferiam igual importância para o que tentavam definir como uma característica intelectual exclusivamente francesa. Diferenciava-os, no entanto, a maneira como explicavam as consequências dessa especificidade.

Um dos efeitos decorrente da necessidade de mostrar a exclusividade do modo de pensar francês foi o início de um debate sobre o que viria a ser chamado mais tarde de cânone literário. Segundo os Antigos, a tradição literária devia ser a expressão do “bom gosto” francês, cumprindo a tarefa de provar a herança da Antiguidade que os franceses carregavam. Ela comprovaria que somente os franceses sabiam como valorizar os autores antigos (especialmente os gregos), produzindo conseqüentemente a superioridade francesa frente aos outros povos.

Dessa maneira, do ponto de vista dos Antigos, o que denominamos de cânone literário só poderia ser composto exclusivamente por autores da Antiguidade. No entanto, a escolha desses autores pelos letrados e a capacidade de lê-los e de discuti-los acabava demonstrando a superioridade intelectual dos franceses. Por esse motivo, embora o cânone em si não incluísse autores franceses, a sua elaboração viria expressar uma característica eminentemente nacional.

Conforme as ideias de Nicolas Boileau e de sua sucessora Anne Dacier⁴⁴² – segundo os quais somente os autores da Antiguidade poderiam ser considerados os “grandes” – os bons escritores contemporâneos eram aqueles que saberiam comprovar a herança cultural que os franceses traziam da Antiguidade. A capacidade de valorização dos autores antigos era uma característica intelectual propriamente francesa.

Já para os Modernos o cânone era a expressão da literatura nacional, isto é, deveria ser composto por autores franceses que representavam a diferença da França em relação às demais nações (expressa pelo conceito de cultura). Para grande parte dos Modernos, porém, essa diferença não tinha qualquer relação com uma suposta superioridade.

Autores como Fontenelle⁴⁴³ e Houdar de La Motte⁴⁴⁴ entendiam que cada nação poderia ser o berço de autores célebres, seus espelhos, os quais poderiam demonstrar as

⁴⁴² Conforme já comentamos, Anne Lefebvre Dacier escreveu *Des causes de la corruption du goût*, publicado em 1714, além de uma tradução da *Ilíada* para o francês e uma obra sobre Homero: *Homère défendu contre l'apologie du R. P. Hardouin*, de 1716.

⁴⁴³ Bernard Le Bouyer (ou Le Bovier) de Fontenelle (1657-1757) foi um dramaturgo e poeta francês. Frequentava o salão de Madame de Lambert e tomou partido favorável por *La Princesse de Clèves*, quando se travavam debates sobre a obra entre 1678 e 1679. Foi nomeado membro da Academia Francesa em 1691 e foi secretário da Academia de Ciências entre 1699 e 1737.

diferenças existentes entre elas, mas sem haver uma hierarquia inerente a esse processo. Fontenelle chega a cogitar a existência de grandes autores negros ou lapões no futuro.⁴⁴⁵

Conforme explica DeJean, era o conceito de civilização que remetia a uma herança do passado que unia povos supostamente superiores, e não o conceito de cultura.⁴⁴⁶ Os argumentos dos Antigos aproximavam-se da noção de civilização, pois embora não utilizassem essa palavra, outros termos inter-relacionados como “sociedade civilizada”, “modos” e “gosto” seriam mais tarde unificados por “civilização”, como dissemos anteriormente.⁴⁴⁷

Já a acepção de “cultura”, elaborada primeiramente por Fontenelle, não revelava um ato contínuo entre uma herança do passado e a civilização seguinte. Ela significava as características “de pensamento” que serviriam para distinguir as diferenças entre os povos que habitavam solos diferentes. Dessa forma, a cultura estava mais atrelada ao território nacional do que ao passado. O respeito às diferenças culturais, portanto, fazia parte somente da proposta de Modernos que, como Fontenelle e Houdar de La Motte (o sucessor de Charles Perrault na liderança dos Modernos), esforçavam-se para que o debate sobre a cultura não se tornasse um palco para a determinação da superioridade cultural.

Além disso, os Modernos costumavam enfatizar a importância da recriação literária. Dessa forma, eram por eles considerados bons autores os autores modernos que inovavam e os que questionavam, já que a característica única de uma nação poderia ser reconhecida na originalidade de seus escritores. Assim, no modo de pensar moderno, o autor estava vinculado à nação, no entanto, guardava-se um espaço importante para a criação individual.

Quanto ao cânone, a proposta dos Modernos tornava-o apenas uma referência para a identidade da nação, mas não era uma arma a ser utilizada em favor do domínio cultural. Além disso, o cânone deveria ser sempre mutável, pois as referências nacionais poderiam mudar com o tempo. Por isso Fontenelle concluiu que a tradição cultural passada poderia mesmo perder totalmente o sentido para estudiosos do futuro, que

⁴⁴⁴ Antoine Houdar de la Motte (1672-1731), amigo de Fontenelle, também foi poeta e dramaturgo. Assim como o seu amigo, frequentava o salão de Madame de Lambert. Liderou os Modernos na segunda fase do conflito, no princípio do século XVIII.

⁴⁴⁵ DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos...* Op. cit. p. 182.

⁴⁴⁶ Quanto a esta diferenciação semântica DeJean está de acordo com Norbert Elias, embora discorde de que o termo “cultura” tenha sido uma construção inerentemente alemã, pois a autora demonstra o uso do termo “cultura” em francês décadas antes da primeira ocorrência alemã. DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos...* Op. cit. p. 183.

⁴⁴⁷ *Ibidem.* p. 184.

poderiam inclusive rejeitar o que viessem a considerar antigo, incluindo os próprios autores do século XVII.⁴⁴⁸

Dessa forma, o debate sobre a criação do primeiro cânone literário resultou em duas propostas que tinham a preocupação de demonstrar a unidade nacional francesa e de especificar uma diferença intelectual própria aos franceses. Enquanto os Antigos desejavam valorizar única e exclusivamente os doutos que viessem a analisar ou fazer a devida reverência aos autores da Antiguidade (estes considerados na realidade os únicos baluartes possíveis da civilização), os Modernos desejavam um cânone que privilegiasse a língua francesa, a inovação e a individualidade.

Por esse motivo a primeira feição de um cânone em língua francesa apareceu em publicações empreendidas pelos letrados alinhados com a visão moderna. Evidentemente, podemos deduzir que as escritoras somente poderiam figurar em um cânone literário tal como proposto por eles, visto que no século XVII elas estavam vinculadas à inovação literária. Por outro lado, na proposta dos Antigos elas jamais seriam valorizadas, nem mesmo como eruditas, visto que poucas delas publicavam obras de análise sobre autores da Antiguidade, trabalhos que exigiam uma instrumentalização mais especializada recebida por um intenso treinamento.

Na definição dos critérios de escolha para o cânone outros elementos foram importantes além da questão literária, incluindo também as questões de gênero (sexual), já que as escritoras exerciam naquele momento uma grande influência na sociedade letrada. É importante notar que nesse momento as escritoras (apesar das críticas que sofriam) usufruíam de uma posição de destaque nos espaços letrados e, assim, não havia debate literário que pudesse de fato ignorá-las.

4.2. O cânone e a influência cultural das mulheres

É marcante o fato de as escritoras constarem nas primeiras antologias de autores franceses considerados importantes, elaboradas tanto por homens como por mulheres de letras do século XVII. Em outro estudo realizado por Joan DeJean, a autora

⁴⁴⁸ Conforme a análise de Joan DeJean. *Ibidem.* p. 182.

mostra que nesse século escritoras foram consideradas entre os “grandes autores” igualmente aos homens.⁴⁴⁹

No final do século XVII, enquanto Antigos e Modernos debatiam na Academia Francesa quem eram os autores a serem considerados célebres, escritores e escritoras começaram a redigir listas dos seus precursores e a editar antologias de obras literárias consideradas de grande valor.⁴⁵⁰ Alinhados certamente com o ponto de vista moderno, esses livros dedicavam as suas páginas somente aos autores (e autoras) franceses e quase exclusivamente àqueles pertencentes ao próprio século XVII.

Exemplos dessas antologias são os livros *Nouvelles observations sur la langue française*, de Marguerite Buffet⁴⁵¹, de 1668, e *Recueil des plus belles pièces des poètes français*, de Fontenelle e de Madame d’Aulnoy⁴⁵², publicado anonimamente em 1692. Além desses livros, outras obras escritas por Jean de La Forge, Jacqueline Guillaume e Claude de Vertron traziam numerosas informações sobre as influentes escritoras do século XVII.⁴⁵³

Diferentemente das obras que foram produzidas a partir de meados do século XVIII⁴⁵⁴, naquelas compilações autoras como Madeleine de Scudéry e Madame de La Suze⁴⁵⁵ eram citadas e tomadas como exemplos. Ainda mais interessante talvez seja notar, conforme DeJean, que entre o final do século XVII e início do século XVIII, pelo menos uma dúzia das antologias literárias publicadas foram dedicadas exclusivamente às mulheres autoras.⁴⁵⁶

Segundo Joan DeJean, essas antologias eram direcionadas a um público adulto instruído, especialmente aqueles que costumavam participar de debates literários, os frequentadores dos salões. Sem disfarçar o papel de arbitragem, elas pretendiam

⁴⁴⁹ DEJEAN, Joan. “Classical reeducation: decanonizing the feminine.” In: DEJEAN, Joan e MILLER, Nancy K (dir.). *Displacements*. Women, tradition, literatures in french. Baltimore/Londres: The Johns Hopkins University Press, 1991. pp. 22-36.

⁴⁵⁰ Ibidem. p. 23.

⁴⁵¹ Infelizmente dispomos de poucas informações biográficas sobre Marguerite Buffet, sabemos apenas que ela frequentou os salões parisienses em meados do século XVII e que faleceu em 1680.

⁴⁵² Marie-Catherine d’Aulnoy (1651-1705), a Baronesa d’Aulnoy, foi uma escritora que ficou bastante conhecida por seus contos de fadas. Frequentemente é comparada com Jean de La Fontaine, pela crítica dissimulada da corte e da sociedade francesa que os seus contos apresentam.

⁴⁵³ DEJEAN, Joan. *Classical reeducation...* Op. cit. p. 25.

⁴⁵⁴ DeJean enfatiza que a produção de antologias foi ainda mais misógina após a Revolução Francesa.

⁴⁵⁵ Henriette de Coligny de La Suze (1618-1673), a Condessa de La Suze, era poeta. Foi amiga de Madeleine de Scudéry, Paul Pellisson, Jean Regnault de Segrais e Gilles Ménage. As suas poesias foram publicadas em coletâneas juntamente com as de outros autores, como em *Recueils de poésies galantes*, de 1668.

⁴⁵⁶ DEJEAN, Joan. *Classical reeducation...* Op. cit. p. 24. Esse fato vem ao encontro da nossa análise realizada no capítulo dois, quanto à memória das mulheres sábias. Esses livros constroem o mesmo tipo de imagem positiva da relação entre as mulheres e o conhecimento de que falamos anteriormente.

promover um “senso” para o gosto literário e conferir reputação aos escritores e escritoras escolhidos.⁴⁵⁷

Como os salões podem ser compreendidos como núcleos de educação informal, os livros acima citados tinham um sentido pedagógico em relação à literatura moderna, lembrando que a educação escolar formal, realizada em latim, não a incluía. Na realidade, o primeiro cânone verdadeiramente francês servia para afirmar uma posição literária moderna. Nesse sentido, objetivava moldar o gosto dos adultos conforme as novidades literárias do próprio século, e não de acordo com a tradição literária precedente.

Faith Beasley está de acordo com a compreensão de Joan DeJean sobre a produção de um “cânone misto” no século XVII.⁴⁵⁸ Ambas as autoras relacionam esse fato com a autoridade que os salões exerciam no meio literário daquela época, destacando que o julgamento literário realizado dentro dos salões era válido para todo campo das letras e não somente para aqueles que produziam a literatura mundana.

Mesmo acadêmicos, como Jean Chapelain, não deixavam de circular de salão em salão fazendo leituras de obras suas ou de seus amigos na esperança de obter aprovação. Não ser conhecido, comentado e aprovado nos salões significava ser concretamente ignorado por uma parte muito significativa da república das letras.⁴⁵⁹ Roger Chartier também destaca que no século XVII os salões funcionavam como locais de julgamento para as obras, dos quais dependia a reputação tanto dos escritores novos quanto dos veteranos.⁴⁶⁰

Nesse sentido, Faith Beasley destaca o papel que as mulheres exerciam como críticas literárias – um papel que dava a elas enorme visibilidade na república das letras. Madame de Sablé era considerada por Jean Chapelain o árbitro supremo em matéria literária, assim como Madame de Longueville, Madeleine de Scudéry e Madame de La Fayette eram conhecidas pelos seus posicionamentos firmes ao expressar julgamentos nem sempre agradáveis.⁴⁶¹ Elas eram reconhecidas porque não aceitavam facilmente uma obra recém escrita, procurando de fato contribuir com opiniões e sugestões que pudessem melhorá-la.

⁴⁵⁷ Ibidem. p. 23.

⁴⁵⁸ BEASLEY, Faith E. *Salons, history and...* Op. cit.

⁴⁵⁹ Ibidem. p. 26. Beasley comenta como Jean Chapelain, um dos fundadores da Academia Francesa, percorreu diversos salões lendo os trabalhos do amigo Guez de Balzac, na intenção de contribuir para a formação da reputação desse escritor.

⁴⁶⁰ CHARTIER, Roger. *O homem de letras...* Op. cit.

⁴⁶¹ BEASLEY, Faith E. *Salons, history and...* Op. cit. p. 29.

Segundo Beasley, nos salões as mulheres acabaram adquirindo status como árbitras do gosto literário, o que explica o fato de as mulheres serem autoras de antologias e de listas de escritores bem aceitas pela maior parte da sociedade letrada.⁴⁶² De fato, além de homens de letras seguidamente referirem-se a elas como especialistas no julgamento de suas obras⁴⁶³, esse status adquirido pelas mulheres foi resultado de um esforço delas próprias para mostrarem que sabiam julgar com a razão.

O livro de Marguerite Buffet é um bom exemplo que nos mostra como as próprias mulheres instituíram a si mesmas como autoridades da crítica literária e como impulsionaram outras mulheres a fazerem o mesmo. O título do livro parece auto-explicativo: “*Novas observações sobre a língua francesa, onde são tratados os termos antigos e inusitados, e o bom uso das palavras novas, com os elogios das ilustres sábias, tanto antigas quanto modernas*”⁴⁶⁴ [*Nouvelles observations sur la langue française, où il est traité des termes anciens et inusitez, et du bel usage des mots nouveaux, avec les éloges des illustres savantes, tant anciennes que modernes*]⁴⁶⁵. Nele a autora definia-se uma especialista da linguagem, assim como uma professora, propondo-se não somente listar as excelentes escritoras daquele século, mas também a ensinar para outras mulheres o correto uso da língua francesa.

A folha de rosto informava o nome da autora e em seguida uma explicação sobre quem ela era, conferindo-lhe a autoridade desejada: “de quem a profissão é ensinar às Damas a arte de bem falar e de bem escrever sobre todos os assuntos, com a Ortografia francesa por regras” [“*faisant profession d’enseigner aux Dames l’art de bien parler et de bien écrire sur tous les sujets, avec l’Ortographe française par règles*”]⁴⁶⁶.

As primeiras duzentas páginas do livro de Marguerite Buffet são consagradas ao auxílio das leitoras no domínio da língua francesa. Ela dava explicações gramaticais, além de esclarecer sobre o bom uso do vocabulário, para que as mulheres soubessem escolher as palavras novas realmente admissíveis no uso correto da língua. Por

⁴⁶² Faith E. Beasley analisa, além do livro de Marguerite Buffet, *Nouvelles observations sur la langue française*, também o livro de Dominique Bouhours, *Les entretiens d’Ariste et d’Eugène* (1671) e os dois livros de Anne Thérèse de Lambert, *Réflexions sur le goût* e *Sur les femmes* (do início do século XVIII).

⁴⁶³ Faith E. Beasley cita, por exemplo, Jacques Du Bosc, Jean Chapelain e Corneille como autores que entregavam as suas obras para serem avaliadas por mulheres. Lembramos também que Jacqueline Pascal prestava esse tipo de ajuda a Blaise Pascal.

⁴⁶⁴ Apesar de não termos traduzido outros títulos de livros, nesse caso o julgamos bastante esclarecedor.

⁴⁶⁵ BUFFET, Marguerite. *Nouvelles observations sur la langue française, où il est traité des termes anciens et inusitez, et du bel usage des mots nouveaux, avec les éloges des illustres savantes, tant anciennes que modernes*. Paris: à l’imprimerie de Iran Cusson et se trouvent chez Monsieur Bourbon, 1668. 342p.

⁴⁶⁶ *Ibidem*.

exemplo, ela explica a conjugação dos verbos, assim como a sua pronúncia correta e descreve algumas regras básicas, como o uso universal do masculino:

Outro exemplo, o masculino tem sempre a vantagem quando muitas pessoas dos dois sexos tenham dito ou feito alguma viagem ou passeio juntas, será preciso dizer, eles disseram isso, eles foram a tal lugar, eles praticaram alguma coisa, e não elas, mesmo quando houver mais mulheres do que homens.

[Autre exemple, le masculin a toujours l'avantage quand beaucoup de personnes des deux sexes auroient dit ou fait quelque voyage ou promenade ensemble, il faudroit dire, ils ont dit cela, ils sont allez en tel endroit, ils ont entrepris telle chose, et non pas elles, quand mesme il y auroit beaucoup plus de femmes que d'hommes.]⁴⁶⁷

De acordo Faith Beasley, Margueritte Buffet faz nessa parte do livro uma união muito bem sucedida entre a linguagem utilizada nos salões (o novo vocabulário) e a gramática oficial que necessitava ser aprendida pelas mulheres sem educação formal. Segundo Beasley, no entanto, fica evidente que a autora desejava na realidade uma valorização da linguagem dos salões.

De fato, em *Nouvelles observations*, quando a autora demonstra o uso de expressões ou de palavras, ela começa sucessivos parágrafos desta forma: “vendo uma pessoa...” (“Voyant une personne...”), “quando vemos um homem...” (“Quand on voit un homme...”), “quando as pessoas...” (“Quand des gens...”) ⁴⁶⁸, e complementa a frase com uma situação que normalmente ocorreria. Ou seja, ela retira os seus exemplos das experiências reais, das situações que as pessoas letradas viviam com frequência, especialmente nos salões. Assim a autora finaliza as explicações dizendo que “esta palavra está em uso” (“ce mot est fort en usage”) ou “o termo é muito bom” (“le terme est fort bon”) ⁴⁶⁹, numa referência direta ao uso mais atual da língua, ao modo de falar que estava na moda e que passava a ser aceito.

Nesse sentido, vemos através das explicações de Marguerite Buffet o quanto os salões realmente modificaram a linguagem, pois em seu livro fica evidente a demonstração da substituição de expressões antigas por novas, relacionadas com os salões literários: “um homem que elogia uma mulher de boa graça, nós não dizemos

⁴⁶⁷ Ibidem. p. 193.

⁴⁶⁸ Ibidem. p. 40.

⁴⁶⁹ Ibidem. p. 40.

mais, ele sabe bem dizer floreios⁴⁷⁰, é preciso dizer, ele entende a bela galanteria” [“Un homme qui flatera une femme de bonne grace, on ne dit plus, il sçait bien dire la fleurette, Il faut dire, il entend la belle galanterie”]⁴⁷¹. Aqui ela fala exatamente do uso da palavra galanteria, a qual não compreenderíamos o sentido se não pelos costumes dos salões literários.

Após a primeira parte do livro, as cem páginas que seguem podem ser vistas como uma galeria de retratos literários (uma lista descritiva de autores, como estava em voga no período), intitulado *Traite sur les éloges des illustres sçavantes, anciennes et modernes*⁴⁷², em que a autora alude exclusivamente a mulheres letradas, inclusive de outras nacionalidades, que se destacaram pelos conhecimentos aprofundados de suas línguas.

Essa parte do livro inscreve na memória cultural nacional as escritoras que deveriam ser consideradas exemplos das explicações linguísticas elaboradas por Buffet na primeira parte da obra. Para cada uma delas Buffet dedicou uma ou duas páginas do livro, fazendo os elogios e as explicações que justificavam que elas fossem tomadas como modelos. São citadas no tratado Christine de Suède (la Reine de Suède), Mademoiselle de Scurman, Mademoiselle de Scudéry, Madame la Duchesse de Montausier, Madame La Comtesse du Plexis, Madame La Comtesse de La Suze, entre outras.

É interessante perceber o destaque que recebem as religiosas. No *éloge* de Madame de Mortemard Religieuse, a autora afirma que “é nos conventos que se encontram os mais raros e os mais excelentes gênios” [“c’est dans les cloistres ou se trouve les plus rares et les plus excellens genies”]⁴⁷³. Tal afirmação confirma a nossa asserção de que os conventos eram uma boa opção para as mulheres que desejavam dedicar-se exclusivamente às letras.

Depois de uma longa lista de escritoras do século XVII, Marguerite Buffet inclui escritoras dos séculos XVI, XV, XIV até chegar às escritoras da Antiguidade, citando autoras de diferentes nacionalidades, em uma parte do livro que ela denomina de *Eloges de quelques illustres sçavantes des siecles passez*. Nessa parte encontramos elogios à Julienne Morelle (de Barcelona), que ganha destaque por falar diversas línguas, à Marie Clemence Ruoti (religiosa no Monastério de S. George, em Florença),

⁴⁷⁰ A palavra *fleurette* em francês significa “pequena flor”.

⁴⁷¹ Ibidem. p. 42.

⁴⁷² O tratado começa na página 199 e se encerra na página 342, onde termina o livro.

⁴⁷³ Ibidem. p. 184.

à Marguerite Morus (filha de Thomas Morus), para ficarmos apenas em exemplos do século XVI.

Buffet procura desenhar assim toda uma tradição literária feminina, mostrando que as “grandes” autoras do século XVII, que tão bem sabiam utilizar as formas mais atuais da língua, eram, na verdade, herdeiras de escritoras do passado que realizaram os mesmos feitos em suas épocas. Dessa forma, do mesmo modo como a primeira parte do livro formula um casamento perfeito das novidades linguísticas do século com a tradição gramatical, a segunda parte é uma complementação que reforça a mesma lógica, glorificando o presente ao mesmo tempo em que o liga com o passado.

Assim, a autora faz três movimentos complementares: institui a si mesma como uma autoridade; conclama as outras mulheres a tornarem-se especialistas da língua francesa e faz um memorial da escrita de mulheres, transformando as escritoras em modelos a serem admirados e seguidos. Dessa forma, como disse Beasley, está implícito no texto de Buffet a ideia de capacitar as mulheres para que elas pudessem dominar a língua francesa e, assim, transcender a sua esfera social de influência.⁴⁷⁴ A autora também pensa em influenciar as mulheres para que elas aprendessem outros idiomas, na ideia de que o conhecimento de diversas línguas podia expandir ainda mais as possibilidades de atuação de uma mulher letrada.

É importante notar também que Marguerite Buffet afirma a todo o momento a contribuição das escritoras para a construção das suas respectivas nações. Na segunda parte do livro os elogios às escritoras vêm normalmente acompanhados de respectivos elogios à grandeza das nações, numa relação sempre muito íntima entre a nacionalidade e a personalidade da letrada ilustre. Na realidade, as mulheres letradas aparecem no livro como sendo representantes dos seus países: “Que a Suécia admire a sua ilustre Rainha, a Holanda sua douta Scurman, nós encontraremos na Sapho dos nossos dias, a incomparável Mademoiselle de Scudéry, mais ciência, doutrina e espírito que na Sapho dos gregos tão elogiada na Antiguidade”. [“Que la Suede admire son illustre Reine, la Holande sa docte Scurman, nous trouverons en la Sapho de nos jours, l’incomparable Mademoiselle de Scudéry, plus de science, de doctrine et d’esprit que dans la Sapho des Grecs tant vantée dans l’Antiquité.”]⁴⁷⁵ Aqui mais uma vez fica evidente a associação do presente com o passado, sem, no entanto, desfavorecê-lo, visto que a autora vê em

⁴⁷⁴ BEASLEY, Faith E. *Salons, history and...* Op. cit. p. 57.

⁴⁷⁵ BUFFET, Marguerite. *Nouvelles observations sur...* Op. cit. p. 245.

Madeleine de Scudéry mais qualidades do que na Sapho grega – para Buffet Madeleine era uma representante à altura da França do século XVII.

Assim, as mulheres que exerciam o papel de críticas literárias⁴⁷⁶, como Marguerite Buffet, pretendiam mostrar que a literatura produzida por mulheres também era o espelho da nação francesa. O livro de Buffet mostra, assim como veremos mais adiante também em Madeleine de Scudéry, que as mulheres incluíam a sua própria escrita nesse projeto nacionalista.

É importante notar que o estreito vínculo entre a nação e a influência das mulheres na cultura, tão presente nas antologias escritas no século XVII, não agradou aqueles que escreveram antologias e listas de autores nos séculos que se seguiram. O cânone literário reescrito a partir de meados do século XVIII procurou desfazer a ideia de que mulheres letradas eram figuras atuantes na época clássica e de que elas haviam contribuído para a formação de uma cultura literária nacional.

Tanto Faith Beasley quanto Joan DeJean demonstram que as representações da cena literária que tiveram como tema a época clássica mudaram drasticamente das antologias do final do século XVII para as coletâneas produzidas no final do século XVIII e no século XIX.

Segundo Faith Beasley, é o problema relativo à memória nacional e à identidade que explica o revisionismo sofrido pela literatura francesa do século XVII, minimizando o papel das mulheres na constituição da literatura clássica e a influência cultural exercida por elas através dos salões literários. Segundo a autora, é a partir do entendimento do papel que a cultura literária do século XVII cumpre na memória nacional francesa e na identidade nacional que podemos compreender por que nos séculos XVIII e XIX críticos literários buscaram subestimar a participação das mulheres e a importância dos salões para a formação da literatura francesa clássica.⁴⁷⁷

É importante destacar que o século XVII cumpre um papel importante no imaginário francês, porque é considerado um momento “fundador” da literatura.⁴⁷⁸ É a partir da literatura clássica que a França passa a ser identificada com uma cultura literária específica (e que foi muitas vezes considerada superior a dos demais países). Quando o assunto é o “grande século” ou o “século de Luís XIV”, o imaginário

⁴⁷⁶ Faith Beasley vê o mesmo tipo de referência nacionalista no livro de Dominique Bouhours, *Entretiens d'Ariste et d'Eugène*. Ibidem. pp. 69/70.

⁴⁷⁷ BEASLEY, Faith E. *Salons, history and...* Op. cit. p. 5.

⁴⁷⁸ A respeito do imaginário francês sobre o século XVII ver JOUHAUD, Christian. *Sauver le Grand-Siècle ? Présence et transmission du passé*. Paris: Seuil, 2007. 311p.

nacional converge para a ideia de que essa foi uma época “grandiosa” e, em especial, culturalmente efervescente. Faith Beasley demonstra, por exemplo, que em exposições nacionais sobre a história da França normalmente se reserva um espaço de destaque para o século XVII e para os autores clássicos.⁴⁷⁹

A imagem desse passado considerado glorioso precisava corresponder ao discurso da diferença de gênero, que passou a restringir ainda mais as esferas de atuação das mulheres. No século XVIII o discurso misógino passou a contar com a ciência, pois a partir daí o controle das mulheres e a manutenção delas no espaço doméstico passou a ser justificado pela sua natureza frágil, comprovada cientificamente. Assim, não era possível permitir nem que as obras escritas por mulheres permanecessem sendo consideradas modelos de boa escrita, nem tornar conhecida a autoridade das mulheres de letras daquela época como árbitras do valor literário.

Os salões do século XVII tiveram alta importância como instituições da vida literária, o que podemos constatar inclusive porque as primeiras feições do cânone foram resultado dessa influência. No entanto, na história literária francesa produzida posteriormente houve uma tentativa de apagamento do papel eminentemente literário que cumpriram os salões desse período, em prol de uma imagem que enfatizava a característica dos salões como simples produtores de sociabilidades e de costumes.

Dessa forma, a produção de um novo cânone no século XVIII pretendeu não só “descanonizar” as obras das mulheres, mas tornar invisível a própria influência que elas exerceram na cultura literária de sua época:

Os salões do século XVIII são celebrados na memória nacional oficial francesa como mais filosóficos e políticos, e decididamente como menos focados na literatura. Mas, com essa mudança de ênfase veio uma mudança no papel da mulher *salonnière*. De escritora ela se torna antes de tudo anfitriã, uma importante transferência à qual retornaremos. Se os salões do século XVIII são mais conhecidos e reconhecidos hoje, isso é precisamente porque se tornou indesejável ligar as mulheres aos papéis dominantes no julgamento literário e na criação.

[Eighteenth-century salons are celebrated in official French national memory as more philosophical and political, and decidedly less focused on literature. But with this change in emphasis came a change in the role of the female *salonnière*. From writer she becomes primarily hostess, an important shift to which we will return. If eighteenth-century salons are more

⁴⁷⁹ BEASLEY, Faith E. *Salons, history and...* Op. cit. p. 7.

acknowledged and recognized today, it is precisely because it became undesirable to link women to dominant roles in literary arbitration and creation.]⁴⁸⁰

De acordo com Beasley as recorrentes sátiras feitas sobre os salões do século XVII eram um resultado do papel preponderante que as mulheres estavam ocupando naquele momento. Em contraste, os salões do século XVIII não provocaram ataques tão diretos, porque as mulheres passaram a exercer uma função de menor prestígio: sendo consideradas mais anfitriãs do que críticas literárias, não ofereciam tanto perigo.⁴⁸¹

Joan DeJean oferece outra explicação para a retirada das mulheres do cânone a partir do final do século XVIII. Conforme a autora podemos entender esse processo em meio à formulação do projeto oficial de educação na França: no momento em que a Monarquia apercebe-se da importância de tornar a educação nos colégios verdadeiramente francesa, implementando o ensino em francês e não mais em latim, o cânone literário ganhou maior importância no papel escolar. O espaço de produção do cânone foi deslocado, portanto, dos salões literários para os estabelecimentos oficiais de ensino.

Até o final do século XVIII os salões usufruíam de autonomia suficiente e influência no meio literário para fazer vingar uma primeira lista de autores na qual figuravam mulheres. Enquanto o salão manteve-se como um dos espaços mais importantes de publicação de obras literárias e enquanto produziu a maior parte da crítica, pode-se dizer que as mulheres fizeram parte do cânone.

Joan DeJean mostra que a exclusão das mulheres aconteceu no momento em que a produção do cânone literário foi desvinculada dos espaços de sociabilidade (informais e autônomos) e passou a ser vinculada ao currículo escolar (tornando-se formal e oficial).⁴⁸² Por isso, para a autora, a principal derrota sofrida pelos Modernos aconteceu no plano educacional, pois eles não souberam mostrar a aplicação prática da sua proposta, foram incapazes de visualizar que era necessário elaborar o quanto antes um plano pedagógico que correspondesse aos ideais modernos.⁴⁸³

⁴⁸⁰ BEASLEY, Faith E. *Salons, history and...* Op. cit. p. 30.

⁴⁸¹ Ibidem. p. 30. Não queremos dizer que as *salonnières* do século XVIII não participavam vivamente dos debates que aconteciam em seus salões e nem que não colaboravam com amigos seus na elaboração de textos, apenas notamos que elas eram vistas mais como as anfitriãs das reuniões do que como críticas literárias.

⁴⁸² DEJEAN, Joan. *Classical reeducation...* Op. cit.

⁴⁸³ DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos...* Op. cit. p. 196.

A pedagogia dos Modernos estava voltada para moldar padrões de gosto entre pessoas adultas que discutiam os livros que liam, nunca tendo se preocupado em imaginar a inserção de romances, por exemplo, no ambiente escolar. Segundo DeJean no século XVIII nenhum romance aparece nas antologias direcionadas para o currículo escolar – o gênero romance, apesar de ser cada vez mais publicado, foi ao mesmo tempo considerado aviltante para a formação dos indivíduos.⁴⁸⁴

No século XVII os defensores do romance (tanto homens como mulheres) não só o colocavam no patamar de “grande” literatura, como defendiam a capacidade das obras romanescas de propagar a moral e de contribuir para a formação do caráter de uma pessoa. Embora não tenham tido força suficiente para neutralizar os ataques a esse gênero literário e também não tenham compreendido a necessidade de fazer uma proposta pedagógica para as escolas, os Modernos pretendiam elevar o romance ao mais alto valor literário, entendendo inclusive que ele seria aquele que melhor representaria a intelectualidade francesa frente às outras nações. Dentre esses Modernos estavam mulheres que ambicionavam expandir a própria capacidade de ação e as possibilidades de expressão femininas.

Desse modo, nos opomos ao ponto de vista de Linda Timmermans, para quem a “escrita feminina” das mulheres do século XVII permitia que elas se mantivessem em um lugar confortável como escritoras. Para a autora as mulheres que então escreviam procuravam manter a imagem de que eram diferentes dos seus companheiros masculinos, de que não tinham as mesmas ambições e os mesmo projetos profissionais que eles. As escritoras teriam preferido se manter no amadorismo porque isso as protegia, já que como amadoras elas eram mais simpáticas aos olhos masculinos.⁴⁸⁵

Enfatizando a inclinação das mulheres para a escrita de cartas e de memórias, que não tinham o mesmo valor dos gêneros literários consagrados, Linda Timmermans procura demonstrar que no século XVII existia uma escrita da diferença, à qual as mulheres se apegaram por se sentirem mais confortáveis e menos pressionadas. Essa diferença estaria em um estilo livre, que não necessitava de muita pesquisa ou trabalho e

⁴⁸⁴ DEJEAN, Joan. Classical reeducation... Op. cit.

⁴⁸⁵ TIMMERMANS, Linda. *L'accès des femmes à la culture sous l'Ancien Regime*. Paris: Honoré Champion, 2005. 967p. p. 223. Apesar da nossa divergência da posição da autora quanto a essa questão específica, destacamos a importância do livro de Timmermans, que é hoje considerado um clássico, para a história das mulheres no período moderno.

que resultava em uma expressão mais espontânea e sincera, uma linguagem “do coração” [“du coeur”]⁴⁸⁶.

Partindo do que se dizia à época a respeito das cartas escritas por mulheres, a autora concluiu que as escritoras identificavam-se com uma estética do “natural”, sem normas precisas, que as tornava “capazes de expressar a linguagem natural do coração sem precisar recorrer à retórica” [“capables d’exprimer le langage naturel du coeur sans avoir recours à la rhétorique”]⁴⁸⁷. Linda Timmermans trata, portanto, do amadorismo como um refúgio para as mulheres letradas, o que teria feito a “estética da negligência” [“esthétique de la négligence”]⁴⁸⁸ sinônimo de “escrita feminina” no século XVII.

Segundo as conclusões de Timmermans, foi a especificidade da “escrita feminina” que assegurou a glória alcançada pelas autoras do século XVII, permitindo que publicassem com tranquilidade os seus livros e que fossem até mesmo elogiadas pela forma “naturalmente” bela como escreviam.⁴⁸⁹ Produzindo uma literatura sem ambições, sem desejo de equiparação à dos homens, as mulheres estariam conformadas com a identificação com o espontâneo e com o natural – mas também com o negligente –, vendo a sua própria escrita como um simples “divertimento”.

A autora reconhece, todavia, que a partir da segunda metade do século XVII é possível visualizar a figura da mulher “autora”, que nesse momento as mulheres tinham um número muito maior de obras impressas, que muitas escritoras já não faziam tanta questão de esconder a sua identidade⁴⁹⁰ e que algumas delas inclusive desejaram concorrer a prêmios literários⁴⁹¹. Mas mesmo com essa “mudança de estado de espírito”, Timmermans considera que as mulheres permaneceram fiéis ao amadorismo e que não viam as suas obras com muita seriedade:

⁴⁸⁶ Ibidem. p. 197.

⁴⁸⁷ Ibidem. p. 197.

⁴⁸⁸ Ibidem. p. 199.

⁴⁸⁹ Ibidem. p. 236.

⁴⁹⁰ Conforme Linda Timmermans no final do século XVII os leitores e leitoras já sabiam reconhecer, por exemplo, que quando um livro trazia a designação da autora como “la comtesse D***” significava que era a Madame d’Aulnoy e que “la comtesse de M***” era Madame de Murat (também escritora de contos de fadas). Assim como essas, outras “chaves” podiam ser facilmente decifradas. Ibidem. p. 223.

⁴⁹¹ Linda Timmermans cita algumas escritoras que inclusive ganharam os prêmios, como Madeleine de Scudéry, a primeira a ganhar o prêmio de eloquência da Academia Francesa, em 1671, e posteriormente Catherine Bernard, Mademoiselle Lhéritier, Madame Durand, Madame de Murat, entre outras, que venceram nas categorias de eloquência e de poesia. Ibidem. p. 222.

Esse novo estado de espírito não impede que as mulheres de letras permaneçam fiéis à *estética* mundana (e não mais ao estatuto) do escritor amador. Elas continuam a considerar as suas obras como “divertimentos”, como puros produtos de salão, apreciados sobretudo por seus próprios amigos, como “bagatelas”, que não merecem ser aprimoradas. Uma tal concepção da literatura, é preciso reconhecer, quase não favorece a eclosão de obras primas. Pelo menos ela sem dúvida favoreceu a eclosão da mulher autora.

[Ce nouvel état d'esprit n'empêche pas que les femmes de lettres restent fidèles à l'*esthétique* mondaine (et non plus au statut) de l'écrivain amateur. Elles continuent à considérer leurs ouvrages comme “divertissements”, comme de purs produits de salon, appréciés surtout par leurs propres amis, comme des “bagatelles”, qui ne méritent pas d'être limés. Une telle conception de la littérature, il faut le reconnaître, ne favorise guère l'éclosion de chefs-d'oeuvre. Au moins a-t-elle sans doute favorisé l'éclosion de la femme auteur.]⁴⁹²

Nessa passagem a autora parece expressar uma opinião depreciativa da literatura mundana, produto de salão. Mas é importante lembrar que os participantes dos salões, entre eles as mulheres, não depreciavam a literatura produzida nesses locais. Ao contrário, a literatura galante é para eles a expressão mais bela de uma nova estética. É verdade que normalmente os livros do século XVII começam com uma modéstia encenada, em que o autor ou autora se mostra despretensioso, se diz praticamente obrigado a imprimir a obra, pela boa recepção do manuscrito, pelo apelo dos amigos ou mesmo a pedido de uma pessoa mais poderosa (o rei, a rainha, uma princesa, por exemplo). Eles dizem que na realidade a intenção inicial não era publicar o texto, que ele havia sido escrito como uma brincadeira.

Tratava-se de uma tática, que pode mesmo ser vista como um “auto-elogio”, pois o(a) autor(a) quer dizer que mesmo sem ter tido grandes pretensões, a obra foi tão elogiada que não pôde deixar de mandá-la imprimir. Era uma espécie de escudo: apesar da ausência de ambições, a obra havia sido lida e muitíssimo apreciada. O fato dos autores e autoras escreverem esse tipo de prefácio não deve significar que eles de fato viam os seus livros como simples distrações.

Ao contrário da interpretação de Timmermans, não vemos as escritoras do século XVII conformadas com o amadorismo, nem mesmo identificadas com uma

⁴⁹² Ibidem. p. 224.

“escrita feminina”, onde o sentimento e a espontaneidade seriam suas marcas identificadoras e mais importantes do que a demonstração do correto emprego da língua e do uso da razão. Sabemos que escritoras como Madame de La Fayette se preocupavam com o aprimoramento da escrita e com a gramática, mesmo na escrita de cartas, pois elas seguiam os modelos literários.

Madame de Sévigné, por exemplo, mesmo com os erros ortográficos que lhe são atribuídos, mostrava preocupação com a complexidade da narrativa e com a riqueza de detalhes, pois sabia que muitas de suas cartas seriam lidas em público. Professoras como Jacqueline Pascal faziam as suas alunas dedicarem horas de estudo ao aprendizado da escrita segundo as normas gramaticais, porque sabiam que esse conhecimento lhes seria útil quando retornassem para seu meio social e familiar. Madeleine de Scudéry manteve até o final da sua vida um intenso intercâmbio com homens de letras, preocupada com a complexidade e a beleza das obras literárias. Além disso, a ausência de obras-primas escritas por mulheres, como afirma Timmermans, parece mais uma interpretação informada pela tradição da crítica literária posterior ao século XVII, que “descanonizou”⁴⁹³, como disse DeJean, as obras escritas por mulheres.

Ademais, na visão de Timmermans, o cânone literário parece externo às ambições que as escritoras tinham, mesmo quando elas faziam parte nesse cânone.⁴⁹⁴ Pelo contrário, algumas escritoras buscaram participar da própria construção do cânone, reafirmando um papel que já estavam acostumadas a desempenhar: o de críticas literárias.

Compreendemos que o projeto de algumas escritoras do século XVII não era um projeto de “escrita feminina”, que as mantinha em um lugar suplementar, tranquilo e seguro, garantindo a prática da escrita em gêneros considerados menores. Ao contrário, elas ambicionavam um projeto literário nacional, com o objetivo de contribuir na formação da identidade nacional.

O estudo das pretensões das mulheres com a escrita de romances mostra que elas tinham ambição e que não viam a sua escrita como “bagatelas”. Veremos adiante que escritoras percebiam o romance como um gênero associado à razão e não simplesmente às emoções. Escritoras e escritores que defendiam o romance desejavam comprovar que esse gênero cumpria normas e regras específicas e que era um tipo de escrita complexa, que necessitava trabalho e investigação da realidade.

⁴⁹³ DEJEAN, Joan. Classical reeducation... Op. cit.

⁴⁹⁴ Ibidem. p. 136.

O romance era compreendido no século XVII como a extensão da influência das mulheres e da cultura dos salões. Escritoras como Madeleine de Scudéry pensavam no gênero como uma literatura que viria cumprir um importante papel social e que através dele as mulheres sábias disseminariam os valores considerados mais elevados. Na sequência deste capítulo mostramos como e por que o romance fazia parte do ambicioso projeto de expansão da influência cultural das mulheres.

4.3. O romance, a razão e a moral

Conforme Nathalie Grande as estruturas sociais do Antigo Regime conferiam uma importância incontestável para as origens, isto é, para a antiguidade da linhagem, que era uma das características que definia a superioridade da nobreza. A carência de tradição e de filiação, duas instâncias socialmente legitimadas, era uma das causas dos preconceitos que sofria o gênero do romance no século XVII, considerado subalterno aos gêneros nobres escritos em verso, como a epopéia e a história. Como não constava na *Poética* de Aristóteles, para muitos acadêmicos contrários ao romance esse gênero não evocava reflexão estética.⁴⁹⁵

Na segunda metade do século começou um debate mais acirrado entre os letrados favoráveis e contrários ao gênero.⁴⁹⁶ Aqueles que pretendiam demonstrar o valor do romance argumentavam a partir de três vertentes: tentavam provar que o romance tinha origens que remontavam a Antiguidade; procuravam demonstrar que ele seguia normas e regras próprias (ou seja, procuravam esboçar uma teoria do romance) e esforçavam-se para evidenciar que o romance seria um meio privilegiado para a propagação da moral.

Talvez essa última tarefa fosse a mais importante, pois o gênero era frequentemente acusado de ofender a moral cristã.⁴⁹⁷ Por ser considerado inúmeras vezes uma leitura perigosa para jovens leitores e leitoras (principalmente), a questão moral tornou-se o ponto nevrálgico da discussão sobre o romance. Assim, constatamos que tanto o problema das origens quanto o da regulamentação acabaram convergindo para o problema moral que suscitava o novo gênero.

⁴⁹⁵ GRANDE, Nathalie. *Le Roman au...* Op. cit. p. 12.

⁴⁹⁶ Ibidem. p. 12.

⁴⁹⁷ Ibidem. p. 13.

Para melhor esclarecer esse ponto de vista, prestamos atenção primeiramente ao texto que Pierre-Daniel Huet escreveu para ser publicado com o romance de Madame de La Fayette, *Zaïde, histoire espagnole*, em 1669.⁴⁹⁸ Ele é particularmente interessante, em primeiro lugar, por ter vindo a público associado a esse romance: Madame de La Fayette escondia a sua identidade atrás do nome de Jean Regnault de Segrais (suposto autor de *Zaïde*), sendo que o texto de Huet se apresenta como uma carta endereçada ao autor, a ser publicada com o romance. Essa carta é na realidade um tratado em defesa do gênero literário.

Tal situação nos faz pensar que da mesma forma como *Zaïde* é fruto da colaboração entre os três amigos⁴⁹⁹, o tratado de Huet também deve ter passado pelas mãos da escritora e de Segrais. Mesmo que Madame de La Fayette não tenha contribuído diretamente na elaboração do texto, certamente ela concedeu a sua aprovação para que ele fosse publicado como um prefácio do seu segundo romance. Assim, a carta de Huet a Segrais passou a ser uma parte importante de *Zaïde*, já que ela pretendia contribuir para o êxito da obra.

Em segundo lugar, o tratado de Huet é importante pela personalidade do autor: acadêmico⁵⁰⁰, teólogo e filólogo, tinha a reputação ilibada mesmo antes de se tornar bispo de Avranches, em 1692. A posição que ele ocupava na Igreja, especialmente como teólogo, demonstra que nem todos os religiosos estavam de acordo com a condenação do romance do ponto de vista moral.

A primeira preocupação de Pierre-Daniel Huet, evidente no título *Lettre de l'origine des romans*, é a de demonstrar as origens antigas que o romance possuía. Conforme o autor, que considera parte dos “romances do passado” mesmo algumas histórias escritas em verso, o gênero não havia sido recentemente inventado, como muitos pensavam, nem na Provença⁵⁰¹, nem na Espanha.⁵⁰² Segundo o autor, seria

⁴⁹⁸ HUET, Pierre-Daniel. Lettre de Monsieur Huet, a Monsieur de Segrais, de l'origine des romans. In : LA FAYETTE, Madame de. *Zayde, histoire espagnole*, par Monsieur de Segrais, avec un traité de l'origine des romans, par Monsieur Huet. vol. 1. Paris: Claude Barbin, 1669. pp. 5-67.

⁴⁹⁹ Na realidade eram ao todo quatro amigos, considerando a participação de François de La Rochefoucauld, além da de Huet e de Segrais, como vimos anteriormente.

⁵⁰⁰ Huet foi membro da Academia Real de Belas Letras (*Académie royale de Belles-Lettres*) de Caen, hoje capital da região da Baixa-Normandia.

⁵⁰¹ A *Provence* era um condado da França até 1481, quando se tornou uma província real. O autor faz referência aos trovadores que, segundo ele, viveram na *Provence* a partir do final do século X e que escreveram “Romances em Prosa e em Verso” [“Romans en Prose et en Vers”] no século XI e nos que se seguiram. HUET, Pierre-Daniel. *Lettre de Monsieur Huet...* Op. cit. p. 61.

⁵⁰² Provavelmente aqui o autor esteja fazendo uma referência a *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, cuja primeira parte foi publicada em 1605 e a segunda em 1615. *Ibidem*. p. 5.

possível encontrar as suas primeiras expressões em países mais distantes e em épocas longínquas.

Fazendo um longo discurso sobre civilizações antigas, Huet via nas histórias contadas pelas tradições Persa, Egípcia, Árabe, Síria, entre outras, semelhanças com o romance moderno, porque esses povos costumavam misturar fatos verdadeiros com fantasiosos para transmitir ensinamentos para os seus descendentes. Tendo tomado conhecimento dessa arte com as civilizações mais antigas, os gregos teriam aprendido a inventar fábulas (“fables”), para fazer disseminar os costumes (“moeurs”).⁵⁰³

Interessante notar que na argumentação de Huet não é o estilo da escrita que assemelha os textos antigos aos romances modernos, mas sim o método e a finalidade: inventavam histórias entremeadas com fatos reais para alcançar o objetivo final que era o de fazer as pessoas compreenderem lições, através dos exemplos dados por essas histórias. Dessa forma, Huet chegou a comparar a lógica do romance com aquela que estava presente na Bíblia, onde os profetas se valeram de muitos enigmas e alegorias para passar a mensagem divina.⁵⁰⁴

Huet abordava um problema colocado frente ao romance principalmente pela Igreja: a diferença fundamental entre a mentira e a verdade. Conforme mostra Nathalie Grande, muitos religiosos que escreveram contra o romance diziam que a liberdade de imaginação que ele permitia seduziria insidiosamente o leitor, afastando-o do uso da razão, que Deus havia dado ao homem para conduzir o mundo. O romance era considerado nocivo principalmente porque ele era fictício, o que, segundo os moralistas, queria dizer mentiroso. A sua face de imitação da verdade era vista pelos religiosos como dissimulação. A verdade era para ser uma só e dita com austeridade pelas autoridades da Igreja.⁵⁰⁵

Por isso a verossimilhança⁵⁰⁶ ganhou uma importância enorme nas teorias do romance propostas no século XVII, muito maior do que em períodos posteriores.⁵⁰⁷ Para os defensores do romance a verossimilhança, tratada como a regra principal do gênero,

⁵⁰³ Ibidem. p. 20-21.

⁵⁰⁴ Ibidem. p. 18.

⁵⁰⁵ GRANDE, Nathalie. *Le Roman au XVIIe...* Op. cit. p. 14.

⁵⁰⁶ Nossa intenção nessa parte não é a de desenvolver uma discussão teórica a respeito do conceito de verossimilhança na literatura, mas apenas de demonstrar por que esse conceito se tornou tão importante no século XVII como uma forma de justificar a complexidade e a racionalidade da arte de escrever romances.

⁵⁰⁷ MERCIER, André. La vraisemblance : état de la question historique et théorique. *Temps zéro*. Revue d'étude des écritures contemporaines, n° 2, 2009. [En ligne]. Disponível em <http://tempszero.contemporain.info/document393>. Consultado em dezembro de 2011.

não opunha (como seus opositores diziam) a mentira à verdade. A verossimilhança era o que permitia os leitores compreenderem bem a lição que deveria ser passada. Por esse motivo Huet lançava mão dos exemplos bíblicos, para mostrar que a Escritura estava cheia de histórias que não haviam acontecido de fato, mas que serviam como exemplos de conduta.

Assim, o tratado de Huet, que tinha como proposta inicial demonstrar ao leitor de *Zaïde* as origens do gênero, desejava na realidade persuadir sobre a contribuição social que os romances eram capazes de oferecer. Isso porque, como destaca Nathalie Grande, as censuras mais bem elaboradas atacavam o romance precisamente por sua eficácia em atrair o leitor para o prazer.⁵⁰⁸ Essa é a compreensão que Huet pretende combater, mostrando que o prazer proporcionado pelo romance não é simples deleite, mas está a serviço da instrução:

Isso que chamamos propriamente Romances são ficções de aventuras amorosas, escritas em prosa com arte, para o prazer e a instrução dos Leitores. Eu digo ficções, para distingui-las das Histórias verdadeiras. Eu acrescento, de aventuras amorosas, porque o amor deve ser o principal assunto do Romance. É preciso que elas sejam escritas em Prosa, para estarem conformes com o uso deste século. É preciso que elas sejam escritas com arte, e sob certas regras; de outra forma isso seria um amontoado confuso, sem ordem nem beleza. O fim principal dos Romances, ao menos aquele que deveria sê-lo, e que devem propor aqueles que os compõem, é a instrução dos Leitores, a quem é preciso fazer ver a virtude coroada, e o vício punido. Mas como o espírito do homem é naturalmente inimigo dos ensinamentos, e que seu amor próprio o revolta contra as instruções, é preciso enganá-lo por meio do prazer, e adocicar a severidade dos preceitos pela afabilidade dos exemplos, e corrigir os seus defeitos por condená-los em um outro [indivíduo]. Assim o divertimento do Leitor, que o Romancista hábil parece se propor por objetivo, é apenas um fim subordinado ao principal, que é a instrução do espírito, e a correção dos costumes: e os Romances são mais ou menos regulares, conforme eles se afastam mais ou menos dessa definição e desse fim.

[...] ce qu'on appelle proprement Romans sont des fictions d'aventures amoureuses, écrites en prose avec d'art, pour le plaisir et l'instruction des Lecteurs. Je dis des fictions, pour les distinguer des Histoires veritables. J'ajoute, d'aventures amoureuses, parce que l'amour doit estre le principal sujet du Roman. Il faut qu'elles soient écrites en Prose, pour estre

⁵⁰⁸ GRANDE, Nathalie. *Le Roman au XVIIIe...* Op. cit. p. 14.

conformes à l'usage de ce siècle. Il faut qu'elles soient écrites avec art, et sous certaines règles ; autrement ce sera un amas confus, sans ordre et sans beauté. La fin principale des Romans, ou du moins celle qui le doit être, et que doivent proposer ceux qui les composent, est l'instruction des Lecteurs, à qui il faut toujours faire voir la vertu couronnée, et le vice châtié. Mais comme l'esprit de l'homme est naturellement ennemi des enseignemens, et que son amour propre le revolte contre les instructions, il le faut tromper par l'appas du plaisir, et adoucir la severité des preceptes par l'agrément des exemples, et corriger ses défauts en les condamnant dans un autre. Ainsi le divertissement du Lecteur, que le Romancier habile semble se proposer pour but, n'est qu'une fin subordonnée à la principale, qui est l'instruction de l'esprit, et la correction des mœurs : et les Romans sont plus ou moins réguliers, selon qu'ils s'éloignent plus ou moins de cette définition et de cette fin.]⁵⁰⁹

Logo ao finalizar esse enunciado, o autor faz questão de deixar claro que não está mais falando dos romances em verso do passado, nem de poemas épicos, mas do romance moderno tal como ele era praticado na França naquele momento.⁵¹⁰ Essa definição é bastante esclarecedora sobre a finalidade última que o romance deveria ter – que seria também, conforme Huet, a sua característica principal como gênero – a de instruir.

Como podemos ver, para o autor o prazer proporcionado pelo romance tornaria o aprendizado da moral mais fácil. Quando o leitor passasse a condenar os defeitos das personagens das histórias, ele saberia corrigir os seus próprios. Assim, o leitor aprenderia os bons princípios através da afabilidade dos exemplos, sem perceber que estava assimilando prescrições que, de outra forma, poderiam lhe parecer muito severas. Por isso era importante que as histórias sempre mostrassem a virtude coroada e o vício castigado, de forma que o autor condenava qualquer tipo de história considerada lasciva ou desonesta.⁵¹¹ Os romances poderiam ser definidos como uma arte regular desde que eles pretendessem alcançar esse objetivo último que era a instrução dos leitores, proporcionando assim a correção dos hábitos dos indivíduos.

A argumentação de Huet assemelha-se à de Madeleine de Scudéry. Em defesa do romance, na conversação *De la manière d'inventer une fable*, Madeleine de Scudéry procurou estabelecer as bases dessa arte, as normas regulares nas quais se

⁵⁰⁹ HUET, Pierre-Daniel. *Lettre de Monsieur Huet...* Op. cit. p. 6-7.

⁵¹⁰ Ibidem. p. 7.

⁵¹¹ Ibidem. p. 41.

fundamentavam as histórias romanescas e mostrar porque o romance era o meio pelo qual a moral era mais facilmente aprendida. Da mesma forma que Huet, Madeleine acreditava que esse gênero era capaz de ao mesmo tempo proporcionar prazer e instruir.

De la manière d'inventer une fable apareceu pela primeira vez em 1658, no tomo VIII de *Clélie*, na conclusão de L'Histoire d'Hésiode.⁵¹² O texto foi retomado em 1680 sem grandes modificações para a sua publicação em *Conversations sur divers sujets*.⁵¹³ Como o texto de Madeleine é anterior ao de Huet, é bem possível que o teólogo tivesse conhecimento dessa conversação e que tenha nela se inspirado. Madame de La Fayette certamente conhecia o texto de *Clélie*, como sabemos por suas cartas.

Tanto Huet quanto Madeleine insistiam na arte particularmente difícil de saber bem confundir mentiras com verdades em uma narrativa, de forma que o leitor não pudesse distinguir uma da outra. Em consequência, ambos os textos argumentavam que a utilização da invenção não era perniciosa ou profana, mas que ela favorecia um objetivo maior: o de mostrar uma verdade superior, uma moral, a qual somente se poderia chegar pelo uso da razão.⁵¹⁴

Do ponto de vista das mulheres, apegar-se ao problema da verossimilhança era uma forma de provar que o novo gênero supunha o domínio de uma arte particularmente exigente. Segundo Madeleine de Scudéry, aquilo que era inventado deveria parecer mais verossímil do que a própria verdade, o que era a maior dificuldade da arte de inventar uma fábula⁵¹⁵.

Da mesma forma como pensava Huet, para a autora o que tornava a verossimilhança uma bandeira em defesa do romance no século XVII era o fato de que as situações verossímeis eram capazes de provocar emoções mais profundas nos leitores. Conforme expressa a personagem *Clélie*, na conversação de Madeleine de Scudéry, aquilo que tem relação com a verdade, aquilo que realmente parece que poderia acontecer, tocava bem mais o leitor do que os fatos nos quais as pessoas não acreditavam ou aqueles que não temiam.⁵¹⁶

⁵¹² É a quarta parte do livro dois. A conversação se inicia quando Amilcar termina de ler uma história de amor ("histoire amoureuse"), l'Histoire d'Hésiode, e as ouvintes declaram que o seu prazer dependia da verossimilhança ou da veracidade da narrativa, o que se tornará a problemática do debate entre Amilcar, Anacréon, Herminius, Plotine e Clélie.

⁵¹³ SCUDÉRY, Madeleine de. "De la manière d'inventer une fable." In: _____. *Conversations sur divers sujets*. Tome second. Paris: Claude Barbin (au Palais, sur le Perron de la Sainte Chapelle), 1680. 384p. pp. 451-490.

⁵¹⁴ Vemos que os defensores do romance demonstram a mesma preocupação com a moral e com a razão que demonstravam os opositores.

⁵¹⁵ A palavra "fábula" nesse texto funciona como sinônimo de "ficção".

⁵¹⁶ Conforme as palavras de Clélie em SCUDÉRY, Madeleine de. *De la manière...* Op. cit. p. 466.

Provocando as emoções no leitor através da verossimilhança (por conseguinte proporcionando prazer), seria mais fácil alcançar o objetivo final que era o de fazer aprender a moral. Dessa forma, o romance poderia provocar nas pessoas o desejo de seguir os princípios morais exaltados na história, elas desejariam mais facilmente serem pessoas melhores. Assim, cumprindo uma dupla tarefa, conforme Madeleine de Scudéry o romance seria capaz de ao mesmo tempo agradar e instruir, proporcionando que a moral estivesse acessível a todos:

Mas sobre todas as coisas, é preciso retirar da Moral o que ela tem de rude e de seco: e lhe dar não sei o quê de tão natural e de tão agradável, que ela divirta aqueles a quem ela dá lições. De maneira que como as Damas não quebram os seus espelhos, que lhes mostram os defeitos que elas corrigem quando os conhecem; elas também não odeiem uma obra, na qual elas vêem frequentemente as coisas que nós não ousaríamos lhes dizer, e que elas não diriam jamais a elas mesmas.

[Mais sur toutes choses, il faut sçavoir ôter à la Morale ce qu'elle a de rude et de sec : et luy donner je ne sçay quoy de si naturel et de si agréable, qu'elle divertisse ceux à qui elle donne des leçons. De sorte que comme les Dames ne cassent pas leurs miroirs, qui leur montrent des défauts qu'elles corrigent quand elles les connoissent ; elles ne haïssent pas non plus un ouvrage, où elles voyent bien souvent des choses qu'on n'oseroit leur dire, et qu'elles ne se diroient jamais à elles-mêmes.]⁵¹⁷

No texto de Madeleine a verossimilhança era um mecanismo através do qual a moral era mais facilmente aprendida porque as histórias possibilitavam que o leitor ou a leitora reconhecesse os seus próprios defeitos e procurasse corrigi-los. As fábulas bem construídas produziram a sensação de que esse caminho era fácil, que era possível adequar-se à moral. O romance serviria, assim, para o aprendizado de uma maneira de ser, era uma arte que lapidava o indivíduo, que o tornava melhor do que ele era.

A escritora deixa muito claro que não era permitido inventar ao bel prazer. Ao inventar uma história o romancista não poderia tornar as coisas mais belas do que eram, nem dar o rumo que desejasse para os acontecimentos, sem que eles se tornassem críveis. Porque quando o escritor desejasse inventar uma fábula (uma ficção) ele desejaria ser acreditado, e a verdadeira arte da mentira seria a de bem parecer com a verdade. Se o escritor se afastasse desses fundamentos não haveria mais dificuldade no

⁵¹⁷ Ibidem. p. 482/483. Palavras de Herminius.

que quer que fosse e não haveria nada mais que pudesse fazer brilhar o espírito, não haveria mais “juízo” (“judgement”), quer dizer, raciocínio, discernimento.⁵¹⁸

Assim, quem inventasse uma fábula deveria saber bem avaliar as coisas reais, através do uso da razão, e saber suscitar esse exercício do juízo nos outros. Ele mostraria saber julgar a realidade quando tornasse verossímil os eventos que narrava na sua história e provocaria o exercício de juízo nos leitores quando esses tivessem que ponderar sobre a possibilidade de existir ou não uma verdade no que liam. Se o escritor inventasse ao seu bel prazer, conforme somente a sua vontade, não haveria exercício da razão (juízo sobre a realidade), nem dificuldade na arte de escrever – então essa não seria uma arte e não serviria para nada.

Dessa forma, a verossimilhança tornava a razão uma parte fundamental no processo de compreensão da realidade provocado pelo romance. Madeleine combatia, assim, a ideia de que as histórias fictícias levavam o leitor a entregar-se pura e simplesmente à imaginação, afastando-o do uso da razão. Nesse sentido, nossa interpretação assemelha-se ao ponto de vista de Faith Beasley sobre a forma como o “gosto” era compreendido pelos participantes dos salões literários. Conforme a autora, em um senso tradicional o gosto não é considerado uma parte do pensamento intelectual. Todavia, para o meio mundano do salão o gosto era desenvolvido de acordo com a capacidade de raciocínio de cada pessoa.⁵¹⁹ Constatamos, dessa forma, concordando com Beasley, que sentimento e razão não eram contraditórios na escrita de mulheres do século XVII.

Não por acaso um dos maiores problemas suscitados pelos críticos de *La Princesse de Clèves*, de Madame de La Fayette, era o da verossimilhança nas situações que a história apresentava. Valincour⁵²⁰ escreveu um livro no qual seguia passo a passo a história do romance procurando mostrar que existiam na narrativa muitas circunstâncias que ele não considerava verossímeis.

Por exemplo, sobre a cena em que Mademoiselle de Chartres (a futura Princesa de Clèves) encontra pela primeira o seu futuro marido, Valincour não compreendeu por que motivo uma menina de dezesseis anos teria ido sozinha a uma joalheria naquela ocasião, pois nenhuma mãe prudente teria enviado a filha desacompanhada para essa loja: “As mulheres prudentes não podem perdoar à Madame de Chartres por ter enviado

⁵¹⁸ Ibidem. p. 464-465.

⁵¹⁹ BEASLEY, Faith. *Salons, history and...* p. 39.

⁵²⁰ Jean-Baptiste Henri du Trousset (1653-1730), o Senhor de Valincour, era um homem de letras. Ele substituiu Jean Racine em 1699 tanto na Academia Francesa quanto como historiógrafo do rei.

sua filha em um local onde ninguém a conhecia, e onde ela não conhecia ninguém.”
[“Le femmes prudes ne peuvent pardonner à Madame de Chartres d’avoir envoyé sa fille dans un lieu où l’on ne la connaissait point, et où elle ne connaissait personne”]⁵²¹.

Do mesmo modo, o autor julga inverossímil que o Duque de Nemours (por quem a Princesa se apaixonaria posteriormente) tenha passado tanto tempo longe da corte francesa, pois ele já havia partido quando Mademoiselle de Chartres lá chegou e só retornou após ela ter se casado com o Príncipe de Clèves: “É verossímil que o Duque de Nemours tenha passado todo esse tempo na corte de Bruxelas sem retornar a Paris?”
[“Est-il vraisemblable que le Duc de Nemours ait passé tout ce temps à la Cours de Bruxelles sans revenir à Paris?”]⁵²².

Apesar de ser atacado pela falta de verossimilhança de algumas cenas, *La Princesse de Clèves*, por outro lado, tem um lado bastante racionalista. As intrigas amorosas e os sentimentos das personagens estão no centro da trama, mas a característica que o levou a ser considerado o primeiro romance moderno⁵²³ é a psicologia, isto é, o fato de a autora permitir que o leitor saiba o que as personagens estão pensando. As personagens estão a todo o momento fazendo reflexões sobre os seus atos, ponderando, medindo os efeitos e as consequências das suas atitudes, portanto, elas racionalizam cada ação realizada.

Essa racionalidade faz de *La Princesse de Clèves* também um romance moralista, não porque a conduta moral da princesa é irrepreensível⁵²⁴, mas porque ela racionaliza todas as suas ações, ponderando sobre o bem e o mal, sobre a virtude e o vício – buscando sempre seguir o caminho da virtude. Desse ponto de vista a semelhança com a realidade nesse romance pode ser vista nas questões que as personagens colocam para si mesmas e não propriamente nas situações.

Interessante notar que tanto Pierre-Daniel Huet quanto Madeleine de Scudéry se preocupavam em sublinhar como o romance facilitava o aprendizado moral às pessoas simples. Embora Huet pensasse que os menos instruídos agiam mais com paixão do que com razão, ele não excluía o exercício do “entendimento” (“l’entendement”) às pessoas bem educadas lendo uma história ficcional. No entanto,

⁵²¹ VALINCOUR, Lean Baptiste Henri du Troussel de. *Lettres à Madame la Marquise* ***... Op. cit. p. 35.

⁵²² Ibidem. p. 39.

⁵²³ Ver PIÑA, Cristina. Una genealogia de... Op. cit.

⁵²⁴ Sobre as inúmeras discussões acadêmicas a respeito da conduta moral da personagem Princesa de Clèves ver THEOBALD, Catherine J. Lewis. The Princess and the paradox: irreconcilable images in *La Princesse de Clèves*. *Papers on French Seventeenth Century Literature*. v. XXXVII, n° 72, pp. 33-44, 2010.

para que um romance pudesse agradar tanto os espíritos mais simples quanto os mais instruídos era preciso que a “falsidade” (“fausseté”) fosse “engenhosa, misteriosa e instrutiva” (“ingenieuse, misterieuse, et instructive”), capaz realmente de mostrar uma verdade a partir da história inventada. A verdade do romance não estava na narrativa do fato realmente verdadeiro, mas na moral que ele deveria necessariamente propagar se a história fosse contada de forma eficaz.

Desse modo, segundo Huet, o prazer propiciado pela leitura resultaria na instrução das pessoas mais simples (pela simples assimilação dos exemplos) e no exercício da razão pelos já bem educados. Já Madeleine de Scudéry não faz essa diferenciação entre os mais ou menos instruídos, para ela todos seriam capazes do exercício da razão se fossem incentivados para tanto.

De toda forma, para ambos os autores o prazer não estava em oposição nem ao pensamento intelectual, nem à ética. Assim, as justificativas encontradas para dar valor ao romance estavam completamente em harmonia com os princípios que regiam o salão, os da polidez e os da galanteria. O romance, nesse sentido, era considerado o veículo que estendia os valores que regiam os espaços de sociabilidade mundanos para além das paredes do próprio salão ou da corte.

No salão a primazia do prazer era fundamental para que todos os presentes pudessem desenvolver a capacidade de pensamento individual. Era isso que previa o conceito de polidez, conforme Madeleine de Scudéry o definia: se todos os participantes fossem polidos, a reunião de amigos seria aprazível e, portanto, propícia para a expressão do pensamento de cada indivíduo.⁵²⁵ Nesse sentido, do mesmo modo como no romance, na conversação o prazer e a instrução estavam aliados.

Conforme Daniel Gordon, alguns analistas do conceito de polidez (como Maurice Magendie e Jean-Pierre Dens) o consideraram simplesmente como “estético” e não como “ético”. Isso porque eles avaliam que na segunda metade do século a estética se sobrepôs aos valores morais, não importando mais se ações eram intrinsecamente boas ou más, sinceras ou virtuosas, mas apenas se elas geravam prazer e se correspondiam às exigências da etiqueta mundana. A partir dessa compreensão, a polidez é vista como um aspecto correspondente à superfície das ações e não ao seu

⁵²⁵ SCUDÉRY, Madeleine de. “De la politesse.” In: _____. *Conversations nouvelles sur divers sujets*, dédiées au Roy. Tome I. Paris: Claude Barbin, 1684. pp. 119-187.

conteúdo, como se fosse uma capa para esconder as verdadeiras intenções e os sentimentos.⁵²⁶

No entanto, Gordon difere desses analistas demonstrando que a estética da polidez (do comportamento, dos gestos, das palavras) só produzia sentido nesse período por seu conteúdo moral: na realidade, ela foi formulada por participantes dos salões literários para ser a expressão artística de uma determinada ética preponderante nesses espaços.

Segundo Gordon, não há nos salões a distinção pressuposta por Magendie e Dens entre prazer e moralidade, visto que o prazer de uma pessoa dependia da boa vontade e da comunicabilidade dos outros, de forma que a função estética (produzir prazer) só se realizava através do bom funcionamento da moral. Assim, o prazer só era possível se existisse o respeito por todas as normas de convívio. O motivo da conversação sociável era a busca pelo prazer, mas as regras da sociabilidade serviam para garantir a troca aberta de ideias e o exercício da razão por todos os participantes, o que tornaria o ambiente agradável.⁵²⁷

Na conversação *De la politesse*, Madeleine deixa claro que a forma de proporcionar o aprendizado da polidez pelo restante da população, por aqueles que não participavam nem dos salões nem da corte, era por meio da literatura. Segundo a escritora os livros eram a via mais adequada para levar a qualquer parte o aprendizado dos bons costumes:

O amor das ciências e das belas Artes, quando o Príncipe as favorece, serve muito a estabelecer a polidez: O amor mesmo aquecendo o coração, serve para fazê-la reinar no mundo, desde que a virtude a regre, porque sem isso ela [a polidez] estará banida. Os livros bem feitos a carregam de alguma maneira até as Províncias mais afastadas; e se nós imprimíssemos tudo o que nós dissemos hoje, não seria mais justificável faltar polidez em nenhum lugar.

[L'amour des sciences et des beaux Arts, quand le Prince les favorise, sert beaucoup à établir la politesse : L'amour même en échauffant le coeur, sert à la faire regner dans le monde, pourvû que la vertu la regle, car sans cela elle la bannit. Les livres bien faits la portent en quelque façon dans les Provinces les plus éloignées ; et si on imprimoit tout ce que nous avons dit

⁵²⁶ GORDON, Daniel. *Citizens without sovereignty...* Op. cit. p.116-118.

⁵²⁷ Ibidem. p. 116-118.

aujourd’huy, on ne seroit plus excusable de manquer de politesse en nulle part.]⁵²⁸

Essa era a maior ambição das mulheres que escreviam; que as suas ideias e os seus pensamentos pudessem ultrapassar os limites de espaço do salão e alcançar o restante da sociedade. Voltamos assim à afirmação de Erica Harth, já citada, de que os salões eram um espaço público, porque a literatura resultante das práticas desses espaços (especialmente o romance) era a forma que as mulheres tinham de vir a público.⁵²⁹

Pierre-Daniel Huet via justamente na posição que ocupavam as mulheres na França naquele momento, o fato de essa nação produzir os mais belos romances já escritos. Huet relaciona a escrita de romances à polidez, que para ele nada mais era do que o resultado da liberdade das mulheres:

É verdade que é surpreendente que tendo cedido aos outros [de outras nacionalidades] o prêmio da Poesia Épica e da História⁵³⁰, nós tenhamos trazido este [o romance] com tanta elevação, que os mais belos Romances deles não se igualam aos menores dos nossos. Eu acredito que nós devemos essa vantagem à polidez da nossa galanteria, que vem, na minha opinião, da grande liberdade em que os homens vivem na França com as mulheres. [Il est vray qu’il y a sujet de s’estonner qu’ayant cédé aux autres le prix de la Poësie Epique et de l’Histoire, nous ayons emporté celui-cy avec tant de hauteur, que leurs plus beaux Romans n’égalent pas les moindres des nostres. Je crois que nous devons cét avantage à la politesse de nôtre galanterie, qui vient, à mon avis, de la grande liberté dans laquelle les hommes vivent en France avec les femmes.]⁵³¹

É importante notar nessa passagem a concepção de que a cultura romanesca era fruto dos costumes da nação francesa, na qual as mulheres da aristocracia tinham alcançado uma posição de maior liberdade graças aos salões. O autor considerava que a literatura era uma expressão da nação, assim, como ele julgava positiva a atuação das escritoras no seu país, ele pensava que elas representavam a originalidade da França

⁵²⁸ SCUDÉRY, Madeleine de. *De la politesse...* Op. cit. p. 185-186. Palavras de Cléonte.

⁵²⁹ HARTH, Erica. *The salon woman...* Op. cit.

⁵³⁰ Huet está comparando a França principalmente com a Itália e com a Alemanha.

⁵³¹ HUET, Pierre-Daniel. *Lettre de Monsieur Huet...* Op. cit. p. 62.

frente aos outros países, ou mesmo a superioridade, já que para Huet a literatura francesa era a mais bonita de todas as literaturas nacionais.

Podemos ver o mesmo tipo de pensamento em Madeleine de Scudéry, para quem a verdadeira polidez não era encontrada em outros países “onde a conversação das Damas não é tão livre como na França” [“où la conversation des Dames n’est pas si libre qu’en France”]⁵³². No texto de Madeleine essa noção de nacionalidade está vinculada diretamente à sua crença na excelência do regime monárquico, em comparação com o republicano, pois “é muito bom que em uma Monarquia o príncipe preocupe-se principalmente em estabelecer os bons costumes e a polidez entre os seus súditos” [“il est très bon que dans une Monarchie le Prince songe principalement à établir les bonnes moeurs et la politesse parmi ses sujets.”]⁵³³ No regime republicano, segundo a autora, existia muita discussão política e pouca atenção à polidez, o que ela considerava danoso para o bem estar de todas as pessoas.

Apesar de pensar na França e na Monarquia como modelos, Madeleine de Scudéry não excluía a possibilidade da existência da polidez em outros países: “(...) é possível encontrar pessoas em todos os tipos de países, e em todos os tipos de Estados, que terão um nascimento tão feliz, que elas serão polidas naturalmente; mas isso é seguramente bem raro.” [“(…) il se peut trouver des gens en toutes sorte de pays, et en toutes sortes d’Estats, qui auront une naissance si heureuse, qu’ils seront polis naturellement; mais cela est assurément fort rare”]⁵³⁴. Para a escritora o regime monárquico favorecia o estabelecimento da polidez, principalmente porque ele beneficiava a produção literária. É claro que Madeleine está pensando no exemplo da França, onde a Monarquia era a grande patrocinadora das artes.

A relação entre a polidez, a nação, a liberdade das mulheres e a literatura é bastante clara no pensamento desses autores. Os romances, segundo eles, traziam uma importante contribuição para a nação francesa. Esse gênero literário tanto ajudava a estabelecer os bons costumes quanto ajudava a divulgar uma imagem positiva e exemplar da própria nação.

Conforme Anne E. Duggan os romances escritos por Madeleine de Scudéry, *Artamène ou le Grand Cyrus* e *Clélie, histoire romaine*, escritos com base nos conceitos de heroísmo e de glória, procuravam mostrar uma boa imagem da história da França,

⁵³² SCUDÉRY, Madeleine de. De la politesse... Op. cit. p. 182.

⁵³³ Ibidem. p. 184.

⁵³⁴ Ibidem. p. 185.

porém incluindo a participação feminina.⁵³⁵ Segundo Duggan, esses romances aproximavam-se bastante da escrita oficial da história nacional cujo objetivo, tal como definiu Jean Chapelain, era mostrar exemplos de virtude para a nação. Mas Scudéry faz uma revisão da história, concedendo um papel de destaque para as mulheres, que também eram tomadas como exemplos de perfeição humana.⁵³⁶

De acordo com Duggan, no entanto, Madeleine de Scudéry realiza uma importante mudança de interpretação em relação à história oficial, porque deslocou a compreensão das noções de glória e de virtude heróica dos atos militares em campos de batalha para as atitudes individuais praticadas na sociedade e para as relações interpessoais. O heroísmo e a glória, nesse sentido, expressavam as virtudes internas dos indivíduos, estavam no comportamento de cada um na sociedade. Duggan salienta que esse deslocamento tornava acessível o heroísmo e a glória tanto para as mulheres como para todos os indivíduos, não somente para os aristocratas militares.⁵³⁷

De toda a forma, era uma imagem de nação que procurava ser transmitida. Nesse ponto, voltamos ao problema do cânone literário. Concluímos que as escritoras do século XVII desejavam permanecer vinculadas à questão da nacionalidade. O cânone literário era a representação da cultura escrita nacional, na qual muitas mulheres que escreviam desejavam ser e permanecer incluídas. Elas acreditavam que a sua escrita favorecia o engrandecimento da nação.

Madame de La Fayette e Madeleine de Scudéry estavam convencidas da seriedade e da utilidade da arte que praticavam.⁵³⁸ Elas pensavam que os romances cumpriam uma função moral, a de instruir e a de formar o caráter das pessoas. Portanto, como escritoras, sentiam-se aptas a exercer um papel social importante e se autorizavam a desempenhar essa função no momento em que publicavam os seus livros. Nesse sentido, não podemos dizer que as mulheres escreviam por distração ou divertimento – os seus horizontes eram bem mais amplos do que os jogos que as divertiam nos salões literários.

Assim, a proposta moral do romance era parte de um projeto ambicioso de influência cultural feminina, projeto realizado também a partir da formulação do primeiro cânone francês moderno. Escritoras do século XVII não desejaram permanecer

⁵³⁵ DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and...* Op. cit. p. 51.

⁵³⁶ Ibidem. p. 52.

⁵³⁷ Ibidem. p. 56.

⁵³⁸ No caso de Madame de La Fayette, fazemos tal afirmativa porque compreendemos que a escritora concedeu a permissão para a publicação do tratado de Pierre-Daniel Huet como prefácio do seu romance.

vinculadas ao signo do “feminino”, que vinha acompanhado das ideias de escrita “natural”, “espontânea” ou “emotiva”. Elas, ao contrário, buscaram o aperfeiçoamento na arte de escrever e procuraram demonstrar que as mudanças que elas próprias empreenderam na língua francesa (com um vocabulário novo) não eram sinônimo de relaxamento gramatical ou de falta de conhecimento, mas sim uma evolução linguística própria da modernidade e benéfica para toda a nação francesa.

Por outro lado, escritoras destacaram a razão como um elemento fundamental do seu projeto literário, pois, se não fosse assim, a verossimilhança e o julgamento individual de obras literárias não teriam alcançado tanta importância nos debates travados no século XVII. A crença na racionalidade como parte essencial da escrita, fosse ficcional ou não, demonstra que a produção literária de mulheres não era realizada para constituir um lugar à parte (o lugar do feminino sentimental e despretensioso), mas tinha o objetivo de compor o rol dos conhecimentos de valor elevado da sociedade letrada francesa, da mesma forma que a filosofia ou a história – conhecimentos com os quais as autoras desejaram dialogar.

A primeira proposta de um cânone literário na França corrobora a ideia de que escritoras desejaram desempenhar um papel que não era restrito. Como críticas literárias elas se investiram de autoridade para definir o que era bom ou ruim em uma literatura que deveria representar a nação francesa. Da mesma forma, autores e autoras que incluíram mulheres em apologias acreditaram na legitimidade dessas mulheres para serem modelos da literatura nacional.

O momento era de definições territoriais na Europa, que resultou na busca por definições do caráter intelectual dos países. Também era um período de grandes preocupações com a formação (intelectual e moral) dos leitores e com a constituição do gosto nos indivíduos. Dessa forma, o desejo dessas escritoras de serem sujeitos desse processo – como de fato o foram – expressava uma vontade de afirmação e de expansão da forma como atuavam na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho procuramos traçar os caminhos de aproximação das mulheres com a escrita na França no século XVII. Jacqueline Pascal, Madame de La Fayette e Madeleine de Scudéry nos conduziram nesse universo das letras tão cheio de conflitos e de tensões, mas também de afetos, de aprendizado, de conquistas e de transformações. Neste momento de conclusão, desejamos destacar alguns pontos que nos instigaram no estudo de cada uma dessas escritoras.

Jacqueline Pascal foi entre as escritoras escolhidas a que deixou um menor número de páginas escritas, no entanto, era a que mais suscitava perguntas e dificultava as nossas respostas. Escrita instigante porque não expunha na primeira leitura os seus possíveis significados. Depois de nos depararmos com um ambiente de rigidez nos costumes talvez excessivo do Monastério de Port-Royal, pudemos perceber que a educação de meninas na instituição foi construída a partir de um ideal de progressão da racionalidade. Uma menina era vista como um sujeito capaz de se apropriar do conhecimento teológico e filosófico individualmente e racionalmente. As irmãs de Port-Royal educavam para formar indivíduos autônomos e capazes de agir na sociedade.

O caráter memorial que tem a escrita de Jacqueline nos pareceu bastante evidente quando visitamos as ruínas de Port-Royal des Champs, onde existem homenagens a Blaise Pascal e a Jean Racine. Não há nenhuma referência às mães Angélique Arnauld e Agnès Arnauld, a não ser no interior do Museu de Port-Royal. Outro fato que nos chamou a atenção para essa questão da memória foi a descoberta do livro *Histoire des persécutions des religieuses de Port-Royal, écrites par elles-mêmes*, prova do desejo das freiras de Port-Royal de escreverem a sua própria história.

A vontade dessas irmãs de erigir uma memória de si mesmas fazendo uma contraposição à imagem negativa que vinha sendo divulgada sobre elas está em perfeito acordo com os ideais educacionais da instituição. Elas se auto-atribuíram uma importância histórica e compreenderam que os seus ideais podiam ser propagados com a circulação dos textos por elas escritos, de forma que elas trabalharam para que isso se realizasse.

A vida e a obra de Jacqueline Pascal também nos permitiu problematizar a categoria de autora no século XVII. Os textos de Jacqueline fazem sentido no contexto do Monastério de Port-Royal e junto aos outros textos lá produzidos – as irmãs de Port-

Royal podem ser vistas, dessa forma, como um grupo “autoral” coeso.⁵³⁹ Essa coesão acontecia porque elas próprias se colocavam como uma comunidade de mulheres dispostas a enfrentar determinados interditos de gênero e ações externas de controle.

Em Madame de La Fayette também pudemos refletir sobre a questão da autoria. Apesar do anonimato em que se manteve, ela era de fato uma proprietária das suas obras. A felicidade e a ansiedade com que aguardava a publicação de seus livros, a atenção que dedicava à arte de escrever (preocupando-se com os mínimos detalhes, exigindo dos seus amigos atenção na hora da correção), as inúmeras leituras que fazia antes dos textos serem impressos para que fossem lapidados o máximo possível, os erros que enxergava após a impressão, que lamentava não poder corrigir, tudo isso confirma o apego pela escrita de uma autora anônima, porém autora.

No acordo com Pierre-Daniel Huet e Jean Regnault de Segrais para a publicação de *Zaïde* ela tomou partido em defesa do romance, porque embora não tenha sido a autora do tratado que prefaciava o seu livro, o acordo que concedeu para a publicação foi uma tomada de posição – ela acreditava na própria escrita e na escrita das mulheres de um modo geral. A admiração que tinha por Madeleine de Scudéry também o confirma.

A relação de amizade entre Madame de La Fayette e Gilles Ménage é um exemplar do significado do amor galante, da afetividade permeada pela intelectualidade. Se na correspondência entre os dois podemos ver o auxílio que ela recebeu no momento em que ainda era uma incipiente escritora, não menos importante foram as trocas de afetos, as cobranças de cumplicidade e mesmo os pequenos desacordos.

Esses sentimentos demonstraram que a relação de amizade entre um homem e uma mulher de letras significava mais do que simples colaboração literária, era um “modo de vida”, como disse Foucault.⁵⁴⁰ Na amizade cumpria-se com um ideal sobre as relações humanas, em que a primazia era a troca igualitária entre os indivíduos, afetiva e intelectual. A capacidade de realizar essa troca era indício de que uma pessoa carregava os valores mais elevados, de que era capaz do amor ligado ao espírito.

A importância dada aos valores morais na vida prática dos letrados foi possível compreender na leitura das *Conversations* de Madeleine de Scudéry, a partir das quais

⁵³⁹ Em muitos textos escritos no interior da instituição não é possível definir exatamente quem os escreveu, como é o caso das Constituições do Monastério, cuja autoria é até hoje discutida, sendo atribuída a princípio à Madre Agnès Arnauld, que, porém, recebeu muitas contribuições, inclusive de Jacqueline Pascal.

⁵⁴⁰ FOUCAULT, Michel. De l'amitié comme... Op. cit.

chegamos a um panorama das sociabilidades entre homens e mulheres de letras do século XVII. Nesses textos pudemos visualizar que a galanteria, a civilidade e a polidez constituíam uma forma de moralidade que indicava modelos de comportamento (sem dúvida), mas que favorecia o respeito à participação feminina nos debates literários e filosóficos travados pela sociedade letrada. Se por um lado eram esses valores que permitiam às mulheres uma experiência de igualdade restrita ao espaço limitado dos salões, a estética galante era o meio pelo qual se expandiria a influência cultural feminina.

Dessa forma, com Madeleine compreendemos a correspondência da sociabilidade em um modo de fazer literário. Assim como nas reuniões de sábado, o ideal estético da escritora preconizava a união do prazer com a instrução, resultando na capacidade de “julgamento” dos leitores e das leitoras, ou seja, no pensamento crítico. Os valores que regulavam as conversações nos salões eram aqueles que deveriam ser difundidos pela escrita de romances, para ela a forma mais adequada de aprender a polidez pelo restante da sociedade.

Mas Madeleine de Scudéry não foi apenas uma moralista. Vemos em sua correspondência o quanto era importante para ela o intercâmbio intelectual e afetivo com os seus amigos, mesmo no final da sua vida, quando já havia alcançado muito do que almejava. Assim, ela dedicava boa parte do seu tempo na tarefa de fazer e de receber crítica literária, de ler os textos que lhe enviavam e de escutar as opiniões e as sugestões alheias. Essas práticas demonstraram não só a influência da escritora no meio letrado, mas também a afetividade que permeava a criação literária realizada entre o individual e o coletivo.

Dividimos esta tese por temas que se diferenciam, mas que ao mesmo tempo se complementam. A memória e o cânone podem ser vistos como áreas de lutas simbólicas, em que se procurava construir uma imagem das mulheres sábias como uma forma de combater as acepções negativas a respeito do feminino, substituindo-as por representações positivas: a mulher associada com a sabedoria, com a história, com a língua francesa e com a nação.

A educação, a sociabilidade e a amizade eram vivências práticas conduzidas por preceitos morais. Elas estabeleciam a correspondência entre duas esferas, a individual e a pública. Individual no sentido de que exigiam do sujeito o crescimento interior, significando ao mesmo tempo o desenvolvimento racional (pensar por si mesmo) e a capacidade de respeito pelo outro (saber ouvir ou saber dar e receber afeto).

Esses elementos também são compreendidos como componentes de uma esfera pública porque tinham uma função social a cumprir, pois muitos homens e mulheres de letras acreditaram que a educação, a sociabilidade e a amizade eram práticas essenciais em uma sociedade conduzida pela polidez e a civilidade. Nesse sentido, a memória e o cânone também têm esse caráter público, visto que construíam modelos de conduta e modelos para a linguagem.

Por fim, todos esses aspectos foram meios a partir dos quais as escritoras alargaram as suas possibilidades de ação na sociedade. Por esse motivo insistimos que não existia um vínculo das escritoras francesas do século XVII com a delimitação do que usualmente se classifica como uma “escrita feminina”, pois essa percepção só reduz o que as escritoras pretendiam e almejavam com a sua própria escrita.

Desejamos ter despertado a curiosidade sobre a produção literária feminina desse período em outros pesquisadores, pois a relação entre gênero e cultura escrita no século XVII se mostrou frutífera para novos trabalhos. Estivemos longe de contemplar todos os temas e todas as questões que a produção literária dessas escritoras nos apresenta. Assim, destacamos algumas possibilidades de investigação que foram percebidas ao longo desta pesquisa, mas que ultrapassavam as suas delimitações.

Um objeto interessante a ser pesquisado refere-se ao fato das mulheres do século XVII terem sido precursoras não só da escrita de romances, mas também da produção de contos de fadas. Como bem avaliou Jean-Paul Sermain⁵⁴¹, pouco foi pesquisado até o momento sobre as questões de gênero relacionadas a esse tipo de escrita. Afinal, por que tantas mulheres escreveram histórias de fadas, bruxas e reinos encantados? Por que os seus contos não resistiram ao tempo como os de Charles Perrault?

A passagem do século XVII para o século XVIII ou as diferenças e as semelhanças entre esses dois séculos, num estudo comparativo, também é um assunto que pode produzir importantes esclarecimentos no que diz respeito à posição das mulheres escritoras. Apesar de dispormos de informações sobre um século e outro, falta-nos ainda um estudo sistemático que problematize como e por que alguns espaços conquistados pelas mulheres acabaram sendo restritos posteriormente, ao passo que, por

⁵⁴¹ SERMAIN, Jean-Paul. “Les contes de fées du XVIIe siècle : lecture en amont ou en aval ?” In: MERLIN-KAJMAN, Hélène (éd.). *La littérature, le XVIIe siècle et nous : dialogue transatlantique*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2008. pp. 105-117. Embora Madame d’Aulnoy seja bastante conhecida, muitas outras escritoras do século XVII se dedicaram aos contos de fadas e pouco se sabe sobre elas.

outro lado, o número de publicações realizadas por elas continuou aumentando com o passar do tempo. Uma explicação plausível talvez esteja ligada ao avanço do discurso científico no século XVIII sobre as diferenças entre os sexos.

Ainda sobre épocas posteriores, em relação a Port-Royal nos chamou atenção o extenso número de publicações datadas do século XIX que tomam o Monastério como um modelo pedagógico a ser imitado. Depois de um longo período em que a história da instituição foi encoberta, especialmente pelo Estado, seria interessante compreender porque ela reapareceu aparentemente com força dois séculos mais tarde, porém sem a sua característica primordial que era a da atuação feminina: os mestres da educação nesses manuais pedagógicos do século XIX são os *solitaires*, homens de letras, filósofos e professores que viviam no entorno da instituição durante o século XVII.

A própria história das irmãs de Port-Royal ainda é pouco estudada. Algumas das freiras que foram presas no final do século XVII, como Angélique de Saint-Jean, deixaram relatos da violência que sofreram, documentos de uma enorme riqueza, que merecem maior atenção por parte dos historiadores.

Consideramos também uma área ampla de pesquisa os estudos comparativos entre a literatura e as artes visuais, a exemplo do trabalho de Alain Viala sobre a galanteria, no qual analisa a pintura de Antoine Watteau.⁵⁴² O próprio Watteau poderia ser mais atentamente observado sob o olhar dos estudos de gênero, mesmo considerando que a pesquisa de Viala se mostra uma grande contribuição. Deixando um pouco de lado a nossa atenção aos franceses, alguns pintores da chamada “era de ouro” da pintura holandesa, como Johannes Vermeer e Nicolaes Maes, proporcionariam vastos questionamentos do ponto de vista do gênero e da cultura escrita.

Enfim, muitos horizontes de pesquisa ainda serão abertos, saciando o nosso desejo de compreensão sobre a modernidade, a escrita e as mulheres.

⁵⁴² VIALA, Alain. *La France galante...* Op. cit.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS E ARTIGOS

ALTMAN, Janet Gurkin. “Women’s letters in the public sphere.” In: GOLDSMITH, Elizabeth C. e GOODMAN, Dena (ed.). *Going public: women and publishing in Early Modern France*. Ithaca / London: Cornell University Press, 1995. pp. 99-115.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971. 496p.

BAK, Marcel. “Lectrices de Port-Royal.” In: BROUARD-ARENDS, Isabelle (dir.) *Lectrices d’Ancien Régime*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003. pp. 49-57.

BALDINI, Massimo. “Introdução.” In: BALDINI, Massimo. (org.) *Amizade e filósofos*. Tradução de Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 2000. pp. 9-40.

BEASLEY, Faith E. *Revising Memory. Women’s fiction and memoirs in seventeenth-century France*. New Brunswick / London: Rutgers University Press, 1990. 288p.

_____. *Salons, history and the creation of the 17th-century France: mastering memory*. Hampshire: Ashgate, 2006. 345p.

BEAUDRY, Catherine. “L’accès au livre : Jeanne Guyon.” In: BROUARD-ARENDS, Isabelle (dir.) *Lectrices d’Ancien Régime*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003. pp. 59-68.

BERNOS, Marcel. La culture religieuse des femmes au XVIIe siècle. *Papers on French Seventeenth Century Literature*. v. XXII, n° 43, pp. 379-393, 1995.

BOMBART, Mathilde. “La publication épistolaire: deux recueils de lettres de Jean Louis Guez de Balzac.” In: JOUHAUD, Christian e VIALA, Alain (dir.). *De la publication*. Entre Renaissance et Lumières. Paris: Fayard, 2002. pp. 47-60.

BRIAN, Isabelle. “Le jansénisme, entre séduction rigoriste et mentalité d’opposition.” In: CORBIN, Alain (dir.) *Histoire du christianisme*, pour mieux comprendre notre temps. Paris : Éditions du Seuil, 2007. pp. 327-331.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luis XIV.* Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 254p.

_____. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800.* Tradução Denise Bottmann. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999. 385p.

CANTILLON, Alain. “Un lieu d'énonciation de la vérité: les religieuses hermaphrodites de Port-Royal en 1665.” *Revue électronique du Centre de recherches historiques*. L'Atelier du Centre de recherches historiques, nº 04, 2009. On line desde 26 de julho de 2009. Disponível em: <http://acrh.revues.org/index1295.html>. Acesso em 12 de fevereiro de 2010.

CHARTIER, Roger. “As práticas da escrita.” In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Vida Privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. 11ª reimpressão. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991. pp. 113-161.

_____. “As representações do escrito.” In: _____. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas : Mercado de letras, 2003. 167p. pp.17-48.

_____. “Do livro à leitura. As práticas urbanas do impresso (1660-1780).” In: _____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004. pp. 173-234.

_____. “O homem de letras.” In: VOVELLE, Michel. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997. pp. 115-153.

_____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002. 277p.

_____. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED, 2001. 189p.

_____. *Loisir et sociabilité: lire à haute voix dans l'Europe moderne. Littératures classiques, la voix au XVIIe siècle*, número dirigido por Patrick Dandrey. Paris, Aux Amateurs de Livres, nº 12, janeiro, pp. 127-147, 1990.

CÍCERO, Marco Túlio. *Da amizade*. Tradução Gilson Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 117p.

CONLEY, John J. "Introduction." In: PASCAL, Jacqueline. *A rule for children and other writings*. Editado e traduzido por John J. Conley. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2003. pp. 1-17.

DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*. Tradução de Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 305p.

_____. "Classical reeducation: decanonizing the feminine." In: DEJEAN, Joan e MILLER, Nancy K (dir.). *Displacements. Women, tradition, literatures in french*. Baltimore/Londres: The Johns Hopkins University Press, 1991. pp. 22-36.

DEJEAN, Joan e MILLER, Nancy K (dir.). *Displacements. Women, tradition, literatures in french*. Baltimore/Londres: The Johns Hopkins University Press, 1991. 331p.

DEJEAN, Joan. *Tender geographies. Woman and the origins of novel in France*. New York: Columbia University Press, 1991. 297p.

DELFORGE, Frédéric. *Jacqueline Pascal (1625-1661), biographie*. Paris: Nolin, 2002. 157p.

_____. *Les Petites écoles de Port-Royal : 1637-1660*. Paris: Cerf, 1985. 438p.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 695p.

DENIS, Delphine. "De la conversation, notice." In: SCUDÉRY, Madeleine. "*De l'air galant*" et autres Conversations (1653-1684). Pour une étude de l'archive galante. Edition établie et commentée par Delphine Denis. Paris: Honoré Champion, 1998. 377p.

_____. "Les propositions de Madeleine de Scudéry". In: SCUDÉRY, Madeleine de. "*De l'air galant*" et autres Conversations (1653-1684). Pour une étude de l'archive galante. Edition établie et commentée par Delphine Denis. Paris: Honoré Champion, 1998. pp. 47-48.

DÉON, Michel. "Préface." In: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes*. Paris: François Bourin, 1999. pp. VII-XII.

DOM DUARTE. *Leal conselheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998. 380p.

DOYLE, William. *Jansenism*. Catholic resistance to authority from the Reformation to the French Revolution. New York / London: St. Martin's Press / MacMillan Press, 2000. 109p.

DUBY, Georges. *Damas do século XII: a lembrança das ancestrais*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1997. 155p.

DUCHÊNE, Roger. “Lettres” (Prefácio às cartas de Madame de La Fayette). In: FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes*. Paris: François Bourin, 1999. pp. 509-512.

_____. *Etre femme au temps de Louis XIV*. Paris: Perrin, 2004. 428p.

_____. *Madame de La Fayette*. Paris: Fayard, 2000. 523p.

DUFOUR-MAÎTRE, Myriam. *Les Précieuses*. Naissance des femmes de lettres en France au VII^e siècle. 1^a reimpressão. Paris: Honoré Champion, 2008. 823p.

DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies: the politics of gender and cultural change in absolutist France*. Newark: University of Delaware Press, 2005. 288p.

DULONG, Claude. “Da conversação à criação.” In: *História das Mulheres no Ocidente*. Do Renascimento à Idade Moderna. Tradução de Maria Carvalho Torres. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991. pp. 467-495.

DUMONCEAUX, Pierre. La lecture à haute voix des oeuvres littéraires au XVIII^e siècle: modalités et valeurs. *Littératures classiques*, la voix au XVIII^e siècle, número dirigido por Patrick Dandrey. Paris, Aux Amateurs de Livres, n^o 12, janeiro, pp. 117-125, 1990.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza de Corte*. Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 312p.

FLORI, Jean. “Aliénor et l’amour courtois.” In: _____. *Aliénor d’Aquitaine*. La reine insoumise. Paris: Éditions Payot et Rivages, 2004. pp. 337-383.

FOUCAULT, Michel. "De l'amitié comme mode de vie" (entretien avec R. de Ceccaty, J. Danet et J. le Bitoux) In : _____. *Dits et écrits*. vol. IV. Paris: Gallimard, 1994. pp. 163-167.

GORDON, Daniel. *Citizens without sovereignty*. Equality and sociability in French thought. Princeton: Princeton University Press, 1994. 270p.

GRANDE, Nathalie. "Stratégie d'écriture : la carrière de Madeleine de Scudéry." In: MAZOUER, Charles (ed). *Recherches des jeunes dix-septémistes* : actes du Ve colloque du Centre International de Rencontres sur le XVII^e siècle. Bordeaux, 28-30 janvier 1999. Biblio 17-121. Tübingen: G. Narr, 2000. pp. 189-196.

_____. *Le Roman au XVIIIe siècle* : l'exploration du genre. Clamecy: Bréal, 2002. 206p.

GUERELLUS, Natália de Santanna. "Ensaio teórico." In: _____. *Raquel de Queiroz: regra e exceção*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. 2011. pp. 171-203.

GUILLERAGUES, Gabriel de. *Cartas portuguesas*: atribuídas a Mariana Alcoforado. 2^a ed. Porto: Limiar, 1977. 72p.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. A ínclita biblioteca de Fernão Lopes. *Revista da ABRALIP*, n^o 3 e 4, pp. 65-81, 2005.

HAASE-DUBOSC, Danielle. "Intellectuelles, femmes d'esprit et femmes savantes au XVIIIe siècle." In: RACINE, Nicole e TREBITSCH, Michel (orgs.). *Intellectuelles*: du genre en histoire des intellectuels. Bruxelles: Complexe, 2004. pp. 57-72.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública*: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2^a ed. Tradução de Flavio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. 398p.

HARTH, Erica. "The salon woman goes public... or does she?" In: GOLSMITH, Elizabeth C. and GOODMAN, Dena (ed.). *Going public*: women and publishing in Early Modern France. Ithaca / London: Cornell University Press, 1995. pp. 179-193.

HENNEAU, Marie-Élisabeth. "Un livre sous les yeux, une plume à la main, de l'usage de la lecture et de l'écriture dans les couvents de femmes (17^e-18^e S.)." In: BROUARD-ARENDS, Isabelle (dir.) *Lectrices d'Ancien Régime*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003. pp. 67-79.

JAUSS, Hans Robert. “A estética da recepção: colocações gerais.” In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. pp. 67-84.

JOUHAUD, Christian e VIALA, Alain. “Introduction.” In: JOUHAUD, Christian e VIALA, Alain (dir.). *De la publication. Entre Renaissance et Lumières*. Paris: Fayard, 2002. pp. 5-21.

JOUHAUD, Christian. *Les pouvoirs de la littérature. Histoire d’un paradoxe*. Paris: Gallimard, 2000. 450p.

_____. *Sauver le Grand-Siècle ? Présence et transmission du passé*. Paris: Seuil, 2007. 311p.

KELLY, Joan. Early feminist theory and the *Querelle des Femmes*, 1400-1789. *Signs*, v. 8, nº 1, pp.4-28, 1982.

KOSTROUN, Daniella. A formula for disobedience: Jansenism, gender, and the feminist paradox. *The Journal of Modern History*, nº 75, september, pp. 483-522, 2003.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. “Usos e abusos do conceito de Representação Social.” In: SPINK, Mary Jane P. (org.). *O conhecimento no cotidiano – as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995. pp. 58-72.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 313p.

LILTI, Antoine. *Le monde des salons. Sociabilité et mondanité à Paris au XVIIIe siècle*. Paris: Fayard, 2005. 568p.

LLOYD, Genevieve. *The man of reason*. “Male” and “female” in western philosophy. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984. 138p.

LOUGEE, Carolyn Chappell. “Reason for the public to admire her”. Why Madame de La Guette published her memoirs. In: GOLSMITH, Elizabeth C. and GOODMAN, Dena (ed.). *Going public: women and publishing in Early Modern France*. Ithaca / London: Cornell University Press, 1995. pp. 13-29.

MACLEAN, Ian. *The renaissance notion of woman. A study in the fortunes of scholasticism and medical science in European intellectual life*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980. 114p.

MANGUEL, Alberto. “O autor como leitor.” In: _____. *Uma história da leitura*. 2ª ed. 3ª reimpressão. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2004. pp. 279-291.

MARTIN, Henri-Jean. *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVIIe siècle (1598-1701)*. Tome I. Genebra: Librairie Droz, 1969.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidades nos salões iluministas. *História: Questões e Debates*. Curitiba, nº 46, pp. 51-67, 2007.

MERCIER, Andrée. La vraisemblance : état de la question historique et théorique. *Temps zéro*. Revue d'étude des écritures contemporaines, nº 2, 2009. [En ligne]. Disponível em <http://tempszero.contemporain.info/document393>. Consultado em dezembro de 2011.

MOI, Toril. *Sexual/textual politics*. 2ª ed. London / New York: Routledge, 2002. 221p.

PIÑA, Cristina. “Una genealogia de la transgresión: la desobediência de los cânones em La Princesse de Clèves de Madame de La Fayette”. In: PIÑA, Cristina (org.). *Mujeres que escriben sobre mujeres, que escriben*. Buenos Aires: Biblos, 2003. pp. 15-45.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. *Estudos Feministas*. Florianópolis, nº 17 (1), janeiro/abril, pp. 159-189, 2009.

POMATA, Gianna. “História das Mulheres, História do Gênero. Observações sobre a Idade Média e a Época Moderna na História das Mulheres no Ocidente.” In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *As mulheres e a história*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995. pp. 25-35.

RAPLEY, Elizabeth. *A social history of the cloister: daily life in the teaching monasteries of the Old Regime*. Montreal / Kingston / London / Ithaca: McGill-Queen's University Press, 2001. 379p.

RATHERY, E. J. B. “Notice sur Mademoiselle de Scudéry.” In: SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry, sa vie et sa correspondance, avec un choix de ses poésies* (par MM. Rathery et Boutron). Paris: Léon Techener, 1873. 531p. pp 1-137.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Vida Privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991. pp. 169-209.

RIDEAU, Gaël. Vie régulière et ouverture au monde aux XVIIe et XVIIIe siècles : la Visitation de Sainte-Marie d'Orléans. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*. N° 52-4, outubro-dezembro, pp. 24-49, 2005.

RIGGS, Larry. *Molière and modernity: absent mothers and masculine births*. Charlottesville, Virginia: Rookwood Press, 2005. 234p.

ROSS, Sarah Gwyneth. Her father's daughter: Cassandra Fedele, woman humanist of the Venetian Republic. *Studies across Disciplines in the Humanities and Social Sciences 2*. Helsinki, Helsinki Collegium for Advanced Studies, pp. 204-222, s.d.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n° 2, jul/dez, pp. 71-99, 1995.

SELLIER, Philippe. Qu'est-ce que Port-Royal ? *Publications électroniques de Port-Royal*, série 2009. Disponível em: <http://www.amisdeportroyal.org/bibliotheque/./?Qu-est-ce-que-Port-Royal.html>. Consultado em 10 de junho de 2011.

SERMAIN, Jean-Paul. "Les contes de fées du XVIIe siècle : lecture en amont ou en aval ?" In: MERLIN-KAJMAN, Hélène (éd.). *La littérature, le XVIIe siècle et nous : dialogue transatlantique*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2008. pp. 105-117.

SHAPIRA, Nicolas. *Un professionnel des lettres au XVIIe siècle, Valetin Conrart : une histoire sociale*. Paris: Champ Vallon, 2003. 512p.

SOIHET, Rachel. "História das mulheres." In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. pp. 275-311.

SONNET, Martine. "Uma filha para educar." In: *História das Mulheres no Ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna*. Tradução de Maria Carvalho Torres. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991. pp. 142-179.

_____. Que faut-il apprendre aux filles? Idéaux pédagogiques et culture féminine à la fin du XVIIe siècle. *Papers on French Seventeenth Century Literature*. Vol. XXII, n° 43, pp. 369-378, 1995.

THEOBALD, Catherine J. Lewis. The Princess and the paradox: irreconcilable images in La Princesse de Clèves. *Papers on French Seventeenth Century Literature*. v. XXXVII, n° 72, pp. 33-44, 2010.

TIMMERMANS, Linda. *L'accès des femmes à la culture sous l'Ancien Regime*. Paris: Honoré Champion, 2005. 967p.

TURNOVSKY, Geoffrey. Vivre de sa plume. Réflexions sur un *topos* de l'auctorialité moderne. *Revue de synthèse*. 6^e série, n° 1-2, pp. 51-70, 2007.

VIALA, Alain. *La France galante*. Essai historique sur une catégorie culturelle, de ses origines jusqu'à la Révolution. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. 540p.

_____. *Naissance de l'écrivain*. Sociologie de la littérature à l'âge classique. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985. 315p.

WEAVER, F. Ellen. *La Contre-Réforme et les Constitutions de Port-Royal*. Paris: Cerf, 2002. 242p.

FONTES PRIMÁRIAS

LA FAYETTE, Madame de. "Histoire de la Princesse de Montpensier." In: _____. *Oeuvres Complètes*. Paris: François Bourin, 1999. 793p. pp. 27-59.

_____. "La Princesse de Clèves." In: _____. *Oeuvres Complètes*. Paris: François Bourin, 1999. 793p. pp. 269-412.

_____. "Zaïde, histoire espagnole." In: _____. *Oeuvres Complètes*. Paris: François Bourin, 1999. 793p. pp. 71-253.

MÉNAGE, Gilles. *Histoire des femmes philosophes*. Paris: Arléa, 2006. 108p.

SCUDÉRY, Madeleine de. "L'Histoire de Sapho." In: _____. *Artamène ou le grand Cyrus*. Tome X, livre II, pp. 881-904. Disponible em: <http://www.artamene.org>.

_____. *Artamène ou le Grand Cyrus*. (1649-1653). Disponible em: <http://www.artamene.org>.

_____. *Les femmes illustres ou les harangues héroïques, 1642*. Paris: Côté-femmes, 1991. 165p.

Gallica, Bibliothèque Numérique

BOILEAU, Nicolas. *Contre les femmes*. In: BOILEAU, Nicolas. *Satires*. Paris: Hatier, 1921.

BUFFET, Marguerite. *Nouvelles observations sur la langue française, où il est traité des termes anciens et inusitez, et du bel usage des mots nouveaux, avec les éloges des illustres savantes, tant anciennes que modernes*. Paris: à l'imprimerie de Iran Cusson et se trouvent chez Monsieur Bourbon, 1668. 342p.

FÉNELON. *De l'éducation des filles*. Texte collationné sur l'édition de 1687, avec une introduction et des notes pédagogiques et explicatives, à l'usage des institutrices et des instituteurs, par Charles Defodon. Paris: Hachette, 1881. 149p.

HUET, Pierre-Daniel. *Lettre de Monsieur Huet, a Monsieur de Segrais, de l'origine des romans*. In: LA FAYETTE, Madame de. *Zayde, histoire espagnole, par Monsieur de Segrais, avec um traitté de l'origine des romans, par Monsieur Huet*. vol. 1. Paris: Claude Barbin, 1669. pp. 5-67.

LA ROCHEFOUCAULD, François de. *Réflexions, sentences et maximes morales; mises en nouvel ordre, avec des notes politiques et historiques par M. Amelot de La Houssaye*. Paris : E. Ganeau, 1714.

MOLIÈRE. *Les précieuses ridicules*, comédie représentée au Petit Bourbon. Paris: C. de Sercy, 1660.

PASCAL, Jacqueline. "Extrait d'une lettre de Mademoiselle Jacqueline Pascal a Madame Périer sa soeur. A Port-Royal du Saint-Sacrement, ce 10 mai 1652." In: PÉRIER, Gilberte. *Lettres, opuscules et mémoires de Madame Périer e de Jacqueline, soeurs de Pascal, et de Marguerite Périer, sa nièce*. Publiés sur les manuscrits originaux par M. P. Faugère. Paris : Auguste Vaton, 1845. pp. 344-345.

PÉRIER, Gilberte. "Mémoire composé et écrit de la main de Madame Périer touchant la vie de la soeur Jacqueline de Sainte-Euphémie Pascal sa soeur." In:_____. *Lettres, opuscules et mémoires de Madame Périer e de Jacqueline, soeurs de Pascal, et de Marguerite Périer, sa nièce*. Publiés sur les manuscrits originaux par M. P. Faugère. Paris : Auguste Vaton, 1845. pp. 54-77.

PÉRIER, Marguerite. "Mémoire sur sa famille." In: PÉRIER, Gilberte. *Lettres, opuscules et mémoires de Madame Périer e de Jacqueline, soeurs de Pascal, et de Marguerite Périer, sa nièce*. Publiés sur les manuscrits originaux par M. P. Faugère. Paris : Auguste Vaton, 1845. pp. 418-446.

PERRAULT, Charles. *L'apologie des femmes*. Par Monsieur P**. Paris: chez la veuve de Jean Baptiste Coignard et Jean Baptiste Coignard fils, 1694.

SCUDÉRY, Madeleine de. "Conversation de l'air galant." In: _____. *Conversations nouvelles sur divers sujets*, dédiées au Roy. Tome I. Paris : Claude Barbin, 1684. pp. 358-392.

_____. "De la conversation." In: _____. *Conversations sur divers sujets*. Tome premier. Paris : Claude Barbin (au Palais, sur le Perron de la Sainte Chapelle), 1680. 384p. pp. 1-45.

_____. "De la manière d'inventer une fable." In: _____. *Conversations sur divers sujets*. Tome second. Paris: Claude Barbin (au Palais, sur le Perron de la Sainte Chapelle), 1680. 384p. pp. 451-490.

_____. "De la politesse." In: _____. *Conversations nouvelles sur divers sujets*, dédiées au Roy. Tome I. Paris: Claude Barbin, 1684. pp. 119-187.

_____. "De parler trop ou trop peu, et comment il faut parler." In: _____. *Conversations sur divers sujets*. Tome premier. Paris : Claude Barbin (au Palais, sur le Perron de la Sainte Chapelle), 1680. 384p. pp. 200-250.

_____. *Clélie, histoire romaine*. (1654-1661). Paris: chez Augustin Courbé.

Bibliothèque nationale de France (BnF), site François-Mitterrand

COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. 466p.

BUSSY-RABUTIN à Madame de Sévigné. "À Autun, ce [mardi] 22^e mars 1678." In: SÉVIGNÉ, Madame de. *Correspondance* II (juillet 1675 – septembre 1680). Texte établi, présenté et annoté par Roger Duchêne. Paris: Gallimard, 1974. 1609p. pp. 603-604.

Divers actes, lettres et relations des religieuses de Port-Royal du Saint-Sacrement, touchant la persécution et les violences qui leur ont été faites au sujet de la signature du formulaire. Publicação sem indicação de editor nem data. (Bibliothèque nationale de France, notice n° FRBNF33352780).

Histoire des persécutions des religieuses de Port-Royal, écrites par elles-mêmes. A Ville-Franche : aux dépens de la Société, 1753. 562p.

LA FAYETTE, Madame de. *La Principessa di Cleves* [di la signora di La Fayette], trasportata dal francese da Gomes Fontana. Venetia, G. Albrizzi, 1691. 451p.

Les Constitutions du monastère de Port-Royal du Saint Sacrement. Mons: G. Migeot, 1665.

PASCAL, Jacqueline. “Pensées Édifiantes.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. 466p. pp.123-147.

_____. “XI Interrogatoire.” In: *Histoire des persécutions des religieuses de Port-Royal, écrites par elles-mêmes*. A Ville-Franche: aux dépens de la Société, 1753. 562p. pp. 167-168.

_____. “Règlement pour les enfants.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. 466p. pp. 359-425.

_____. “Relation de la soeur Jacqueline de Saint-Euphémie Pascal. Gloire a Jésus, au très Saint Sacrement. A Port-Royal, ce 10 juin 1653.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. 466p. pp. 163-219.

SÉVIGNÉ, Madame de. “À Madame de Grignan [sua filha], à Paris, vendredi 15 décembre, 1673.” In: SÉVIGNÉ, Madame de. *Correspondance* I (mars 1646 – juillet 1675). Texte établi, présenté et annoté par Roger Duchêne. Paris: Gallimard, 1972. 1459p. p. 640.

Bibliothèque nationale de France (BnF), site Bibliothèque de l’Arsenal

CHARNES, J. A. de. (L’Abbé de Charnes). *Conversations sur la critique de La Princesse de Clèves*. Paris: C. Barbin, 1679. 364p.

FLEURY, Claude. *Les devoirs des maîtres et des domestiques*. Paris: Pierre Aubouin, Pierre Emery et Charles Clouzier, 1688.

FONTENELLE. Lettre sur la Princesse de Clèves. *Mercure Galant*, pp. 111-128, à Paris, au Palais, maio de 1678.

PERRAULT, Charles. *Dialogue de l’amour et de l’amitié*. Paris: Chez Pierre Bienfait, 1665. 69p.

PLUMIER, P. Charles. *L’Art de tourner en perfection*. Nouvelle éd. corrigée et augmentée. Paris: Jombert, 1749.

PURE, Michel de. (Abbé de Pure). *La Pretieuse ou le mystère des ruelles, dédiée à telle qui n'y pense pas*. 4 vol. Paris: Pierre Lamy, 1656-1658.

SOMAIZE. *Dictionnaire des Precieuses*, par le sieur de Somaize. Nouvelle édition augmentée de divers opuscules du même auteur relatifs aux Précieuses et d'une Clef historique et anecdotique par M. Ch.- L. Livet. Paris: P. Jannet, 1661. 408p.

VALINCOUR, Lean Baptiste Henri du Troussel de. *Lettres à Madame la Marquise *** sur le sujet de la Princesse de Clèves*. Paris: Flammarion, 2001. 174p.

Cartas citadas em:

COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. 466p.

PASCAL, Jacqueline. "Monsieur mon père. De Paris, ce 4 avril 1639." pp. 72-75.

_____. "Paris, le 25 septembre 1647." pp. 94-98.

_____. "Autre lettre a la même. Ce 1^{er} avril 1648." pp. 100-106.

_____. "Monsieur mon père, A Paris, ce 19 juin 1648" pp. 106-114.

_____. "Ma chère soeur. A Paris, ce 5 novembre 1648." pp. 114-120.

_____. "Mon très cher frère. A Port-Royal du Saint-Sacrement, ce 7/9 mars 1652." pp. 150-160.

_____. "Lettre de la soeur Euphémie a la soeur Angélique de Saint-Jean, sur la signature du formulaire". pp. 317-327.

Cartas citadas em:

LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes*. Paris: François Bourin, 1999. 793p.

LA FAYETTE, Madame de. "A Ménage, ce 18e septembre [1653]". p. 513.

_____. "A Ménage, ce 31 mars [1654]." p. 514.

_____. "A Ménage, [avril-mai 1654]." pp. 514-515.

_____. "A Ménage, [décembre 1654, ou janvier 1655.]" p. 517.

_____. "A Ménage. Limoges, 11 mai [1655]." p. 519.

_____. "A Ménage, ce 24^e septembre [1655]." p. 522.

_____. "A Ménage, ce 12^e septembre [1656]." p. 530.

_____. "A Ménage, ce mercredi au soir [17 août 1662]." p. 572.

_____. "A Ménage, ce jeudi au soir [18 août 1662]." p. 572.

_____. "A Ménage, [fin août 1662]." p. 573.

_____. "A Huet, ce 15e octobre [1662]". p. 574.

_____. "A Huet [début de 1669]." p. 609.

_____. "A Lescheraine, ce 13e avril [1678]." p. 622.

_____. "A Ménage, [1687-1688]." p. 644.

Cartas citadas em:

SCUDÉRY, Madeleine de. *Mademoiselle de Scudéry, sa vie et sa correspondance, avec un choix de ses poésies* (par MM. Rathery et Boutron). Paris: Léon Techener, 1873. 531p.

- SCUDÉRY, Madeleine de. “A M. L’Abbé Boisot, le 12 septembre 1687”. pp. 304-305.
 _____. “A M. L’Abbé Boisot, le 17 octobre 1687”. pp. 306-307.
 _____. “A M. L’Abbé Boisot, le 19 août 1689.” pp. 307-309.
 _____. “A M. L’Abbé Boisot, le 22 mars 1690.” pp. 313-314.
 _____. “A M. L’Abbé Boisot, le 7 mars 1691”. pp. 319-321.
 _____. “A Mademoiselle Bordey, ce 16 mars 1691.” pp. 321-323.
 _____. “A M. L’Abbé Boisot, le 23 mars 1691”. pp. 323-324.
 _____. “A M. L’Abbé Boisot, le 27 juillet 1691.” pp. 325-326.
 _____. “A M. L’Abbé Boisot, le 18 décembre 1691.” pp. 330-332.
 _____. “A Madame de Chandiot (Mademoiselle Bordey), le 18 décembre 1691”. p. 332.
 _____. “A M. L’Abbé Boisot, le 5 avril 1692.” pp. 336-337.
 _____. “A M. L’Abbé Boisot, 31 mai 1692” pp. 342-344.

ANEXO I – Cronologia

Data	Madeleine de Scudéry	Madame de La Fayette	Jacqueline Pascal	Outros acontecimentos importantes
1601	Nascimento de Georges de Scudéry			
1605				Publicação do primeiro tomo de <i>Dom Quixote</i> , de Cervantes
1607	Nascimento de Madeleine de Scudéry			
1610				Assassinato de Henrique IV, início da regência de Maria de Médici
1613	Morte do pai e, posteriormente, morte da mãe de Georges e Madeleine			
1614			Casamento de Étienne Pascal e Antoinette Begon	
1615				Publicação do segundo tomo de <i>Dom Quixote</i> , de Cervantes
1617				Final da regência de Maria de Médici
1620			Nascimento de Gilberte Pascal, batizada em 03 de janeiro	
1623			Nascimento de Blaise Pascal, batizado em 27 de junho	
1625			Em 05 de outubro, nascimento de Jacqueline Pascal, batizada em 10 de outubro	Fundação da casa de Port-Royal de Paris
1626			Morte de Antoinette Begon, mãe de Gilberte, Blaise e Jacqueline	
1630	Georges de Scudéry deixa a carreira militar pela literária			
1631			Étienne Pascal se instala em Paris com os seus três filhos	

1633		Casamento de Marc Pioche de La Vergne e Isabelle Péna		
1634		Nascimento de Marie-Madeleine Pioche de La Vergne (futura Madame de La Fayette), batizada em 18 de março		Fundação da Academia Francesa
1635		Nascimento de uma irmã de Marie-Madeleine, Éléonore Armande, destinada à religião		
1636		Nascimento de outra irmã de Marie-Madeleine, Isabelle Louise, também destinada à religião		
1637			As poesias de Jacqueline Pascal são lidas nos salões parisienses. Em junho essas poesias são publicadas no livro <i>Vers de la petite Pascal</i>	Descartes, <i>Discurso do método</i>
1638			Étienne Pascal é obrigado a deixar Paris, por causa de uma desavença com Richelieu. Os seus filhos permanecem na capital	Fundação das <i>Petites écoles de Port-Royal</i> , instalação dos <i>Solitaires</i> em Port-Royal des Champs
1639			Em fevereiro, Jacqueline Pascal encena uma peça de Georges de Scudéry na casa da Duquesa d'Aiguillon, sobrinha do cardeal Richelieu, com o objetivo de obter o perdão de Richelieu para o seu pai. Étienne Pascal retorna para Paris	
1640	Georges e Madeleine vão morar em Paris. Por volta de 1640 Georges e Madeleine passam a frequentar o salão de Madame de Rambouillet		Étienne Pascal é nomeado pelo rei supervisor de impostos na Normandia, para onde leva Gilberte, Blaise e Jacqueline	<i>Augustinus</i> , de Cornelius Otto Jansen

1641			Casamento de Gilberte Pascal com Florin Périer, tornando-se Madame Périer	
1642	<i>Les femmes illustres</i> , de Madeleine de Scudéry			Morte de Richelieu
1643				Morte de Luís XIII, início da regência de Ana da Áustria
1644	<i>Ibrahim ou L'illustre Bassa</i> , de Madeleine de Scudéry Georges e Madeleine se transferem para Marselha, onde Georges recebe um cargo oficial no forte de Notre-Dame-de-la Garde (o qual ele nunca exerceu de fato)			
1647	Georges e Madeleine retornam para Paris e se instalam no Marais		Blaise e Jacqueline deixam Rouen, na Normandia, e voltam para Paris	Vaugelas, <i>Remarques sur la langue française</i>
1648	Começam as reuniões de sábado, os <i>Samedis</i> , salão de Madeleine de Scudéry			Algumas irmãs de Port-Royal de Paris se reinstalam na casa do campo
1649	Publicação do primeiro tomo de <i>Artamène ou le Grand Cyrus</i> , de Madeleine de Scudéry	Morte de Marc Pioche de La Vergne, pai de Madame de La Fayette	Jacqueline viaja com o seu pai para Auvergne e depois para Clermont-Ferrand, onde se hospeda na casa da irmã Gilberte	
1650		Isabelle Péna casa-se com Renaud René de Sévigné Marie-Madeleine conhece Gilles Ménage	Jacqueline e seu pai voltam para Paris Jacqueline Pascal escreve <i>Pensées Édifiantes</i>	Início da Fronda. Na década de 1650 começa o conflito entre as religiosas de Port-Royal e os superiores eclesiásticos
1651			Morte de Étienne Pascal	Final da regência de Ana da Áustria
1652		Renaud René de Sévigné é obrigado a permanecer no exílio nas suas terras de Anjou, em Champiré	Entrada de Jacqueline Pascal em Port-Royal de Paris, em 4 de janeiro	

1653	Publicação do último tomo de <i>Artamène ou le Grand Cyrus</i> , de Madeleine de Scudéry Entre 1653 e 1654 Madeleine escreve <i>Chroniques du Samedi</i>	Isabelle Péna e sua filha retiram-se também nas terras de Anjou	Jacqueline Pascal professa os votos religiosos em Port-Royal de Paris, em 5 de junho. Ela passa a ser responsável pela escola de meninas	Final da Fronda. Primeira condenação de <i>Augustinus</i> , de Cornelius Jansen, em bula papal
1654	Publicação do primeiro tomo de <i>Clélie, histoire romaine</i> , de Madeleine de Scudéry	Isabelle Péna e sua filha retornam para Paris		
1655		Casamento de Marie-Madeleine Pioche de La Vergne com o Conde de La Fayette, em 15 de fevereiro		
1656		Morte de Isabelle Péna		Segunda condenação de <i>Augustinus</i> , de Cornelius Jansen, em bula papal
1657		Madame de La Fayette volta a morar em Paris	Jacqueline Pascal escreve <i>Règlement pour les enfants</i> , datado de 15 de abril	Luís XIV exige dos membros da Igreja a assinatura do formulário (no qual deveriam aderir às bulas papais)
1658		Nascimento do primeiro filho de Madame de La Fayette, Louis de La Fayette, que posteriormente tornou-se padre		
1659		Nascimento do segundo filho de Madame de La Fayette, Armand-Renaud de La Fayette	Jacqueline Pascal deixa Port-Royal de Paris para se instalar em Port-Royal des Champs. Ela passa a ser mestre de noviças	Molière, <i>As preciosas ridículas</i>
1660	Publicação do último tomo de <i>Clélie, histoire romaine</i> , de Madeleine de Scudéry Publicação do primeiro tomo de <i>Almahida ou l'esclave reine</i> , de Madeleine de Scudéry			Fechamento das <i>Petites écoles de Port-Royal</i> em Port-Royal des Champs e dispersão dos <i>Solitaires</i>

1661	<i>Célinde</i> , de Madeleine de Scudéry. Nicolas Fouquet (superintendente de finanças) é preso e, em seguida, é preso Paul Pellisson (seu secretário), que ficará na Bastilha até 1666		Em abril, as pensionistas da escola feminina de Port-Royal são enviadas de volta para as suas casas. A maior parte das religiosas de Port-Royal des Champs assina o formulário, em 24 de junho, dentre elas Jacqueline Pascal. Morte da Madre Angélique Arnauld, em 06 de agosto Morte de Jacqueline Pascal, em 04 de outubro	Morte de Marazin e começo do governo pessoal de Luís XIV
1662		<i>La Princesse de Montpensier</i> , de Madame de La Fayette	Morte de Blaise Pascal, em 19 de agosto	
1663	Publicação do último tomo de <i>Almahida ou l'esclave reine</i> , de Madeleine de Scudéry			
1664				Prisão de algumas irmãs de Port-Royal
1665			Publicação dos textos das irmãs de Port-Royal (sem editor nem privilégio), dentre eles <i>Règlement pour les enfants</i> , de Jacqueline Pascal	La Rochefoucauld, <i>Máximas</i>
1667	Morte de Georges de Scudéry <i>Mathilde</i> , de Madeleine de Scudéry			Jean Racine, <i>Andrômaca</i>
1668				La Fontaine, <i>Fábulas</i>
1669	<i>La promenade de Versailles</i> , de Madeleine de Scudéry	Publicação do primeiro tomo de <i>Zaïde, histoire espagnole</i> , de Madame de La Fayette		<i>Cartas portuguesas</i> , publicação anônima Prisão de mais algumas irmãs de Port-Royal
1670			Publicação de <i>Pensamentos</i> , de Blaise Pascal	

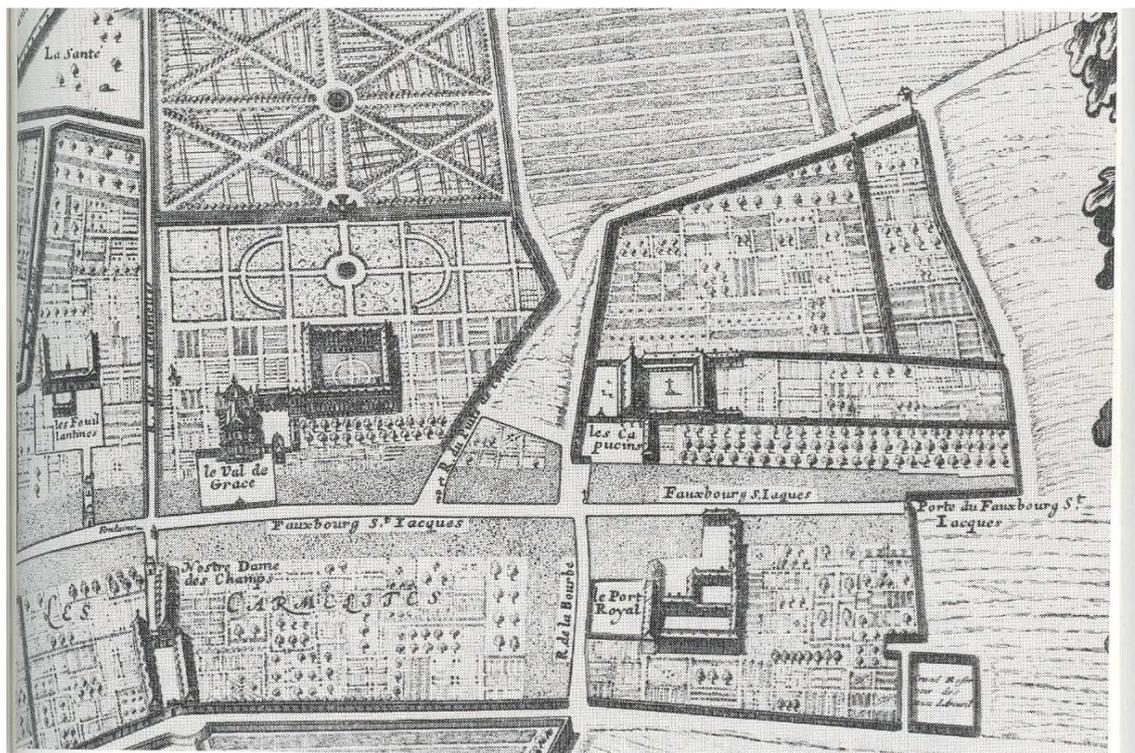
1671		Publicação do segundo tomo de <i>Zaïde, histoire espagnole</i> , de Madame de La Fayette		
1672			Morte da Madre Agnès Arnauld	Molière, <i>Les femmes savantes</i> Fundação do jornal <i>Mercure Galant</i>
1674				Boileau, <i>l'Art poétique</i>
1675				Madame de Villedieu, <i>Les désordres de l'amour</i>
1676		Morte de Renaud René de Sévigné		
1678		<i>La Princesse de Clèves</i> , de Madame de La Fayette Armand-Renaud, o filho mais novo de Madame de La Fayette, tendo seguido a carreira militar, é nomeado capitão		Estendem-se até 1679 as discussões sobre <i>La Princesse de Clèves</i>
1680	<i>Les conversations sur divers sujets</i> , de Madeleine de Scudéry	Morte do Duque de La Rochefoucauld Armand-Renaud de La Fayette é nomeado coronel		
1682				Instalação definitiva da corte em Versalhes
1683	Madeleine de Scudéry passa a receber uma pensão real	Morte do Conde de La Fayette		
1684	<i>Conversations nouvelles sur divers sujets</i> , de Madeleine de Scudéry			
1686	<i>La morale du monde ou Conversations</i> , de Madeleine de Scudéry			
1687			Morte de Gilberte Pascal, Madame Périer, em 25 de abril	Começo da Querela entre Antigos e Modernos
1688	<i>Nouvelles conversations morales</i> , de Madeleine de Scudéry			

1689		René Armand de La Fayette casa-se com Anne-Madeleine de Marillac		
1692	<i>Entretiens de morale</i> , de Madeleine de Scudéry	Morte de Gilles Ménage		
1693	Morte de Paul Pellisson	Morte de Madame de La Fayette, em 25 de maio		
1694	Morte de Jean-Baptiste Boisot			
1701	Morte de Madeleine de Scudéry	Morte de Jean Regnault de Segrais		
1709				Dispersão das religiosas de Port-Royal, em 29 de outubro
1710				Os edifícios de Port-Royal des Champs começam a ser destruídos, por ordem de Luís XIV
1715				Final da Querela entre Antigos e Modernos
1718		Publicação póstuma de <i>La Comtesse de Tende</i> , de Madame de La Fayette		
1720		Publicação póstuma de <i>Histoire d'Henriette d'Angleterre</i> , de Madame de La Fayette		
1721		Morte de Pierre-Daniel Huet		

ANEXO II - Imagens de Port-Royal⁵⁴³

Mapa de Port-Royal de Paris, século XVII

<http://www.amisdeportroyal.org/societe>

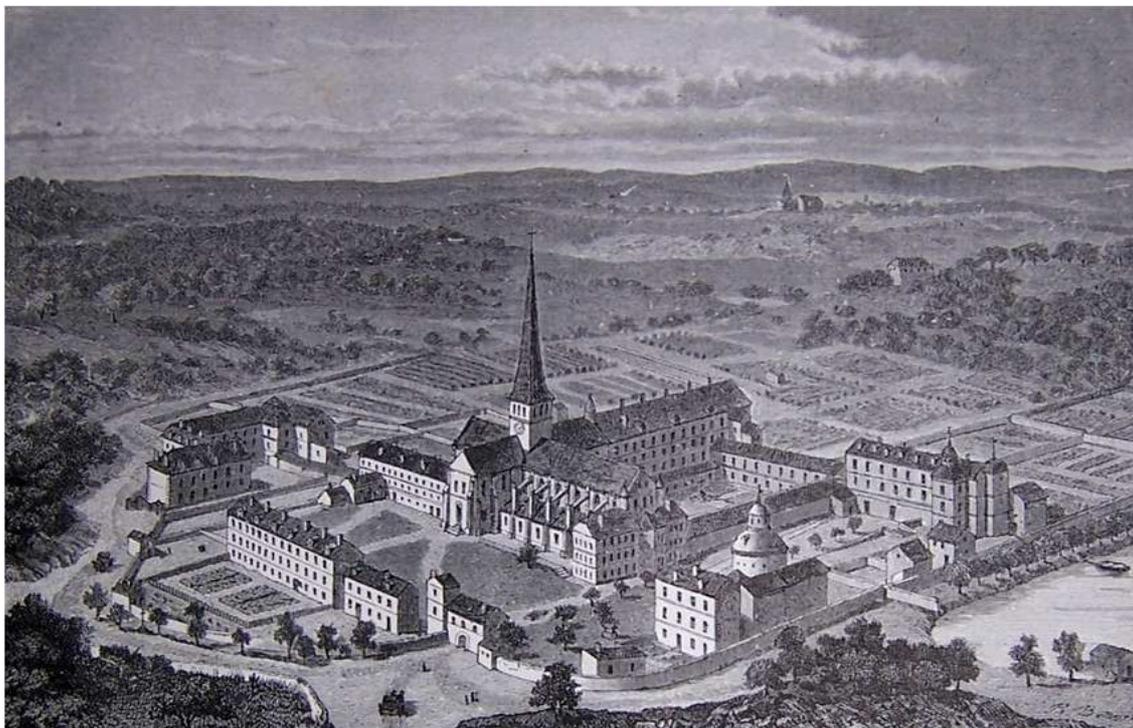


⁵⁴³ Estas imagens são meramente ilustrativas.

Reconstituição da Abadia de Port-Royal des Champs

Louis Morize (por volta de 1860) / Musée national de Port-Royal des Champs

<http://www.port-royal-des-champs.eu/>



Fotografias realizadas pela autora em 2010.

Ruínas do Monastério de Port-Royal des Champs, no Vale de Chevreuse, cujos edifícios foram destruídos entre 1710 e 1711, por ordem de Luís XIV.







